

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE

Luciana Ribeiro Marques

HOMOSSEXUALIDADE E ÉTICA PSICANALÍTICA

RIO DE JANEIRO

2016

LUCIANA RIBEIRO MARQUES

HOMOSSEXUALIDADE E ÉTICA PSICANALÍTICA

**Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em
Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para obtenção do Grau
de Doutor.**

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge

RIO DE JANEIRO
2016

M357h Marques, Luciana Ribeiro, 1979- .
Homossexualidade e Ética Psicanalítica / Luciana Ribeiro Marques. –
2016.
192 f. ; 30 cm.

Digitado (original)

Tese (Doutorado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

“Orientação: Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge, Programa de Pós Graduação em Psicanálise”

1. Homossexualidade – História. 2. Homossexualidade – freudiana. 3. Psicanálise – Ética. I. Coutinho Jorge, Marco Antonio (orientador). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 616.8917

LUCIANA RIBEIRO MARQUES

HOMOSSEXUALIDADE E ÉTICA PSICANALÍTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em
Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor.

Defesa em 05 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof.^a Dra. Nadiá Paulo Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof.^a Dra. Sonia Alberti
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof.^a Dra. Maria da Gloria Schwab Sadala
Universidade Veiga de Almeida - UVA

Prof. Dr. Antonio Luiz Quinet de Andrade
Universidade Veiga de Almeida - UVA

Prof.^a Dra. Maria Anita Carneiro Ribeiro
Suplente
Universidade Veiga de Almeida - UVA

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge, por suas precisas intervenções e lapidações durante este trajeto, e por sua leitura minuciosa quanto a elaboração final do texto. Todo o meu carinho e minha admiração.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, à professora Dra. Maria da Glória Schwab Sadala e à professora Dra. Nadiá Paulo Ferreira, pela disponibilidade e pelas contribuições que me foram extremamente valiosas.

Agradeço aos membros da banca examinadora pelo aceite em ler o texto e avaliá-lo.

Agradeço, com menção especial, aos professores Dr. Antonio Quinet, Dra. Gloria Sadala e Dra. Maria Anita Carneiro Ribeiro, que fizeram parte da minha formação acadêmica e analítica ao longo desses anos.

Agradeço à professora Dra. Sonia Alberti pela enriquecedora aprendizagem durante o curso e em minha formação analítica.

Agradeço à professora Dra. Nadiá Paulo Ferreira pelas precisas indicações bibliográficas no que tange aos aspectos históricos dessa pesquisa.

Agradeço aos professores Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge e Dr. Antonio Quinet pelo incentivo entusiástico quanto a abordagem do tema.

Agradeço a minha família pelo constante incentivo durante a realização dessa pesquisa.

“[...] que no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele institui sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego”.

Lacan, *Ato de fundação*.

RESUMO

A presente pesquisa visa refletir sobre a homossexualidade e a ética implicada na prática clínica psicanalítica. Com esse fim, abarca as representações sociais da homossexualidade ao longo da história, apontando para os diferentes momentos em que o universo sociocultural veio alterar a relação do sujeito com o seu desejo. A partir de Freud, que ao criar a psicanálise subverteu a noção de sexualidade e a ampliou para além do domínio do genital, a escolha do parceiro será abordada pelo princípio da incompletude, marca da impossibilidade de se inscrever a relação sexual, que não deixa, contudo, de animar o desejo do sujeito em direção ao objeto que o causa. A hipótese que sustenta esta tese é a de que o irremediável da diferença dos sexos pesa sobre a escolha do sexo, e não sobre a escolha do parceiro, ratificando a função de enodamento - do real, do simbólico e do imaginário -, implicada no complexo de castração inconsciente, tal como elaborado por Lacan. Se a eleição de um parceiro implica uma escolha por parte do sujeito causado, a escolha do sexo incide sobre o sujeito como uma escolha forçosamente orientada. Nesta pesquisa, a clínica psicanalítica e sua ética sustentam o desejo como o único destino possível para o sujeito frente ao mal-estar da sexualidade.

Palavras-chave: sexualidade, homossexualidade, ética, Freud, Lacan.

ABSTRACT

The issue of this research concerns homosexuality and the ethics regarding the psychoanalytic practice. It comprehends the social representations of homosexuality throughout history, pointing out the social and cultural moments that have changed the subject's relationship with desire. By creating psychoanalysis, Freud subverted the notion of sexuality, expanding it beyond the biological genital concepts of the erogenous zones. From then onwards, the choice of one's love partner followed the principle of incompleteness, thus emphasizing the notion of the non-existence of sexual relation. However, this does not mean that the subject should give up the object that causes his/her desire. The hypothesis that supports this thesis has to do with the idea that gender choice is not necessarily related with the choice of the partner, confirming the bonding between the real, the symbolic and the imaginary implicated in the unconscious complex of castration, as elaborated by Lacan. If the election of a partner involves some sort of unconscious choice, gender selection has necessarily to do with some unconscious choice as well. With its ethics, psychoanalysis supports that desire is the only possible means through which the subject may fight against the discontents of sexuality.

Keywords: sexuality, homosexuality, ethics, Freud and Lacan.

RÉSUMÉ

Cette recherche a pour but réfléchir sur l'homoséxualité et l'éthique en jeu dans la pratique psychanalytique. Dans cette visée, sont abordés les représentations sociales de l'homoséxualité au long de l'histoire, tout en soulignant les différents moments où l'univers social et culturel a altéré le rapport du sujet avec son désir. À partir de Freud, qui a bouleversé avec la psychanalyse la notion de sexualité en l'étendant au-delà du domaine de la génitalité, le choix du partner est approché par le principe de l'incomplétude, sceau de l'impossibilité d'inscription du rapport sexuel, qui anime pourtant le désir du sujet vers l'objet qui le cause. L'hypothèse de quoi il s'agit dans cette thèse a avoir avec le poids de la différence des sexes sur le choix du sexe, et pas sur le choix du partner, tout en ratifiant la fonction de nouage - du réel, du symbolique et de l'imaginaire - impliquée dans le complexe de castration inconscient, tel qu'il est élaboré par Lacan. Si l'élection d'un partner implique un choix de la part du sujet causé, le choix du sexe a une incidence sur le sujet comme un choix forcément orienté. Dans cette recherche, la clinique psychanalytique et son éthique soutiennent le désir comme le seul destin possible pour le sujet face au malaise de la sexualité.

Mots-clés: sexualité, homoséxualité, éthique, Freud, Lacan.

SUMÁRIO

1	Introdução	8
2	A história da homossexualidade: da patologização à despatologização ...	11
2.1	Das regras ao desejo às regras contra o desejo	12
2.2	A Homossexualidade como doença: o discurso médico	21
2.3	Freud e a despatologização da homossexualidade	27
2.4	Lacan e o resgate da ética freudiana	37
3	Sobre a escolha do parceiro: não há primazia da pulsão genital	46
3.1	De <i>das Ding</i> ao objeto a	47
3.2	O circuito pulsional e seus elementos reais	60
3.3	O matema da pulsão: demanda e desejo	66
3.4	A gramática pulsional e a subversão da relação sujeito-objeto	71
4	Sobre a escolha do sexo: os homens, as mulheres e a lógica fálica	78
4.1	O complexo de Édipo e a função fálica	80
4.2	A escolha do sexo e o Totem	96
4.3	A escolha do sexo e \bar{A} Mulher	112
4.4	Em suplência... pois entre os sexos a coisa não vai	123
5	O discurso psicanalítico e sua ética	135
5.1	Bissexualidade: um postulado estrutural da ética freudiana	136
5.2	As homossexualidades na clínica de Freud	145
5.3	A pequena diferença: sobre a transexualidade e o estranhamento do corpo ...	158
5.4	O discurso do analista: o desejo é o destino	169
	Considerações Finais	176
	Referências	182

1 Introdução¹

A presente pesquisa de doutorado pretende abordar os pontos cruciais da sexualidade humana visando refletir sobre a homossexualidade a partir de uma dimensão igualmente nevralgica da clínica analítica, a ética que lhe é própria.

A proposta desta tese, formulada a partir da afirmativa lacaniana de que “[...] o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó” (LACAN, 1958, p. 692)², visa sustentar a incidência do irremediável da diferença dos sexos sobre o sujeito, em seu cargo de enodamento do real, do simbólico e do imaginário que, orientado pela lógica fálica, revela a escolha de posição sexuada como uma escolha forçada. Em contrapartida, a eleição do parceiro implica uma escolha por parte do sujeito causado que, embora ancorada nos traços retirados dos objetos infantis, não deixa de ratificar a natureza da pulsão em sua admissão da mais ampla variação de objetos sexuais, determinando a completa independência entre a escolha do sexo e a escolha do parceiro por parte do sujeito.

Partindo do princípio humano da incompletude, visto que O Homem é um mítico Totem e A Mulher não existe, os semblantes masculino e feminino apresentam-se como único recurso para o sujeito mascarar o encontro com o real do sexo. Não há relação sexual, não há parceiro eleito que garanta a posição do sujeito na partilha dos sexos ou lhe sirva como complementar, revelando-nos a falta-a-ser e a falta-a-ter inerentes aos seres de linguagem.

Desse modo, o Capítulo 2 dessa tese se propõe a examinar os diferentes momentos que o universo sociocultural atravessa e determina o modo normativo de relação do sujeito com seu desejo, abordando as representações sociais da homossexualidade e seus deslizamentos ao longo da história. Nossa análise parte de um campo onde o prazer tomava a cena, embora com regras - como vivido na Grécia Antiga -, atravessando o estatuto de pecado - na Idade Média -, até chegar a categoria de doença - conforme atribuição disseminada pelo discurso médico -, que passa a administrar o sexo através de categorias que servem ao propósito da normalização. Esse percurso desemboca na despatologização da homossexualidade promovida por Freud com a publicação de *Três ensaios da teoria sexual*, datada de 1905. A referida publicação apresenta os conceitos de pulsão e perversão polimorfa, assim como a

¹ Nesta tese, utilizamos a obra de Freud editada pela *Amorrortu*, por considerarmos a melhor tradução de seus textos, originalmente escritos em alemão. Desse modo, recorreremos à livre tradução do espanhol ao português.

² A significação do falo. In: *Escritos*, 1998.

noção de bissexualidade psíquica, essenciais para a compreensão da homossexualidade como escolha de objeto tão possível quanto a heterossexualidade. No entanto, devido as resistências contra a psicanálise, e os desvios teóricos e técnicos advindos, o resgate dos princípios freudianos se fez necessário. Recorremos a Lacan e sua tríade do real, do simbólico e do imaginário, orientadores do necessário retorno ao sentido de Freud e sua ética.

No Capítulo 3 o conceito de pulsão é privilegiado como marco da obra freudiana que vem ampliar o sexual para além do genital. Ao romper com o discurso biologizante de sua época, Freud abre caminho para se pensar a *hiância* inerente ao ser falante, que se apresenta com o desejo errático e desviante de toda norma moral estabelecida para um encontro complementar entre os sexos. Desse modo, esse capítulo objetiva articular o inconsciente com a pulsão partindo da hipótese freudiana do recalque orgânico, responsável pelo advento do homem pulsional. Através da aquisição da verticalidade, o recalque orgânico funda na espécie humana um certo requinte, tanto na esfera da linguagem quanto na da sexualidade, que nenhuma outra espécie da classe dos mamíferos possui. Esse Capítulo também nos revela, como resultado, a subversão do sujeito em sua relação com o objeto que lhe causa. É uma noção de suma importância para a condução ética da prática clínica que, para muitos, perdeu-se desde a lamentável tradução do *Trieb* freudiano por *Instinct*, promovida, inicialmente, por James Strachey e adotada na edição brasileira das Obras Completas de Freud, cuja tradução foi realizada a partir do inglês e não do texto original alemão. Pensar a escolha do parceiro desvinculada de qualquer ficção pautada no pressuposto da primazia pulsional genital é a proposta desse capítulo.

Em sequência, o Capítulo 4 examina a função da castração como orientadora para a escolha do sexo. Detidos na metáfora paterna e seus efeitos no que diz respeito às distorções teóricas referentes ao falo, analisamos sua função imaginária - ϕ minúsculo - e sua função simbólica - Φ maiúsculo - com o intuito de desmistificar a promoção, ainda corrente, de premissas normativas que caminham na direção da preleção complementar dos sexos, que resvalam em questionamentos tais como a importância do sexo dos genitores nas funções familiares e os riscos iminentes à falta de um indicador da distinção anatômica dos sexos em crianças criadas por casais homossexuais. O objetivo é apresentar a importância do pai em sua função de Lei e da mãe como estatuto de tesouro do significante para o *infans*, ambos desligados de qualquer distinção anatômica necessária à assunção de um sujeito de desejo,

para então ser repensada a simbolização do real do corpo e o que resvala do irremediável da diferença anatômica dos sexos nas diversidades psíquicas.

Com esse percurso inicial, o estudo visa apontar para a escolha de posição sexuada como uma escolha forçosamente orientada pela lógica fálica que conduz o sujeito à subjetivação de seu sexo a partir do enodamento do real, do simbólico e do imaginário, concernentes à constituição de ser de linguagem. Ainda, é denotado o que dessa experiência se difere nos homens e nas mulheres, em relação à norma fálica. Tomando como base as fórmulas da sexuação, introduzidas por Lacan em *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...*, o trabalho abordará as diferentes modalidades de gozo - gozo fálico e gozo Outro - com a finalidade de verificar a relação das mulheres com a demanda de amor - erotomaníaca -, e dos homens com o desejo - fetichista.

Por fim, o Capítulo 5 dessa pesquisa visa dirigir o estudo para a prática clínica, abordando a ética que é própria à Psicanálise. A noção de bissexualidade, tal como cunhada por Freud, é novamente retomada e apresentada como um postulado estrutural da prática clínica. Em seguida, e com base na fundamentação desenvolvida até então, três dos principais casos clínicos de Freud são revisitados com a intenção de examinar as homossexualidades e suas diversas ilustrações clínicas. Iniciamos com o caso Dora e sua homossexualidade sintomática, abordamos também o caso da Jovem Homossexual com sua homossexualidade manifesta para, por fim, retratar o caso do Homem dos Ratos e sua homossexualidade latente. Em contraponto, introduzimos algumas questões a serem pensadas sobre a transexualidade e a certeza implicada na escolha do sexo sem qualquer ancoragem no real do corpo, fator que implica o não reconhecimento da homossexualidade presente nesses casos, os quais o sujeito cria seu sexo para além da anatomia.

Para encerrar nossa pesquisa, a ética psicanalítica é retomada em sua relação com o discurso do analista, avesso a qualquer concepção complementar e harmônica entre os sexos ou à adequação de gozo. O desejo, operador ético da prática clínica, amalgamado com a proposta lacaniana do lugar do analista em sua função causal de α , é o único meio capaz de conduzir o sujeito em direção a seu desejo - o mais singular e mais íntimo -, destino visado por uma análise ao descortinar a impossibilidade de se inscrever a relação sexual.

2 A história da homossexualidade: da patologização à despatologização

O tema da homossexualidade e o modo como foi compreendida em cada época, desperta o interesse por alguns aspectos históricos que são relevantes aos temas desta tese. De forma sinóptica, os pontos abordados concedem privilégio à historicidade dos fatos, noção³ que inclui, para além dos feitos históricos, tal como abordado pelos historiadores⁴, o campo da linguagem, via de acesso ao universo sociocultural em suas mais variadas significações discursivas.

Visando este fim, o capítulo aqui desenvolvido propõe-se a examinar as representações sociais da homossexualidade e seus deslizamentos. Esse percurso parte de um campo onde o prazer⁵ tomava a cena -, embora com regras - como vivido na Grécia Antiga, atravessando o estatuto de pecado, na Idade Média, até chegar à categoria de doença, conforme atribuição disseminada pelo discurso médico do século XIX.

O objetivo é verificar, nessa trajetória, o deslocamento do lugar do desejo, desde sua visada ao prazer até a entrada em cena da ciência sexual que o anula; diferentes momentos em que o sistema classificatório instituído vem alterar a relação do sujeito com a sexualidade. Primeiramente, o contexto moral encarrega-se de estabelecer a fronteira entre o lícito e o ilícito. Em seguida, o contexto religioso demarca o limite entre o pecado e a pureza para, por fim, o contexto científico surgir com a função de administrar o sexo através de categorias que servem ao propósito da normalização.

Esse trajeto desembocará na despatologização da homossexualidade promovida por Freud com a publicação de *Três ensaios da teoria sexual*, datado de 1905. A referida publicação apresenta-nos os conceitos de pulsão e perversão polimorfa, assim com a noção de

³ Noção introduzida por Jean-François Lyotard (1924-1998), filósofo francês.

⁴ Neste capítulo, todos os comentários têm como base os trabalhos desenvolvidos pelos seguintes historiadores: Georges Duby, autor de *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*; Kenneth James Dover, autor de *A homossexualidade na Grécia Antiga*; Colin Spencer, autor de *Homossexualidade: uma história*; William Naphy, autor de *Born to be gay: história da homossexualidade*; Michel Foucault, autor de *História da sexualidade* e Didier Eribon, autor de *Reflexões sobre a questão gay*.

⁵ Por tratar-se de um capítulo histórico, vamos seguir os historiadores e abordar o gozo fálico, sexual, regulado e limitado pela linguagem como “prazer”, visto que “[...] é o prazer que introduz no gozo seus limites, o prazer como ligação da vida [...]” (LACAN, 1960|1998, p. 836). Ver Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*, 1998.

bissexualidade psíquica, distanciando sexual e genital; pontos essenciais para o entendimento da homossexualidade como uma escolha possível de objeto tal como a heterossexualidade.

No entanto, e apesar de todos os esforços de Freud ao abordar a sexualidade e sua errância - inscrita no inconsciente, enraizada no infantil e ordenada pela libido -, a resistência à psicanálise e aos seus fundamentos se fez presente no discurso dos pós-freudianos. Estes, a partir dos mais variados desvios teóricos e técnicos da psicanálise, transformaram a prática clínica em uma espécie de ortopedia social centrada no eu.

Desde então, faz-se necessário o resgate à ética freudiana, e Lacan, a fim de orientar o estudo da psicanálise, vem confrontar os analistas com os três registros essenciais da realidade humana: o simbólico, o imaginário e o real. Essa tríade, que norteará o retorno ao sentido de Freud, permite Lacan, a partir do simbólico, campo onde a psicanálise se situa, fundar o imaginário como um campo de ilusão, e o real como um campo que escapa ao sujeito; vazio original em torno do qual o inconsciente se estrutura como linguagem. Nesse ponto de basta, instaurado no cerne da sexualidade humana, Lacan introduzirá o conceito de objeto a , ratificando a falta de um objeto referente ao humano.

2.1 Das regras ao desejo às regras contra o desejo

Iniciaremos nosso percurso ressaltando o aspecto mais relevante na Grécia Antiga quando se trata da sexualidade: o *kalos*⁶, o belo, que causa o sujeito a partir do desejo gerado pela beleza do objeto. À essa época, não havia qualquer expressão linguística que determinasse o sexo do objeto que causa o desejo e o sexo do sujeito causado, uma vez que a ênfase não recaía na anatomia, mas na bela forma de quem causava o desejo.

Os gregos não reconheciam dois tipos de desejo⁷. Eros não tinha gênero, e o próprio significante homossexualidade, em oposição à heterossexualidade, não fazia parte do

⁶ A palavra *Kalos* significa belo, bonito, atraente e pode ser aplicada a um ser humano, animal ou objeto. Quando aplicado a uma ação ou instituição, ganha novos significados, como honrado, confiável ou admirável.

⁷ Segundo Michel Foucault, a sociedade grega entendia que o ato, o desejo e o prazer formavam um conjunto de elementos associados, pois o ato, “[...] suscita a *epithumia*, o desejo, movimento dirigido por natureza para o que “dá prazer”” (FOUCAULT, 1984, p.42).

vocabulário⁸ grego. Logo, as expressões linguísticas⁹ utilizadas para se referir à relação entre pessoas do mesmo sexo também eram utilizadas para as relações com o sexo oposto, já que a polaridade hetero-homo não se aplicava àquela sociedade.

Desse modo, se faz importante o alerta para qualquer projeção anacrônica à Grécia, pois isto nos levaria a uma percepção distorcida dessa cultura, já que a linha divisória estabelecida pelas sociedades atuais no que tange à diferença dos sexos e à sexualidade não se aplicava. Com leis, costumes e sistemas de avaliação muito distintos dos nossos, a sociedade grega nos leva a constatar que a cultura, atrelada às representações de sua época, é a grande responsável pelo poder e uso social dado às palavras, sempre ligadas aos ideais e aos valores que cada sistema social estabelece.

Bissexualidade, homossexualidade e heterossexualidade são noções criadas ao longo da história e com justificada definição, como veremos mais adiante. No entanto, o fato da semântica não se ocupar de tais expressões linguísticas não nos permite afirmar que as relações homossexuais eram ausentes na Grécia Antiga; pelo contrário, os gregos sabiam que as pessoas diferiam em suas preferências sexuais, somente o modo como o tema era abordado é que diverge dos nossos dias atuais.

Outro fator importante no que se refere à cultura grega é que, mesmo havendo o característico uso de claras expressões representando o desejo e a sexualidade de forma desinibida, tanto na literatura e nos poemas quanto nas artes visuais e cênicas, as leis, as

⁸ Caso pensemos na expressão “sodomia” para refutar essa ideia, vale esclarecer que, embora sua origem esteja alicerçada na descrição bíblica da destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19:1-11), ela não se encontra referida no Antigo Testamento, sendo criada posteriormente. Segundo o mito, devido à prática do sexo anal, com homens ou com mulheres, Deus enviou dois anjos para destruírem a cidade com fogo. No entanto, existem várias interpretações religiosas que apontam para outros motivos que justificariam a ira de Deus contra o pecado da cidade: crueldade, falta de hospitalidade, ganância e apego à propriedade são alguns exemplos. O fato é que, conforme observa Naphy, antes da chegada do monoteísmo, as culturas não demonstravam preocupação moral-religiosa com as relações entre pessoas do mesmo sexo. (NAPHY, 2006). Assim, vale salientar que, na maioria das religiões anteriores ao aparecimento do monoteísmo, os modelos de deuses e deusas idolatrados apresentavam uma imagem de ambivalência sexual, uma espécie de norma teológica bissexualizada, abundante em todas as atividades e variedades sexuais, com deuses sexualmente ativos e devotos seguidores não só da crença religiosa, mas também do seu culto e exercício. Willian Naphy afirma que a leitura minuciosa das leis e dos costumes do Oriente Próximo - que compreende a região da Ásia, próximo ao mar mediterrâneo, incluindo Iraque, Líbano, Palestina e Síria - leva os historiadores a concluir que “a homossexualidade não é assim condenada em lado algum como licenciosidade, imoralidade, doença social, nem como transgressora de qualquer lei humana ou divina” (NAPHY, 2006, p. 23). Na Índia, por exemplo, o politeísmo sobrevive até os dias de hoje, nas várias formas de hinduísmo. Os deuses da Índia, assim como na Grécia e em Roma, assumiam várias aparências e grande disposição para amar e ter relações sexuais com várias pessoas, independente de seu sexo.

⁹ *Aphrodisia* designava a prática sexual implicando dois atores, cada qual com seu papel e função; *Kalos* designava belo(a); *Erōmenos* designava amado(a) e *Esrastes* designava amante, independente do sexo do sujeito ou de seu objeto de desejo.

crenças, as repressões e as normas morais continuavam existindo, ao contrário do que muitos costumam pensar¹⁰.

A literatura grega e as artes visuais costumavam representar as relações homossexuais com uma característica muito específica: homens mais velhos em atenção a meninos mais jovens. Nos vasos gregos, por exemplo, os homens adultos costumavam ser representados em posição ativa, oferecendo presentes, cortejando ou tocando um jovem¹¹. (DOVER, 2007)¹²

Na literatura clássica grega, como constata William Naphy¹³, as relações homossexuais eram realçadas e enaltecidas como exemplos de amor, embora o que se destacasse, na maioria dos contos, fosse a natureza interclassista do afeto homossexual. Algumas obras, inclusive, realçavam o poder do amor com o intuito de superar o padrão culturalmente aceito como regra, onde o homem socialmente superior devia ser ativo enquanto seu escolhido, de classe mais baixa, passivo.

Nas poesias cômicas, em geral, o uso de palavras obscenas, com o objetivo de fazer rir, também expressavam as relações homossexuais de forma explícita, mas sem qualquer consideração com os aspectos românticos. Nas peças de Aristófanes¹⁴, por exemplo, embora a homossexualidade não fosse tomada como tema central, era igualmente tratada de forma humorística, como mais uma pitada para alcançar o riso.

De forma inversa, observamos na filosofia de Platão¹⁵ que as relações entre o mesmo sexo eram abordadas a partir do estímulo visual causado pela beleza do corpo e da alma, *agalma*, ao mesmo tempo que discutia em seus diálogos questões morais e filosóficas, compostas das mais variadas opiniões. No entanto, embora seu foco fosse o amor, vale

¹⁰ Os historiadores estudados chamam atenção para o fato de que o gozo era regulado, havendo regras claras aos cidadãos, tal como podemos observar no castigo do mito de Édipo, resultante da relação de Laio com Crisipo. Segundo a mitologia grega, Laio, quando jovem, ao ser expulso de Tebas, foi recepcionado por Pélope, rei de Pisa. Ao conhecer seu filho, Crisipo, Laio se apaixona, o seduz e decide sequestrá-lo. Como castigo, foi amaldiçoado e recebeu do oráculo de Delfos a previsão de ser morto pelo próprio filho que ainda viria a ter. Para fugir dessa maldição, quando conhece Jocasta, passa a praticar o coito anal. No entanto, como seu destino já estava traçado, certa dia, bêbado, esqueceu-se da maldição e teve uma noite de amor com sua esposa, resultando no nascimento de Édipo.

¹¹ Segundo Dover, “a maior parte dos vasos representando relações homossexuais [...] foram pintados entre 570 e 470 a.C.” (DOVER, 2007, p.21). A partir de então é a literatura que se torna abundante.

¹² *A homossexualidade na Grécia Antiga*, 2007.

¹³ William Naphy, professor e diretor no Colégio de Teologia, História e Filosofia da Universidade de Aberdeen - Escócia, autor de *Born to be gay: história da homossexualidade*.

¹⁴ Aristófanes, dramaturgo grego (446 - 386 a.C.).

¹⁵ Platão, filósofo grego (428 - 347 a.C.).

ressaltar que Platão costumava fazer referência aos homens homossexuais como *paiderastes*¹⁶, que significa carinhoso, devotado e zeloso com seu amante.

Dentre as crenças gregas, destaca-se como convicção comum o pressuposto de que o papel passivo na homossexualidade masculina não gerava prazer e, por consequência, consideravam o desejo de um homem mais velho por um menino como algo natural, uma vez que sua posição era ativa. Essa ideia é correlata à noção de belo ligada aos jovens, com características femininas, sem barbas e sem pelos, como um estímulo ao desejo, tal como refletem as pinturas gregas, onde as representações de rapazes jovens e mulheres eram muito semelhantes. (DOVER, 2007)¹⁷

Para além das crenças, estavam as questões morais da Grécia Antiga que, em sua maioria, relacionavam-se à função que o sujeito exercia para a comunidade. Os valores dados aos cidadãos estavam vinculados à eficiência ou deficiência dos mesmos nos mecanismos comunitários; ou seja, um homem pobre poderia ser considerado defeituoso para servir à comunidade como cavaleiro ou membro da infantaria, por exemplo, já que em sua juventude esteve impossibilitado de adquirir as necessárias habilidades para essas funções.

Na mesma categoria de deficiência, estava a prostituição. Nesse caso, havia uma lei que estabelecia que um cidadão que se prostituísse a um outro homem, aceitando dinheiro ou bens em troca de seu corpo, deveria ser impedido de participar da vida política grega, além de ser privado de certos direitos civis, como dirigir-se a uma assembleia, por exemplo. Punidos pela mesma lei, estavam os cidadãos que viessem a maltratar os pais, fugir do serviço militar ou desperdiçar a herança recebida de seus familiares.

No caso da prostituição, a questão não recaía sob o fato de se entregar a outro homem, mas à venda, à troca do corpo pelo dinheiro, pois os gregos consideravam que qualquer pessoa que pudesse vender seu próprio corpo também teria a mesma disposição para vender os interesses da comunidade como um todo. Daí a lei penalizar o cidadão que se prostituiu, e não o comprador do serviço.

¹⁶ *Pais* designava jovem, filho(a), amado(a) e *Erastes* designava amante.

¹⁷ *A homossexualidade na Grécia Antiga*, 2007.

Seguindo a mesma lógica de punição, face ao bom andamento da comunidade, as privações também eram aplicadas aos pais que vendiam o corpo de seus filhos para a satisfação de outrem e aos homens que tentavam fazer uso forçado do corpo de alguém, homem ou mulher, cidadão livre ou escravo.

No entanto, se um estrangeiro, visitante ou residente, escolhesse se prostituir não sofreria qualquer pena, uma vez que seu status de não-cidadão já lhe negava qualquer direito de ocupar cargos públicos ou manifestar-se junto as assembleias. Inclusive, era recomendado aos homens, que comumente buscavam pagar pelos prazeres com outros homens, que procurassem os estrangeiros, a fim de que não ficassem privados da satisfação de seus desejos e não prejudicassem o andamento social e político da comunidade.

Como Kenneth Dover¹⁸ bem observa, se os tribunais do júri de nossos dias preocupam-se em verificar se o acusado realmente cometeu o crime a que está sendo julgado, os tribunais da época tinham maior preocupação com as consequências que o ato do acusado poderiam trazer para a sociedade, dando menor peso à prova concreta do referido crime, ou seja: os boatos e a força da palavra do delator poderiam ser provas suficientes para a punição do réu. Vale ainda acrescentar que, após cada audiência, o julgamento era transcrito e distribuído para a ciência da população.

Desse modo, estando o crime relacionado à venda e às consequências para a comunidade em geral, fazer o que lhe pedem, conceder um favor ou realizar um desejo, como dirigir-se a um jovem por sua beleza ou por amor, eram consideradas atitudes dignas de um homem mais velho que não cede em seu desejo. Não à toa, as Escolas de Lutas, que faziam parte do processo educativo dos jovens de classe superior, considerados de boa família, eram repletas de homens adultos que se dirigiam ao local com o intuito de conhecer belos e atléticos rapazes.

Contudo, embora o interesse por meninos jovens fosse admissível, havia limite para o cortejo. Jamais um homem adulto poderia declarar-se abertamente para um menino que ainda não tivesse capacidade¹⁹ suficiente para julgar o caráter de alguém.

¹⁸ Kenneth James Dover (1920-2010) era um especialista inglês em estudos clássicos, autor de *A homossexualidade na Grécia Antiga*, e professor de grego da Universidade de St. Andrews.

¹⁹ Não há qualquer menção à idade do jovem, parecendo tratar-se do discernimento esperado para um homem adulto.

Em Atenas, especificamente, a homossexualidade encontrava-se ligada, de modo íntimo, à educação e aos deveres de cidadão, sendo as escolas de atletismo os principais lugares de encontro. Do mesmo modo, a relação entre os eleatas²⁰, famosos por suas proezas atléticas, sempre vitoriosos nos jogos olímpicos e com expressiva paixão pela beleza masculina, também deixou representativa lembrança visual do desejo entre os homens no seio do próprio templo olímpico.

O maior escultor grego, Fídias²¹, escolheu um eleata, Pantarkes²², como amante e chegou a representá-lo na base de sua mais notável escultura: a de Zeus sentado no Olimpo, fazendo lembrar a todos os participantes dos jogos olímpicos e todos os adoradores e visitantes do templo de Zeus o explícito amor entre esses homens. Com esses exemplos, fica nítido que os gregos não consideravam a homossexualidade como um entrave à ordem militar ou à civilização, já que a ligação emocional, baseada em laços de amizade e afeto, não excluía os aspectos sexuais.

O reconhecimento das relações homossexuais por parte dos gregos fica especialmente claro no mito da origem dos seres humanos, descrito por Aristófanes no *Banquete* de Platão. Segundo o mito, três eram os gêneros da humanidade e inteiriça era a forma de cada homem: dorso redondo, quatro pernas e quatro mãos, dois rostos em uma cabeça sobre o pescoço, quatro orelhas e dois sexos.

O gênero masculino era descendente do sol, o gênero feminino era descendente da terra e o gênero andrógino²³ era descendente da lua. Com força e vigor terríveis, certo dia todos esses seres voltaram-se contra os deuses e acabaram castigados.

Os deuses, depois de muito refletirem, já que não podiam exterminá-los, pois ficariam privados da veneração e do culto que esses seres lhe dirigiam, encontram uma saída, indicada por Zeus como solução para permitir que eles existissem domesticados, porém, mais fracos: cortar cada gênero em dois, e assim deixa-los andar sobre duas pernas.

²⁰ Cidadãos de Eléia, cidade-estado situada ao sul da Itália.

²¹ Fídias, escultor e arquiteto da Grécia Antiga (480-430 a.C.).

²² Jovem vencedor de lutas nos LXXXVI jogos olímpicos em 436 a.C..

²³ “[...] andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino [...]” (PLATÃO, 1999, p.95).

A cada gênero que Zeus cortava, mandava Apolo voltar-lhe o rosto para o lado do corte e fazer-lhe uma abertura no meio do ventre, que chamamos de umbigo, para a lembrança da antiga condição. “É daí que se origina o amor que as criaturas sentem umas pelas outras; e esse amor tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição” (PLATÃO, 1999, p.97)²⁴. A partir de então, cada ser humano passaria o resto da vida em busca de sua cara-metade; mito este do encontro perfeito entre almas gêmeas que sobrevive como ideal fantasístico até os dias atuais.

Devemos concordar com William Naphy quando conclui, após seu longo estudo sobre esse período, que, embora algumas leis que limitavam as relações homossexuais já pudessem ser evidenciadas na Grécia, foi a chegada do cristianismo que inseriu a homossexualidade na lista de atitudes condenadas, levando os médicos da época a considerarem o desejo de ser penetrado como uma patologia que podia ser diagnosticada: uma primeira classificação da homossexualidade como distúrbio patológico anterior à sua suposta invenção no século XIX.

Com a entrada do cristianismo em cena, o contraste entre os gregos e as demais culturas, no que tange à sexualidade, ficou evidente, uma vez que o amor, o sexo e a procriação passaram a ocupar um mesmo espaço: o casamento²⁵.

Ao realçar a vida em família e a procriação enquanto razão suprema para a relação sexual, o sexo-por-prazer transforma-se em sexo-para-procriação²⁶ e o cristianismo aparece como o principal exemplo da propagação dessa nova moral. Se antes os deuses se reproduziam através de partenogênese, gerados por um único Deus, como Atenas concebida por Zeus, a cultura cristã produz Jesus por encarnação, sem qualquer ato sexual, mantendo Maria virgem.

A crença na anatomia do homem e da mulher, criados por Deus com a função de completude dos sexos e de multiplicação, propagou-se, e, somada ao grande impulso que o cristianismo obteve com o reconhecimento imperial, resultou numa massiva influência dos

²⁴ *Diálogos I: Mênon - Banquete - Fedro*, 1999.

²⁵ O cristianismo surge invadindo a vida privada e instaurando a dicotomia entre a alma e o corpo. Ao condenar o corpo e, portanto, a sexualidade, o casamento torna-se a solução para refrear a pulsão. (DUBY, 1989).

²⁶ “Quando se unem, os cônjuges não devem ter outra ideia na cabeça além da procriação. Se eles se permitem sentir algum prazer na sua união, ficam logo “maculados”: “transgridem” [...] “a lei do casamento” (DUBY, 1989, p.18).

preceitos divinos que acabaram por adquirir o peso e a força da lei, embora a homossexualidade ainda subsistisse nos altos escalões sociais, políticos e religiosos.

Nessa época em que cristianismo e paganismo coexistiam, as ideias sobre sexo, corpo e natureza começaram a ganhar forma e moldar o pensamento cristão que se iniciou na Idade Média e se manteve até os dias atuais. O principal legado foi o papel dado ao casamento e à procriação como fim supremo do sexo, o que promoveu uma lista de pecados que ia da homossexualidade a todos os outros tipos de atos sexuais, desde a masturbação até o adultério.

No entanto, foi no século XII que a Igreja despertou um específico interesse pelas questões da sexualidade, na tentativa de controlar as atividades sexuais dos padres e de todo o alto escalão social e político. A necessidade de ampliar o celibato, controlar o sexo e manter a virgindade dos jovens instaura a crença de que a evolução espiritual que garantia o reino divino, trazia, como consequência, o apagamento do desejo; noção inversa à que acabamos de verificar na Grécia Antiga.

Conforme nos salienta Georges Duby²⁷, a abstinência sexual era imposta inclusive no casamento, refreando os prazeres da carne, reprimindo o “mal” e represando as irrupções da sexualidade, uma vez que o sexo deveria se restringir à reprodução da espécie:

Regulação, oficialização, controle, codificação: a instituição matrimonial se encontra, por sua própria posição e pelo papel que ela assume, encerrada numa firme estrutura de ritos e de interditos: de ritos, pois que se trata de publicar, quero dizer, tornar público e, dessa forma, socializar, legalizar um ato privado; de interditos, pois que se trata de traçar a fronteira entre a norma e a marginalidade, o lícito e o ilícito, o puro e o impuro. (DUBY, 1989, p. 11-12)²⁸

A partir de então, a Igreja passa a aglomerar, indiscriminadamente, práticas e grupos que se opunham a acatar os mandamentos divinos. Com o intuito de ganhar maior força, Igreja e Estado se unem e o pecado rapidamente ganha o estatuto de crime.

²⁷ Georges Duby (1919-1996) era um historiador francês, especialista em Idade Média, e Membro da Academia Francesa.

²⁸ *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*, 1989.

A ideia que sustentava a manutenção dessa nova ordem social e que promovia o apoio da comunidade²⁹ era que todo ato considerado pecado trazia consigo o castigo divino, e os homossexuais, assim como os judeus, os heréticos e os adúlteros passaram a ser os causadores da fome, da peste, da guerra e de todas as outras catástrofes.

Na época da Peste Negra³⁰ (1348-1350), registrou-se um acréscimo de leis eclesiásticas que visavam especificamente a homossexualidade, cada vez mais associada a movimentos heréticos. Posteriormente à peste, os europeus tentavam explicar por que razão Deus os castigara de modo tão horrível e a conclusão revelava que o pecado era a causa do caos.

A partir de então, os judeus não eram apenas não cristãos, os homossexuais não eram apenas fornicadores e os adúlteros e os hereges já não eram apenas irmãos desencaminhados. Os três grupos tornaram-se a maior ameaça para a sociedade, a causa de todos os males e problemas, e a solução era a erradicação dos mesmos. Conseqüentemente, Igreja e Estado começaram a dar um maior destaque à fé e à prática religiosa.

Contudo, com o despovoamento da Europa em consequência da peste, a necessidade de propagação e o fracasso da ideia de pureza virginal, o casamento ganha a cena como única solução: a procriação de filhos legítimos. Assim, a religião estabeleceu o matrimônio como justificativa e a reprodução como objetivo final para que o sexo anulasse o pecado do prazer e não se transformasse em um fim em si. Foi dessa forma que os pregadores fizeram o povo compreender o caráter pecaminoso dos homossexuais.

A integridade moral e o dever civil tornaram-se questões de maior relevância para o Estado. De um lado, os moralistas se incumbiam de reprimir a sexualidade dos vizinhos e, de outro, as irmandades se ocupavam de perseguir os homossexuais.

Florença, por exemplo, tomou várias medidas contra os homossexuais, incluindo, em 1432, a criação dos *Ufficiali di Notte*, agentes da noite que, durante setenta anos de

²⁹ Ver A propósito do amor chamado cortês. In: *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. Duby ressalta que o amor cortês era um jogo educativo de homens, cujo modelo da relação amorosa era a amizade, uma vez que o desejo masculino, disciplinado pelo amor cortês, passou a ser utilizado para fins políticos. “Assim como sustentavam a moral do casamento, as regras do “amor delicado” vinham reforçar as regras da moral vassálica” (DUBY, 1989, p.65).

³⁰ Peste Negra é a designação que ficou conhecida, durante a Idade Média, a peste bubônica, pandemia que assolou a Europa durante o século XIV e dizimou de 25 a 75 milhões de pessoas.

perseguição, controlavam a homossexualidade. Entre 1432 e 1502, o Estado florentino incriminou mais de 17.000 homens homossexuais, 240 por ano, quase 5 por semana, numa população de 40.000 habitantes. (NAPHY, 2006)³¹

Em 1553, Portugal instalou a Inquisição e levou os homossexuais à fogueira. No mesmo ano, a homossexualidade foi considerada crime de maior gravidade na Inglaterra e passou a fazer parte, como categoria, do sistema de leis.

As consequências da peste e o poder do discurso eclesiástico acabaram por incutir na mentalidade popular uma ligação entre catástrofes e determinados grupos de pessoas, gerando uma série de reações aos homossexuais cada vez mais violentas, já que a solução encontrada era o pronto e severo castigo, de forma exemplar e visível, na tentativa de evitar a repetição.

Durante todo esse período, o argumento para as ações da Igreja e do Estado era a vontade divina, sendo “[...] o demônio a melhor saída como desculpa para Deus” (FREUD, 1930[1929], p. 116)³².

2.2 A Homossexualidade como doença: o discurso médico

O homossexual do século XIX acabou herdando uma espécie de maldição, sendo a um só tempo pecador, criminoso e doente. Com o apogeu do domínio do mundo pelo pensamento cristão, a ciência se uniu à religião e à política a fim de classificar a homossexualidade como perversão.

Nesse cenário, enquanto alguns se envolviam em discussões sobre a criminalização da homossexualidade, outros tentavam descobrir sua causa para erradicá-la na fonte. Como consequência, a homossexualidade, que na antiguidade era considerada uma expressão do desejo, passa a ser encarada como um vício satânico pelo cristianismo para, em seguida, ser classificada como doença pela psiquiatria do século XIX³³.

³¹ *Born to be gay: história da homossexualidade*, 2006, p.107.

³² *O mal-estar na cultura*, vol. 21, 2007, AE.

³³ O discurso médico surge em equivalência ao discurso moral-religioso: um nomeia o homossexual como doente e o outro como pecador.

Até a medicina tomar para si o campo da sexualidade, as ideias eclesiásticas e jurídicas caminhavam paralelamente e se preocupavam em indicar a fronteira entre o pecado e a pureza, o lícito e o ilícito, punindo aqueles que transgredissem as normas morais imputadas aos mandamentos divinos (LANTERI-LAURA, 1994)³⁴. O discurso da ciência³⁵, ao entrar em cena no final do século XIX³⁶ com foco específico na homossexualidade, une-se ao Estado e resolve tomar os comportamentos sexuais como fenômenos que deveriam ser explicados, a fim de que então pudessem ser diagnosticados e tratados. Discernindo o normal do patológico, a partir de sua relação com as representações sociais da época, as condutas passam a ser classificadas em categorias que iam desde comportamentos amorais até atos criminosos. Logo surge um vocabulário próprio com o intuito de justificar, ‘cientificamente’, as práticas sexuais.

A partir de então, a terminologia passou por múltiplas variações. A nosologia apresentava-se bastante flexível e as teorias criadas para o tratamento e a cura foram várias, desde hipnose e castração até as terapias aversivas e reparativas. O objetivo era anular o desejo e conduzir o sujeito à obediência das normas morais culturalmente construídas pela sociedade.

Neste momento surge a sexologia, ou ciência sexual, a partir dos trabalhos dos três pais fundadores da doutrina: Krafft-Ebing³⁷, Albert Moll³⁸ e Havelock Ellis³⁹. Embora a base de seus estudos fosse a sexualidade, as nomenclaturas, ideias e abordagens utilizadas para tratar o tema apresentavam-se bastante divergentes nesses autores.

No início da década de 1860, Karl Heinrich Ulrichs⁴⁰, advogado alemão, criou o esboço de um primeiro dualismo sexual, que até então não vigorava em qualquer contexto semântico. Mantendo a ideia de um instinto normativo, o jurista cria os termos *Urning*⁴¹ e *Urninde*, na

³⁴ *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*, 1994.

³⁵ “[...] a caça, a perseguição lançada pela medicina do século XIX contra as “sexualidades heréticas” consiste em lhes dar nomes e em classificar os indivíduos sob essas novas espécies definidas pelos atos de nomeação, mas também em fazer entrar essas novas categorias na ordem da realidade, em fazer existir todo um novo jardim das espécies” (ERIBON, 2008, p. 336).

³⁶ O discurso da ciência é fundado no século XVII, com Descartes. No entanto, há uma utilização do discurso da ciência, no final do século XIX, que visa os comportamentos sexuais e a homossexualidade, especificamente.

³⁷ Richard von Krafft-Ebing (1840-1902).

³⁸ Albert Moll (1862-1939).

³⁹ Havelock Ellis (1859-1939).

⁴⁰ Karl Heinrich Ulrich (1826-1895).

⁴¹ Uranismo é um termo retirado de Afrodite Urânia, locução em que Platão se baseia para separar os aspectos divinos do amor - Ouranios - dos seus aspectos vulgares.

tentativa de expressar a existência de desejos contrários à norma e evitar as punições que a lei previa para esses casos.

O *Urning* fazia referências aos homens que sentiam um desejo feminino por outros homens e a *Urninde* às mulheres que sentiam uma atração masculina por outras mulheres. Seu argumento calcava-se no inatismo de tais sentimentos e, portanto, excluía a responsabilidade do sujeito por sua escolha, uma vez que o corpo era habitado por um sentimento que não correspondia, na origem, à fisiologia do sexo: desejar uma mulher era um sentimento masculino e amar um homem um sentimento feminino.

A primeira designação aceita pelas autoridades científicas na Alemanha para tratar da homossexualidade foi ‘sensibilidade sexual contrária’, concebida por Westphal⁴² em 1869, mesmo ano em que Karl-Maria Kertbeny⁴³, médico austríaco, introduziu na sociedade a dicotomia homo e heterossexual. Primeiramente, Kertbeny publicou o termo ‘homossexual’ em um folheto anônimo contra a lei que previa punição aos homossexuais na Alemanha e, em 1880, tornou público o termo ‘heterossexual’, utilizado na 4ª Edição alemã de *Psychopathia Sexualis*, de Richard von Krafft-Ebing.

Richard von Krafft-Ebing, psiquiatra austríaco, foi o primeiro sexólogo a divulgar um extenso tratado sobre as patologias sexuais. Em 1886, ao publicar sua conhecida obra *Psychopathia Sexualis*, traduzida no mundo inteiro, fez uma longa descrição, a partir de seus 238 casos, de todas as formas possíveis de ditas perversões sexuais, numa espécie de catálogo.

Literatura de referência psiquiátrica para o diagnóstico e o tratamento dos ditos distúrbios, decorrentes tanto de doenças hereditárias do sistema nervoso central quanto de frequente abuso dos órgãos sexuais, como Krafft-Ebing entendia, sua obra abrange casos de necrofilia, pederastia, coprofilia, fetichismo, automutilação e bestialidade.

Nesse longo estudo, o autor expõe suas ideias ratificando o discurso geral da época e, como muitos, imputava à homossexualidade o efeito de uma anomalia cerebral, denominada ‘parestesia’⁴⁴, que gerava a perversão do instinto sexual através de uma excitabilidade das

⁴² Carl Friedrich Otto Westphal (1833–1890).

⁴³ Karl-Maria Kertbeny (1824-1882).

⁴⁴ Do grego *pará*, com defeito, e *aísthesis*, sensação.

funções sexuais por estímulos inadequados, o que caracterizava uma espécie sempre reprovada, já que acreditava conduzir o sujeito a atos criminosos:

Essas anomalias cerebrais caem no domínio da psicopatologia. [...] Podem ocorrer em várias combinações e tornar-se a causa de crimes sexuais, razão pela qual exigem consideração. Contudo, as anomalias cerebrais pedem mais atenção, uma vez que conduzem com muita frequência a atos perversos e até criminosos. (KRAFFT-EBING, 2000[1997], p. 9)⁴⁵

A homossexualidade, abordada pelo autor como uma ‘sexualidade antipática’, por sua total ausência de sentimento sexual em relação ao sexo oposto, era descrita, do ponto de vista clínico, em quatro graus de desenvolvimento: iniciava-se com os traços de hermafroditismo heterossexual psíquico passando, em seguida, para uma inicial inversão das características sexuais psíquicas que geravam, por conseguinte, uma inversão total das características sexuais psíquicas que, por fim, culminava na androgenia, quando as características sexuais físicas também acabavam invertidas. Dentre os diversos casos relatados em sua obra, não podemos deixar de notar um mesmo traço em comum: a luta moral do sujeito contra seu próprio desejo.

Após o tratado de Krafft-Ebing, foi a vez de Havelock Ellis⁴⁶ divulgar suas descobertas. O médico inglês introduziu o termo ‘inversão sexual’ no vocabulário científico da época quando, em 1897, publicou *Sexual Inversion*. Embora sua pretensão com essa nomenclatura fosse difundir a ideia de uma homossexualidade congênita, acabou autenticando o pressuposto de uma versão sexual natural e adequada para homens e mulheres. Interessante notar que sua obra foi primeiramente publicada na Alemanha, pois a Inglaterra vetou a tiragem, tornando a publicação proibida no país, uma vez que o autor se posicionava contra a criminalização e criticava o Estado pelo crescente número de suicídios.

Nesse mesmo ano, Albert Moll, um dos primeiros psiquiatras alemães a trabalhar com a hipnose como método para curar os homossexuais, se detinha na etiologia da

⁴⁵ *Psychopathia Sexualis*, 2000[1997].

⁴⁶ Ellis foi numa direção diferente dos demais sexólogos de sua época, posicionando-se, radicalmente, contra a criminalização da homossexualidade. Inclusive, na famosa carta à mãe americana, datada de 9 de abril de 1935, Freud faz referência a ele: “A homossexualidade não é, certamente, nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha de envergonhar; nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença [...] Muitos indivíduos altamente respeitáveis da Antiguidade e dos tempos modernos foram homossexuais, entre eles vários dos grandes homens (Platão, Michelângelo, Leonardo Da Vinci, etc.). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como sendo um crime, e também uma crueldade” (FREUD apud JONES, 1935[1989, p. 201). E acrescenta: “Se a senhora não acredita em mim, leia os livros de Havelock Ellis” (FREUD apud JONES, 1935[1989, p. 201).

homossexualidade e, embora admitisse que causas fortuitas ocorridas na infância ou em situações de reclusão pudessem gerar a inversão sexual, acreditava que os aspectos diversos apresentados na sexualidade eram congênitos, devido aos antecedentes hereditários e aos traços degenerativos que seus pacientes apresentavam. Os resultados de suas pesquisas foram expostos em *Libido Sexualis*, obra que incluía as anomalias sexuais no mesmo campo da sexualidade dita normal.

Diante desse cenário, com categorias diagnósticas diversas e métodos de cura sem sucesso, surge o movimento nazista⁴⁷ e a ideia de aperfeiçoamento físico e mental da raça humana, trazendo o caos para o novo século.

Em 1937, quando os homossexuais capturados receberam o triângulo rosa como emblema que indicava o motivo de sua ida para os campos de concentração, passaram a ser alvo não só dos guardiões da prisão como também de outros prisioneiros. Estima-se que mais de 100.000 homens homossexuais foram mortos nesse período. (NAPHY, 2006)⁴⁸

Contudo, embora o fim da Segunda Guerra Mundial tenha trazido paz para os Estados e permitido o início dos movimentos de descriminalização e despatologização da homossexualidade, a força da medicina psiquiátrica crescia e cada vez mais categorizava as diversas práticas sexuais e as difundia como doença.

Em 1948, a Organização Mundial de Saúde (OMS) inclui a homossexualidade no Código Internacional de Doenças (CID) na categoria de Personalidade Patológica, sob o registro 320.6, desvio sexual. Em 1952, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) publica seu primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais (DSM I) e classifica a homossexualidade como mais um dos desvios sexuais da categoria Perturbações Sociopáticas da Personalidade, juntamente com o fetichismo, a pedofilia e o sadismo.

Alguns anos depois, em 1965, quando a OMS revisa pela oitava vez seu Código Internacional de Doenças, incluiu na categoria Desvios e Transtornos Sexuais à subcategoria Homossexualismo, sob o registro 320.0. O sufixo 'ismo', acrescido ao termo homossexual, corroborou o estatuto de doença que perdurou até a década de 90, quando foi substituído pelo

⁴⁷ O movimento nazista durou de 1926 a 1949.

⁴⁸ *Born to be gay: história da homossexualidade*, 2006.

sufixo 'idade', caracterizando, semanticamente, um substantivo abstrato⁴⁹. Não é à toa que, ao longo da história, nunca ouvimos falar de heterossexualismo.

Apenas na última metade do século XX, foi possível verificar mudanças importantes nesse cenário de patologização e criminalização dos homossexuais. Em 28 de junho de 1969, finalmente ocorre um ato que foi um dos momentos mais marcantes na história da homossexualidade. Detetives à paisana entram no bar *Stonewall*, no bairro Greenwich Village, em Nova York, e, como de costume, detêm cerca de 200 fregueses que lá estavam.

No entanto, ao se retirarem do bar com os detentos, encontraram uma multidão indignada com a frequência das barbáries contra os homossexuais. Unidos, mostraram sua força e reagiram com pedras e garrafas, levando os policiais, assustados com tal manifestação, a recuarem e se esconderem dentro do bar. A ação, que envolveu a polícia e cerca de 400 manifestantes, deu origem ao *Gay Power* e marcou o início do protesto público contra a discriminação de homossexuais. A data 28 de junho passa, desde então, a ser considerada o 'Dia do orgulho gay'.

Com a motivação trazida pelo evento de *Stonewall*, ativistas gays se organizaram e invadiram, em 1970, e novamente em 1971, as reuniões anuais da Associação Psiquiátrica Americana (APA), a fim de protestar contra os danos causados pelos diagnósticos que conferiam à homossexualidade um caráter de distúrbio psiquiátrico. (DRESCHER, 2008)⁵⁰

Em resposta ao protesto, e após uma revisão sobre a questão, que durou mais de 1 ano, a Associação Psiquiátrica Americana (APA), em 1973, removeu a homossexualidade do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais (DSM), influenciando outras grandes organizações de saúde. Contudo, e por mais incrível que possa parecer, não poderíamos deixar de mencionar que, antes da remoção ser formalmente concretizada pela Associação Psiquiátrica Americana, os analistas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), que haviam argumentado contra a mudança, fizeram um manifesto e apresentaram uma petição à APA, contestando a decisão do Conselho. O referendo, proveniente de uma reunião ocorrida na Associação Psicanalítica Americana (APsA), incluía a assinatura de 200 membros que se posicionavam contra a retirada da homossexualidade da lista de doenças.

⁴⁹ Os substantivos abstratos designam estados, qualidades, ações e sentimentos abstratos, ou seja, que não podem entrar na categoria de definição concreta.

⁵⁰ A history of homosexuality and organized psychoanalysis. In: *Journal of American Academy of Psychoanalysis*, 2008.

Felizmente, a decisão final do Conselho para remover a homossexualidade foi (re)confirmada por uma maioria de 58% dos membros votantes da APA. (DRESCHER, 2008)⁵¹

Na sequência dessa decisão, as atitudes começaram a deslocar-se ao longo do mundo. Em 1981, o Conselho da Europa emitiu uma resolução que instituía direitos iguais e proibia aos países membros da Comunidade Europeia a criminalização da homossexualidade. Por fim, em 1990, a Organização Mundial de Saúde revê seu posicionamento, deixando de considerar a homossexualidade uma doença e em 1992, publica o décimo Código Internacional de Doenças (CID-10) sem constar a subcategoria antes denominada por homossexualismo. O dia 17 de março, data da decisão da OMS, passa a ser considerado o ‘Dia Internacional contra a Homofobia’. (PAOLIELLO, 2013)⁵²

2.3 Freud e a despatologização da homossexualidade

A importância dos fatores sexuais na causação da neurose foi o que levou Freud a uma investigação geral do tema da sexualidade, conforme podemos acompanhar em suas diversas correspondências com o amigo e interlocutor privilegiado Wilhelm Fliess⁵³.

Em 1894, ao esboçar seu primeiro trabalho sobre a etiologia das grandes neuroses⁵⁴, Freud já traçava suas hipóteses iniciais sobre os processos de excitação e descarga sexual, agregando, no ano seguinte, no *Manuscrito G*⁵⁵, um primeiro diagrama esquemático da sexualidade que ilustrava suas conjecturas.

Ao longo de 1896⁵⁶, Freud passa a trabalhar a causa precipitadora da neurose, verificando a importância da sexualidade e do infantilismo por um lado, e da força recalcadora da sexualidade por outro. Utilizando como exemplo dos efeitos do recalque, o asco, a vergonha e a moral, nos apresenta uma projeção inicial do aparelho psíquico explicando como os traços de memória de eventos sexuais infantis, quando despertados na vida adulta, se comportavam como um evento atual, capaz de gerar desprazer ou prazer.

⁵¹ Ver DRESCHER, J. A history of homosexuality and organized psychoanalysis. In: *Journal of American Academy of Psychoanalysis*, 2008.

⁵² Ver PAOLIELLO, G. A despatologização da homossexualidade. In: *As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*, 2013.

⁵³ Wilhelm Fliess (1858-1928).

⁵⁴ *Manuscrito D* (Maio de 1894), vol. 1, 2007, AE.

⁵⁵ *Manuscrito G* (Janeiro de 1895), vol. 1, 2007, AE.

⁵⁶ *Manuscrito K* (Janeiro de 1896) e *Carta 52* (Dezembro de 1896), vol. 1, 2007, AE.

A essa altura, Freud já dispunha de uma série de elementos para sustentar sua teoria da sexualidade, mas foi em 1897⁵⁷ - quando incluiu a fantasia como fundamento das moções sexuais que atuam na infância desde a mais tenra idade, e descobriu o complexo de Édipo -, que pôde concluir sua teoria afirmando a fantasia edipiana, composta de desejos sexuais, para todas as crianças.

Atravessando um devastador cenário onde patologia e crime sustentavam a representação social dos homossexuais de sua época, Freud publica, em 1905, *Três ensaios da teoria sexual* e promove a mais efetiva desconstrução de um discurso até então calcado no imaginário de uma norma sexual natural entre os sexos:

[...] aqueles que [...] não exercem a psicanálise, não têm absolutamente nenhum acesso a esse campo, nem qualquer possibilidade de formar uma opinião que não seja influenciada por suas próprias aversões e preconceitos. Soubessem os homens aprender através da observação direta das crianças, esses “Três ensaios” poderiam não ter sido escritos. (FREUD, 1905|2008, p. 120)⁵⁸

As aberrações sexuais, tema do primeiro ensaio de sua obra, tem o intuito deliberado, a começar pelo título, de romper com a oposição entre o normal e o patológico, suscitada pelos sexólogos de sua época. Na mão contrária à clínica da moral, que visava a cura do ‘desvio’ a partir da adaptação e da normatização do sujeito, Freud nos apresenta a pulsão, conceito que subverte a noção de sexualidade humana e promove um corte epistemológico com o saber dito científico.

Seus Três Ensaios vêm apagar as marcas deixadas pelas ciências médicas na sociedade ao relacionar a sexualidade com o inconsciente, desmistificando a pretensa naturalidade desejante entre o sujeito e o objeto do sexo oposto:

A opinião popular tem representações bem precisas acerca da natureza e das propriedades dessa pulsão sexual. Ausente na infância, surgiria na época da puberdade e em conexão com o processo de maturação que ocorre com ela, se exteriorizaria nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e sua meta seria a união sexual, ou, ao menos, as ações que apontam nessa direção. Mas temos pleno fundamento para discernir nessas indicações um reflexo ou uma cópia muito infiel da realidade, e se olharmos mais de perto, a veremos cheias de erros, imprecisões e conclusões apressadas. (FREUD, 1905|2008, p. 123)⁵⁹

⁵⁷ Carta 69 (Setembro de 1897), Carta 70 (Outubro de 1897) e Carta 71 (Outubro de 1897), vol. 1, 2007, AE.

⁵⁸ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

⁵⁹ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

Ao tomar a homossexualidade como tema privilegiado em seu primeiro ensaio, Freud retorna às teorias apresentadas pelos sexólogos do século XIX. Munido do conceito de inconsciente, lança um novo olhar às aberrações, partindo das mais diversificadas perspectivas do comportamento chamado ‘invertido’ - caracterizando o aspecto desarmônico da sexualidade - passando à concepção do caráter inato e/ou adquirido - no qual constata que “nem a hipótese de que a inversão é inata explica sua natureza, como não explica a hipótese de que é adquirida” (FREUD, 1905|2008, p. 128)⁶⁰.

Chega, então, ao recurso da bissexualidade⁶¹ psíquica, quando nos alerta para a possibilidade de que a pulsão sexual seja “independente de seu objeto, e tampouco deva sua origem aos encantos desse” (FREUD, 1905|2008, p. 134)⁶².

Com o conceito de pulsão e a noção de bissexualidade, ancorado na falta de objeto pré-determinado que venha completar o sujeito, Freud refuta a ideia de um cérebro feminino num corpo masculino, como sugere Karl Ulrich, e entende que a substituição do problema psicológico pelo anatômico é tão inútil quanto injustificada, já que o hermafroditismo físico não se aplicava à grande maioria dos casos, conforme Krafft-Ebing acreditava, assim como a estreita relação entre homossexualidade e atrofia anatômica do órgão se findava numa mera suposição de Ellis:

A investigação psicanalítica se opõe, terminantemente, à tentativa de separar os homossexuais como uma espécie particular de seres humanos. A medida em que estudamos outras excitações sexuais além das que se dão a conhecer de maneira manifesta, sabemos que todos os homens são capazes de eleger um objeto de seu mesmo sexo, e que de fato o consumaram no inconsciente. (FREUD, 1905|2008, p. 137)⁶³

Freud chega a essa conclusão a partir de sua escuta clínica, nas quais as chamadas perversões sexuais apresentavam-se como transgressões que raramente faltavam na vida sexual dos neuróticos. É característica da natureza da pulsão a admissão de ampla variação de seu objeto sexual, como podemos observar na atração que algumas crianças exercem para

⁶⁰ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

⁶¹ Será a partir da noção de bissexualidade psíquica que Freud poderá introduzir a ideia da escolha contingencial do objeto, fundamento da homossexualidade e da heterossexualidade como escolhas possíveis ao sujeito, uma vez que falta, na origem, um objeto referente, adequado ao humano.

⁶² *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

⁶³ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE. Nota acrescentada em 1915.

certos adultos, ou nos casos em que a sexualidade ultrapassa a barreira da espécie, quando os animais são tomados como objeto, acontecimento nada raro em áreas rurais.

O fato é que, mesmo no processo sexual conhecido como ‘normal’, há a presença de ‘aberrações’, que podem ser melhor descritas como perversões da pulsão; uma vez que no humano, ser de linguagem, seu alvo não se restringe ao genital, mas propaga-se por todo o corpo do objeto, ocasionando o que conhecemos como ‘desvios’:

Por pulsão podemos entender, a princípio, nada mais que o representante psíquico de uma fonte de estímulos intrasomáticos em contínuo fluir, ao contrário do estímulo, que é produzido por excitações singulares provenientes de fora. Assim, pulsão é um dos conceitos de demarcação entre o psíquico e o corpo. (FREUD, 1905|2008, p. 153)⁶⁴

A boca e o ânus são exemplos de fontes pulsionais, de onde emanam estímulos somáticos designados como zonas erógenas, cuja excitação confere à pulsão um caráter sexual que de modo algum se restringe aos homossexuais, já que a predileção por essas áreas está presente na vida sexual de muitos sujeitos.

Do mesmo modo estão o olhar, o toque e o fetiche, componentes presentes no chamado ato sexual preliminar, que não só despertam a excitação pulsional, mas conferem um certo brilho ao objeto.

O vestuário, por exemplo, sendo um véu que cobre o corpo, não só causa o prazer de ver como desperta a curiosidade sexual, que leva o sujeito em direção ao objeto na intenção de apoderar-se dele em todos os sentidos. Daí o sadismo e o masoquismo, que se apresentam através do contraste entre atividade e passividade, serem características universais da sexualidade, exibindo uma mescla de agressão e sujeição em todo ato sexual.

Esses componentes universais da vida sexual bastam, “por si só, para mostrar quanto inadequado é usar reprobatoriamente a palavra perversão” (FREUD, 1905|2008, p. 146)⁶⁵, seja para referir-se a um sinal de degeneração, ou para caracterizar a homossexualidade.

⁶⁴ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

⁶⁵ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

A partir da análise dos neuróticos, Freud pôde ouvir os impasses da sexualidade e, assim, distinguir, definitivamente, a perversão da pulsão da perversão propriamente dita, estrutural. A pulsão, ao perverter a vida sexual do humano, pode, inclusive, expressar-se através dos sintomas, que atuam como substitutos do desejo numa tentativa de escapar das exigências de renúncia do eu, por meio de uma solução de conflito. Por outro lado, em relação à perversão propriamente dita, estrutural, só podemos afirmá-la quando o sujeito suplanta e substitui o objeto sexual em todas as circunstâncias. Havendo exclusividade e fixação, “consideramos legítimo, quase sempre, julgá-la como um sintoma patológico” (FREUD, 1905|2008, p. 147)⁶⁶.

Tal conclusão indica ponderação aos sexólogos, pois, se formos considerar as variações da vida sexual normal como patologias, estamos fadados a aumentar, extraordinariamente, o número de seres humanos a serem considerados perversos, já que a sexualidade tanto se apresenta em tais diversidades quanto se expressa nos mais variados sintomas.

A perversão polimorfa, inerente à pulsão, foi o sintagma cunhado por Freud para consolidar a ponte entre a sexualidade dita normal e a dita patológica. De tal modo, elucida dois pontos fundamentais: primeiro, que as ditas aberrações sexuais são elementos presentes, desde a infância, na vida de todo sujeito humano e, segundo, que “os sintomas são a atividade sexual dos doentes” (FREUD, 1905|2008, p. 148)⁶⁷, indício de que as raízes da pulsão sexual, tão visíveis no desenvolvimento da sexualidade infantil, são preservadas na vida adulta dos neuróticos, mesmo quando recalçadas. Daí Freud insistir na distância entre sexual e genital, voltando seu interesse para a vida sexual do infante, tema de seu segundo ensaio: a sexualidade infantil.

O descaso para com a sexualidade infantil, inerente à disseminação moral-religiosa da sexualidade a serviço da procriação, levava a crer que a pulsão só despertaria na puberdade e que qualquer manifestação de atividade sexual na criança era um sinal de degeneração precoce a ser reprimida.

⁶⁶ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

⁶⁷ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

É certo que a amnésia infantil, que encobre os primeiros anos da infância, tem grande influência sobre isso, mas, até Freud, nenhum outro pesquisador da sexualidade considerou a vida amorosa das crianças como material a ser estudado ou reconheceu a configuração originária da pulsão sexual; o que gera, por um lado, negligência das condições básicas da vida sexual humana e, por outro, as diversas distorções resultantes. A amnésia como resultado do recalçamento, que, em essência, impede que algumas ideias tenham acesso à consciência, não aniquila tais impressões; pelo contrário, esses traços esquecidos deixaram no inconsciente “os mais profundos rastros [...] e passaram a ser determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior” (FREUD, 1905|2008, p. 159)⁶⁸.

Se tomarmos a criança como objeto sexual de um adulto, comumente a mãe, verificaremos como o despertar para as diversas sensações prazerosas, inerentes aos cuidados com o corpo, carícias, beijos e embalos, promovem a satisfação de certas zonas que impelem o sujeito à repetição. A erogenização dos lábios, por exemplo, a partir da sucção do seio, ou seu substituto, promove uma primeira sensação prazerosa que leva o lactente à repetição com qualquer objeto que esteja a seu alcance, seja através do dedo da mão ou, até mesmo, de um brinquedo, que exclui a referência à nutrição, mantendo apenas seu caráter rítmico, masturbatório.

Nesse momento, embora a pulsão não esteja dirigida para outra pessoa, satisfazendo-se no próprio corpo, de modo autoerótico, o objeto já é apreendido simbolicamente, em suas idas e vindas, e os lábios da criança acabam por se comportar como uma zona erógena, uma borda que comporta o vazio do objeto, orifício que permite que o corpo da criança entre em contato com o mundo externo eroticamente, significação que persiste até a vida adulta.

Do mesmo modo, a atividade da zona anal está apta à promoção de satisfação ao longo da vida do sujeito, uma vez que os distúrbios intestinais, tão frequentes na infância, providenciam a excitação dessa zona na defecação. As fezes, tratadas como uma parte do próprio corpo da criança, representam, simbolicamente, tanto o primeiro presente dado à mãe, ao desfazer-se delas, quanto sua obstinação, através da retenção, que promove a estimulação masturbatória da borda anal que perdura com os diversos rituais escatológicos dos adultos, mantidos em segredo.

⁶⁸ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

O erotismo anal será melhor examinado ao abordarmos o recalque orgânico⁶⁹, mas é possível adiantar que a própria posição anatômica do orifício anal, escondido do olhar e alvo do recalque das pulsões coprofílicas, conta na importante ocorrência de figuras de linguagem a ele relacionadas.

Não é diferente com a atividade da zona genital que, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados maternos, promovem excitações que despertam a criança para a repetição da sensação de prazer, revelando que a masturbação representa o poder executivo e autoerótico, de toda a sexualidade infantil.

A disposição perversa polimorfa da pulsão é a grande responsável por todas as transgressões executadas pela criança na busca por certa satisfação, sem que qualquer dique contra os excessos sexuais venha, nesse momento, exercer resistência através da vergonha, do asco ou da moralidade. Desse modo, podemos notar que a sexualidade humana não se restringe ao genital, mas se estende por todos os orifícios corporais, uma vez que, como Freud nos adverte, “para a produção de uma sensação prazerosa, a qualidade do estímulo é mais importante do que a compleição das partes do corpo” (FREUD, 1905|2008, p. 166)⁷⁰.

Não é à toa que a atividade investigatória da criança, despertada precocemente, seja capaz de gerar, através da pulsão de saber, questões sobre a vida sexual. A ameaça trazida pela suspeita de um novo bebê, por exemplo, direciona ao enigma da origem: de onde eles vêm? No entanto, a suposição entre as crianças de uma genitália masculina em todos os seres humanos, a primeira das mais notáveis teorias sexuais infantis, advinda da atividade masturbatória infantil e do resultante prazer do órgão, as leva a pensar que os filhos chegam através do intestino, como na eliminação das fezes, não havendo referência à vagina nesse momento.

O mesmo ocorre com a relação sexual, que aparece sob o enigma do que consiste ser casado, solucionado pela fantasia da atividade conjunta de micção ou defecação, que não exclui a percepção da subjugação do ato sexual, encarado num sentido sádico. Tais constatações nos revelam que as teorias sexuais infantis são reflexos da própria constituição sexual da criança, sendo “preciso atribuir a todo indivíduo um erotismo oral, anal e uretral,

⁶⁹ Ver subcapítulo 3.1 - De *das Ding* ao objeto *a*.

⁷⁰ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

uma vez que a constatação dos complexos anímicos correspondentes a estes não implica juízo algum sobre anormalidade [...]” (FREUD, 1905|2008, p. 187)⁷¹.

Sobrevindo o recalçamento, e os inerentes entraves no caminho da pulsão sexual, as moções infantis não só tornam-se a mais poderosa força impulsora à formação dos sintomas na vida adulta, como determinam a bitemporalidade da escolha objetal:

A eleição de objeto da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e recomeçar como corrente *sensual*. A não confluência dessas duas correntes tem como efeito, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos ideais da vida sexual, a unificação de todos os desejos em um objeto. (FREUD, 1905|2008, p. 182)⁷²

Se, até o momento da puberdade, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica, e os pais eram tomados como objetos das fantasias sexuais, agora, a escolha objetal deve ser aloerótica, tema tratado por Freud em seu terceiro ensaio: as metamorfoses da puberdade.

Com a chegada da puberdade, a vida sexual infantil alcança sua configuração definitiva. A excitação sexual, expressa por sinais anímicos e somáticos, busca um novo alvo: o parceiro sexual. Através das zonas erógenas, com a introdução da excitação sexual, “o olho, talvez o ponto mais afastado do objeto sexual, é o que com mais frequência pode ser estimulado na situação de cortejar um objeto, pela qualidade peculiar cuja causa costuma ser chamada de ‘beleza’” (FREUD, 1905|2008, p. 191)⁷³. Ao pré-prazer, que já pudera ser produzido pela pulsão sexual infantil, soma-se a energia motora necessária para levar a cabo o ato sexual e introduzir um novo prazer; advindo da satisfação extraída do objeto.

À força que promove a excitação sexual, Freud denomina libido. Essa força, que na infância estava dirigida para o eu do sujeito, agora, na puberdade, pode dirigir-se a novos objetos sexuais. Aqui, vale destacar que foi em torno da libido que Freud pôde elaborar sua teoria da primazia fálica para ambos os sexos: “a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher” (FREUD, 1905|2008, p. 200)⁷⁴.

⁷¹ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE. Nota acrescentada em 1920.

⁷² *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

⁷³ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

⁷⁴ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

Por que Freud faz essa afirmação? Porque, no inconsciente, não há inscrição da diferença sexual e, portanto, não há pré-determinação entre a escolha de objeto⁷⁵ e a escolha de posição sexuada⁷⁶.

Em relação aos conceitos de masculino e de feminino, bastante ambíguos, principalmente quando reduzidos às opiniões populares⁷⁷, Freud esclarece: a psicanálise emprega seu uso no sentido econômico, atividade e passividade, pura concepção energética que caracteriza a libido como masculina, uma vez que a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si uma meta passiva. Logo, se há uma satisfação passiva, é de uma passividade ativamente produzida que se trata.

Priorizando a via do exercício pulsional, atrelada à noção de bissexualidade, podemos compreender tais manifestações tanto no homem quanto na mulher. É a partir da conjunção dos traços psíquicos de satisfação ativa e passiva, independente dos traços biológicos, que os pais, enquanto protótipos das fantasias sexuais infantis, garantem à criança as derivações desses traços.

Por conseguinte, a falta de um objeto pré-determinado à pulsão revelará que o encontro com o objeto sexual é, de fato, uma tentativa de reencontro com o objeto mítico, perdido desde sempre para o ser de linguagem.

Portanto, é na relação com o Outro primordial, de onde emana o registro da primeira experiência de satisfação - protótipo descrito por Freud a partir do complexo do próximo⁷⁸ -, que alguma coisa vai ficar de fora, por ser impossível de representar: *das Ding*, a Coisa que viria completar o sujeito, promovendo um gozo pleno, escapa. A linguagem amarra o que seria um gozo puro, total, e oferece ao *infans* um para além da pura necessidade, criando

⁷⁵ Voltaremos ao tema no capítulo 3 desta tese - Sobre a escolha do parceiro: não há primazia da pulsão genital.

⁷⁶ Voltaremos ao tema no capítulo 4 desta tese - Sobre a escolha do sexo: os homens, as mulheres e a lógica fálica.

⁷⁷ Freud também nos apresenta, em oposição ao uso que a psicanálise faz desses conceitos, o sentido biológico e o sentido sociológico. No sentido biológico, o masculino e o feminino caracterizam-se pela presença de espermatozoides e óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles. Já no sentido sociológico, cada pessoa exibe uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjunção de atividade e passividade, tanto no caso desses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos, quanto no caso de independem deles.

⁷⁸ A primeira experiência de satisfação, mítica, foi desenvolvida por Freud em seu artigo *Projeto de psicologia*, datado de 1895. Retornaremos a esse ponto no capítulo 3 - Sobre a escolha do parceiro: não há primazia da pulsão genital.

novas modalidades de satisfação, conforme verificaremos no capítulo seguinte, ao abordarmos a pulsão.

Das Ding, irrepresentável, embora permaneça fora da dinâmica do inconsciente, é a própria condição do inconsciente, por onde as marcas de satisfação são representadas, mobilizando o sujeito ao encontro de objetos substitutos e levando à vida sexual na puberdade as fantasias infantis, agora recalcadas, como norte para as posteriores escolhas sexuais; deslizamento inerente à cultura que não só barra a sexualidade incestuosa como lhe garante preceitos morais.

As experiências de satisfação infantis permitem ao humano, “sempre apoiado em sua infância, desenvolver mais de uma *série sexual* e criar condições muito diversificadas para sua eleição de objeto” (FREUD, 1905|2008, p. 208)⁷⁹. Assim, não há como pensarmos num movimento natural de um sexo em direção ao outro, mas num movimento pulsional, guiado pelo caráter masculino da libido, do sujeito desejante em relação ao objeto que o causa.

À disposição do sujeito, o jogo de combinatórias está aberto e, desse modo, fica fácil concluir que a escolha de objeto não tem qualquer caráter aberrante, mas faz parte, como resultado, das experiências de júbilo infantis subjetivadas.

A homossexualidade, especificamente, que também resulta em uma escolha objetal advinda da subjetivação das experiências de satisfação, nos permite evidenciar, “quando não é considerada um crime” (FREUD, 1905|2008, p. 209)⁸⁰ ou uma patologia, um número nada pequeno de sujeitos que elegem um objeto sexual do mesmo sexo.

O fato é que o campo simbólico, da linguagem, ao perverter a ordem biológica, permite as mais variadas atribuições de valores ao comportamento, como pudemos observar até aqui. Daí a sexualidade, com seu caráter errante, deslizar, em suas representações sociais, de acordo com a época.

Do desejo ao pecado, e do crime à doença, podemos constatar que “a diferença mais marcante entre a vida sexual da antiguidade e a nossa reside, decerto, no fato de que eles

⁷⁹ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

⁸⁰ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

colocavam a ênfase na própria pulsão, enquanto nós a colocamos no objeto” (FREUD, 1905|2008, p. 136)⁸¹.

Com Freud, a promessa do encontro com o objeto adequado é substituída pelo impossível da complementaridade dos sexos, e o homem, que escapa do contexto biológico e do modelo social, passa à categoria de sujeito de desejo. A partir de então, abre-se o campo da escolha, que permite a satisfação, embora parcial, com o objeto que causa, ancorado na fantasia.

2.4 Lacan e o resgate da ética freudiana

Ao longo dos anos, assistimos a todo um movimento contra a patologização da sexualidade e contra a homofobia. Apesar de todo o esforço de Freud ao abordar o tema pelo viés do sujeito do inconsciente, valorizando a pulsão e admitindo todas as variações possíveis à sexualidade humana, ainda permaneceu viva no seio da psicanálise a retórica de argumentos psicanalíticos calcados no campo do imaginário, que formula juízos de valor, identidades fixas e simetriza as diferenças.

Em geral, o cerne da questão dos desvios teóricos e técnicos promovidos pelos pós-freudianos não repousa exclusivamente na homossexualidade como escolha possível de objeto, mas antes, e principalmente, na noção psicanalítica de sexualidade humana. De certo que a resistência à psicanálise se fez presente desde o momento de sua criação, sendo Freud o primeiro a se confrontar com ela. O sexual, inscrito no inconsciente, enraizado no infantil e ordenado pela libido, foi recusado por seus herdeiros. O fato da criação da psicanálise se sustentar na prática clínica de Freud, alicerce de sua teoria, logo o levou a deparar-se com a sexualidade como força motriz da neurose. Foi a partir da transferência, fenômeno que surge no processo de análise, que Freud pôde extrair das fantasias inconscientes de seus pacientes a revelação da atividade erótica dos primeiros anos da infância.

Desde então, a ênfase de seus estudos recai sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses, ao mesmo tempo em que o silêncio sobre suas contribuições instaurava-se no

⁸¹ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

meio científico, levando Freud a perceber que estava “entre aqueles que incomodaram o sono do mundo” (FREUD, 1914|2008, p. 20-21)⁸².

Conforme Freud nos lembra em sua *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, a psicanálise foi primeiramente ignorada pelo meio científico, tornando-se, em seguida, objeto de interesse geral para, por fim, desencadear rejeições indignadas que culminaram nos desvios teóricos e técnicos que, ainda vivo, Freud presenciou. Nos primórdios da psicanálise viu Breuer⁸³ repudiar o elemento sexual como causa da neurose e Fliess⁸⁴ acusá-lo de plágio, devido a noção de bissexualidade⁸⁵. No entanto, foi a partir da fundação da *International Psychoanalytical Association* - IPA -, associação criada com o objetivo final de proteção à psicanálise, que Freud deparou-se com os primeiros desvios teóricos e técnicos que os próprios analistas, seus seguidores, promoveram:

Eu julgava necessário instituir uma associação oficial, porque temia os abusos a que estaria sujeita a psicanálise tão logo alcançasse popularidade. Então requeria um centro capaz de emitir esta declaração: “A análise nada tem a ver com todo esse disparate, isso não é psicanálise”. (FREUD, 1914|2008, p. 42)⁸⁶

Alfred Adler⁸⁷, psicanalista que, após a fundação da IPA, por indicação de Freud, assumiu a direção do grupo em Viena, foi o primeiro a se afastar dos fundamentos da psicanálise ao desconsiderar a importância do material inconsciente. As divergências surgiram quando, em nome próprio, aproveitou de seu título de psicanalista membro da IPA para provar suas novas ideias, defendendo, publicamente, que a psicanálise estaria errada quanto à importância que havia dado, até então, às forças motrizes da sexualidade e ao inconsciente, uma vez que sua proposta fundamentava-se na primazia do eu.

⁸² *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, vol. 14, 2008, AE.

⁸³ Josef Breuer (1842-1925), médico austríaco que conduziu o tratamento de Bertha Pappenheim - caso *princeps* da psicanálise conhecido como caso Anna O. -, e redigiu com Freud *Estudos sobre a histeria* (1895).

⁸⁴ Wilhelm Fliess (1858-1928), médico alemão com quem Freud mantinha uma relação transferencial. As correspondências de Freud ao amigo Fliess comunicavam, a partir de sua autoanálise, as novas descobertas da psicanálise (1892-1899).

⁸⁵ A noção de bissexualidade psíquica, tal como desenvolvida por Freud, adquire uma amplitude que ultrapassa, e muito, a ideia de bissexualidade natural, biológica, desenvolvida por Fliess em relação à sua tese de periodicidade. Ver *Três ensaios da teoria sexual* (1905).

⁸⁶ *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, vol. 14, 2008, AE.

⁸⁷ Alfred Adler (1870-1937), médico austríaco considerado o primeiro grande dissidente dos ensinamentos de Freud sobre a psicanálise.

Freud desferiu-lhe inúmeras críticas, aproveitando para esclarecer à comunidade psicanalítica que “[...] o eu se comporta como um ridículo palhaço de circo que, com seus gestos, quer convencer os espectadores de que todas as variações na arena se produzem por efeito exclusivo de sua vontade” (FREUD, 1914|2008, p. 51-52)⁸⁸. E acrescenta: “Mas só os mais jovens entre os espectadores lhe dão crédito” (FREUD, 1914|2008, p. 52)⁸⁹.

Por fim, propondo-se a edificar uma psicologia do eu em detrimento do inconsciente, Adler cria uma nova teoria que recebeu o nome de ‘psicologia individual’, cortando inteiramente os laços com a psicanálise; o que Freud considerou um “passo digno de nossa gratidão” (FREUD, 1914|2008, p. 50)⁹⁰.

Um ano após a separação de Adler do movimento psicanalítico, ocorrido em 1911⁹¹, Freud logo se deparou com novas declarações, em nome da psicanálise, que novamente vinham apontar à superação de alguns ‘erros’ teóricos que comprometiam seu desenvolvimento. Dessa vez, era Jung⁹² que se gabava de suas modificações na teoria, alegando que o afrouxamento do vínculo do sujeito com a pulsão ajudava a diminuir as resistências à psicanálise.

Jung, primeiro presidente da IPA, pretendia eliminar todos os elementos dos complexos familiares que julgava fomentar as polêmicas em torno da psicanálise, sendo a dessexualização da pulsão o seu primeiro passo. A partir de então, cria um novo sistema - com tendências moral-religiosas e teorias pautadas na antropologia -, menosprezando a lógica psicanalítica e removendo todos os efetivos resultados da análise.

O que torna-se intolerável para Freud não é ver seus discípulos tomando novos rumos, distintos dos fundamentos de sua teoria, mas sim não quererem renunciar ao vínculo com a psicanálise. Para eles, era mais confortável, já que eram conhecidos como seus defensores, anunciar que a psicanálise mudou: “Desde sempre estive disposto a conceder que cada qual

⁸⁸ *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, vol. 14, 2008, AE.

⁸⁹ *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, vol. 14, 2008, AE.

⁹⁰ *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, vol. 14, 2008, AE.

⁹¹ Freud nos indica que a saída de Adler do campo psicanalítico ocorreu meses antes do Congresso de Psicanálise realizado em Weimar, na Alemanha.

⁹² Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica.

tem o direito de pensar e escrever o que quiser; mas não tem o direito de fazê-lo passar por aquilo que não é” (FREUD, 1914|2008, p. 58)⁹³.

Com o passar do tempo, e apesar de toda a diligência de Freud, a proeminência da ordem simbólica, que se revela no inconsciente, foi sendo substituída pelo campo imaginário, que evoca a norma e o instinto, restringindo o campo da sexualidade à sua finalidade biológica e o ideal da análise ao domínio completo de si. A falta de um objeto referente ao humano, à disposição perverso polimorfa que subverteu a ideia de uma primazia genital, e toda a desordem eminente à sexualidade humana, foram substituídas pelos princípios biológicos, que operam a partir de uma lógica binária, excludente, que conduz ao retrocesso. Redução da sexualidade a um ideal normativo que visa o encontro complementar entre os sexos, denúncia que Freud faz de saída, ao criticar os sexólogos de sua época:

[...] o que a psicanálise chamou de sexualidade não coincidia, de modo algum, com o impulso à união dos sexos ou à produção de sensações prazerosas nos genitais, mas sim, muito mais, com o Eros do *Banquete*, de Platão, o Eros abrangente e conservado. Mas os adversários não se lembraram desses ilustres precursores; caíram sobre a psicanálise como se ela atentasse contra a dignidade do gênero humano. Recriminaram-lhe o “pansexualismo” [...]. (FREUD, 1925|2007, p. 231)⁹⁴

Embora Freud já houvesse salientado que “[...] a concepção psicanalítica do nexo entre o eu consciente e o hiperpoderoso inconsciente representava uma grave ofensa ao amor próprio dos seres humanos” (FREUD, 1925|2007, p. 234)⁹⁵, tal como a ofensa biológica, causada pela teoria da evolução de Darwin, e a cosmológica, suscitada pela descoberta de Copérnico, foi justamente esse o ponto que seus sucessores tentaram apagar.

Em 1912, Ernest Jones⁹⁶, com o intuito de preservar a psicanálise dos desvios que vinha sofrendo, cria então o chamado ‘Comitê Secreto’, composto pelos discípulos mais fiéis de Freud. No entanto, esse ideal de pureza doutrinal também foi perpassado pelos conflitos que pretendia evitar. Desconsiderando os aportes freudianos, o próprio Jones - presidente da

⁹³ *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, vol. 14, 2008, AE.

⁹⁴ *As resistências contra a psicanálise*, vol. 19, 2007, AE.

⁹⁵ *As resistências contra a psicanálise*, vol. 19, 2007, AE.

⁹⁶ Ernest Jones (1879-1958), psiquiatra e psicanalista inglês, foi o responsável por difundir a psicanálise na Grã-Bretanha.

IPA na época⁹⁷ -, assume uma posição contrária à admissão de um analista homossexual à sociedade, que nem mesmo a posição de Freud foi capaz de impedir:

Sua pergunta, estimado Ernest, sobre a possibilidade de filiação dos homossexuais à Sociedade, foi avaliada por nós e não concordamos com você. Com efeito, não podemos excluir estas pessoas sem outras razões suficientes [...] em tais casos, a decisão dependerá de uma minuciosa análise de outras qualidades do candidato. (FREUD *apud* LEWIS, 1988, p.33)⁹⁸

Foi em 1921 que a Associação Psicanalítica Internacional, através de uma decisão tomada no seio de seu ‘Comitê Secreto’, passou a proibir, definitivamente, que a profissão de psicanalista fosse exercida por homossexuais. O fato é que nem mesmo a posição do fundador da psicanálise foi capaz de repreender a homofobia promovida pela IPA. Desde então, os desvios foram crescentes: o eu tornou-se sinônimo de consciente e o objetivo da análise passou a ter como visada a ajuda das defesas em seu retorno à integridade. Transformação da psicanálise a um processo adaptativo, ortopedia social.

Como pôde a psicanálise, tal como instituída por Freud, se transformar em uma psicologia dita do eu?

Certamente, não basta que tenhamos uma certa concepção do ego para que nosso ego entre em jogo como um rinoceronte na cristaleira da nossa relação com o paciente. Mas uma certa maneira de conceber a função do ego na análise não deixa de ter relação com uma certa prática da análise que se pode qualificar de nefasta. (LACAN, 1954|1986, p. 27)⁹⁹

O fato é que, após todo o percurso de Freud para abarcar a sexualidade humana a partir da pulsão, campo regulado pela linguagem, e que se destaca em sua obra no cerne do desejo inconsciente, surge o sucesso da psicanálise *made in USA*¹⁰⁰, movimento que conduziu Lacan ao necessário resgate da ética¹⁰¹ freudiana.

Nesse momento havia, por um lado, a preocupação dos pós-freudianos com o eu e com a profilaxia social - retornavam com a homossexualidade para a arena do desvio,

⁹⁷ Ernest Jones foi presidente da IPA durante dois períodos: de 1920 a 1924 e de 1934 a 1949.

⁹⁸ *The psychoanalytic theory of man homosexuality*, 1988.

⁹⁹ Introdução aos comentários sobre os escritos técnicos de Freud. In: *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*, 1986.

¹⁰⁰ Movimento que ganha destaque na década de 1950, conhecido como Psicologia do ego - *Ego Psychology* -, ou Psicanálise norte-americana, como Lacan costumava nomear. De maneira geral, esse movimento privilegia o eu (ego) em detrimento do inconsciente e do sujeito.

¹⁰¹ A ética que a psicanálise abarca é a ética do desejo.

fundamentada pela consistência imaginária, plena e sem brechas, e visavam o retrocesso da terapêutica à pretensa normalização da sexualidade - e, por outro, a proposta de Lacan em seu retorno a Freud, à sua ética, abarcando a falta originária no centro do imaginário humano, miragem reveladora de um campo de *hiância*, real, que o simbólico vem contornar, especificando o sujeito por sua divisão.

Foi em 1953, já fora da *International Psychoanalytical Association - IPA* -, que Lacan subverteu o discurso psicanalítico de sua época e nos expôs dois textos decisivos para o futuro da psicanálise. Primeiramente, em julho, com *O simbólico, o imaginário e o real*, Lacan nos apresentou a tríade estrutural - SIR - para abordar os três registros¹⁰² psíquicos presentes na obra de Freud - isso, eu e supereu -, e articulou o inconsciente com a estrutura de linguagem e com a fala, tema que seria apresentado no *Discurso de Roma*, em setembro do mesmo ano, onde Lacan introduziu o texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*.

A preocupação de Lacan, ao proferir SIR, sua primeira conferência na Sociedade Francesa de Psicanálise, fundada após sua saída da IPA¹⁰³, era retornar aos textos de Freud a fim de orientar o estudo da psicanálise, que havia sofrido “[...] uma espécie de encolhimento, e, a bem de verdade, de degradação” (LACAN, 1953|2005, p.12)¹⁰⁴, e confrontar os analistas com os três registros essenciais da realidade humana - o simbólico, o imaginário e o real:

Com efeito, creio que o retorno aos textos freudianos, que são objeto do meu ensino há dois anos, proporcionou-me, ou melhor, proporcionou a todos nós que trabalhamos em conjunto, a ideia cada vez mais clara de que não há apreensão mais completa da realidade humana que a feita pela experiência freudiana, e que não podemos deixar de retornar às fontes e apreender esses textos em todos os sentidos da palavra. (LACAN, 1953|2005, p.11)¹⁰⁵

Nesse primeiro momento, a ênfase de Lacan recai no campo simbólico, uma vez que seu intuito era ratificar, a partir de Freud, que a experiência analítica se passa inteiramente na

¹⁰² A 2a tópica freudiana gerou uma série de confusões no campo psicanalítico. A ideia de que a 2a tópica superou a 1a tópica; ou seja, que o isso, o eu e o supereu superaram o inconsciente, o pré-consciente e o consciente, lançou uma armadilha que chegou a tal ponto que acabou por reduzir o inconsciente ao isso. No entanto, não foram apenas os seguidores da Psicologia do ego que caíram nessa armadilha; Anna Freud, Melanie Klein, Michael Balint, dentre outros, também se deixaram levar por essa ideia.

¹⁰³ No dia 16 de junho de 1953, após um conflito que versava sobre a criação de um instituto para a formação dos praticantes, Daniel Lagache, Juliette Favez-Boutonier, Françoise Dolto, Blanche Reverchon-Jouve e Jacques Lacan demitiram-se da Sociedade Psicanalítica de Paris e, fora da IPA, fundaram a Sociedade Francesa de Psicanálise. Ver *Lacan*, 2005.

¹⁰⁴ O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*, 2005.

¹⁰⁵ O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*, 2005.

fala, em palavras. Ponto de partida que, manifestamente, opõe-se ao relevo dado pelos pós freudianos ao imaginário. É a partir do simbólico - campo da palavra - que Lacan funda o imaginário - definido como um campo de ilusão - e o real - campo do impossível -, aquilo que escapa ao sujeito, esclarecendo-nos que “o imaginário está longe de se confundir com o campo do analisável” (LACAN, 1953|2005, p.21)¹⁰⁶.

O fato da fantasia comportar elementos imaginários não destitui seu valor, que é estritamente simbólico; ou seja, a fantasia surge na análise para simbolizar alguma coisa, manifestando-se através de símbolos organizados pela própria estrutura da linguagem, reafirmando que “não é porque o analisável encontra o imaginário que o imaginário se confunde com o analisável, seja ele inteiramente analisável, ou analisado” (LACAN, 1953|2005, p.21)¹⁰⁷.

O que Lacan insiste e ressalta é que a análise não opera através de uma relação dual, própria da lógica binária, que exclui a falta. Pelo contrário, a análise fundamenta-se na lógica ternária, implicando o furo, logro estrutural da linguagem humana que aponta para o simbólico como um campo que irrompe no lugar de uma ausência. Só a três é possível um mínimo liame social - o sujeito que fala, seu ouvinte e o que se fala -, por onde a fala tem um papel essencial de mediação: “[...] toda relação analisável, isto é, interpretável simbolicamente, está sempre inscrita em uma relação a três” (LACAN, 1953|2005, p.33)¹⁰⁸, e é aí que a linguagem introduz a questão do real, a partir de seus interstícios. Basta que aquele que escuta consiga distinguir a pessoa que está deitada no divã daquela que fala para ver surgir o muro da linguagem, já “que ele ocupa seu lugar no real” (LACAN, 1953|2003, p.168)¹⁰⁹.

Em contrapartida, toda relação dual entre analisante e analista, eu a eu, está marcada pelo imaginário, pelo especular, onde o sujeito “sente que é o outro, e o outro é ele” (LACAN, 1953|2005, p.33)¹¹⁰. Essa relação simétrica, reflexo de si mesmo, que se opõe ao discurso do inconsciente, transforma a pessoa do analista em um modelo a ser seguido, figura idealizada que o paciente é levado a se identificar. Na análise, é justamente o outro como outro, diferença absoluta, que se trata de apontar. Daí haver espaço para a lógica do inconsciente,

¹⁰⁶ O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*, 2005.

¹⁰⁷ O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*, 2005.

¹⁰⁸ O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*, 2005.

¹⁰⁹ Discurso de Roma. In: *Outros Escritos*, 2003.

¹¹⁰ O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*, 2005.

unária e ambígua por princípio, uma vez que comporta o paradoxo e a possibilidade de transição, pois não opera por exclusão:

As moções pulsionais são coordenadas entre si, subsistem umas junto das outras sem se influenciarem e ou se contradizerem. Quando são ativadas ao mesmo tempo duas moções de desejo, cujas metas poderiam nos parecer inconciliáveis, elas não se distanciam e nem se anulam mutuamente [...] (FREUD, 1915|2008 p.183)¹¹¹.

Essa ordem dialética, que foi a grande descoberta de Freud, é excêntrica a qualquer consciência de si, já que “é nesse palco que o sujeito aparece sobredeterminado pela ambiguidade inerente ao discurso” (LACAN, 1958|2003, p.175)¹¹², princípio da ordem simbólica, aquela em que a psicanálise se situa. Quanto à posição da psicanálise diante do engodo imaginário em que se apresenta a psicologia do eu, com fins de sujeição e sugestão social coordenadas pelo ideal, Lacan é claro:

Trata-se [...] de uma ortopedia psíquica que se aferra com uma obstinação gagá a um reforço do eu - desconsiderando que isso é ir no sentido do sintoma, da formação defensiva, do alibi neurótico, e se protegendo com uma harmonia preestabelecida da maturação dos instintos na moral, cujo postulado ficará ligado à história de nossa época como testemunho de um obscurantismo sem precedentes. (LACAN, 1958|2003, p.176)¹¹³

Em seu necessário retorno à essência da obra freudiana, Lacan depreende de sua trindade estrutural o lugar do simbólico, do imaginário e do real na clínica psicanalítica, caracterizando o simbólico por sua insistência, inerente à articulação significante que no inconsciente se estrutura como linguagem; o imaginário, pura miragem, por sua consistência; e o real, ponto de basta, impasse à articulação significante, por sua *ex-sistência*.

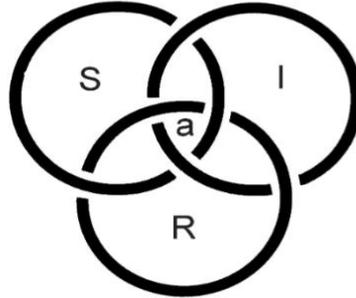
Desde então, nos faz notar que o significante - S -, que identifica o sujeito do inconsciente, dividido - \$ -, está entre dois, entre o imaginário - I - e o real - R. É a partir do simbólico que o sujeito, tal como abordado por Freud em sua realidade fantasística, utiliza-se do imaginário, vacilante, para estruturar seu mito, único - meio de fazer face ao vazio original, real. Ponto de partida que conduz Lacan à abordagem de sua tripartição sob a forma de nó

¹¹¹ *O inconsciente*, vol. 14, 2008, AE.

¹¹² A psicanálise verdadeira, e a falsa. In: *Outros Escritos*, 2003.

¹¹³ A psicanálise verdadeira, e a falsa. In: *Outros Escritos*, 2003.

borromeano, por onde os três registros, antes tratados separadamente, passam a estar unidos pela topologia¹¹⁴.



A ênfase, inicialmente colocada no simbólico - SIR¹¹⁵ -, recai sobre o real - RSI¹¹⁶ -, revelação do impossível na estrutura psíquica do sujeito, núcleo do inconsciente que aponta para a falta de um objeto referente no cerne da sexualidade humana e por onde Lacan introduz o objeto *a*, causa de desejo, permitindo-lhe afirmar que a realidade sexual do inconsciente é a pulsão. Tema a ser abordado no próximo capítulo: na escolha do parceiro não há primazia da pulsão genital.

¹¹⁴ Dentre as áreas da topologia, é a topologia geométrica que abarca o estudo da teoria dos nós, por onde as pontas de uma corda são unidas de forma que não podem ser desfeitas.

¹¹⁵ O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*, 2005.

¹¹⁶ *O Seminário, Livro 22: R.S.I.*, inédito.

3 Sobre a escolha do parceiro: não há primazia da pulsão genital

Pulsão e destinos da pulsão, artigo datado de 1915, é a base indispensável para a compreensão dos 15 anos¹¹⁷ da construção teórica de um conceito que, como ressaltado por Freud já no início de sua obra, contempla toda a importância da sexualidade, que está no cerne da psicanálise.

Por pulsão podemos entender, a princípio, nada mais que o representante psíquico de uma fonte de estímulos intrasomáticos em contínuo fluir, ao contrário do estímulo que é produzido por excitações singulares provenientes de fora. Assim, a pulsão é um dos conceitos de demarcação entre o psíquico e o corpo. (FREUD, 1905|2008, p. 153)¹¹⁸

Esta primeira afirmativa freudiana revela, de saída, que a pulsão tem sua fonte no corpo e sua expressão na palavra, nos indicando tanto o real em jogo na estrutura - que o circuito pulsional acusa a partir de seus elementos - quanto a importância da pulsão como causa do simbólico - que se inscreve no inconsciente através dos significantes da demanda. (RIBEIRO, 1997)¹¹⁹

Conforme pôde ser verificado no capítulo anterior desta tese, Freud partiu do campo da sexualidade, abordando-a de maneira cuidadosa e inovadora, para introduzir o conceito de pulsão e, assim, ampliar o sexual para além do genital. A perversão pulsional¹²⁰, que o conduz a romper com o discurso biologizante de sua época, abre caminho para se pensar a *hiância* inerente ao ser falante que se apresenta com o desejo errático e desviante de toda norma moral estabelecida para idealizar um encontro complementar entre os sexos.

Partindo da hipótese freudiana do recalque orgânico, é exposto o pensamento sobre o advento da espécie humana que, através da aquisição da verticalidade¹²¹, marca o homem pulsional dotado de um requinte na linguagem e na sexualidade, como nenhuma outra espécie da classe dos mamíferos. Esta tese é desenvolvida por Marco Antonio Coutinho Jorge em seu

¹¹⁷ Freud apresenta o conceito de pulsão, pela primeira vez, no livro *Três ensaios da teoria sexual*, datado de 1905, e enuncia seu segundo e último dualismo pulsional, pulsão de vida X pulsão de morte, em *Mais além do princípio de prazer*, datado de 1920.

¹¹⁸ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

¹¹⁹ A pulsão e seus destinos. In: *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação*, 1997.

¹²⁰ A perversão pulsional caracteriza a perversão polimorfa, tal como Lacan insiste ao abordar a singularidade do gozo de cada sujeito. Ver Deus e o gozo d' *À Mulher*. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

¹²¹ Ver a 2ª parte do Livro de Andre Bourguignon, *História natural do homem*, 1990.

livro *Fundamentos da Psicanálise, volume 1: as bases conceituais*¹²². Será a passagem do instinto à pulsão que nos permitirá abarcar a articulação entre o desejo e o gozo, marca de uma perda e de um voto. Trata-se da perda de um objeto referente ao humano, denominado por Freud de *das Ding*, a Coisa perdida para a espécie, e de um voto de reencontro prometido pelo objeto α , denominado por Lacan como o objeto que causa o desejo e engoda o sujeito no ponto mesmo de *das Ding*.

A partir de então, poderemos pensar o circuito pulsional - e a satisfação visada em seu caráter de insistência -, que mitifica o real do sexo e anima o sujeito em direção ao inapreensível, marcando a falta de naturalidade entre o desejo do sujeito e o objeto que o causa. A impossibilidade de completude, que nos revela a relação de desencontro entre o sujeito e o Outro, também será abordada neste capítulo. A pulsão será trabalhada em sua relação com o campo da linguagem, que se apresenta no matema da pulsão - $\$ \diamond D$ -, por onde o sujeito, no registro simbólico, encontra-se em todas as relações possíveis com a demanda do Outro.

Dando um passo além, abarcando a torção gramatical proposta por Freud em três tempos - voz ativa, voz reflexiva e voz passiva -, será abordado o matema da fantasia - $\$ \diamond \alpha$ - para articular o registro simbólico e o registro real que, como resultado, revelará a subversão do sujeito em sua relação com o objeto que o causa, noção de suma importância para a condução ética da prática clínica.

Por fim, a presentificação da perda do objeto será posta em cena com a defesa fantasística de apagamento do sujeito, quando este, de encontro com a falta, faz-se de objeto para o desejo do Outro - $\$ \cong \alpha$ -, último recurso diante do real.

3.1 De *das Ding* ao objeto α

A pulsão, destacada por Lacan como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, foi cunhada por Freud para abordar a sexualidade humana. Com o intuito de

¹²² Ver também *Do instinto à pulsão: Freud e o recalque orgânico*. In: *Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência*, 2004.

fundamentar o sexual para a psicanálise, distanciando desejo e biologia, Freud debruçou-se durante 15 anos¹²³ na construção desse conceito que, em 1932, foi elevado à categoria de doutrina¹²⁴, deixando uma marca indelével na história dos estudos sobre a sexualidade. O conceito de pulsão aparece pela primeira vez na obra freudiana em 1905, no texto *Três ensaios da teoria sexual*. Com a preocupação de diferenciá-lo da noção de instinto, Freud não só apresenta a ideia de desvios da sexualidade, como marca esse conceito por um dualismo pulsional, que segue sendo desenvolvido até 1920, quando publica *Mais além do princípio de prazer*.

A pulsão - *Trieb* - diferente do instinto, é um impulso insaciável. Inclusive, por haver na língua alemã a palavra *Instinkt*, Freud, por vezes, lançou mão dessa noção para diferenciá-la da pulsão e fundamentar sua teoria da sexualidade, salientando suas especificidades:

Na pulsão podemos distinguir sua fonte, seu objeto e sua meta. A fonte é um estado de excitação no corpo; a meta, é o cancelamento dessa excitação e no caminho que vai da fonte à meta, a pulsão adquire eficácia psíquica. A representamos como certa quantidade de energia que esforça-se em determinada direção. Dessa esforçar-se [*Drängen*] recebe seu nome: pulsão [*Trieb*]. (FREUD, 1933[1932]|2006, p. 89)¹²⁵

Conforme é possível observar, esse equívoco, que aproxima pulsão e instinto, não foi produzido por Freud, mas sim, inicialmente, por James Strachey e sua lamentável tradução do *Trieb* freudiano por *Instinct*, que acabou expandindo-se aqui no Brasil quando adotada na Edição Brasileira das Obras Completas de Freud, uma vez que a tradução para o português foi realizada a partir da edição inglesa, e não do texto original alemão.

A palavra alemã *Trieb* conota “[...] algo que propulsiona, aguilhoa, toca para frente, não deixa parar, empurra, coloca em movimento [...] como força poderosa e irresistível que impele” (HANNIS, 1996, p.339)¹²⁶. Desse modo, percebe-se que não só o equívoco advindo de um erro de tradução, mas o fato de Freud precisar de 15 anos para construir esse conceito, já nos aponta para a dificuldade teórica que o *Trieb* comporta. Não à toa, Freud considerou a doutrina das pulsões como a mitologia da psicanálise, “[...] seres míticos, grandiosos em sua indeterminação” (FREUD, 1933[1932]|2006, p.88)¹²⁷, mas dos quais não podemos prescindir.

¹²³ De 1905, com os *Três ensaios da teoria sexual*, até 1920, com *Mais além do princípio de prazer*.

¹²⁴ Angústia e vida pulsional. In: *Novas conferências de introdução à psicanálise*, vol. 22, 2006, AE.

¹²⁵ Angústia e vida pulsional. In: *Novas conferências de introdução à psicanálise*, vol. 22, 2006, AE.

¹²⁶ *Dicionário comentado do alemão de Freud*, 1996.

¹²⁷ Angústia e vida pulsional. In: *Novas conferências de introdução à psicanálise*, vol. 22, 2006, AE.

Uma vez que a pulsão é um conceito imprescindível, a proposta é seguir o percurso freudiano de sua construção para, então, ser pensado o advento do homem pulsional em detrimento da atividade sexual instintiva, tese desenvolvida por Marco Antonio Coutinho Jorge a partir do que Freud denominou de recalque orgânico.

O percurso se inicia com os *Três ensaios da teoria sexual*, momento em que Freud promove a mais efetiva desconstrução de um discurso até então calcado no imaginário de uma norma sexual natural entre os sexos, e aborda o conceito de pulsão focalizado em um de seus elementos: o objeto, aquilo que há de mais variável na pulsão. A partir dessa primeira introdução, Freud pôde apresentar a noção de bissexualidade psíquica, que deriva da falta de um objeto pré-determinado para o sujeito, e introduzir a ideia de perversão polimorfa, caracterizada pelos desvios pulsionais em relação à norma genital, conforme abordado no capítulo anterior desta tese.

Passados cinco anos, em 1910, no texto sobre *A perturbação psicogênica da visão segundo a psicanálise*, Freud expõe seu primeiro dualismo pulsional, com a oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu ou de autoconservação. Visando entender o mecanismo do recalque, Freud marca o dualismo pulsional como um conflito de interesses entre pulsões não compatíveis em sua meta. A oposição, nesse momento, se dá entre as ideias que servem à sexualidade e as que têm por meta a autoconservação do eu; ou seja, quando o eu sente-se ameaçado pelas exigências das pulsões sexuais, resta defender-se por meio do recalque:

O prazer sexual não se liga meramente à função dos genitais [...] os olhos não só percebem as alterações do mundo externo, importantes para a conservação da vida, mas também as propriedades dos objetos por meio das quais estes são elevados à condição de objetos de eleição amorosa: seus encantos¹²⁸. (FREUD, 1910|2007, p.213)¹²⁹

Mantendo a matriz pulsional ligada à sexualidade, Freud entende - a partir do olhar destacado como exemplo - que, quando a pulsão sexual se utiliza da visão para o prazer sexual em olhar, e suas exigências exprimem um desejo excessivo, as representações que expressam o desejo acabam por atrair a reação defensiva do eu e sucumbem ao recalque.

¹²⁸ *Reize*, que significa tanto encantos como estímulos.

¹²⁹ *A perturbação psicogênica da visão segundo a psicanálise*, vol. 11, 2007, AE.

Essa primeira hipótese freudiana sobre as pulsões de autoconservação acabou abrindo uma brecha para que Jung¹³⁰ pudesse afirmar que nem todas as pulsões são sexuais. Tal divergência conceitual acabou gerando a ruptura entre os dois e, como consequência, levou Freud a rever sua teoria e escrever o texto sobre a *Introdução ao narcisismo*, datado de 1914. Como resposta a Jung, Freud subverte seu primeiro dualismo pulsional e nos garante que o eu também é um objeto investido pela pulsão sexual. Trata-se da libido do eu em oposição à libido de objeto, que opera como um movimento de gangorra:

As emanações dessa libido, os investimentos de objeto, que podem ser emitidos e retirados de novo, foram as únicas que nos saltaram à vista. Vemos também, amplamente, uma oposição entre a libido do eu e a libido de objeto. Quanto mais gasta-se uma, mais se empobrece a outra. (FREUD, 1914|2008, p.73-74)¹³¹

Assim, Freud desfaz o equívoco sobre a natureza da pulsão, já que sua ênfase recai na direção da libido, no alvo, seu objetivo. Logo, esclarece que toda pulsão é sexual, pois ora a libido - energia sexual que constitui a força pulsional - está investida no eu, ora nos objetos do mundo externo. Daí Lacan ratificar a importância da tese freudiana com a metáfora do *homelete*¹³², indicando que a libido, sendo um órgão incorpóreo, faz omelete de homem, ao agregar os objetos externos ao organismo.

Note-se que Lacan fala de organismo, trazendo a ideia de que a libido, ao incluir em nosso organismo os objetos externos, leva esse organismo a transbordar do nosso corpo, por isso um órgão incorpóreo, capaz de fazer *homelete*:

De cada vez que se rompe as membranas do ovo de onde vai sair o feto em passo de se tornar um neonato, imaginem por um instante que algo se volatiliza, que como um ovo se pode fazer tanto um homem quanto um homelete, ou a lâmina. (LACAN, 1998, p.186)¹³³

É justamente porque há uma subtração do objeto no ser de linguagem que, ao nascer, o sujeito pode ser comparado a um ovo. Ao quebrarmos um ovo a casca se perde, mas nos deparamos, junto ao novo ser - gema -, com a libido que escorre - clara. Quando batemos esse ovo para fazermos uma omelete, o ovo batido ganha um volume muito maior do que nós tínhamos quando partimos o ovo, e esse efeito de transbordamento é provocado pela libido. O

¹³⁰ Carl Gustav Jung (1875-1961).

¹³¹ *Introdução ao narcisismo*, vol.14, 2008, AE.

¹³² Mito da lâmina descrito por Lacan em *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

¹³³ Do amor à libido. In: *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

que vale acentuar é que, assim como o ovo, o sujeito nasce dividido, sendo ao preço da perda que se funda o campo da libido. A partir de então, os objetos, que causam o sujeito, e os quais a pulsão contorna em seu circuito, marcam uma tentativa de resgate, a visada restauração de uma perda originária¹³⁴.

Freud volta a abordar a particularidade do objeto em 1915, no texto *Pulsão e destinos da pulsão*. Ao afirmar que a pulsão é um conceito limite entre o somático e o psíquico, ele também assegura tratar-se de uma montagem a partir de quatro elementos invariáveis: as fontes são os orifícios do corpo, aberturas erógenas através das quais entramos em contato com o mundo externo; o impulso é a força; o objeto é o que há de mais variável - por ser um mero substituto do objeto radicalmente perdido -, e o objetivo é a aspiração, a mirada na busca de satisfação.

Até esse momento da obra freudiana, o imperativo da vida era soberano e o aparelho psíquico regulado para evitar o desprazer, retornando com a energia ao nível mais baixo possível para a manutenção da vida. De tal modo, na dinâmica pulsional da primeira tópica, bastava haver um aumento de excitação para que o princípio de prazer operasse na descarrega da tensão, visando o apaziguamento que advém com a satisfação.

Foi em 1920, ao deparar-se com a repetição através da transferência, dos sonhos de neuroses de guerra e do *fort-da* nas brincadeiras infantis, que Freud apresentou seu terceiro e último dualismo pulsional, com a pulsão de vida em oposição à pulsão de morte. Embora Freud já tivesse enunciado, desde o *Projeto de psicologia*, datado de 1895, a noção de pulsão de morte - como energia desligada do significante, muda, sem palavras -, foi no texto *Mais além do princípio de prazer* que a morte passou a ser colocada no primeiro plano do psiquismo, devendo ser neutralizada pela pulsão de vida, motor responsável pelo progresso do aparelho psíquico que, no limite, pretende atingir um estado de não excitação absoluta. A pulsão de vida, *Eros*, é aquilo que une, uma força de ligação que comporta tanto as pulsões sexuais como as de autoconservação. Já a pulsão de morte traz um caráter de descarga imediata, *Tânatos*, força de desligamento da vida que visa a eliminação de toda a tensão existente, o retorno ao inorgânico.

¹³⁴ Trata-se da busca de um complemento de gozo.

A partir desse último postulado, Freud pôde lançar mão da noção de gozo - *Genuss* - em distinção ao prazer - *Lust*. Se, no princípio, a satisfação emerge como resultado da diminuição da excitação, com o conceito de repetição a busca passa a ser a própria satisfação supostamente obtida nas experiências anteriores, promovendo uma nova visada que encontre-se para além do princípio de prazer¹³⁵. Engendrada a repetição, marca-se, também, uma perda entre o que tenta-se recuperar e o que de fato se obtém, sendo na repetição dessa aposta por uma restauração de um estado anterior que entra em jogo um *α*-mais¹³⁶, um mais e mais que já não traz o apaziguamento, mas sim o gozo.

Embora Freud não tenha formulado o conceito de gozo, sublinhou, ao longo de sua obra, sua particularidade: um certo prazer extraído da dor:

[...] temos todas as razões para supor que também as sensações de dor, como outras sensações de desprazer, invadem a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em virtude do qual podemos admitir o desprazer da dor. (FREUD, 1915|2008, p. 124)¹³⁷

Freud já havia feito menção a essa especificidade do gozo no caso do homem dos ratos, ao afirmar, diante do relato de seu paciente sobre o suplício chinês, que havia um certa expressão em seu rosto que só poderia interpretar como um “[...] horror ante seu prazer, ignorado [*unbekennen*] por si mesmo” (FREUD, 1909|2008, p.133)¹³⁸. No entanto, foi observando a brincadeira do *fort-da* de seu neto que pôde compreender a compulsão à repetição como uma certa “[...] ganância por um prazer de outra índole” (FREUD, 1920|2007, p.16)¹³⁹, que levava a criança a repetir, através do jogo de carretel, a desagradável ausência da mãe.

Essa força, capaz de situar o gozo mais-além do prazer, foi confirmada por Freud em sua clínica - através dos quadros de neuroses traumáticas, dos relatos de sonhos penosos e da transferência - levando-o a concluir que “uma pulsão seria então um esforço, inerente ao organismo vivo, de reproduzir um estado anterior que teve que abandonar por influência de

¹³⁵ Ver ALBERTI, S. O bem que se extrai do gozo. In: *Stylus*: revista de psicanálise, n.14, abr. 2007.

¹³⁶ Retornaremos à noção de mais-de-gozar no subcapítulo 3.4 - A gramática pulsional e subversão da relação sujeito-objeto.

¹³⁷ *Pulsão e destinos da pulsão*, vol. 14, 2008, AE.

¹³⁸ *A propósito de um caso de neurose obsessiva*, vol.10, 2008, AE.

¹³⁹ *Mais além do princípio de prazer*, vol. 18, 2007, AE.

forças perturbadoras externas [...]” (FREUD, 1920|2007, p.36)¹⁴⁰, o que Freud denominou de inércia na vida orgânica.

Retornando a Freud, e a seu *Projeto de psicologia*, Lacan pôde formalizar o conceito de gozo em 1960, em *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, reafirmando uma perda e um voto que a elaboração freudiana de pulsão de morte já abarcava:

Problema do gozo, visto que ele se encontra como que soterrado num campo central, com aspectos de inacessibilidade, de obscuridade e de opacidade, num campo cingido por uma barreira que torna seu acesso mais do que difícil ao sujeito, inacessível, talvez, uma vez que o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão [...]. (LACAN, 1960|1997, p.256)¹⁴¹

Tal como Freud indica com a noção de complexo do próximo, o gozo, capturado pelo significante, por sua anterioridade lógica, e circunscrito junto a *das Ding*, é situado por Lacan no centro das representações do sujeito. Logo, a articulação entre desejo e gozo se dará em torno de *das Ding*, marcando a perda e a aspiração ao resgate, por onde se escreve todo o drama do humano, através dos avatares de sua história edípica:

O *Ding* é o elemento que é, originalmente, isolado pelo sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*. [...] O *Ding* como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito. (LACAN, 1959|1997, p.68-69)¹⁴²

A partir do desejo de reencontro com uma experiência de satisfação para sempre perdida o sujeito repete, ampliando a visada para além dos limites do prazer. Logo, ao clamar pela repetição, passa do campo da satisfação - regulado pelo princípio de prazer -, para o campo do gozo - mais-além: “O extremo do prazer, na medida em que consiste em forçar o acesso à Coisa, nós não podemos suportá-lo” (LACAN, 1959|1997, p.102)¹⁴³. Colocando no ponto central de atenção o caráter excessivo e enigmático da pulsação de gozo, que orienta o sujeito num campo de excitação que pode se estender até a inércia, pode-se sugerir algumas questões a serem pensadas: de que estado anterior, original, se trata nessa tentativa de remissão? O que foi isolado e perdido para a espécie humana que se apresenta, para cada sujeito, como resgate vislumbrado pela exigência pulsional?

¹⁴⁰ *Mais além do princípio de prazer*, vol. 18, 2007, AE.

¹⁴¹ A pulsão de morte. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

¹⁴² Das Ding. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

¹⁴³ Da lei moral. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

Para tentar responder a essas questões é possível recorrer à tese elaborada por Marco Antonio Coutinho Jorge sobre o advento do homem pulsional: o recalque orgânico, responsável pela passagem do instinto à pulsão na espécie humana através da postura vertical. A hipótese de Jorge é a aquisição da verticalidade como produtora de um recalque, a nível corporal, - daí Freud denominá-lo de recalque orgânico -, responsável por fundar a espécie humana dotada de um requinte, tanto de linguagem quanto de sexualidade, como nenhuma outra espécie da classe dos mamíferos.

A primeira referência feita por Freud a esse tema é datada de 11 de Janeiro de 1897¹⁴⁴, quando ele escreve a Fliess sobre o sentido do olfato nas perversões sexuais que levam à zoofilia. Nessa carta, Freud refere-se ao olfato como o principal órgão dos sentidos nos animais, tanto para fins sexuais quanto para outros fins, e recorda que esse foi justo o sentido “[...] que perdeu tal posição nos seres humanos” (FREUD, 1897|2007, p. 282)¹⁴⁵, por onde a urina, as fezes e o sangue deixaram de produzir um efeito sexualmente excitante. Alguns meses depois, em outubro¹⁴⁶ do mesmo ano, Freud dá um novo passo em sua reflexão sobre a perda do olfato como sentido prevalente no ser humano e revela a Fliess sua mais nova hipótese; o recalque orgânico:

Que no recalque coopera algo orgânico, é o que muitas vezes tenho vislumbrado; trata-se do abandono de zonas sexuais precedentes [...], minha conjectura está ligada à modificação do papel desempenhado pelas sensações do olfato: a adoção da postura ereta, o nariz levantado do chão, tornaram repugnantes - por um processo que ainda me é desconhecido - certas sensações próprias à terra que antes despertavam interesse. (FREUD, 1897|2007, p. 310)¹⁴⁷

Freud, a partir de sua hipótese, deduz que, do mesmo modo que a excitação de certas zonas sexuais na infância, quando abandonadas, é capaz de gerar desprazer para o sujeito, também a perda do olfato, como contrapartida da necessária atrofia de determinados órgãos no decurso da evolução da espécie humana, seria o fator responsável por gerar repulsa a certos elementos que, antes do advento da postura ereta, seriam capazes de promover excitação sexual. Ou seja, “[...] a lembrança atual fede [...], e assim como afastamos nosso órgão sensorial (cabeça e nariz) com asco, também nosso pré-consciente e nosso sentido

¹⁴⁴ Carta 55 (Janeiro de 1897), vol. 1, 2007, AE.

¹⁴⁵ Carta 55 (Janeiro de 1897), vol. 1, 2007, AE.

¹⁴⁶ Carta 75 (Outubro de 1897), vol. 1, 2007, AE.

¹⁴⁷ Carta 75 (Outubro de 1897), vol. 1, 2007, AE.

consciente se afastam da lembrança. Isto é o *recalcamento*” (FREUD, 1897|2007, p. 311-12)¹⁴⁸.

Logo, por consequência do recalque, uma fonte de prazer é capaz de se transformar numa fonte de asco, através do que o pudor, a moralidade e a vergonha emergem às custas da sexualidade extinta. Daí pode-se pensar com Freud que o advento da postura ereta no processo da evolução da espécie humana - com o afastamento dos órgãos sexuais do órgão olfativo -, resultara na produção de um recalque da sexualidade no nível orgânico, por onde o olfato, que antes mediava as trocas sexuais entre os mamíferos, perdeu o lugar de sentido único desencadeador da excitação sexual. O cio da fêmea, por exemplo, que atraía ciclicamente, por seus poderosos odores, o macho para a cópula com fins de reprodução, por estar vinculado aos períodos férteis, deixa de ser um estímulo sexual para o humano. Ao contrário, em muitos indivíduos e culturas, a menstruação da mulher passou a constituir um tabu para as relações sexuais. (JORGE, 2005)¹⁴⁹

Com o advento da verticalidade, o olfato e os órgãos sexuais, antes interligados, cindiram-se, marcando a passagem do instinto à pulsão, tal como Freud pôde observar no caso do Homem dos Ratos¹⁵⁰. Ao tomar a vida pulsional desse paciente em sua investigação sobre a neurose obsessiva, Freud deparou-se com o hábito de cheirar, perdido desde a infância. Segundo o próprio paciente, ele era capaz de reconhecer cada pessoa pelo odor, tal como Freud já havia ouvido de outros pacientes neuróticos, obsessivos e histéricos, com fortes tendências coprofílicas. No entanto, devido ao recalque orgânico do prazer em cheirar, o estímulo que antes vigorava na infância com júbilo passa a ser um dos grandes contribuintes para o adoecimento neurótico posterior:

[...] aprendi a levar em conta o papel que tem, na gênese da neurose, o prazer em cheirar desaparecido desde a infância. De maneira bem ampla, gostaria de lançar a questão de que a inevitável atrofia do olfato que veio com a adoção da postura ereta pelo ser humano, e o conseqüente recalque orgânico do prazer em cheirar, poderiam contribuir bastante para a sua capacidade de adoecimento neurótico. Isso explicaria por que, no avanço da civilização, justamente a vida sexual seja vítima do recalque. (FREUD, 1909|2008, p. 192-93)¹⁵¹

¹⁴⁸ Carta 75 (Outubro de 1897), vol. 1, 2007, AE.

¹⁴⁹ *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: as bases conceituais*, 2005.

¹⁵⁰ Ernst Lanzer (1818 - 1914).

¹⁵¹ *A propósito de um caso de neurose obsessiva*, vol. 10, 2008, AE.

Se na organização animal instintiva ocorre um nexos entre a função do olfato e o prazer sexual, na vida humana evoluída esse nexos transforma-se em material recalçado, gerando, por consequência, a repulsa, resultado que denuncia a conservação desse material como componente sexual ativo no inconsciente, sinal do inerente antagonismo entre a civilização e a vida pulsional. Freud ratifica sua hipótese alguns anos depois, ao abordar a tendência universal à depreciação na esfera do amor, onde retoma os possíveis destinos dos componentes pulsionais “ [...] incompatíveis com nossos padrões estéticos de cultura, provavelmente porque, em consequência de haveremos adotado a postura ereta, erguemos do chão nosso órgão do olfato” (FREUD, 1912|2007, p. 182)¹⁵².

Questionando que motivo teria o homem para empregar sua força pulsional em outros serviços que não sexuais, Freud pôde perceber que a falta de uma satisfação total, inerente à natureza da pulsão, é a grande responsável pelo emprego dessa energia sexual a serviço da cultura, através da sublimação dos componentes pulsionais, fonte de nobres realizações culturais que levaram o homem para o caminho da evolução cultural.

Se antes, com o instinto, havia o predomínio absoluto do órgão olfativo, em que o estímulo sexual estava vinculado a ciclos despertados por um objeto referente, a passagem para a pulsão, a partir da aquisição da verticalidade, marca a energia libidinal como *Drang*, uma força constante que, embora permaneça visando a satisfação, perde seu objeto específico e marca a impossibilidade de um gozo completo para o humano.

Interessante notar, a partir da sublimação, que o recalque orgânico do olfato faz emergir no humano o prazer escópico, o olhar como fonte de captura da beleza, responsável pela criação dos padrões estéticos da cultura. No entanto, como bem destaca Freud,

Os processos fundamentais que produzem excitação erótica permanecem inalterados. O excrementício está todo, muito íntima e inseparavelmente, ligado ao sexual; a posição dos órgãos genitais - *inter urinas et faeces* - permanece sendo o fator decisivo e imutável. Poder-se-ia dizer, neste ponto, modificando um dito muito conhecido do grande Napoleão: ‘A anatomia é o destino’. (FREUD, 1912|2007, p. 182-83)¹⁵³.

¹⁵² *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (Contribuições para a psicologia do amor II), vol. 11, 2007, AE.

¹⁵³ *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (Contribuições para a psicologia do amor II), vol. 11, 2007, AE.

O que Freud vem salientar é que os órgãos genitais, embora estejam agora afastados do órgão do olfato, se tornaram mais acessíveis ao órgão visual, instaurando a marca de um impossível de harmonizar, que se caracteriza pela perda do saber fazer que o instinto propiciaria e se faz revelar na vida humana como insatisfação, indicando a inexistência de uma pulsão genital que tome como objeto adequado o órgão sexual do sexo oposto.

Do vazio instaurado pelo recalque orgânico na evolução da espécie humana, caracterizado pela perda da primazia do campo olfativo, surge o campo escópico para além da necessidade. Este, atribui ao ser humano sua estrutura de ser em falta e confere ao objeto desejado seu caráter de beleza, um traço que causa o sujeito e promete um gozo a recuperar, evocando a Coisa perdida - *das Ding* -, o Objeto extraviado com a abolição do instinto.

De tal modo, a sexualidade humana difere radicalmente das outras espécies animais, pois, a partir do recalque orgânico que veio fundar a espécie humana - filogenética -, emerge o recalque primário - ontogenético -, responsável por inaugurar o inconsciente, que não só caracteriza cada ser da espécie enquanto ser de linguagem como marca o advento do homem pulsional, sem essência de ser e sem objeto específico que seja capaz de completá-lo (JORGE, 2005)¹⁵⁴:

Pois bem; temos razão para supor que exista um recalque primário, uma primeira fase do recalque que consiste em interditar ao representante [*Repräsentanz*] psíquico (interditar o representante da representação) da pulsão a admissão no consciente. Assim se estabelece uma *fixação*; a partir desse momento o representante em questão persiste inalterado e a pulsão permanecerá enlaçada a ele. (FREUD, 1915|2008, p. 143)¹⁵⁵

Esse traço, oriundo do recalque primário e responsável pelo esvaziamento do gozo total, advém como uma barra que impossibilita o encontro com a Coisa almejada, perdida para a espécie, instaurando a linguagem como mediadora da relação do sujeito com o Outro. Impossível de representar, *das Ding*, a Coisa que viria completar o sujeito, escapa e implanta a linguagem como ponto de amarração do que seria um gozo puro, total, restando ao ser de linguagem as satisfações parciais advindas do encontro com os objetos substitutos.

¹⁵⁴ *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: as bases conceituais*, 2005.

¹⁵⁵ *O recalque*, vol. 14, 2008, AE.

Assim, a insatisfação primordial experimentada pela espécie humana acaba por revelar-se como mal-estar inerente à passagem da natureza para a cultura, como Freud bem pôde observar:

[...] no começo do fatal processo de civilização se situa a adoção da postura ereta do ser humano. O encadeamento parte daí, passa pela depreciação dos estímulos olfativos e do isolamento dos períodos menstruais, até a preponderância dos estímulos visuais, ao tornar visível os órgãos genitais, chegando à continuidade da excitação sexual, à fundação da família, e com ela, ao limiar da cultura humana. (FREUD, 1930[1929]|2007, p. 98)¹⁵⁶

Daí o recalque orgânico, ao incidir na evolução do ser humano, ter sido capaz de alterar valores antes naturais, tornando-os agora fontes desagradáveis à percepção sensorial:

Tal subversão dos valores [*Umwertung*] não seria possível se essas substâncias expelidas do corpo [sangue, urina e fezes] não estivessem condenadas, por seus fortes odores, a compartilhar o destino reservado aos estímulos olfativos depois que o ser humano adotou a postura ereta. (FREUD, 1930[1929]|2007, p. 98)¹⁵⁷

Encontra-se, assim, a conexão entre a evolução da espécie e a sexualidade humana, que se colocava como questão para Freud, a partir de sua experiência clínica: por que o recalque incide justamente sobre a sexualidade? Porque com a adoção da postura ereta e a depreciação do sentido do olfato, toda a sexualidade, antes instintiva, tornou-se vítima do recalque orgânico, raiz do recalque sexual que acompanha a cultura, por onde a linguagem se instaura de modo a impedir uma satisfação plena advinda do encontro do macho com a fêmea:

Desde logo, basta inscrevê-lo [...], colocando *das Ding* no centro, e em volta o mundo subjetivo do inconsciente organizado em relações significantes, para vocês verem a dificuldade de sua representação topológica. Pois esse *das Ding* está justamente no centro, no sentido de estar excluído. (LACAN, 1959|1997, p.91)¹⁵⁸

Foi a partir da noção freudiana de objeto radicalmente perdido, elaborado no cerne da sexualidade humana, que Lacan pôde desenvolver o estatuto do objeto *a* como aquilo que causa o desejo; rastro indicativo da repetição que anima o sujeito em sua incessante busca pelo reencontro com o objeto originalmente faltoso. É por isso que *das Ding* encontra-se no âmago da economia libidinal do sujeito, aquilo que do real padece do significante, campo que Freud situa o objeto reencontrado, definição fundamental do objeto, com seu devido paradoxo, uma vez que esse objeto não foi realmente perdido: “O objeto é, por sua natureza,

¹⁵⁶ *O mal-estar na cultura*, vol. 21, 2007, AE.

¹⁵⁷ *O mal-estar na cultura*, vol. 21, 2007, AE.

¹⁵⁸ Da lei moral. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

um objeto reencontrado. Que ele tenha sido perdido é a consequência disso - mas só-depois” (LACAN, 1960|1997, p.149)¹⁵⁹.

Uma vez que não há reencontro possível com o objeto, já que o objeto encontrado não é o objeto desejado, o objeto *a* vem operar como índice da Coisa perdida e remeter ao objeto, iludindo o sujeito ao causar o desejo; pura promessa fadada ao fracasso:

[...] é esse objeto que confundimos muito frequentemente com aquilo sobre o que a pulsão se refecha - este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo. (LACAN, 1964|1998, p. 170)¹⁶⁰

Daí a Coisa caracterizar-se como velada, já que é, nos reencontros do objeto, representada por outra coisa. Foi assim que Lacan, ao retomar à brincadeira do *fort-da* e à simbolização primordial que implica a entrada do sujeito na linguagem, pôde instaurar o objeto *a* como resto, produzido por efeito da divisão do sujeito.

Não é a mãe, em sua ausência, que marca a perda do objeto, mas essa posição inteiramente enigmática de *das Ding*, como “primeira coisa que pôde separar-se de tudo o que o sujeito começou a nomear e a articular [...]” (LACAN, 1959|1997, p.106)¹⁶¹. Dito de outro modo, se *das Ding* é o objeto que se perde a partir da entrada na linguagem, só nos resta a própria linguagem para tentar reencontrá-lo. Logo, será o efeito da simbolização, que se apresenta nesse jogo alternativo entre o *fort* e o *da*, que abrirá para o sujeito a possibilidade de substituição, objetos que virão ocupar o lugar dessa falta radical no centro de nosso desejo, tal como o matema da fantasia nos revela ao indicar o sujeito, dividido, em todas as relações possíveis, convergentes e divergentes, com o objeto que causa seu desejo - \$ ◇ *a*:

Se é verdade que o significante é a primeira marca do sujeito, como não reconhecer aqui - [...] - que o objeto ao qual essa oposição se aplica em ato, o carretel, é ali que devemos designar o sujeito. A este objeto daremos posteriormente seu nome de álgebra lacaniana - o *a* minúsculo. (LACAN, 1964|1998, p. 63)¹⁶²

¹⁵⁹ Da criação *ex nihilo*. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

¹⁶⁰ A pulsão parcial e seu circuito. In: *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

¹⁶¹ Da lei moral. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

¹⁶² Tiquê e Autômaton. In: *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais*, 1998.

Desde então, Lacan nos permite diferenciar *das Ding* - o objeto do desejo -, impossível, por ser radicalmente perdido para o ser de linguagem, e o objeto *a* - objeto que causa o desejo -, animando o sujeito em direção aos objetos substitutos, objetos que constituem um engodo no ponto mesmo em que *das Ding* falta.

A Coisa falta, torna-se mítica, fazendo emergir a pulsão como uma excitação [*Reiz*] interna, constante, completamente distinta da mera pressão exercida pela necessidade, tal como indica a insatisfação humana decorrente da incapacidade de qualquer objeto vir a promover uma satisfação completa - característica da parcialidade da pulsão em relação à finalidade biológica da sexualidade.

3.2 O circuito pulsional e seus elementos reais

A pulsão, é “um representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho que é imposta ao psíquico, como consequência de sua ligação com o corpo” (FREUD, 1915|2008, p. 117)¹⁶³. Esse é o alerta dado por Freud para esclarecer que, embora só tenhamos acesso à pulsão a partir dos representantes da representação, ou, como desenvolvido por Lacan, a partir dos significantes da demanda, ela não se reduz nem se limita ao que é passível de ser inscrito no inconsciente. Daí a necessidade de criar um mito pulsional, na “tentativa de dar forma épica ao que se opera da estrutura” (LACAN, 1974|2003, p. 531)¹⁶⁴; uma ficção formulada como única possibilidade de se abordar o impossível da relação sexual, o real¹⁶⁵ de onde provém.

Lancemos mão do mito do circuito pulsional: um impulso, que emana de uma zona erógena, visa o encontro com o seu objeto e, ao atingi-lo, gera a tão esperada satisfação. Um encontro perfeito que anula qualquer impossibilidade. No entanto, se estivermos atentos, verificaremos que é o real, inerente a esses elementos pulsionais, que Freud faz questão de enfatizar ao descrever a essência da pulsão:

¹⁶³ *Pulsão e destinos da pulsão*, vol. 14, 2008, AE.

¹⁶⁴ Televisão. In: *Outros Escritos*, 2003.

¹⁶⁵ O real, juntamente com o simbólico e com o imaginário, forma a tríade estrutural cunhada por Lacan para abarcar, sob a forma do nó borromeano, os três registros psíquicos presentes na obra freudiana. O real, inassimilável, abarca os limites da experiência e é definido por Lacan como a própria impossibilidade de nomear, como aquilo que fica fora do simbólico.

[...] sua proveniência de fontes de estímulos situados no interior do organismo e sua emergência como força constante, de onde deriva uma de suas subsequentes características, que é sua incoercibilidade por ações de fuga. (FREUD, 1915|2008, p. 115)¹⁶⁶

Fonte [Quelle], impulso [*Drang*], objeto [Objekt] e meta [*Ziel*] são os quatro elementos reais da pulsão, invariáveis, que causam, em sua articulação, o circuito pulsional e seu caráter imperativo. Trabalharemos, primeiramente, suas características particulares para, em seguida, pensarmos o circuito da pulsão e sua torção gramatical, capaz de subverter a relação entre sujeito e objeto.

A fonte, *Quelle* da pulsão, é somática, uma parte do corpo, embora não qualquer parte, denominada por Freud de zona erógena. Os orifícios do corpo de onde parte o impulso, são os meios através dos quais nosso corpo entra em contato com o mundo externo. O impulso ou força, *Drang*, é o seu fator motor, o constante esforço que será representado como exigência de trabalho ao psíquico. O objeto, *Objekt*, é o que há de mais variável na pulsão, embora seja o meio pelo qual ela pode alcançar sua meta. A meta, *Ziel* da pulsão, é a satisfação, que só pode ser encontrada se cancelar o estado de estimulação que emana da fonte.

Dito isso, retornemos ao mito pulsional e coloquemos algumas questões: se a origem do impulso pulsional é o a fonte, ou seja, é ela que causa o movimento constante da pulsão, podemos entender que há uma estrutura de furo permitindo que a força do impulso emane incessantemente? E ainda, se essa excitação não cessa, não seria porque objeto nenhum é capaz de obturá-la, por seu caráter de subrogado, devido à própria variação substitutiva que acaba por imprimir a presença de um vazio? E a satisfação, que só pode ser alcançada se extinguir o estímulo vindo da fonte, não revelaria, em sua essência, uma meta impossível de ser atingida?

Não pode passar despercebido que o furo da fonte, o não cessar do impulso, a falta do objeto e o impossível da satisfação total são as formas de comparecimento do real, confirmando, assim, o núcleo do inconsciente, a *hiância* em torno da qual os representantes da representação se inscrevem, por exigência da própria estrutura pulsional, estabelecendo na dimensão simbólica as vias de acesso à sua meta.

¹⁶⁶ *Pulsão e destinos da pulsão*, vol. 14, 2008, AE.

Como Lacan¹⁶⁷ nos lembra, Freud faz uma observação muito precisa a respeito da pulsão: a pulsão não é o impulso e, por sua vez, o impulso não é um estímulo cuja tendência é a pura descarga, mas uma excitação [*Reiz*] interna completamente distinta da mera pressão exercida por uma necessidade. Aí está colocada a descoberta freudiana da estruturação subjetiva, a partir do que vem a ser uma primeira orientação para o sujeito, sem fuga possível, da distinção do que lhe é externo e do que lhe é íntimo:

Por um lado, registra estímulos dos quais pode escapar mediante uma ação muscular (fuga), e a estes imputa um mundo externo; mas, por outro lado, registra outros estímulos frente aos quais uma ação assim resulta inútil, pois conserva seu caráter de esforço [*Drang*] constante; estes estímulos são a marca de um mundo interno. (FREUD, 1915|2008, p. 115)¹⁶⁸

O que é íntimo ao sujeito deixa marcas e não permite fuga, o que leva a constatar que, no que diz respeito à pulsão, o objeto visado falta. Talvez, se a ênfase recaísse sobre a necessidade, consumiríamos o objeto e, por consequência, o impulso se extinguiria. No entanto, no consumo, não há qualquer tipo de relação possível com o objeto, já que ele se presta, exclusivamente, a saciar uma necessidade. O que nos leva a concluir, para que seja possível qualquer tipo de relação, que a falta deve se fazer presente:

A pulsão apreendendo seu objeto, apreende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. Pois se se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão. (LACAN, 1964|1998, p. 159)¹⁶⁹

Essa mesma lógica pode ser pensada no nível biológico da divisão sexual. Não há nada de natural aí para o humano, pois se o encontro de um macho com uma fêmea visa a existência e a manutenção de uma espécie a partir da cópula, como meio para a reprodução, esse não parece ser o alvo quando se trata de sujeito e objeto. Não só pelo incessante imperativo pulsional, que se mantém, mas também pela própria incapacidade do objeto que, mesmo no momento da cópula, falta em sua promessa de obturação, caracterizando a parcialidade da pulsão em relação à finalidade biológica da sexualidade.

¹⁶⁷ Desmontagem da pulsão. In: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

¹⁶⁸ *Pulsão e destinos da pulsão*, vol. 14, 2008, AE.

¹⁶⁹ Desmontagem da pulsão. In: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

Assim, o *Triebreiz*, a excitação da pulsão, remete a uma energia potencial que a caracteriza como uma *Konstante Kraft*, uma força constante que jamais será domada por qualquer movimento de descarga momentâneo. Tal fato permite afirmar que é a constância da excitação que justifica o estatuto de furo da zona erógena, revelando a falta de satisfação que promove sua incessante força: “Trata-se então, para nós, no *Drang* da pulsão, de algo que é, e que só é, conotável na relação à *Quelle*, na medida em que a *Quelle* inscreve na economia da pulsão essa estrutura de borda” (LACAN, 1964|1998, p. 162)¹⁷⁰.

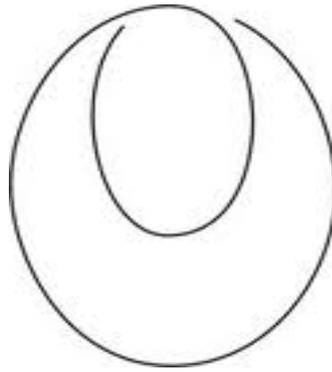
Não é difícil perceber que esse corpo, fonte de onde emana a excitação, com sua capacidade de afetar o psíquico, não é apenas um corpo carne, mas um corpo pulsional, atravessado pelo significante. Este lhe confere um caráter libidinal capaz de ultrapassar os limites da anatomia e estruturar seu efeito de borda, diferenciando-a, a nível erógeno, do restante das zonas corporais por sua função. Desse modo, a borda das zonas erógenas, que dá contorno ao furo real das fontes pulsionais, é a estrutura central, a abertura que conduz ao imperativo da pulsão em sua satisfação visada. Logo, afetado pela pulsão, o corpo altera as funções orgânicas e é alterado pelas significações inconscientes que nele falam.

Mas que zonas são essas privilegiadas no corpo? O que as faz tomarem essa função erógena e se tornarem fontes específicas para a pulsão? Desde Freud, sabemos que a zona erógena boca, enquanto fonte de excitação, tem uma função oral na relação do sujeito com o seio. Do mesmo modo, a zona erógena anal, de onde emana a excitação do ânus, tem sua função na ejeção das fezes. Contudo, poderíamos afirmar que essa erogenização se dá naturalmente¹⁷¹, pelo simples fato de que um bebê precisa, organicamente, pela própria necessidade vital, mamar e defecar? Seriam esses puros objetos da necessidade; seio e fezes? Decerto que não, por todas as características pulsionais já vistas até aqui.

Se Freud observa que o objeto da pulsão é o que há de mais variável, é justamente por sua indiferença e incapacidade de satisfazer totalmente. Ou seja, o objeto da pulsão não é um objeto do mundo empírico, nos direcionando a reformular qual seria então sua relação com a fonte, já que não há engendramento possível que leve o objeto adequado a obturá-la:

¹⁷⁰ Desmontagem da pulsão. In: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

¹⁷¹ A pulsão, como efeito da operação simbólica, produzida pela intervenção do Outro, ou mais especificamente pelo campo da linguagem, será abordada no próximo subcapítulo, sobre demanda e desejo.



Sua borda é contínua, exceto que em um ponto ela não deixa de ser ocultada pela superfície que precedentemente se desenvolveu. Este desenho, visto numa certa perspectiva pode parecer representar dois campos que se recortam. A libido, eu a inscrevi no ponto em que o lobo definido como campo do desenvolvimento do inconsciente vem recobrir e ocultar o outro lobo, o da realidade sexual. [...] este setor em que os campos parecem recobrirem-se é, se vocês virem o perfil verdadeiro da superfície, um vazio. (LACAN, 1964|1998, p. 148)¹⁷²

A libido é a presença do desejo, sendo nesse vazio que as aberturas se encontram; ou, dito de outro modo, a boca, o ânus, as pálpebras e os ouvidos são pontos evanescentes onde o interior encontra o exterior. Este ponto será retomado mais adiante, quando tratarmos dos objetos a : seio, fezes, olhar e voz.

No momento, o que se pretende esclarecer é que a fonte é promotora de um voto, e só se diferencia das outras zonas corporais por sua estrutura de borda, o que significa dizer que há um efeito de linguagem que incide sobre o corpo e o desnaturaliza, revelando a *hiância*, o lugar do sujeito na estrutura.

É possível agora retomar o mito pulsional introduzindo seus impasses: uma excitação constante, que parte do furo da zona erógena, causa o movimento pulsional e revela a própria insatisfação dessa zona. Seguindo seu trajeto, aspirando o encontro com o objeto, se depara com a presença de um vazio, restando-lhe o contorno ao objeto que falta e o retorno da tensão, como um fecho, à fonte, configurando o caráter circular da pulsão.

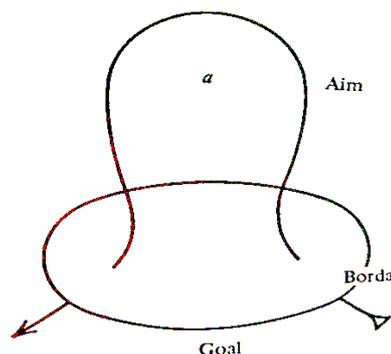
¹⁷² A sexualidade nos desfiles do significante. In: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

No entanto, nesse circuito fechado, ainda resta localizar a meta. De que forma, a pulsão encontrará alguma satisfação? Já foi constatado que o alvo da pulsão não é o objeto, vazio, mas, para que se entenda a meta, é necessário revisitar o sentido do alvo.

Com Lacan, observa-se no vai e vem da pulsão, que a satisfação está em jogo justo aí. Desmembrando o alvo em seus dois sentidos, tal como ele sugere, *aim* e *goal*, nota-se que o *aim* é o trajeto, o caminho que se deve percorrer, enquanto o *goal* “[...] não é a ave que vocês abatem, é ter acertado o tiro e, assim, atingido o alvo de vocês” (LACAN, 1964|1998, p. 170)¹⁷³.

Daí, deduz-se que a satisfação pulsional não pode vir de outro lugar senão da própria circularidade da pulsão, da insistência presente em seu retorno e seu recomeço, uma espécie de ‘se acertar’, tal como Freud diz sobre o modelo ideal de autoerotismo: uma boca que se beija a si mesma.

Sem dúvida, é pela importância da linguagem e seus efeitos que Lacan afirma que a palavra mata a Coisa, ou, se nos permitirmos completar o axioma lacaniano, o significante dá contorno, faz borda ao furo que já estava lá, mas que só se presentifica como perda do objeto. É assim que a pulsão mitifica o real do sexo, impulsionando o sujeito em direção ao que o causa, inapreensível.



Com a ficção deste conceito fundamental, Freud nos conduz, já de saída, à percepção do real, da falta de qualquer naturalidade desejante entre o sujeito e o objeto que promete

¹⁷³ A pulsão parcial e seu circuito. In: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

completá-lo, distanciando, radicalmente, seu *Trieb* do conceito de *Instinct*, ou, dito de outro modo, distanciando desejo e biologia, essencial para uma condução ética da clínica psicanalítica.

3.3 O matema da pulsão: demanda e desejo

A pulsão é um conceito construído por Freud para falar da sexualidade, o que faz Lacan afirmar que a realidade sexual do inconsciente é a pulsão. Esse é o ponto a ser abordado agora, aquilo da pulsão que se inscreve no simbólico e os seus efeitos no sujeito.

Para isso, primeiramente, é importante observar que a pulsão se produz pela intervenção da linguagem e, mais especificamente, pelo campo da demanda do Outro, que precede o sujeito; pois antes mesmo de nascer, o bebê já tem um lugar no discurso dos pais, seja pelo nome que vão lhe dar, pelas projeções que fazem sobre seu quarto, sua vida, sua futura profissão, etc. (QUINET, 2004)¹⁷⁴

Ao nascer, o *infans*, pedaço de carne, substância gozante, não é nada senão sujeito por advir. Desamparado, sem o *savoir-faire* que o instinto propiciaria, desnaturalizado por seu estatuto de ser de linguagem, depende do Outro e não lhe resta outra escolha - ou, como diria Lacan, só lhe resta a escolha forçada¹⁷⁵ - senão se submeter, uma aposta para se manter vivo. Seu nascimento como sujeito só se dará quando, no campo do Outro, surge o significante.

Isso acontece quando o bebê, devido a insuficiência vital, é invadido por uma série de sensações ainda sem sentido. Sua única saída para expressar o desconforto é o choro, sendo justamente essa a porta de entrada para um Outro que, percebendo o desprazer sentido pelo bebê, assim como sua impotência, entende o choro como um apelo dirigido a ele. A mãe¹⁷⁶, por sua vez, não sabe exatamente do que se trata nesse apelo e, inclusive, é importante que não saiba, pois o bebê não é uma extensão dela. A essa mãe, resta oferecer um significante e esperar que seu filho o aceite. Suponhamos que ela interpretou o choro do *infans* como fome e, portanto, lhe ofereceu leite. Se o bebê aceitou o leite, mamou e parou de chorar, ele também

¹⁷⁴ *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*, 2004.

¹⁷⁵ Lógica da Alienação desenvolvida por Lacan em *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

¹⁷⁶ A mãe ou seu substituto, aquele que exerce a função materna.

aceitou o significante e o introjetou. Essas marcas da tensão geradas pela necessidade e pelo objeto que trouxe satisfação, irão, posteriormente, se ligar aos demais significantes oferecidos à criança, formando uma cadeia.

No entanto, esse é um primeiro nível da experiência, em que a necessidade, ligada a um objeto capaz de saciá-la, promoveu uma experiência de satisfação. Num segundo momento, o bebê, acometido por uma nova tensão, tentará, por si só, acionar esses traços e conectá-los. Será nesse ápice de desejo que a percepção se apresentará como alucinação, numa tentativa de apreender o objeto para sempre perdido. Essa primeira experiência mítica de satisfação¹⁷⁷ e a tentativa de reencontrá-la através da alucinação do objeto que os traços de memória tentaram recuperar, levam a criança ao encontro com o trauma¹⁷⁸ e despertam, por consequência da insuficiência da alucinação em satisfazer, seu endereçamento ao Outro. A partir de então, a criança entende que, para se satisfazer, precisa dirigir-se ao Outro, daí seu estatuto de tesouro dos significantes para o *infans*.

Aqui, vale ressaltar que não há, para o bebê, qualquer saída senão a sujeição. O sentido do choro será dado pelo Outro, numa espécie de adivinhação, o que significa dizer que por mais que o choro do bebê seja causado pelo desconforto da dor¹⁷⁹, se o Outro interpreta como fome e volta a lhe oferecer leite, e assim constantemente, fica determinado, *a posteriori*, que os desconfortos da dor são desconfortos que significam fome, e podem ser amenizados com alimento. Não é à toa que Lacan afirma, por inúmeras vezes em seus seminários, que o inconsciente é o discurso do Outro.

O Outro, agora dotado de toda consistência, por efeito de linguagem, passa a ser aquele a quem o bebê demanda satisfação. No entanto, a incidência do significante da demanda, ao barrar a necessidade, já instaurou a *hiância* entre a satisfação almejada e a satisfação alcançada. É dessa falta que se instaura como resto entre a necessidade e a demanda que surge o desejo ou, dito de outro modo: a pulsão é o produto da incidência da linguagem no corpo, articulando os significantes da demanda com as zonas erógenas:

¹⁷⁷ A primeira experiência de satisfação, mítica, foi desenvolvida por Freud em seu ensaio *Projeto de psicologia*, datado de 1895.

¹⁷⁸ O trauma é o próprio núcleo do inconsciente, *hiância* real que revela a falta do objeto que complete o humano.

¹⁷⁹ Esse é apenas um exemplo com o intuito de esclarecer que o sentido sempre surge *a posteriori*, não sendo possível afirmar que o choro do bebê era realmente a expressão de um desconforto por fome, frio, cólica, etc.

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (o que é chamado de angústia). (LACAN, 1960|1998, p. 828)¹⁸⁰

A incompletude, ou essa falha que Lacan ressalta, está dada para o humano na origem, tanto pela precariedade do significante, que vem do Outro e é incapaz de dizer tudo, quanto pela marca da falta do objeto que, *a priori*, está perdido. Aliás, é pela falta do objeto na experiência de alucinação que o campo da pulsão - sexual - pode estabelecer seu vínculo com o campo do Outro - linguagem.

Uma vez que a necessidade foi transformada em demanda de amor, resta, tanto ao sujeito quanto ao Outro, uma relação de desencontro. O desejo, que está situado entre os significantes da demanda, escapando de qualquer significação possível, será o responsável por ratificar esse desencontro, revelando a impossibilidade de completude.

Retornemos então à questão anteriormente colocada a respeito das zonas erógenas e seus objetos. Já está claro não se tratar de um processo de maturação natural da zona oral à zona anal, mas pode-se admitir que, de certo modo, por efeito de linguagem - que advém com a intervenção do Outro -, a pulsão, ao isolar a borda erógena, se beneficia da anatomia. De que modo? Tornando o objeto um objeto erótico.

A criança, submetida aos cuidados maternos, será introduzida no campo da sexualidade a partir da erogeneização das diferentes partes do seu corpo. Tomemos a oralidade como a primeira pulsão que evidencia essa fase da libido, tal como descrita por Freud, como uma fase de linguagem. O bebê, desde que reconhece o campo do Outro, passa a demandar¹⁸¹. Como verificado há pouco, tal demanda é dirigida ao Outro na busca de uma satisfação oral que ultrapassa qualquer necessidade vital, vide o recurso a sugar o dedo quando esse Outro falta.

Essa relação do sujeito com o objeto que ele demanda ao Outro para se satisfazer, o seio no caso, só existe porque, em sua função de objeto causa do desejo, é vazio. É por isso que a criança suga, e não é difícil perceber que essa sucção “[...] é a reivindicação, pelo sujeito, de

¹⁸⁰ Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*, 1998.

¹⁸¹ Demanda oral como demanda ao Outro.

algo que está separado dele, mas lhe pertence, e do qual se trata que ele se complete” (LACAN, 1964|1998, p. 185)¹⁸², a mãe.

A ênfase recai na falta, e é para o objeto como destacável que devemos dirigir nossa atenção; ou seja, o seio não é o objeto do desejo, não é o objeto propriamente dito que eu pretendo alcançar, mas sim o objeto que causa o desejo, animando o sujeito. Por isso, o seio como objeto *a* não é o seio da amamentação, mas o seio do desmame. Daí a sexualização desse objeto, que se apoia no campo da demanda de amor, levar o sujeito a se endereçar ao Outro, na promessa de completude. A libido, diz Lacan, “é a presença, como tal, do desejo” (LACAN, 1964|1998, p. 146)¹⁸³, e é nesse ponto que o inconsciente se liga à realidade sexual.

O mesmo acontece com a pulsão anal, embora o jogo da linguagem se inverta¹⁸⁴. Nesse momento em que a higienização promove a erogeneização do ânus, e está no primeiro plano da relação do sujeito com o Outro, o objeto fezes se destaca como objeto que o Outro lhe solicita. A demanda, nessa fase, emana do Outro, embora seu caráter de objeto causa do desejo, ou de objeto faltante, esteja presente no próprio ato de defecar, por mais que o sujeito lute contra isso, no que se pode chamar de uma luta no nível do domínio e da submissão, de onde emerge a função da oblatividade.

Sendo assim, concluímos que o objeto oral, seio, apoia-se na relação de demanda ao Outro; enquanto o objeto anal, fezes, tem amparo na demanda do Outro, sendo nos significantes primordiais, que determinam o sujeito, que as pulsões se fixam e encontram equivalentes simbólicos para os objetos faltantes, destacáveis do corpo. Desde então, aquilo que da pulsão passa pelo registro da fala, deixa suas marcas no inconsciente, a partir do que Freud denomina de representantes da representação.

O inconsciente é justamente essa série significante composta por palavras, pedaços de palavras, fonemas e até mesmo letras; estruturado tal como a linguagem, com metáforas e metonímias que recombina e deslocam aquilo que foi recortado da relação com o Outro. O que escapa, é inassimilável e não consigo apreender é o próprio sujeito, como sujeito do

¹⁸² Do amor à libido. In: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

¹⁸³ A sexualidade nos desfiles do significante. In: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

¹⁸⁴ Da demanda *ao* Outro - oral - para a demanda *do* Outro - anal.

inconsciente, que está repleto de desejos que lhe são estranhos, embora íntimos, gerando a questão: *che vuoi*¹⁸⁵?

Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada, já que nada é representado senão para algo. (LACAN, 1960|1998, p. 833)¹⁸⁶

O fato é que não há desejo sem linguagem, o que direciona aos objetos olhar e voz, responsáveis pela pulsão escópica e pela pulsão invocante. Esses objetos não se apoiam na relação de demanda, pois são objetos do desejo, evanescentes, visto que estão perdidos desde sempre. Como abordá-los então?

A precariedade do significante mal dá conta de anunciar ao outro aquilo que se quer dizer por trás do que é possível de ser colocado em palavras, revelando uma relação de desencontro gerada pelo próprio artifício da linguagem.

O que dizer então do olhar e da voz do Outro? Como colocar em palavras o desejo, se este surge no intervalo dos significantes da demanda, sempre escapando? Ali onde se trata de desejo, alerta Lacan, “encontramos em sua irreducibilidade à demanda a própria mola do que também impede de reduzi-lo à necessidade. Para dizê-lo elipticamente: que o desejo seja articulado é justamente por isso que ele não é articulável” (LACAN, 1960|1998, p. 828)¹⁸⁷.

O desejo é justamente o que resta da operação significante, o que escapa à linguagem, embora seja promovido por ela, e que causa o sujeito. O olhar e a voz estão perdidos desde sempre. No entanto, o desejo ao Outro - no caso do objeto escópico, olhar -, e desejo do Outro - no caso do objeto invocante, voz -, são, por defesa¹⁸⁸, interpretações do sujeito, que os reduz à demanda. Não sem razão, Freud nunca falou sobre fases escópica ou invocante da libido, o que significa dizer que não constituem fases de linguagem, justamente por não serem

¹⁸⁵ Lacan retira a expressão ‘*Che vuoi?*’ do romance escrito por Jacques Cazotte, intitulado *O diabo enamorado*. *Che vuoi* pode ser traduzido por ‘que queres?’, uma tentativa do sujeito responder ao enigma ‘que quer de mim o Outro?’.

¹⁸⁶ Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*, 1998.

¹⁸⁷ Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*, 1998.

¹⁸⁸ O olhar e a voz - como objeto do desejo do sujeito e objeto do desejo do Outro -, são resultantes da leitura que o sujeito faz desses objetos, equivalendo-os aos objetos da demanda do sujeito e da demanda do Outro, justamente porque o objeto do desejo se furta a uma possível identificação.

passíveis de apreensão pelo significante, embora estejam sempre presentes, mesmo que sob a forma de enigma, na relação com o Outro. (QUINET, 2004)¹⁸⁹

É por se esvaír, escapando ao sujeito, que este, por defesa, reduz o desejo à demanda. Como? Tentando articulá-lo com aquilo que é apreendido pela linguagem de quem o invoca e o espia; ou seja, tentando obturar o que lhe é impossível apreender, seja demandando ao Outro ou respondendo às demandas que vêm do Outro, essa é a estratégia.

Desse modo, sempre pautado no ideal, pelo que acredita ser o esperado, o sujeito dá a ver ao Outro suas proezas e se submete àquilo que vem do Outro. Daí Lacan formular o matema da pulsão como $\$ \diamond D$, o sujeito do desejo em todas as relações possíveis, convergentes e divergentes, com a demanda do Outro.

Sendo assim, somos levados a concluir que a pulsão, sendo a causa do inconsciente e, por consequência, do próprio aparelho psíquico, é também a causa do sujeito, como sujeito de desejo. Em relação ao desejo propriamente dito, não há ancoragem possível, apenas desejo de desejo, desejo que aspira que o desejo do Outro esteja dirigido ao sujeito, tema a ser abordado a seguir.

3.4 A gramática pulsional e a subversão da relação sujeito-objeto

No registro simbólico, o sujeito está em todas as relações possíveis com os significantes da demanda. No registro real, o sujeito desaparece e passa a ser seus objetos. É nessa subversão que iremos nos deter agora, lançando mão da torção pulsional e da fantasia, como construção que faz véu ao enigma do desejo do Outro e confere ao sujeito um lugar muito preciso.

A torção gramatical da pulsão é trabalhada por Freud ainda em *Pulsão e destinos da pulsão*. Ao revelar os possíveis destinos que a pulsão pode tomar - a transformação em seu contrário, o retorno para a própria pessoa, o recalque e a sublimação -, Freud deixa claro que não há um destino único e final para a pulsão em sua deriva.

¹⁸⁹ *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*, 2004.

Articulando o campo da pulsão ao campo do Outro, como desenvolvido até aqui, verificaremos como os dois primeiros destinos apresentados por Freud estão em jogo no circuito pulsional, revelando a estrutura gramatical que opera em três tempos: voz ativa, voz reflexiva e voz passiva.

A transformação em seu contrário - voz ativa em voz passiva - e o retorno para a própria pessoa - voz reflexiva - não operam separadamente, estando intrincados na relação do sujeito com o objeto que lhe causa: “o essencial neste processo é, portanto, a mudança do objeto, mantendo-se inalterada a meta” (FREUD, 1915|2008, p. 122)¹⁹⁰.

Tomemos o exemplo dado por Freud a partir da investigação do par de opostos *voyeurismo*-exibicionismo, olhar e ser olhado. Primeiramente, o olhar é uma atividade do sujeito em direção a um objeto que o causa. Em seguida, a atividade da pulsão abandona seu objeto e se dirige, de forma reflexiva, para o próprio sujeito, numa espécie de exibição do próprio corpo para si mesmo - se olhar -, tal como na atividade autoerótica, onde o “objeto desaparece diante do órgão que é sua fonte e, geralmente, coincide com este último” (FREUD, 1915|2008, p. 127)¹⁹¹.

Logo, o objeto inicialmente visado, que foi reflexivamente tomado como o próprio corpo, retorna nessa operação como sujeito ao qual se faz voto de ser olhado: olhar (\$), se olhar (autoerotismo), ser olhado (a), torção gramatical que opera a favor da meta, fundamentada na fantasia de completude:

O único enunciado correto acerca da pulsão de ver seria este: todas as etapas de desenvolvimento da pulsão (tanto a etapa prévia autoerótica quanto as conformações finais ativa e passiva) subsistem umas junto das outras; e esta afirmação se faz evidente se em lugar das ações pulsionais se toma como base de juízo o mecanismo da satisfação. (FREUD, 1915|2008, p. 125)¹⁹²

Este é o fundamento do matema da fantasia, formulado por Lacan como $\$ \diamond a$, que vem demonstrar a articulação entre o registro simbólico e o registro real, com que o sujeito de desejo, dividido, entre dois, está em todas as relações possíveis com o objeto que lhe causa, inclusive desaparecendo enquanto sujeito ao tomar-se como objeto.

¹⁹⁰ *Pulsão e destinos da pulsão*, vol. 14, 2008, AE.

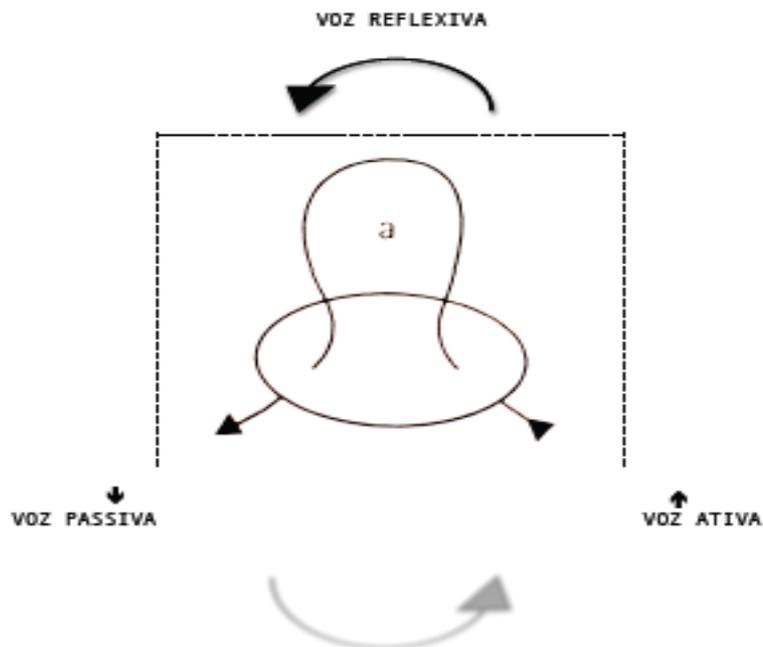
¹⁹¹ *Pulsão e destinos da pulsão*, vol. 14, 2008, AE.

¹⁹² *Pulsão e destinos da pulsão*, vol. 14, 2008, AE.

Tal estrutura é o resultado da presença do real, pois, se por um lado a linguagem revela a falta-a-ser do sujeito, sem significante que seja capaz de lhe dar consistência de ser, por outro, a pulsão confessa que o objeto é apenas um voto, oco, inábil para completá-lo, restando, como único recurso, a fantasia.

Desse modo, o real é a própria causa da fantasia que, na tentativa de encontrar alguma substância de gozo, constrói um lugar para o sujeito que, se deixando guiar por seus significantes-mestres, coloca-se como o objeto que acredita poder lhe garantir o desejo do Outro.

Como objeto para o desejo do Outro, seja na forma de objeto devorado - oral -, objeto ejetado - anal -, objeto olhado - escópica - ou objeto atormentado - invocante -, revela-se a posição passiva inerente ao retorno à fonte, promotora da torção gramatical do circuito pulsional em vista de satisfação.



A pulsão é sempre ativa, diz Freud, mesmo que sua meta seja passiva¹⁹³. Essa atividade leva Lacan a afirmar que “a atividade da pulsão se concentra nesse *se fazer*, e é reportando-o [o olhar dado como exemplo] ao campo das outras pulsões que poderemos talvez ter alguma

¹⁹³ “[...] quando negligentemente se fala de pulsões passivas, não se pode mencionar outra coisa que pulsões com meta passiva” (FREUD, 1915|2008, p. 122). Ver *Pulsão e destinos da pulsão*, vol. 14, 2008, AE.

luz” (LACAN, 1964|1998, p. 184-185)¹⁹⁴ a respeito da função da pulsão enquanto um *se fazer* chupar, *se fazer cagar*, *se fazer olhar* e *se fazer atormentar*, revelando a identificação do sujeito com o objeto faltoso que procura no Outro.

Retornando ao circuito pulsional e à articulação do sujeito ao campo do Outro, podemos notar que, como sujeito, seu desejo se dirige ao objeto que o causa. Esse objeto que brilha, agalmático, e que é identificado no parceiro, é apenas um brilho que anima o sujeito e, por onde, como agalma, “o desejo altera a natureza do amante” (LACAN, 1964|1998, p. 867)¹⁹⁵.

O parceiro, objeto empírico, é uma formação do inconsciente, um objeto imaginário que ocupa esse lugar da falta deixada por α e que promete o reencontro com aquilo que se perdeu no nível oral, anal, escópico ou invocante:

O caráter de composição imaginária, de elemento imaginário do objeto, faz dele o que se poderia chamar de a substância da aparência, o material de um engodo vital, uma aparição sujeita à decepção [...]. (LACAN, 1959|1997, p. 79)¹⁹⁶

No entanto, como subrogado, o parceiro leva o sujeito a se deparar com o vazio que a pulsão contorna, revelando a ausência do objeto tanto no campo do sujeito quanto no campo do outro, a quem se dirige. A partir de então, a pulsão, que visa o retorno à fonte, promove a torção gramatical, subverte a relação sujeito-objeto, pondo em cena a defesa fantasística de apagamento, ao *se fazer* objeto para o desejo do Outro, presentificando aquilo que foi perdido, $\$ \cong \alpha$.

Disto conclui-se que, independente de seu sexo, o parceiro será sempre um recorte, reduzido à dimensão de objeto por sua função de causa ao sujeito, que no vai e vem da pulsão revela a repetição enquanto fracasso em termos de encontro com o gozo absoluto, mas não no que diz respeito a um gozo parcial: “Quando se avança na direção desse vazio central, dado que é, até agora, sob essa forma que se apresenta para nós o acesso ao gozo, o corpo do próximo se despedaça” (LACAN, 1960|1997, p.246)¹⁹⁷.

¹⁹⁴ Do amor à libido. In: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

¹⁹⁵ Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos*, 1998.

¹⁹⁶ Das Ding (II). In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

¹⁹⁷ O gozo da transgressão. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

O gozo - *Genuss* -, em distinção ao prazer - *Lust* -, indica o α -mais visado pela pulsão de morte, responsável por guiar o sujeito em direção ao inanimado, um retorno à origem, movido pelo que Freud irá chamar de princípio da inércia, cujo objetivo é reduzir o nível de tensão no aparelho psíquico a zero.

No entanto, nessa ação específica, que busca por algo arcaico de prazer indefinível, que anima o inconsciente, como correspondente da satisfação, e que é o fundamento da repetição, pois visa o reencontro com o objeto, sempre faltará alguma coisa. A tudo que o sujeito persegue, o que se pode produzir tem sempre um caráter reduzido:

Não há comentário mais vivo dessa margem tão inerente à experiência humana, dessa distância que se manifesta no homem entre a articulação do anseio e o que ocorre quando seu desejo toma o caminho de realizar-se. (LACAN, 1959|1997, p.56)¹⁹⁸

Como Freud bem observa, a pulsão de morte não opera isoladamente em sua visada, mas amalgamada com a pulsão de vida, que é responsável por sexualizá-la através da fantasia (JORGE, 2010)¹⁹⁹. Como verificamos no circuito pulsional e sua torção gramatical, a pulsão de vida, guiada por Eros, leva o sujeito em direção ao objeto que causa seu desejo, mas esse objeto, embora mirado pelo sujeito, revela o próprio silêncio da pulsão de morte, o vazio que α designa, o irrepresentável do sexual.

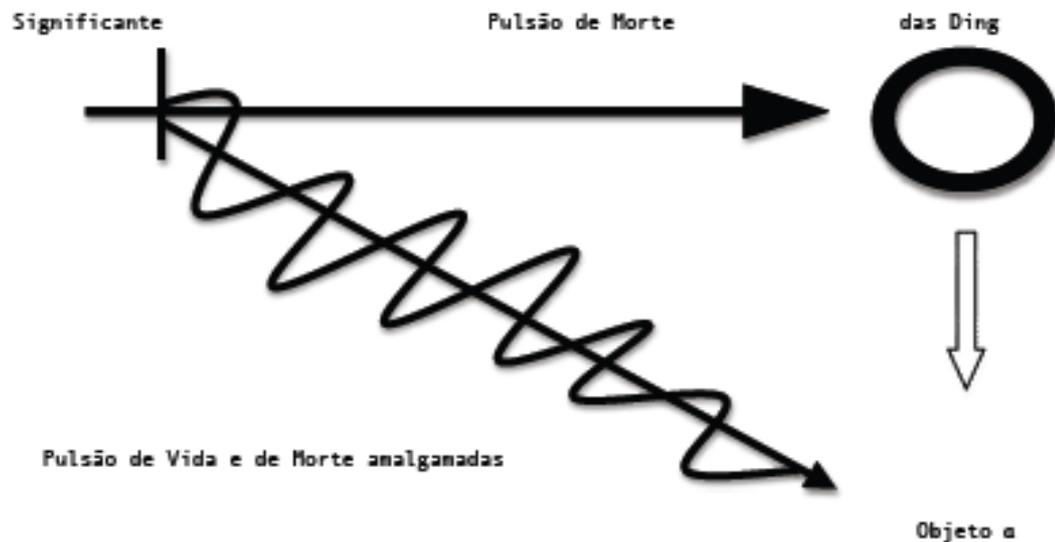
Por um lado, o sujeito tenta a restauração de um estado anterior que promete gerar o gozo absoluto que nunca existiu, e, por outro, obtém, através do caráter criativo da pulsão de morte, amalgamada a Eros, os desvios capazes de propiciar um gozo parcial, que marcam um ganho e uma perda - perda essa impossível de recuperar:

Se tudo o que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia significante. Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar. (LACAN, 1960| 1997, p.260-261)²⁰⁰

¹⁹⁸ Uma releitura do *Entwurf*. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

¹⁹⁹ *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 2: a clínica da fantasia*, 2010.

²⁰⁰ A pulsão de morte. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.



Freud já nos havia esclarecido que cabe à libido dirigir a pulsão de morte para os objetos externos, seja pela via do apoderamento - como vontade de exercer poder -, ou pela via da função sexual - na qual o sadismo desempenha importante papel. Contudo, há uma parcela da pulsão de morte que não participa dessa transposição e permanece dirigida ao sujeito, “[...] ligada, libidinosamente, com a ajuda da excitação sexual, antes mencionada. Nessa parcela temos que discernir o masoquismo erógeno, originário” (FREUD, 1924|2007, p. 169)²⁰¹.

Desse modo, o masoquismo originário, ao executar as fantasias infantis, onde o sujeito se coloca como objeto do Outro, busca uma satisfação passiva que se fundamenta numa tentativa de recuperação de gozo; ou, como Freud esclarece, num prazer derivado da dor.

Assim, podemos entender que na busca do objeto, que move o sujeito em direção ao outro, há uma limitação, uma barreira ao gozo absoluto que o sujeito tenta recuperar na própria torção pulsional que lhe promete reduzir a diferença daquilo que foi almejado e alcançado. Como? Através da fantasia fundamental que o leva a se identificar ao objeto de gozo do Outro:

É justamente por ser apreendido na dimensão da perda – alguma coisa é necessária para compensar, por assim dizer, aquilo que de início é número negativo – que esse não-sei-quê, que veio bater, ressoar nas paredes do sino, fez gozo, e gozo a repetir.

²⁰¹ *O problema econômico do masoquismo*, vol. 19, 2007, AE.

Só a dimensão da entropia dá corpo ao seguinte – há um mais-de-gozar a recuperar. (LACAN, 1970|1992, p. 48)²⁰²

É por esse ponto de perda regulador, a partir da incidência do significante, que certos objetos tentam preencher - seio, fezes, olhar e voz -, que a dimensão do gozo se instaura; ou, dito de outro modo, é pelo limite que a linguagem instaura ao gozo que, em suplência, surge a função do mais-de-gozar.

Com a fantasia, o sujeito transita entre o desejo, posicionando-se como sujeito barrado, e o gozo, posicionando-se como α , fundando seu próprio mito, sua ficção psíquica onde ele se fixa para proteger-se do insuportável encontro com o real. A partir desse ponto de fixação, todo o movimento inconsciente e compulsoriamente circular - *Autômaton* - insiste, e essa insistência continua a girar em torno da fenda deixada pelo trauma - *Tiquê* - que o leva a retornar sempre ao mesmo lugar, ao encontro com a falta. (LACAN, 1964)²⁰³

Portanto, na economia psíquica não há primazia da pulsão genital²⁰⁴, não há um objeto que sirva de referência à sexualidade do ser humano, essa é a conclusão, uma vez que, independentemente do sexo do parceiro, o gozo está perdido desde sempre pela própria introdução do significante. Então, o que resta como escolha para o sujeito e seu desejo diante da impossibilidade instaurada? Resta uma escolha objetual por contingência, sem qualquer garantia.

Sem objeto determinado e sem essência de ser, somente o falo, significante da falta e vetor do desejo, permitirá a estruturação subjetiva do sujeito do inconsciente e sua sexuação, causada pelo objeto α , que incide como motor da própria estrutura; está aí a função da castração como orientadora. Esse é o tema a ser abordado no próximo capítulo: a escolha do sexo.

²⁰² Saber, meio de gozo. In: *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise*, 1992.

²⁰³ Tiquê e Autômaton. In: *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

²⁰⁴ “[...] não há, portanto, uma primazia genital, mas sim uma primazia do falo” (FREUD, 1923|2007, p. 146). *A organização genital infantil: uma interpolação com a teoria da sexualidade*, vol.19, 2007, AE.

4 Sobre a escolha do sexo: os homens, as mulheres e a lógica fálica

A função da castração, como orientadora para a escolha do sexo, trouxe ao campo psicanalítico as mais diversas questões. As distorções teóricas referentes ao falo, em sua função imaginária - ϕ minúsculo -, e em sua função simbólica - Φ maiúsculo -, promovem uma série de indagações equivocadas que se iniciam com a importância do sexo dos genitores nas funções familiares e se estendem à falta de um indicador da distinção anatômica dos sexos em crianças criadas por casais homossexuais. Quem fará a função de mãe? Onde estará a função paterna? Qual a referência que a criança tomará para, no futuro, se tornar homem ou mulher?

Diante dessas questões, e de tantas outras que surgem na corrente da preleção normativa dos sexos, este capítulo se detém, inicialmente, na metáfora paterna, apresentando a importância do pai em sua função de Lei e da mãe como representante do Outro, tesouro dos significantes para o *infans*. Desde então, será possível desvincular as funções materna e paterna de qualquer distinção anatômica presumida à assunção de um sujeito de desejo.

Na sequência, objetivando pensar os efeitos do complexo de castração em sua função de nó - enlace dos registros real, simbólico e imaginário - e o que resvala do irremediável da diferença anatômica dos sexos nas diversidades psíquicas, pretendemos apontar para a escolha de posição sexuada - ter ou ser o falo - como uma escolha forçada, resultado de uma sentença lógica.

Com esse norte, por onde a escolha por ser ou ter o falo conduz o sujeito à subjetivação de seu sexo, permitindo que os semblantes masculino e feminino apresentem-se como recurso para mascarar o encontro com o real do sexo, independente da escolha de objeto, pretende-se verificar o que dessa experiência difere, no menino e na menina, em relação à norma fálica.

De que se trata no homem e na mulher? A partir do irremediável da diferença dos sexos que se coloca para os seres de linguagem, reintroduziremos a questão no nível da lógica formal. Primeiramente, visando a lógica masculina na escolha do sexo, tomaremos o Totem como Um engano necessário para fazer funcionar a regra a partir da exceção, por onde o

postulado lógico do ao-menos-Um Homem não só precipita a fantasia do que é ser O Homem como permite que os homens sustentem suas fachadas.

Diante disso, será abordada a lógica do ter como uma estratégia masculina que visa suprir a relação sexual que não existe. O falo, operando do lado masculino, todo-fálico, embora sustente a aposta no(a) parceiro(a) - α - como via de restituição do gozo perdido, não deixa de simbolizar seu fracasso, uma vez que o Todo-Homem só existe como significação produzida por efeito de discurso.

Em seguida, visando a lógica feminina na escolha do sexo, tomaremos o Outro sexo como enigma aos seres de linguagem. Diante da nostalgia da falta-a-ter e da ausência de referente do ideal feminino, já que não há representação de seu sexo no inconsciente, pode-se constatar que \bar{A} Mulher se duplica. A partir de então, aborda-se a elaboração lacaniana do ser - ser o falo - em contraponto à lógica masculina do ter, que vem reafirmar essa hipótese sobre a posição sexuada como efeito de uma lógica sentenciada. As mulheres, para além da relação com o falo - $\bar{A} \rightarrow \Phi$ - também têm relação com o Outro - $\bar{A} \rightarrow S(\bar{A})$ -, por onde é possível verificar que elas não estão essencialmente, ou, de todo, ligadas à castração. No entanto, embora tenham acesso a um gozo suplementar, justamente por serem não-todas, o falo não lhes é indiferente.

Com o *semblant* do ter ou do ser, homens e mulheres, independentemente de suas escolhas de objeto, mantêm-se na via do gozo fálico; por onde averigua-se que, entre os sexos, a coisa não vai!

Por fim, e já que a coisa não vai, propomos pensar o amor em suplência ao impossível da relação sexual. Tendo em vista que o Homem é um mítico Totem e que \bar{A} Mulher não existe, a relação das mulheres com a demanda de amor - erotomaníaca - e dos homens com o desejo - fetichista - surge como anteparo ao real, por onde se inscreve o drama do amor, mantendo vivo o nosso interesse pelo Outro: uma tentativa de fazer a relação sexual existir.

4.1 O complexo de Édipo e a função fálica

Ao inaugurar a psicanálise, em 1900, com o texto *A interpretação dos sonhos*, dedicado ao inconsciente, Freud faz sua primeira referência ao falo e seu primado. Na seção sobre a *Figuração por símbolos nos sonhos - outros sonhos típicos*, apresenta o fragmento de um sonho descrito em uma carta²⁰⁵ que Bismarck²⁰⁶ envia ao Imperador Guilherme I²⁰⁷, em 18 de dezembro de 1881.

Nesse sonho, Bismarck cavalgava por uma trilha que se estreitava e lhe impedia de avançar ou recuar. Diante do obstáculo intransponível, golpeia com um chicote a parede da rocha e invoca o nome de Deus. “O chicote cresceu interminavelmente e a muralha rochosa desmoronou [...] abrindo-se um largo caminho [...]” (FREUD, 1900-1901|2007, p.382)²⁰⁸. O ato de golpear com um chicote que crescia de modo interminável tem um “caráter inequivocamente fálico no sonho” (FREUD, 1900-1901|2007, p.384)²⁰⁹, e provém, como salienta Freud, de desejos infantis que, devido aos mecanismos de proteção do sonho, puderam ser realizados com êxito, sem infringir a censura.

Essa primeira referência ao falo, articulada com os desejos infantis, a partir de uma formação do inconsciente - o sonho, no caso aqui citado - já o revela como um operador lógico que não deve ser confundido com o órgão: trata-se de uma representação simbólica, inerente ao mecanismo de distorção do sonho, influenciado pela linguagem do inconsciente.

Essa tese inicial será ratificada por Freud cinco anos depois, em 1905, quando publica *Três ensaios da teoria sexual* e conclui que a vida sexual da criança já conta com os esboços dos componentes sexuais da pulsão, sendo a sexualidade adulta o resultado da disposição perverso-polimorfa da infância.

Num momento muito precoce, nos diz Freud, o erotismo oral fica em primeiro plano, advindo, em seguida, a predominância do sadismo e do erotismo anal e, “[...] numa terceira

²⁰⁵ A carta foi retirada da obra *Bismarck, the Man and the Statesman*, datada de 1898.

²⁰⁶ Otto von Bismarck (1815-1898), chanceler da Alemanha.

²⁰⁷ Guilherme I da Alemanha (1797-1888).

²⁰⁸ *A interpretação dos sonhos*, vol.5, 2007, AE.

²⁰⁹ *A interpretação dos sonhos*, vol.5, 2007, AE.

fase - que a criança se desenvolve pelo primado do falo - a vida sexual passa a ser comandada pela excitação das zonas genitais propriamente ditas” (FREUD, 1905|2008, p. 213)²¹⁰.

Conforme Freud acentua, essas manifestações polimorfas da sexualidade, que ganham expressão através da atividade masturbatória das crianças, são as responsáveis por ancorar a teoria sexual infantil de que todos os seres humanos têm pênis. Tal constatação o leva a destacar a universalidade do falo a partir de sua teoria da libido, única, masculina, que se faz representar como fantasia infantil advinda do gozo do órgão.

Essa premissa fálica, indicada em 1905, é retomada ao longo da obra freudiana e gradativamente articulada à origem do complexo de castração. Conforme verificado três anos depois, no texto *Sobre as teorias sexuais infantis*, Freud destaca que a primeira teoria sexual infantil deriva do desconhecimento da diferença dos sexos, pois as crianças atribuem a todos, inclusive às mulheres, e mais especificamente à mãe, a posse de um pênis:

O menino, governado, em grande parte, pelas excitações do pênis, procura prazer estimulando-o com a mão. Seus pais, ou as pessoas responsáveis por seu cuidado, lhe surpreendem e o aterrorizam com a ameaça de que lhe seria cortado o membro. O efeito dessa ‘ameaça de castração’ é, em seu típico nexos com a estima que se tem por essa parte do corpo, extraordinariamente profundo e duradouro. (FREUD, 1908|2007, p.193)²¹¹

Na menina, por sua vez, o clitóris é a sede das excitações, mas Freud nos alerta que, do mesmo modo que no menino, essa zona também confere à atividade sexual seu caráter masculino, confirmando a dose de verdade presente na teoria infantil de que todos têm pênis. Assim, o que vale destacar aqui é que a teoria da universalidade do pênis é prévia à percepção da ausência do pênis nas mulheres.

Interessante notar a ênfase que Freud dá à mãe dentre todas as mulheres, ao suposto pênis da mãe na fantasia infantil, marcando sua potência como mãe fálica, tal como podemos reconhecer nas teorias de Hans²¹² e na fantasia de Leonardo Da Vinci²¹³. Hans, aos 3 ¾ anos, já afirmava nunca ter visto o ‘faz-pipi’ de seu pai, mesmo quando este se despia, ao passo que não deixava de observar que, caso sua mãe tivesse um ‘faz-pipi’, este seria maior do que o de um cavalo. A mesma ênfase na mãe fálica é posta por Leonardo Da Vinci, em sua fantasia

²¹⁰ *Três ensaios da teoria sexual*, vol.7, 2008, AE.

²¹¹ *Sobre as teorias sexuais infantis*, vol.9, 2007, AE.

²¹² Ver *Análise da fobia de um menino de cinco anos*, vol. 10, 2008, AE.

²¹³ Ver *Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci*, vol. 11, 2007, AE.

sobre o milhafre²¹⁴: “A mãe que amamenta a criança - melhor: em quem a criança mama - foi transformada num milhafre que introduz sua cauda na boca da criança”²¹⁵ (FREUD, 1910|2007, p.87)²¹⁶.

Portanto, embora o falo seja comumente confundido com o órgão peniano, seu suporte imaginário, podemos perceber que ele é apresentado desde o início da obra freudiana como objeto central na economia do desejo, na medida em que a criança o atribui fantasisticamente à mãe, uma vez que é dependente de seu amor e de sua potência. Partindo dessa primeira premissa, Freud pôde, finalmente, em 1923, no artigo *A organização genital infantil: uma interpolação com a teoria da sexualidade*, nos apresentar a castração como a inscrição da falta que é significada pelo falo, significante que nomeia o desejo e confere significação aos objetos como destacáveis:

Me parece, isso sim, que só se pode apreciar corretamente o significado do complexo de castração se considerarmos sua gênese na fase do primado do falo. [...] ²¹⁷Com acerto se havia assinalado que a criança adquire a representação de um dano narcísico por perda corporal, sendo a raiz dessa perda o seio materno logo após mamar, a cotidiana deposição das fezes e até mesmo a separação do ventre da mãe ao nascer. Contudo, só cabe falar de um complexo de castração quando essa representação de uma perda estiver enlaçada com os genitais masculinos. (FREUD, 1923|2007, p.147-148)²¹⁸

Somente quando o pênis ganha o estatuto de destacável do corpo é que ele pode, por operação da linguagem, tornar-se análogo ao seio, perdido no desmame, e ao excremento. Conforme Freud alerta, é preciso estar ciente dessa conexão para orientarmo-nos diante das fantasias inconscientes que, por associação, tratam as fezes, o dinheiro, o bebê e o pênis como se significassem a mesma coisa, representados pelo mesmo símbolo - o falo.

²¹⁴ Elisabeth Roudinesco, em seu livro *Sigmund Freud (en son temps et dans le notre)*, ainda inédito no Brasil, esclarece que Freud, tomado pelos enigmas que envolviam a vida de Leonardo, recorreu a uma recordação de infância que o próprio Leonardo havia cuidadosamente anotado em seus cadernos: “Ainda no berço, um abutre veio até mim, abriu minha boca com sua calda e, por diversas vezes, fustigou meus lábios com ela”. Segundo Roudinesco, “[...] embora Freud citasse a tradução alemã do texto, na qual figurava a palavra ‘abutre’ (*Geier*), em nota acrescentava a versão original em italiano, na qual Leonardo falava em outro tipo de ave de rapina denominada *nibbio* (milhafre), que deveria ter sido traduzida em alemão pelos termos *Hühnergeier* ou *Gabelweihe*” (ROUDINESCO, 2014, p. 190). Roudinesco ainda acrescenta que, em 1956, Meyer Schapiro, historiador de arte, também criticou Freud por sua confusão entre o abutre e o milhafre.

²¹⁵ No mesmo texto, Freud faz referência à mitologia, que frequentemente acrescenta um falo ao corpo feminino como representação da força primitiva criadora da natureza, nos fornecendo, como exemplo, a deusa egípcia Mut que, tal como na fantasia de Leonardo, é representada com uma cabeça de milhafre, simbolizando um falo.

²¹⁶ *Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci*, vol. 11, 2007, AE.

²¹⁷ Nota de rodapé.

²¹⁸ *A organização genital infantil: uma interpolação com a teoria da sexualidade*, vol.19, 2007, AE.

Somente a partir da falta fálica - emergindo no campo materno e, conseqüentemente, resvalando na criança -, é que a diferença dos sexos ganha expressão pela primeira vez. Ou seja, é na medida em que o falo falta que pode ser definido como falo simbólico, ponto em que a dissolução edípica ganha destinos distintos para os meninos e para as meninas.

Foi através dessa constatação que Freud - primeiramente em 1910²¹⁹, e depois em 1927²²⁰ -, dirigiu-se à investigação do fetiche, como substituto do falo que falta à mãe, subsistindo como proteção do sujeito que, visando preservá-lo, escolhe como fetiche uma parte do corpo ou um objeto que possa simbolizar o pênis faltoso.

Aqui, coloca-se uma questão: como dizer que uma mulher seria privada de um órgão que, por natureza, ela não tem? Essa afirmação só é possível por tratar-se de um objeto simbólico que a linguagem impõe, objeto sempre faltoso, na medida em que ele falta primeiramente à mãe, por onde o desejo da criança é despertado²²¹.

Assim, vale esclarecer que o fetiche não é o substituto de um pênis qualquer, mas de um pênis determinado, que tem grande importância na vida infantil, embora seja perdido mais tarde: “Para dizê-lo com maior clareza: o fetiche é o substituto do falo da mulher (da mãe), no qual o menino acreditou e ao qual não deseja renunciar - sabemos por quê” (FREUD, 1927|2007, p.148)²²².

Notemos que a ênfase recai, novamente, sobre a mãe, uma vez que, como ressalta Lacan, ao real do corpo da mulher nada falta. Desse modo, o que a instauração de um fetiche visa preencher é a imagem fálica atribuída à mãe, advinda da fantasia infantil. Logo, o fetiche não é um substituto do pênis - que além das mulheres não terem também não lhes falta -, mas sim do falo materno, tal como Freud fez questão de destacar.

Este breve prefácio servirá de guia para trilharmos os caminhos do inconsciente que revelam o complexo de Édipo, e introduzirmos as questões desse capítulo. Nesse ponto, será proposto pensar as diferentes funções, materna e paterna, em sua independência dos aspectos anatômicos: poderia o Édipo assumir função normativa para o sujeito quando não há uma

²¹⁹ Ver *Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci*, vol. 11, 2007, AE.

²²⁰ Ver *Fetichismo*, vol. 21, 2007, AE.

²²¹ O desejo da criança é despertado pelo objeto de desejo do Outro: o falo.

²²² *Fetichismo*, vol. 21, 2007, AE.

mulher assumindo a função materna? O que resvala no sujeito quanto à assunção de seu sexo, quando um homem exerce essa função? Qual a relação entre a transmissão da Lei e a anatomia do agente da função paterna?

É importante lembrar que as descobertas freudianas revelam que, para ambos os sexos, apenas o falo entra em consideração como significante articulador da estrutura simbólica e sexual, por onde o desejo da criança é despertado pelo objeto de desejo do Outro.

Ao recorrer-se a Lacan, com o primeiro tempo do Édipo, verifica-se que a mãe deseja na criança sua imagem fálica, devido à falta de objeto dada pela estrutura e transmitida pela linguagem, que funda toda a ordem simbólica, anterior a cada nascimento. É sobre essa falta que o falo - e não o pênis -, pode presentificar-se como objeto privilegiado do desejo humano, para homens e mulheres, sendo o próprio motor da relação do sujeito com o mundo.

Em outras palavras, o falo, operando como objeto que falta ao Outro - ϕ minúsculo -, orienta metonimicamente a identificação imaginária do filho como falo, lugar de objeto que a criança ocupa buscando satisfazer o desejo da mãe. É assim que o bebê encontra uma brecha e se oferece, com todo o seu corpo, como objeto fálico que se presta a tamponar essa fenda.

No entanto, embora a criança, por seu desamparo original, escolha forçosamente se assujeitar aos caprichos maternos, vale notar, para que essa metonímia seja possível, que o pai real²²³, pai na qualidade de procriador, situado no nível simbólico devido a uma necessidade da cadeia significante, já está aí, conferindo seu nome, nome de pai, mesmo que para a criança ainda permaneça velado:

O pai, para nós, é, ele é real. [...] uma mulher não engravida se não houver praticado o coito, e também num prazo muito preciso. [...] O importante, com efeito, não é as pessoas saberem perfeitamente que uma mulher só pode engravidar quando pratica um coito, mas sancionarem num significante que aquele com quem ela praticou o coito é o pai. (LACAN, 1958|1999, p.186-187)²²⁴

²²³ Aqui não se trata da função do pai real, mas de um dado inerente a qualquer reprodução: o espermatozoide, tal como Lacan desenvolve em *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise*. “O pai real nada mais é que um efeito de linguagem, e não tem outro real. [...] Só há um pai real, é o espermatozoide, e, até segunda ordem, ninguém jamais pensou em dizer que é filho de tal espermatozoide. [...] Mas isso é completamente novo, e não tem absolutamente nada a ver com tudo o que se enunciou até aqui como sendo a função do pai” (LACAN, 1970|1992, p. 120). Ver Do mito à estrutura. In: *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise*, 1992. A expressão ‘pai real’ é francamente ambígua e pode dar margem a equívocos que devem ser evitados. Quando Moustapha Safouan publicou seu livro *Estudos sobre o Édipo* e utilizou-a no capítulo 9 - Da função do pai real -, recebeu uma crítica na *Revista Ornicar?*.

²²⁴ Os três tempos do Édipo. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

Essa mítica completude fálica já ratifica a elaboração freudiana de que “[...] não há, portanto, uma primazia genital, mas sim uma primazia do falo” (FREUD, 1923|2007, p.146)²²⁵, pois a posição do significante paterno, no plano simbólico, antecede e funda a captura imaginária - ponto nodal que nos conduz à linguagem, à ênfase que recai sobre o significante na economia do desejo.

Desse modo, a mãe, como trazido por Freud, ou o tesouro dos significantes, como introduzido por Lacan, é uma função que só promove o estatuto de Outro primordial a quem é representante desse lugar para o bebê devido a um efeito de linguagem e não através de um dado que, *a priori*, se apresenta pela via anatômica. Ou seja, não se trata de qualquer espécie de instinto materno nas mulheres. Igualmente, o pai é um *semblant*, capaz de promover um efeito metafórico ao substituir o desejo enigmático do Outro pelo Nome-do-Pai, uma vez que o pai é simbólico e só existe por uma construção mítica, Um-pai que funda a posição da Lei.

Sendo assim, o humano, ser de linguagem, desamparado por estrutura, precisa que alguém, e não necessariamente uma mulher, o acolha e entenda seu apelo como uma intenção dirigida, uma mensagem. Cabe, a quem por desejo exerce essa função, transformar o apelo da criança em significante, trazendo o sentido: fome, sede, dor, calor, frio, etc. Por outro lado, o pai, revestido como símbolo, aquele que é suposto ter o que a mãe deseja, não precisa estar presente no ambiente para se fazer presente no complexo, dando acesso à Lei. Estes são os dois pontos que precisam ficar claros, a fim de que possamos pensar o complexo de Édipo e de castração enquanto operações de linguagem, essencialmente simbólicas.

Esse percurso se inicia com o tempo zero, onde o significante materno é o primeiro significante introduzido na simbolização, na medida em que a criança depende do desejo de quem exerce essa função, desenhando, nessa relação, as primeiras realidades com o meio vivo. Aqui, a mãe é uma exigência simbólica, um dado de estrutura que se manifesta pelo par presença-ausência. A mãe, em si, é um símbolo, pois não há constituição do Outro nesse momento, denominado por Freud de autoerótico. Trata-se do puro vai e vem do objeto real, o seio, articulando a criança ao registro do apelo.

²²⁵ *A organização genital infantil*: uma interpolação com a teoria da sexualidade, vol.19, 2007, AE.

Através dessa primeira simbolização, o *infans* passará do marco zero ao primeiro tempo do Édipo; ou seja, o desejo da criança irá se configurar como desejo do desejo desse ser primordial, surgindo o Outro, onipotente, agente da frustração, por ser capaz de dar - ou não - acesso aos objetos simbólicos. Aqui, há uma transformação, pois o que era mero objeto da necessidade traz consigo um além, sendo oferecido, ao filho, algo que o objeto em si não comporta, mas que vem atrelado com a resposta que o Outro oferece ao apelo: o dom. O dom é o signo do amor, aquilo que o objeto não tem, mas que é oferecido à criança juntamente com o objeto, levando Lacan a afirmar que amar é dar aquilo que não se tem, é doar a falta, dar uma significação ao vazio original, transmissão da castração²²⁶:

A partir de seu ingresso na dialética da frustração, o objeto real não é em si mesmo indiferente, mas não tem necessidade alguma de ser específico. Mesmo que não seja o seio da mãe, nem por isso ele perderá algo do valor de seu lugar na dialética sexual, de onde se origina a erotização da zona oral. Não é o objeto que desempenha, em seu interior, o papel essencial, mas o fato de que a atividade assumiu uma função erotizada no plano do desejo, o qual se ordena na ordem simbólica. (LACAN, 1957|1995, p. 188)²²⁷

Reside aí toda a particularidade do humano, o que permite perceber que não há qualquer momento simbólico ideal, como uma simultaneidade entre a intenção do bebê, que se manifesta como mensagem ao Outro, e a ratificação exata desse significante no Outro. No humano, ser de linguagem, há um efeito de transformação que faz do sujeito um ‘corno’, traído pelo fato de seu desejo deitar-se com o significante:

[...] a partir do momento em que se fala com alguém, existe um Outro, um Outro em si, como sujeito do código, e já nos encontramos submetidos à dialética de “corneação” do desejo. (LACAN, 1958|1999, p. 155)²²⁸

A passagem do desejo pela cadeia significante é o que faz com que tudo dependa do Outro, como lugar do código que, por si só, traz a modificação do desejo por sua transposição ao nível da linguagem. Daí qualquer satisfação possível do desejo depender da articulação entre a invocação, o apelo do bebê, e a resposta vinda da sede do código, do qual o grito retorna modelado, articulado como palavra, ratificando que “desde a origem, a criança se

²²⁶ Conforme Nadiá P. Ferreira destaca em seu livro *A teoria do amor*, o paradoxo reside no fato de que o que falta ao sujeito é justamente o que o seu objeto também não tem: o objeto do desejo. Desse modo, o processo de humanização do ser falante “[...] se torna então sinônimo de constituição de uma estrutura psíquica, que é formada pelo simbólico (universo da palavra e da lei), pelo imaginário (campo do sentido e da imagem corporal) e pelo real (registro do impossível). Castração, então, deve ser entendida como a inserção do real como representante do impossível nessa estrutura psíquica” (FERREIRA, 2004, p. 9).

²²⁷ O falo e a mãe insaciável. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

²²⁸ A forclusão do Nome-do-Pai. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

alimenta tanto de palavras quanto de pão, e perece por palavras” (LACAN, 1957|1995, p. 193)²²⁹.

Notemos que não se trata de um dado objetivo, mas de uma articulação do sujeito no nível da demanda, no qual os objetos que o *infans* quer reter consigo não são apenas objetos da satisfação, mas objetos do dom, que testemunham a potência materna - que pode, ou não, responder ao apelo -, marcando o seu valor. A partir de então, “o que conta, vocês vão ver, são as carências, as decepções, que afetam a onipotência materna” (LACAN, 1956|1995, p. 70)²³⁰. Nesse momento da dialética, os objetos tornaram-se simbólicos, não importando se a mãe traz o seio, a mamadeira ou a chupeta, pois o que vale é que tenha veiculado o dom, já que a satisfação que está em jogo na dialética da frustração, à qual o bebê faz apelo, é da ordem do amor.

Há no eixo pulsional um circuito de trocas, que possibilita a substituição do objeto - que deixa de ser do nível da necessidade e passa a ser tomado pela via simbólica -, introduzindo o *infans* na ordem humana:

Com efeito, todas as relações com o corpo próprio que se estabelecem por intermédio da relação especular, todas as pertinências do corpo entram em jogo e são transformados por seu advento no significante. O fato de que os excrementos se tornem, durante um certo tempo, o objeto eletivo do dom não deve certamente nos surpreender, já que é, evidentemente, no material que se oferece a ela em relação a seu próprio corpo que **a criança pode encontrar o real feito para alimentar o simbólico**²³¹. O fato de que a retenção possa se tornar recusa tampouco deve surpreendê-los. (LACAN, 1957|1995, p. 193)²³²

Desde então, a satisfação da necessidade se torna uma parva compensação para a decepção imposta pela ordem simbólica, uma vez que o objeto, quando presente, comporta um fundo de ausência, marcando que o que se deseja não será alcançado, por impossibilidade. A fim de satisfazer o que não pode ser satisfeito, a criança se faz de objeto enganador. Na tentativa de garantir os objetos de dom, evitando que aquilo que é falta no agente da função materna a leve para outras direções, a criança se oferece para obturá-la, mantendo-a completa, mesmo que ao preço da alienação, pois se trata de uma questão de sobrevivência.

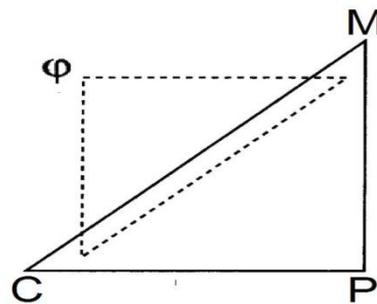
²²⁹ O falo e a mãe insaciável. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

²³⁰ A dialética da frustração. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

²³¹ *Grifo nosso*.

²³² O falo e a mãe insaciável. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

Portanto, para que esse deslocamento seja possível, devemos notar que o Outro - M -, como lugar do significante, traz consigo o reflexo do significante essencial - P -, que conduz o sujeito a entrar no jogo pela via da 'imagem guia' do falo. Essa imagem guia - ϕ -, que tanto opera unificando a imagem total do corpo quanto permite ao sujeito uma primeira identificação imaginária, tem sua matriz no significante paterno - P -, por onde surge o efeito da metáfora:



Há nesse desenho uma relação de simetria entre *falo*, que está aqui no vértice superior do ternário imaginário, e *pai*, no vértice inferior do ternário simbólico. Veremos que não há aí uma simples simetria, mas uma ligação. Como é que já se faz possível eu adiantar que essa ligação é de ordem metafórica? (LACAN, 1958|1999, p. 189)²³³

É assim que o significante paterno, revestido como símbolo, por sua ligação metafórica ao falo, funda a posição do falo no plano imaginário, mediando o desejo materno e apontando esse mais-além, que permite a identificação da criança com o falo, na medida em que o falo é a resposta para a incógnita suscitada pelo desejo do Outro.

Nessa etapa fálica primitiva, o ponto nodal coloca-se no plano imaginário, na escolha do filho em ser ou não ser o falo, uma vez que já se encontra projetado no plano simbólico que o Outro não o tem. A essência desse momento reside no resultado, pois é o que a criança consegue pescar; ou seja, o pai, seja quem for, ainda está velado para ela, mas a metáfora paterna opera por si só, como primazia fálica instaurada no mundo através do símbolo e da Lei.

²³³ Os três tempos do Édipo. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

Portanto, basta à criança ser o falo, objeto suficiente para satisfazer o desejo materno, trazendo a observação de que, nesse primeiro tempo do Édipo, a relação da criança não é com a mãe, mas com o desejo de quem ocupa essa função, seja homem ou mulher. Esse desejo permite que o bebê se situe como assujeitado aos caprichos de quem depende, oferecendo o falo sob a forma de sua imagem:

O que cabe compreender é que esse desejo de desejo implica que estejamos lidando com o objeto primordial que é a mãe, com efeito, e que a tenhamos constituído de tal maneira que seu desejo possa ser desejado por um outro desejo, o do filho, nomeadamente. (LACAN, 1958|1999, p.205)²³⁴

Desde a origem, há uma motivação da ordem do desejo em sua relação fundamental com a ausência do objeto. Antes mesmo de aprender a falar ou compreender o que é dito, já existe a simbolização introduzida pela carência do objeto que completaria o humano, levando a significação a se furta, a deslizar como um objeto metonímico. Daí o falo representar, ou induzir, o objeto faltante para o plano imaginário.

No entanto, essa dependência do Outro é o que também permite a passagem para o nível dialético da privação, pois os objetos não só dependem desse alguém, como não há amor a dar que seja suficiente para apaziguar um ser que, originalmente, por estrutura, encontra-se desamparado, como o bebê humano. O que ela quer? Por que ainda se vai, já que me ofereço a ela? Quem tem o que ela deseja? A oferta da criança não é mais suficiente, e alguém deve ter o que o agente materno deseja: alguém que se torna um rival no nível imaginário.

Essa falta, marcada na origem, revela que o Nome-do-Pai, como significante que confere autoridade à Lei, já está, no interior do Outro da linguagem, impresso como um significante essencial, que nesse vaivém entre mensagem e código representa no Outro o Outro, como aquele que dá alcance à interdição, uma vez que

[...] a dimensão do Outro como lugar do depósito, do tesouro do significante, comporta, para que ele possa exercer plenamente sua função de Outro, que ele tenha também o significante do Outro como Outro. Também o Outro tem, além dele, esse Outro capaz de dar fundamento à lei. Essa é uma dimensão que, é claro, é igualmente da ordem do significante, e que se encarna em pessoas que tenham essa autoridade. (LACAN, 1958|1999, p. 162)²³⁵

²³⁴ Os três tempos do Édipo II. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

²³⁵ A forclusão do Nome-do-Pai. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

A interdição aqui se caracteriza como um ‘não’ para o representante do Outro - a mãe. Trata-se de um ‘não reintegrarás o teu produto’, intervenção que a priva de um objeto simbólico, o falo, que ela possui sob a forma do filho. Esse impedimento remete o capricho materno a uma Lei, Lei que não é dela, mas de um Outro, aquele que possui o objeto de seu desejo.

O pai desse segundo tempo do Édipo, suporte da Lei, é mediado pela mãe, responsável por instaurá-lo como aquele que faz Lei. Logo, é a mãe que deve fundar o pai como mediador daquilo que está para além de seu capricho; ou, dito de outro modo, o pai deve estar presente na palavra da mãe. A essência desse tempo não está apenas do enigmático vaivém do agente materno, mas como Lacan nos atenta, é preciso que exista, por trás dessa função, “[...] toda a ordem simbólica de que ela depende, e a qual, como está sempre mais ou menos presente, permite um certo acesso ao objeto de seu desejo” (LACAN, 1958|1999, p. 189)²³⁶, objeto privilegiado na ordem simbólica - o falo.

O que se torna relevante entendermos é que a matriz do Édipo está inscrita para todos os humanos, não podendo ser apagada. O Outro, como tesouro do significante, comporta que ele também tenha esse Outro capaz de dar fundamento à Lei, trazendo ao filho o reflexo do significante essencial: o Nome-do-Pai. Só assim a castração materna terá efeito sobre o sujeito, revelando que o Outro é privado do objeto tanto quanto o bebê, acarretando uma dupla decepção imaginária que, ao mesmo tempo, confere ao objeto fálico sua importância, uma vez que falta. A privação, portanto, é um confronto com o real da falta, pois nessa relação primordial com o Outro da linguagem algo fica de fora, *das Ding*, a Coisa, núcleo do inconsciente que, embora impossível de representar, por não passar pelo significante, é a própria condição do inconsciente.

Dito de outro modo, no aparelho psíquico há um registro simbólico, um significante essencial que esvazia o gozo puro e introduz a libido a partir da relação com o Outro, marcando possibilidades de satisfação mais-além da descarga da pulsão de morte, tal como verificamos no capítulo anterior desta tese. Trata-se de um ganho advindo de uma perda, aspecto da ordem simbólica que, embora decepcionante, dá acesso às substituições²³⁷.

²³⁶ Os três tempos do Édipo. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

²³⁷ Ver gráfico da página 76 desta tese.

Dessa forma, a função do falo, pela via imaginária, embora promettesse certo apaziguamento ao bebê, acaba escapando, pois o desejo não se encerra na imagem, pelo contrário: o falo se encarna justamente naquilo que falta à imagem, apontando um furo entre a imagem oferecida ao Outro e o desejo do Outro, que protege, pois trata-se de um jogo de engodo, onde a criança se oferece ao Outro ao mesmo tempo em que se defende do devoramento do Outro.

O pai desse segundo tempo é desvelado quando a criança encontra a privação no Outro. O pai aparece como projeção da hostilidade do próprio bebê, que retorna a ele, imaginariamente, como um rival, vinculando um primeiro aparecimento da impossibilidade de fazer Um e permitindo que a criança se desvincule de sua identificação com o falo:

Em outras palavras, é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, o objeto do desejo da mãe. (LACAN, 1958|1999, p.210)²³⁸

Para isso, é necessário que a criança aceite a privação do falo materno, levando à percepção de que ela própria não é o único objeto do desejo da mãe: uma dupla decepção imaginária que caracteriza a falta real de um objeto simbólico, permitindo a passagem para o terceiro tempo do Édipo:

Mas por que o pai? A experiência prova que a mãe também o faz tão bem quanto ele. Lembrem-se da observação do pequeno Hans, onde é a mãe quem diz: - *Ponha isso para dentro, isso não se faz*. Em geral, na maioria das vezes, é a mãe quem diz: - *Se você continuar a fazer isso, vamos chamar o doutor para cortá-lo fora*. Convém, portanto, assinalar que o pai, na medida em que proíbe no nível da pulsão real, não é muito essencial. (LACAN, 1958|1999, p. 178)²³⁹

É nessa etapa que o falo volta a assumir o lugar do significante: falo simbólico - Φ maiúsculo - que inscreve o gozo perdido. A mensagem, para a criança, chega como um ‘não há o que me ofereça que seja suficiente’, insatisfação fundamental experimentada pelo agente materno na relação mãe-criança, sendo a função paterna o único recurso para solucionar esse novo impasse. Diante do que era uma completude fálica, a falta se instaura como incompletude do Outro, abrindo o caminho para o terceiro tempo do Édipo, onde a falta do falo é ratificada, já que ninguém o tem.

²³⁸ Os três tempos do Édipo II. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

²³⁹ A metáfora paterna. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

Neste ponto, fica novamente claro que não importa se o representante da função materna é um homem ou uma mulher, pois a falta está elevada ao nível significante, uma vez que a privação paterna incide sobre um objeto que sequer a mãe tem, já que a priva “[...] de algo que só tem existência como símbolo” (LACAN, 1958|1999, p. 191)²⁴⁰, não requerendo, para isso, sequer que o pai exista no ambiente.

O Nome-do-Pai é uma metáfora da presença do pai, que entra em jogo no terceiro tempo como potência paterna; aquele que é suposto ter o objeto do desejo materno, podendo dar esse objeto, e não apenas privando o Outro dele. Aqui a metáfora paterna “[...] leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde” (LACAN, 1958|1999, p. 201)²⁴¹.

Deixemos claro que, nesse momento da castração, o pai simbólico é um lugar que o agente da função materna aponta como sustentáculo do Nome-do-Pai, puro *semblant* capaz de produzir uma báscula que reinstaura o falo como objeto do desejo, não importando se esse pai é um personagem da família, um trabalho, um homem ou mesmo uma mulher, contanto que sustente a impossibilidade de fazer Um. Trata-se de algo estrutural que não se reduz à composição familiar de algum tipo, onde o que está em jogo é a falta, que aponta o desejo materno para além do filho, algo ou alguém que marque um limite a esse sujeito que exerce a função de mãe, convertendo o objeto para sempre perdido em objeto causa do desejo.

O que o pai potente transmite é o falo como significante da falta, motor do desejo que dá possibilidade de significação ao enigma do desejo materno. Essa metáfora revela no Outro o lugar da Lei como tal, do significante essencial que traz sentido ao que antes era enigma.

$$\begin{array}{l} \underline{NP} \cdot \underline{DM} \rightarrow NP (A / \Phi) \\ DM \quad x \end{array}$$

²⁴⁰ Os três tempos do Édipo. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

²⁴¹ Os três tempos do Édipo. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

NP - Significante Nome-do-Pai
 DM - Desejo da mãe²⁴²
 X - Significação desconhecida para o sujeito
 A - Outro
 Φ - Falo

A função paterna, ao operar como metáfora, substitui o desejo obscuro da mãe - puro capricho sem Lei -, pelo Nome-do-Pai, símbolo da ausência da mãe, permitindo que o sujeito saia do impasse imaginário. Desde então, o Nome-do-Pai “vetor de uma encarnação da Lei no desejo” (LACAN, 1969|2003, p.373)²⁴³, ao marcar a falta simbólica do objeto imaginário, o falo, também revela a carência de um objeto harmônico que complete, e a ausência de um significante que represente o sujeito de forma absoluta; *hiância* inerente à relação do sujeito com o Outro, indicada pela impossibilidade de plenitude.

Assim, esse terceiro tempo, que equivale ao declínio do complexo de Édipo, é marcado pela simbolização da Lei e pela renúncia ao gozo. O pai, antes na condição de falo rival junto à mãe, onipotente, passa a ser reconhecido como castrado: ele também não tem o falo, mas tem alguma coisa com o valor de dom.

Portanto, embora a falta seja um dado de estrutura, é somente no terceiro tempo que ganha significação, revelando que tanto o pai quanto a mãe e o filho *não são e não têm* o falo, falta radical que, por retroação, revela a falta-a-ser a partir da falta-a-ter, produzida pela inclusão do sujeito na linguagem. Logo, frustração - ser ou não ser o falo -, privação - ter ou não ter o falo -, e castração - ter ou não ter o dom -, são os três tempos lógicos da transmissão da falta, revelando que o que é desejado é o impossível.

Em outras palavras, é a Lei da interdição do incesto que regulamenta as trocas humanas, pois, a partir da castração, a falta deixa de ser um vazio a ser preenchido, sendo elevada à categoria de vetor do desejo, motor psíquico das buscas futuras. Por isso, os objetos imaginários, embora postos no lugar do que falta, não promovem completude, não recuperam

²⁴² Vontade sem Lei, daí o ‘D’ maiúsculo: “O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão - a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso” (LACAN, 1970|1992, p.105). Ver Édipo e Moisés e o pai da horda. In: *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise*, 1992.

²⁴³ Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos*, 2003.

o gozo perdido; condição dada pelo falo simbólico que, ao permitir as infinitas substituições, ampliando o circuito de trocas, mantém o impossível da relação sexual.

A partir de então, o objeto a , como resto dessa operação, aquilo que falta e promete o resgate, fará a ponte entre o sujeito e o outro, causando o desejo: lógica da retroação que eleva os objetos a ao lugar do falo faltante.

$$\frac{a}{- \varphi}$$

Por este motivo, em *O Seminário, Livro 22: R.S.I.*, Lacan acrescenta a *père-version* como a orientação do desejo de um sujeito para o objeto que lhe causa. Ou seja, o representante da função do pai, ao tomar o(a) parceiro(a) representante da função da mãe como causa de desejo - a - aponta para um limite no campo materno, retirando-o(a) do lugar de sujeito - $\$$ - que coloca o filho como objeto de seu gozo, a :

Um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o-dito amor, o-dito respeito, estiver, vocês não vão acreditar em suas orelhas, *père-vertidamente*²⁴⁴ orientado, isto é, feito de uma mulher, objeto pequeno a que causa seu desejo [...], única garantia de sua função de pai. (LACAN, 1975|inédito, p.23)²⁴⁵

Portanto, é no lugar de objeto de desejo que o representante da função materna pode remeter o filho ao pai, aquele que do lugar de sujeito defronta-se com o objeto de seu gozo - $\$$ → a -, ratificando a falta de simetria nesse encontro:

$$\begin{array}{ccc} \text{FUNÇÃO MATERNA} & & \text{FUNÇÃO PATERNA} \\ \frac{M\ddot{A}E}{\$} \quad \frac{DESEJO DE}{\quad} \quad \frac{CRIANÇA}{a} & \therefore & \frac{HOMEM}{\$} \quad \frac{DESEJO DE}{\quad} \quad \frac{MULHER}{a} \\ & & \text{\AA} \end{array}$$

²⁴⁴ *Pai-vertidamente*, homofônico com perversamente.

²⁴⁵ Lição de 21 de janeiro de 1975. In: *O Seminário, Livro 22: R.S.I.*, inédito.

Retomemos então às questões colocadas inicialmente, a fim de concluir: como conceber que a anatomia do sujeito que exerce a função materna ou a função paterna possa acarretar à criança a impossibilidade de subjetivação de seu sexo quando a cultural distinção de papéis ideais, que fazem da mulher uma mãe, e do homem um pai, não condiz com certos arranjos familiares?

Inicialmente, temos como um dado da estrutura simbólica, presente no mundo, a pura manifestação do par presença-ausência. Nesse marco zero, não há outro, seja homem ou mulher. Em seguida, no primeiro tempo do Édipo, a função materna, onipotente, diz respeito ao Outro da linguagem, que dá ou não acesso aos objetos, trazendo o dom, enquanto o pai aparece velado, embora a metáfora paterna opere por si só, como primazia fálica instaurada no mundo através do símbolo e da Lei.

No segundo tempo do Édipo, a função paterna não está menos velada que no primeiro tempo, mas marca sua presença como suporte da Lei. Esta mensagem retorna para a criança através da mediação do discurso materno, revelando a insuficiência do que é oferecido pelo filho no que tange a completude, permitindo a passagem para o terceiro tempo da relação, quando o Outro da linguagem aparece privado, desejante, e a função paterna nasce revestida como símbolo. O pai, que também não tem o falo, é tomado como aquele que tem alguma coisa com valor de dom, permitindo ao assujeitado o acesso ao desejo. Logo:

ϕ - o falo imaginário nos revela o assujeitamento da criança, a alienação imaginária devida à identificação ao falo materno, objeto suposto faltar à mãe.

Φ - o falo simbólico, significante do desejo, tomado como símbolo, é o operador lógico no discurso do inconsciente.

$-\phi$ - o falo imaginário negativado desvenda o objeto faltante, objeto imaginário da castração na articulação com o desejo, que vela a falta do significante.

Assim, a criança, num primeiro momento, mantém uma relação não com a mãe, mas com o desejo de quem exerce essa função, causa da fenda necessária para que se posicione como falo imaginário do Outro. Em seguida, se depara com um além, que é constituído pela relação desse Outro com a Lei, que protege a criança do devoramento. Por fim, o falo, antes no plano imaginário, retorna ao plano simbólico pela via da metáfora paterna, de onde a criança reconhece não sê-lo e não tê-lo, trazendo a conclusão de que não há falo imaginário

sem falo simbólico, uma vez que, como seres de linguagem, o significante essencial, o Nome-do-Pai, está desde sempre presente, impondo um limite, uma impossibilidade, e nos oferecendo acesso à Lei, basta sabermos servir-nos dele.

De tal modo, seja pelo lado da força ou da fraqueza, o pai tornar-se-á preferível à mãe, estabelecendo a identificação final do complexo de Édipo no nível do Ideal de Eu, onde está centrada a diferença do efeito do complexo de castração no menino e na menina. Uma vez reconhecido não ter, o menino aceita não ter aquilo que tem e a menina aceita não ter aquilo que realmente não tem. Para tê-lo, é preciso que seja instaurado que não se pode tê-lo, de modo que a possibilidade de ser castrado torna-se essencial na assunção da posição sexuada:

É isso que escandaliza aqueles que gostariam que a situação concernente ao objeto sexual fosse simétrica em ambos os sexos. Assim como o homem tem que descobrir e, depois, adaptar a uma série de aventuras o uso de seu instrumento, o mesmo deveria acontecer com a mulher, isto é, que o *cunnus* ficasse no centro de toda a sua dialética. Mas não é nada disso, e foi precisamente essa a descoberta da análise. (LACAN, 1958|1999, p. 207)²⁴⁶

O falo, como ausência para ambos os sexos, por ser um significante do desejo cujo significado escapa, não subjetivável na sexualidade, tanto conota o sujeito como faltoso e desejante quanto confere ao objeto perdido um brilho fálico. Daí uns sustentarem tê-lo e outros sustentarem não tê-lo; diversidades psíquicas que surgem do irremediável da diferença dos sexos, tema a ser abordado a seguir.

4.2 A escolha do sexo e o Totem

Uma vez elucidada a questão familiar, a partir do sexo dos genitores, em sua distinção da questão estrutural, no que tange às funções materna e paterna no complexo de Édipo para a assunção de um sujeito de desejo, passemos a uma nova polêmica: qual o peso dado pelo sujeito à diferença anatômica dos sexos na subjetivação de sua posição sexuada? Podemos pensá-la como o resultado de uma escolha forçada através da qual o sujeito assume seu sexo, enodando real, simbólico e imaginário? Qual o caminho, a partir dessa sentença lógica, para alcançar a masculinidade? E o que resta aos homens diante da feminilidade?

²⁴⁶ Os três tempos do Édipo II. In: *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*, 1999.

Partindo da primazia fálica, que antecede a percepção da diferença dos sexos e marca a distinção do efeito edípico para homens e mulheres, tal como cunhado por Freud e ratificado por Lacan ao afirmar que “o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó” (LACAN, 1958|1998, p. 692)²⁴⁷, pretendemos confirmar nossa hipótese: a escolha da posição sexuada é o efeito de uma lógica sentenciada.

Retornemos aos *Três ensaios* para verificarmos como Freud aborda as antíteses sexuais, presentes no desenvolvimento infantil, dando relevo à significação que se apresenta pela lógica da retroação, *après-coup*: num primeiro momento, a oposição se dá entre sujeito e objeto, uma vez que o objeto está perdido desde sempre, restando a demanda ao Outro como reivindicação de algo que está separado dele. No momento seguinte, sádico anal, prevalece a oposição ativo e passivo, quando frente à demanda do Outro o sujeito trava uma luta entre o domínio e a submissão. Na fase fálica, há masculino, mas não há feminino, uma vez que a oposição se dá entre os fálicos e os castrados. Assim sendo, só na época da puberdade a antítese sexual coincide com masculino e feminino, efeitos de sentido derivados da impossibilidade de representação do sexo materno²⁴⁸, interdito pelo Édipo.

As antíteses sexuais, descritas por Freud, surgem de um processo lógico que parte da universalização do traço fálico. Conforme verificamos nos capítulos anteriores, a hipótese freudiana destaca a universalidade do falo a partir de sua teoria da libido - única, masculina, que se faz representar como fantasia infantil advinda do gozo do órgão. A atividade masturbatória, com sua inerente promoção de prazer, que emana do real pulsional e marca a estrutura da fantasia, torna-se a responsável por ancorar a teoria sexual de que todos têm pênis.

Até o momento da diferenciação dos sexos, meninos e meninas participam igualmente da norma fálica, primado que permitirá a articulação da castração do Outro materno enquanto ponto nodal entre a sexualidade e a subjetivação da falta, por onde Freud distingue os caminhos do Édipo masculino e feminino: se num primeiro tempo há a universalidade do falo, num segundo tempo essa ilusão cai, a partir da percepção da falta no campo materno, para que num terceiro tempo essa falta possa ser simbolizada pelo próprio sujeito, a partir da ameaça ou da constatação da perda.

²⁴⁷ A significação do falo. In: *Escritos*, 1998.

²⁴⁸ Não há representação d'A Mulher no inconsciente, daí Lacan afirmar que A Mulher não existe, marcando-a com uma barra - \bar{A} mulher.

Neste contexto, Freud apresenta a significação da castração por retroação. Uma operação simbólica, metafórica, cujo objeto é imaginário - o falo -, conferindo significação aos objetos como destacáveis, capazes de gerar, como consequência,

[...] a representação de um dano narcísico, por perda corporal, como na perda do seio materno após mamar, no cotidiano depósito das fezes, e até mesmo na separação do ventre da mãe ao nascer. Contudo, só cabe falarmos de um complexo de castração quando essa representação de uma perda for associada com os genitais masculinos. (FREUD, 1923|2007, p. 147-148)²⁴⁹

Decerto que a dicotomia ter ou não ter o pênis - ou seja, ter ou não ter o suporte imaginário do falo -, trouxe ao campo psicanalítico as mais diversas questões. No entanto, é justamente porque a primazia fálica antecede a percepção da presença ou da ausência do pênis que a castração do agente materno pode ser simbolizada como incompletude do Outro, por onde o sujeito vem significar sua própria falta no registro sexual, buscando um efeito de sentido que se apoia na diferença anatômica dos sexos. Esse é o ponto chave na subjetivação sexuada, uma falta real - inerente ao ser de linguagem -, que busca apoio na anatomia - atrelada aos campos imaginário e simbólico - e visa a produção de sentido - pura aparência que não elimina as questões sobre o sexo que abarcam o humano.

Se estivéssemos referidos unicamente ao aspecto anatômico, nada faltaria ao campo materno, uma vez que o real do corpo é apenas diferente nos dois sexos, anatomicamente distinto no homem e na mulher. Inclusive, se a ausência do pênis fosse a responsável por introduzir a falta no Outro, seríamos conduzidos a retomar os pontos desenvolvidos no subcapítulo anterior, no qual foi verificado que, mesmo um homem, com o atributo fálico, exercendo a função materna, tem a falta marcada em seu campo, campo do Outro, que transmite a incompletude, a impossibilidade de fazer Um com o filho.

O que Lacan destaca e insiste é na existência de um único significante da sexuação, o falo, que marca, a nível inconsciente, que o Outro sexuado não existe. Não foi à toa que Freud o postulou no centro da partilha dos sexos, de onde resulta a significação “fálicos X castrados”, na qual se articula a subjetivação sexuada, ou, como intitula em seu texto, por onde se dão as consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos, apontando que a anatomia não é capaz de proteger o sujeito da questão do desejo do Outro. O falo, significante

²⁴⁹ *A organização genital infantil*: uma interpolação com a teoria da sexualidade, vol.19, 2007, AE.

da falta, embora possa apoiar-se na imagem corporal, possibilitando ao ser sexuado o acesso à aparência, jamais se reduzirá a ela. *Che vuoi?* - essa é a questão em torno da qual o sujeito, referido ao Outro, como marca da alteridade, tenta ancorar a resposta sobre o seu próprio sexo.

Façamos um percurso com Freud nos textos em que trata da diferença sexual, iluminando, com Lacan, o campo do Outro como lugar da *hiância* que, ao indicar o limite da ordem simbólica - $S(\bar{A})$ -, ratifica a impossibilidade de um gozo total. Iniciemos com *A organização genital infantil*, datado de 1923, onde Freud aponta a crença, para ambos os sexos, de um único genital, o masculino, devido à primazia fálica que imputa um caráter viril ao órgão que promove o gozo.

A atividade da libido leva o sujeito a encontrar no órgão responsável pela produção de prazer - no pênis para os meninos e no clitóris para as meninas - a representação do significante falo, levando a excitação do genital a ser a grande responsável por gerar o impulso investigador da criança que desemboca na percepção da diferença anatômica dos sexos, quando a ausência do pênis em alguns seres é vista como resultado da castração e, mais especificamente, como consequência do castigo pelos impulsos masturbatórios.

Como Lacan salienta, é porque a “relação do sujeito com o falo se estabelece desconsiderando a diferença anatômica entre os sexos” (LACAN, 1958|1998, p. 687)²⁵⁰ que a constatação da falta no campo materno se torna especialmente espinhosa na mulher e em relação à mulher. Toda a dificuldade está pautada no fato de que, para ambos os sexos, a mãe é considerada como provida do falo, como mãe fálica, e a significação da castração só poderá adquirir seu alcance quando se descortina como castração da mãe, de onde resulta, para o menino, a angústia como efeito da ameaça, e para a menina, o *Penisneid*, “porque a própria menina se considera, nem que seja por um momento, castrada, na acepção de privada do falo, e castrada pela operação de alguém, que primeiramente é sua mãe, ponto importante [...]” (LACAN, 1958|1998, p. 687)²⁵¹.

Esse ‘ponto importante’, referido por Lacan, foi privilegiado por Freud nos textos que desenvolveu nos dois anos seguintes: *A dissolução do complexo de Édipo*, em 1924, e

²⁵⁰ A significação do Falo. In: *Escritos*, 1998.

²⁵¹ A significação do Falo. In: *Escritos*, 1998.

Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, em 1925. Seu foco parte do campo materno, enquanto primeiro objeto para ambos os sexos, e culmina na raiz do fracasso edípico, que se fundamenta “[...] como resultado de uma impossibilidade interna” (FREUD, 1924|2007, p. 181)²⁵², falta real por onde surge a diferença que, a partir da castração, enreda o destino do Édipo nos meninos e nas meninas.

Ao abordar primeiramente o destino do Édipo no menino, que é a proposta deste subcapítulo, devemos nos perguntar por que o complexo sucumbe a partir da ameaça de castração. Seguindo Freud, sabemos que o menino, orgulhoso de seu atributo fálico, por onde atesta o prazer, experimenta satisfações ativas e passivas na relação com os genitores. Até esse momento, por atribuir ao pênis a devida participação na satisfação, não tinha porque duvidar da existência do órgão em todos. Mesmo quando sua percepção lhe apontava o contrário, lançava mão de fantasias que lhe permitissem harmonizar a distância entre o que realmente viu e suas expectativas.

No entanto, ao admitir a falta materna, a castração no campo do Outro, o sujeito é introduzido na simbolização de sua própria falta, na possibilidade de uma perda que lhe concerne, auto referida. Daí a angústia, como resultado da significação da castração pela via da ameaça; significação que, no menino, abarca a incidência da castração no corpo próprio, visando afastá-lo dos investimentos libidinais edípicos.

A renúncia ao gozo interditado preserva seu interesse narcísico pelo órgão viril, trazendo a promessa de poder gozar dele no futuro. Desta forma, o castigo da castração é significado como consequência da satisfação ativa e a castração do Outro como pressuposto à satisfação passiva, por onde se reconhece “[...] a primazia do significante no efeito de significar” (LACAN, 1961|2003, p. 189)²⁵³.

Dito isto, recoloquemos a questão que aqui delimitamos: como nos distinguimos? Ou melhor, de que se trata no homem e na mulher? Sem dúvida, tanto o homem quanto a mulher existem, desde o princípio, como uma questão de linguagem; como valores sexuais que são aceitos em todas as línguas e que nos permitem dizer *é ele* ou *é ela*. No entanto, embora seja possível marcar essa distinção no nível do significante, escrevendo um *x* para o significante-

²⁵² *A dissolução do complexo de Édipo*, vol. 19, 2007, AE.

²⁵³ Maurice Merleau-Ponty. In: *Outros Escritos*, 2003.

homem e um y para o significante-mulher, não será a escrita desse y que nos permitirá dizer o que seria distinto de x .

Foi justamente porque essa distinção é insuficiente para abarcar o que concerne de impasse sexual para os seres falantes que Lacan se propôs a reintroduzir a questão da diferença no nível da lógica formal.

Embora a pequena diferença entre o homem e a mulher seja destacada desde muito cedo como órgão, na medida que “[...] um órgão só é instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia; é que ele é um significante” (LACAN, 1971, p.17)²⁵⁴, Lacan vai além, apontando para o impasse sexual e para a escolha de posição sexuada - ter ou ser o falo - que orienta homens e mulheres em suas diversas tentativas de suprir a inexistência da relação sexual.

Desde então, lança mão da possibilidade de pensar a sexuação com o caminho já aberto por Aristóteles com os quantificadores, que fazem funcionar o silogismo a partir da exceção. Recorrendo à letra, uma vez que no campo matemático não se pode escrever qualquer coisa, o passo seguinte foi cometer Um engano, necessário para que a fórmula da sexuação pudesse começar a ser pensada. Há Um? Foi desse engano que Aristóteles partiu para pensar o princípio, mesmo sem fazer ideia de que o princípio é que não existe relação sexual.

Lacan, por sua vez, já que não desconhecia esse impasse, se apropriou da necessidade desse Um engano capaz de tornar consistente a naturalidade que permite, no campo da lógica, que eles se distingam; ou seja, percebeu que esse era o engano necessário para que homens e mulheres sustentassem suas fachadas, seus semblantes.

Tal engano é o que permite reconhecer a diferença em função de critérios formados na dependência da linguagem, uma vez que, justamente porque o ser é falante, existe o complexo de castração, por onde a exceção faz-se necessária para fazer funcionar a regra.

A castração, longe de ser reduzida a um acidente ou a um dito de ameaça, é então reinserido numa estrutura que é lógica. Aqui está o ponto de partida de nossa hipótese, uma

²⁵⁴ A pequena diferença. In: *O Seminário, Livro 19: ...ou pior*, 2012.

vez que, ao entrar no âmbito da lógica, o sujeito depara-se com uma sentença, por onde a escolha da posição sexuada acaba por revelar-se como uma escolha forçada.

Começemos a pensar nessa construção tomando, com Lacan, um exemplo de silogismo cunhado por Aristóteles, uma formulação lógica que parte de duas premissas, uma maior e outra menor, e que nos permite deduzir uma terceira, a sentença conclusiva, como efeito de uma substituição na trama do discurso:

Se enunciarmos, empregando os termos de Aristóteles, que *Todo homem é bom*, o *todo homem* será o universal, e eu os preparei suficientemente para compreenderem que o universal, para se sustentar, não precisa da existência de homem nenhum. *Todo homem é bom* pode querer dizer que só existe homem bom, e tudo que não é bom não é homem. Segunda articulação, *Alguns animais são homens*. Terceira articulação, chamada conclusão, enquanto a segunda foi a menor: *Logo, alguns animais são bons* (LACAN, 1971|2009, p. 127)²⁵⁵.

O destaque dado por Lacan, ao tomar esse exemplo, é ao x como variável, que nos permite, com alguns específicos x , escrever uma função universal: para todo x , seja ele qual for, Φx .

O x , como variável, é um significante, que tanto nos torna sexuados quanto permite que nos distingamos. O Φ é uma função, que é chamada castração. Logo, podemos ler que, para todo ser sexuado, ou para tudo que se articula de significante, enquadra-se o âmbito da função da castração.

O prestígio de Aristóteles surgiu daí, da função, quando ele soube isolar na linguagem o argumento, usando a letra E invertida - \exists - para designar o particular em contraste com o universal, escrito com a letra A invertida - \forall -, que implica o estatuto de todos. A partir de então, será no nível do ‘ao menos Um’ que todo o resto poderá funcionar sem ele.

Voltando à questão colocada por Aristóteles: há Um? Sim, pelo menos Um significante para quem a castração não funciona, “é o chamado Pai, e é por isso que o Pai existe pelo menos tanto quanto Deus [...], não muito” (LACAN, 1971, p.35)²⁵⁶.

²⁵⁵ O homem e a mulher e a lógica. In: *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, 2009.

²⁵⁶ A função Φx . In: *O Seminário, Livro 19: ...ou pior*, 2012.

A crença na exceção, que surge da possibilidade de negar o universal, tanto ancora a estrutura da fantasia quanto permite que haja um conjunto que confirme a regra para todos, conforme Freud nos descreveu em 1913, no texto sobre *Totem e Tabu*. Apoiado na literatura evolucionista de Charles Darwin, *A descendência do homem*, Freud nos apresentou a evolução filogenética do humano como pilar para a repetição ontogenética, por onde cada sujeito revive, a partir do romance edípico, a história de sua própria espécie.

Equivalendo o selvagem à criança, Freud transforma o mito edípico numa afirmativa universal - $\forall x \Phi x$ -, que surge de um ato fundador necessário, $\exists x \overline{F}x$: o assassinato do pai gozador. Em resumo, o mito de *Totem e Tabu* trata de uma horda primeva, anterior à formação da família, onde os filhos estavam submetidos a um Pai tirânico que gozava de todas as mulheres. Certo dia, cansados do despotismo do macho, os filhos da tribo uniram-se, mataram o Pai da horda e comeram sua carne. No entanto, após o assassinato do Pai, a culpa pelo ato se impôs à tribo, trazendo, conseqüentemente, o caos. A partir de então, os filhos criaram uma nova ordem social: o Totem, representando o Pai morto, mantinha a força do tabu, que proibia o assassinato do pai e interditava o incesto.

Mas por que um morto poderia manter a força de um tabu? Por que temê-lo, já que estava morto? Os tabus, diz Freud, são proibições antiquíssimas que, uma vez sancionados por uma geração de homens primitivos, foram mantidos de geração em geração, como parte do patrimônio psíquico herdado, mantendo o interdito sobre atividades para as quais havia um forte pendor inconsciente, daí sua permanência:

O desejo original de fazer o proibido continua a existir nos povos em que há o tabu. Eles têm, em relação a tais proibições, uma *atitude ambivalente*; nada gostariam mais de fazer, em seu inconsciente, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente porque querem, e o temor é mais forte que o desejo. No entanto, o desejo é inconsciente em cada membro desse povo, tal como no neurótico. (FREUD, 1913|2007, p. 39)²⁵⁷

A ambivalência afetiva, por onde a hostilidade é mascarada pela admiração, é a responsável por trazer o medo como resultado do desejo inconsciente. Trata-se de um mecanismo de projeção, uma defesa que desloca a hostilidade do sujeito para o morto, tornando-o o objeto hostil. Assim, não há porque distinguir o temor aos mortos que morreram

²⁵⁷ *Totem e tabu*, vol. 13, 2007, AE.

naturalmente ou violentamente, pois, “no pensar inconsciente, aquele que teve uma morte natural também foi assassinado; os maus desejos o mataram” (FREUD, 1913|2007, p. 67)²⁵⁸.

Não à toa, as mais antigas e importantes proibições do tabu, as duas leis fundamentais do totemismo, abarcam o ponto nodal dos desejos infantis, o próprio núcleo da neurose: “não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os membros do mesmo totem que são do sexo oposto” (FREUD, 1913|2007, p. 39)²⁵⁹. De fato, não se faz necessário proibir o que ninguém deseja fazer, o que nos leva a concluir que as proibições humanas estão relacionadas aos mais fortes desejos, mesmo que esses, inconscientes, não sejam reconhecidos na vida psíquica consciente.

Para confirmar tal assertiva, basta verificarmos o princípio da punição como pressuposto para a realização autorizada e compartilhada de tais desejos, uma vez que o castigo permite que seus executores perpetrem o mesmo ultraje do infrator invejado, só que de modo justificado, para o bem da comunidade que se vinga. “A psicanálise corrobora, nesse ponto, com o que dizem os homens devotos: todos somos pecadores” (FREUD, 1913|2007, p. 76)²⁶⁰.

Foi através da constatação de tais desejos inconscientes que Freud pôde verificar que o curso do sistema de crenças da humanidade é o mesmo vivido por cada sujeito, libidinal e fantasisticamente. Ou seja: todo sujeito passa por um primeiro momento de onipotência de si, caracterizada pela primitiva doutrina animista, seguido da onipotência pressuposta a um Outro, como Deus no surgimento da religião. E isto, por fim, resulta no reconhecimento da pequenez do próprio sujeito, castração característica da concepção científica do mundo, que não deixa de operar sem o que restou da primitiva fé em sua onipotência.

No sujeito, diz Freud, observa-se os componentes pulsionais da sexualidade operando do mesmo modo, desde os primórdios da infância até sua configuração adulta. No tempo do narcisismo, as pulsões se juntam em uma unidade e encontram o próprio eu como objeto, característica da fase animista. No momento da eleição de objeto, caracterizada pela ligação com os pais, verifica-se o pressuposto religioso, que crê num Outro consistente. Por fim, na fase adulta, após a castração, atestamos o tempo científico, quando o sujeito busca objetos

²⁵⁸ *Totem e tabu*, vol. 13, 2007, AE.

²⁵⁹ *Totem e tabu*, vol. 13, 2007, AE.

²⁶⁰ *Totem e tabu*, vol. 13, 2007, AE.

substitutos no mundo externo, adequando-se à realidade, embora continue a apoiar-se em seu narcisismo, que jamais é abandonado inteiramente.

Assim como os primitivos, o sujeito vive de modo particular seu mundo totêmico, mantendo viva a fé na consistência do Outro que sustenta a crença em sua própria onipotência, uma vez que a identificação com o totem, e a ambivalência de sentimentos em relação a ele, são os pilares essenciais do totemismo. Logo, se substituirmos os membros do clã pela criança e, do mesmo modo, o totem pelo pai, entenderemos porque o parentesco com o totem surge como alicerce que mantém viva a crença do sujeito em um dia poder assemelhar-se a ele, mesmo que só em aparência. Está dado o pressuposto narcísico que enreda tanto o sistema totêmico quanto o complexo de Édipo e a consequente angústia de castração que incide sobre os meninos, evidenciando que o pai é admirado e temido como aquele que ameaça, representando o respeitado oponente dos desejos sexuais infantis.

Retomemos o mito, a fim de concluir o pressuposto da universalidade edipiana cunhado por Freud. De início, há Um-Pai violento e ciumento que reserva todas as fêmeas para si, expulsando os filhos assim que cresçam. Certo dia, os irmãos expulsos se juntam, abatem e devoram o pai, dando fim à horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que seria impossível individualmente e, no ato de devorá-lo realizaram a identificação com ele, apropriando-se, cada um, de parte de sua força. No entanto, os irmãos, que odiavam o pai por constituir um forte obstáculo ao poder e aos desejos sexuais, também o admiravam e o amavam como modelo invejado. Após eliminarem-no, satisfazendo o ódio e concretizando o desejo de identificação com ele, os impulsos afetuosos, até então subjugados, impuseram-se em forma de arrependimento, surgindo a culpa. “O morto tornou-se mais forte do que fora em vida; tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos” (FREUD, 1913|2007, p. 145)²⁶¹.

Contudo, se os irmãos haviam se aliado para vencer o pai, eles eram rivais no tocante às mulheres, pois cada um desejava, como o pai, ter todas para si, gerando o caos na luta de todos contra todos, já que nenhum deles era tão poderoso que pudesse assumir o papel deixado vago pela morte do pai.

Assim, não tiveram alternativa senão instituir a proibição do incesto e do parricídio, transformando o que antes era impedido pelo pai em proibição a si mesmos. O totem, como

²⁶¹ *Totem e tabu*, vol. 13, 2007, AE.

representante do pai morto, é então erguido para abrandar o sentimento de culpa, garantindo, do mesmo modo, a reconciliação com o pai, que não só fundamenta os dois tabus primordiais do totemismo como se coaduna com os dois desejos recalçados do complexo de Édipo.

O sistema totêmico passa a operar como o resultado de um contrato dos filhos com o pai, “[...] em que este prometia tudo o que a fantasia infantil podia esperar dele; amparo, proteção e indulgência, em troca do compromisso de honrar sua vida [...]” (FREUD, 1913|2007, p. 146)²⁶²:

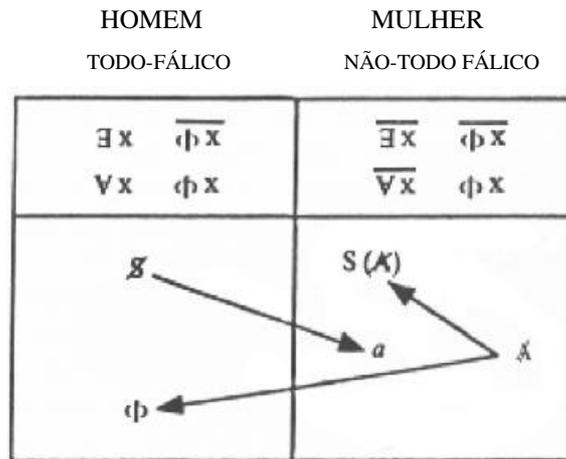
Esse gozo cuja falta torna o Outro inconsistente, será ele, então, o meu? A experiência prova que ele me é comumente proibido, e não apenas, como suporiam os imbecis, por um mau arranjo da sociedade, mas, diria eu, só me resta imputar a culpa ao [Eu], isto é, acreditar naquilo a que a experiência nos conduz a todos, com Freud na dianteira: ao pecado original. (LACAN, 1960|1998, p. 834)²⁶³

Portanto, o que um dia foi ato na história da horda primeva transformou-se, para cada sujeito, em marca simbólica: Há Um! Significante Um, o Totem, que ao representar esse Um-Deus-Pai que escapa à Lei, como quantificador existencial, torna-se a exceção necessária para confirmar o conjunto de todos os humanos submetidos à castração. Dessa maneira, é a crença no universal do todo-fálico que promove o reconhecimento da castração, inibindo e limitando a masculinidade, tal como Lacan nos descreve nas fórmulas da sexuação: do lado do homem há um obstáculo para alcançar o Outro sexo.

Retomemos a questão a partir da função dos quantificadores do lado homem, no lado esquerdo da fórmula, por onde Lacan localiza o todo-fálico:

²⁶² *Totem e tabu*, vol. 13, 2007, AE.

²⁶³ A subversão do sujeito e a dialética do desejo. In: *Escritos*, 1998.



$\exists x \overline{\Phi x}$ - Sendo \exists um quantificador existencial, a proposição afirma a existência de um x que não está na função fálica, uma exceção necessária.

$\forall x \Phi x$ - Sendo \forall um quantificador universal, lemos a proposição como todo x estando na função fálica, uma afirmativa possível.

Na primeira linha, onde temos a particular negativa, $\exists x \overline{\Phi x}$, lê-se que existe ao menos Um homem que escapa à castração. Na segunda linha, da universal afirmativa, $\forall x \Phi x$, todo humano está submetido à castração e, conseqüentemente, a Lei vale para todos.

O fato de termos uma premissa existencial - $\exists x$ - que é negada por uma premissa universal - $\forall x$ - não só aponta para um limite imposto à premissa universal²⁶⁴ como, ao mesmo tempo, indica um gozo todo, ancorado na premissa existencial de que ao menos Um tem acesso a ele - $\exists x \overline{\Phi x}$. Aí está o resultado da lógica fálica do lado masculino: pelo menos Um Homem não é castrado.

²⁶⁴ O mesmo vale para uma premissa universal - $\forall x$ - que só pode ser negada a partir de uma premissa existencial - $\exists x$ - e vice-versa. Na lógica, não se pode negar uma premissa existencial com outra existencial ou uma universal com outra universal.

Portanto, se pelo menos Um não o é, o sujeito, que faz parte do conjunto dos que são, acredita poder alcançar esse Outro campo, apontado pela exceção. É assim que a lógica masculina opera ao apostar, a partir da fantasia do ao menos Um, encontrar aquilo que lhe falta para ser o Homem, conforme podemos observar no quadrante esquerdo, abaixo dos quantificadores, por onde a seta parte do sujeito em direção ao objeto que causa o desejo, prometendo um gozo a recuperar, esse mais-de-gozar que o quantificador existencial afirma haver, $\$ \rightarrow \alpha$:

O homem é uma função fálica na qualidade de *todo homem*. Mas, como vocês sabem, há enormes dúvidas incidindo sobre o fato de que o *todo homem* existe. É isso que está em jogo – ele só pode sê-lo na qualidade de *tothomem* [*touthomme*], isto é, de um significante, nada mais (LACAN, 1971|2009, p. 132-133)²⁶⁵.

O fato é que, da promessa de um gozo sexual todo, resta apenas o gozo fálico, “[...] obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão” (LACAN, 1972|1985, p. 15)²⁶⁶, anunciado, desde Freud, por sua teoria da libido.

Dito de outro modo, o corpo do Outro, enquanto um campo de onde não se goza, corpo do Outro como estrangeiro, um corpo que o Outro simboliza, denuncia que a substância do pretense objeto que completaria é, de fato, resto, aquilo que causa o desejo e sustenta sua impossibilidade, sua insatisfação: α . Logo, o significante falo, sendo a causa do gozo, também é o que dá limite ao gozo fálico, ratificando que no lugar do Outro sexuado há uma falha, um furo - $S(\mathbb{A})$ -, por onde o objeto α vem funcionar em suplência à relação sexual que não existe, surgindo, através da fantasia, no lugar do parceiro que falta.

$\$ \rightarrow \alpha$

Na aspiração do que é ser homem, uma vez que o falo é o obstáculo para alcançar o Outro sexo - que escapa a linguagem, mantém-se no registro do real e impossibilita a

²⁶⁵ O homem e a mulher e a lógica. In: *O Seminário, Livro 18*: de um discurso que não fosse semblante, 2009.

²⁶⁶ Do Gozo. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

significação das funções sexuais: o que é ser homem e o que é ser mulher -, o que o menino visa é parecer tê-lo, puro *semblant*, por onde tenta proteger-se da falta. Aqui, vale salientar que o pênis, suporte imaginário do falo, tem sua função operativa, funcionando para o ser de linguagem como o objeto do desejo no nível do ter, já que é o único órgão do corpo capaz de orientá-lo: desejo confesso com a ereção e ausente com a detumescência.

Diferente das mulheres, que são não-todas em seu corpo como seres sexuados, os homens se apoiam no corpo; corpo esse agitado pela linguagem, no qual a angústia, como efeito da ameaça de castração, só se faz presente devido a privilegiada relação que os homens têm com o órgão viril. Freud já havia salientado o narcisismo do órgão²⁶⁷ ao referir-se à angústia de castração que incide nos meninos sem qualquer relação com uma ameaça real, advinda do exterior. O fato do menino amar seu pênis desde suas primeiras ereções é o que enraíza o temor de sua perda.

É assim que o órgão ganha uma importância prevalente para o *parlêtre*, na qual se evidencia que a diferença anatômica é, de fato, uma diferença significativa referida à lógica do ter. Amarrada à fantasia, a lógica do ter torna-se uma estratégia, modo pelo qual o homem tenta suprir a relação sexual que não existe, por onde espera que o(a) parceiro(a) venha lhe restituir a falta marcada pela castração, sendo o falo que lhe falta e que lhe dará acesso ao gozo:

A angústia do homem liga-se à possibilidade do não poder. Daí o mito, bastante masculino, que faz da mulher o equivalente de uma de suas costelas. Essa costela lhe foi retirada, não se sabe qual, e, por outro lado, não lhe falta nenhuma. Mas está claro que, no mito da costela, trata-se justamente desse objeto perdido. (LACAN, 1963|2005, p. 209)²⁶⁸

Percebamos, portanto, que “[...] a função fálica não impede os homens de serem homossexuais. Mas é ela também que lhes serve para se situarem como homens [...]” (LACAN, 1973|1985, p. 97)²⁶⁹. Dito de outro modo, o fato é que, para os homens, sejam eles homo ou heterossexuais, não há a menor chance de gozarem do corpo do Outro, o que não impede que eles possam desejar de todas as maneiras; uma vez que embaixo da roupa do parceiro sexual só há um resto, que chamamos de objeto *a*.

²⁶⁷ Ver *Fetichismo*, vol.21, 2007, AE.

²⁶⁸ A mulher, mais verdadeira e mais real. In: *O Seminário, Livro 10: a angústia*, 2005.

²⁶⁹ Deus e o gozo d’ *AMulher*. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

No entanto, o homem crê. Sendo ser de fala, ele crê que aborda o seu parceiro, ele crê e cria aquilo que só consegue atingir por intermédio de ser a causa de seu desejo. É assim que conseguimos verificar que a relação sexual entre o sujeito e o objeto que causa seu desejo termina em fantasia - $\$ \rightarrow \alpha$ -, na qual conclui-se que o parceiro do sujeito é uma formação do inconsciente. O que vale destacar é que não importa o sexo desse parceiro, ele estará longe de assegurar a posição masculina, uma vez que o desejo, embora oriente, não conduz ao Um, mas sim à visada da falha:

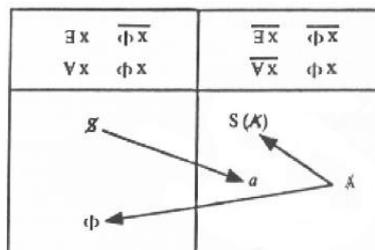
Eu insisti nisto, que o parceiro desse *eu* que é o sujeito, sujeito de qualquer frase de pedido é, não o Outro, mas o que vem se substituir a ele na forma de causa do desejo - que eu diversifiquei em quatro, no que ela se constitui diversamente, segundo a descoberta freudiana, em objeto de sucção, objeto de excreção, o olhar e a voz. É enquanto substitutos do Outro que esses objetos são reclamados e se fazem causa do desejo. (LACAN, 1973|1985, p.171)²⁷⁰

Assim, não será uma mulher ou um homem colocado no lugar de α que poderá garantir o lado masculino das fórmulas quânticas, mas sim o falo que opera do seu lado.

$\exists x \quad \overline{F}x$
$\forall x \quad \Phi x$
$\$$
Φ

Desse modo, podemos destacar a lógica do ter como uma sentença destinada aos homens, uma escolha forçada àqueles que estão de todo submetidos à lógica fálica, jamais podendo ocupar o lugar de \mathbb{A} . Em termos freudianos, significa dizer que o homem é todo edípico, tudo passa pela castração, nada escapa à Lei do pai, sendo impossível acessar esse resto que fica fora da castração no Édipo feminino. No entanto, o que importa percebermos é que, embora o homem não possa ocupar o lugar de \mathbb{A} , reservado às mulheres, isso não impede que ele utilize-se do *semblant* feminino, fazendo-se de objeto α para o outro.

²⁷⁰ Rodinhas de barbante. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.



A lógica de uma escolha forçada incide justamente nisso, no fato de que o *semblant* é o único destino possível aos seres falantes. Contudo, por mais que um homem se utilize do *semblant* feminino - a -, esse *semblant* não será capaz de lhe dar qualquer acesso ao Outro - \mathbb{A} -, uma vez que “[...] o nó é mesmo [...] um fato lógico” (LACAN, 1973|1985, p. 180)²⁷¹, uma representação do Um que, na medida em que enoda o real, o simbólico e o imaginário, encerra apenas um furo. Como homem, de todo inscrito na lógica do ter, seu gozo mantém-se submetido ao gozo fálico, ao gozo castrado, fantasístico, mesmo que escolha feminilizar-se, ocupando o lugar de a para alguém.

Dito de outro modo, do lado do homem, o acesso ao campo feminino se encerra no a , seja para abordar o parceiro como causa de seu desejo, sustentando o *semblant* masculino suportado pelo Φ que está do seu lado - $\$$ -, ou para feminilizar-se, oferecendo-se como objeto para o desejo do outro - a -; limite do acesso que também lhe é dado para sustentar o *semblant* feminino.

Daí o homem não ser mais que um significante, já que o Φ , ao dar suporte do lado masculino, também simboliza seu fracasso, “[...] porque, onde ele [o homem] entra em jogo como significante, ele só entra *quoad castrationem*, quer dizer, enquanto tendo relação com o gozo fálico” (LACAN, 1973|1985, p. 49-50)²⁷². Não é isso! “[...] aí está o grito por onde se distingue o gozo obtido do gozo esperado” (LACAN, 1973|1985, p. 152)²⁷³, impossibilidade real por onde a fantasia se articula como proibição edípica advinda de uma ameaça, mantendo viva a crença na relação sexual.

²⁷¹ Rodinhas de barbante. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

²⁷² A função do Escrito. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

²⁷³ Do barroco. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

Por fim, podemos concluir que, a partir da premissa fálica do lado do homem, toda a sua realização, como realização sexual, termina em fantasia; o que impede que se possa supor uma maturação pulsional genital capaz de inscrever uma relação plena entre o Um e o Outro.

Ou seja, embora o homem coloque o objeto a a trabalho do Um, ele não consegue que o Outro se adicione ao Um, mas apenas se diferencie, só podendo ser tomado sob o ângulo de Um- a -menos. Ao homem, apoiado em seu atributo fálico - que nada lhe garante, embora sentencie a lógica do ter, conforme verificamos no lado masculino das fórmulas quânticas da sexuação -, resta sustentar-se como fachada, pura aparência. Não importa se nessa fachada o *semblant* é ora masculino ora feminino, ou se a escolha de objeto é heterossexual ou homossexual. O fato é que, como homem, seu gozo é limitado ao gozo fálico, uma vez que O Homem, o Todo-Homem, esse não existe; ou melhor, só existe como proposição universal, como significação produzida por efeito de discurso: um Totem.

4.3 A escolha do sexo e A Mulher

O Outro sexo, como enigma que se coloca para os seres de linguagem, resulta da lógica do todo fálico; problema observado desde Freud, tendo sido abordado a partir da seguinte questão: o que quer a mulher? Desenvolvendo o mesmo percurso que tomou para abarcar a sexualidade masculina, Freud logo se deparou com algumas particularidades no caminho edípico das mulheres. Conforme já salientamos, a primeira delas apareceu no texto sobre *A organização genital infantil*, datado de 1923, quando Freud constatou a universalidade do falo para ambos os sexos.

Embora, inicialmente, meninos e meninas participem igualmente da norma fálica, será a partir da percepção da falta no campo materno que a diferença será marcada. Se o menino simboliza sua própria falta a partir de uma ameaça de castração, para a menina, essa simbolização será dada através da constatação de uma perda.

Essa perda não está referida unicamente ao pênis como suporte imaginário do corpo que lhe falta, mas antes, e principalmente, por ser um ser de linguagem. É por estar submetida aos efeitos do significante que o imaginário de seu corpo se constitui como um eu em falta,

marca da castração que se revela como privação do falo, por onde emerge para a menina o *Penisneid*; descrito por Freud como a inveja do pênis.

A dita inveja, como já destacado, não diz respeito ao pênis em si, mas ao objeto do desejo que ele encarna ao ser o suporte imaginário do falo. As mulheres não têm em seu corpo um atributo que oriente, que aponte o desejo, tal como o pênis em ereção representa. “E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe [o falo] a referência do simulacro que ele era para os antigos” (LACAN, 1958|1998, p.697)²⁷⁴, tal como nos primórdios do patriarcado, por onde o falo em ereção simbolizava o máximo da virilidade.

Diante da constatação da perda, por onde a antítese sexual vivenciada na organização genital infantil apresenta-se pela polaridade fálcos X castrados, resta à menina encarar o sexo masculino como única representação possível. É daí que Freud afirma que as mulheres, por não lhes restar qualquer suporte simbólico de seu sexo, são marcadas pelo que denominou de cicatriz narcísica, uma cicatriz que incide na imagem do corpo, produtora do sentimento de inferioridade:

[...] este ser que nós caracterizamos por ter a palavra, que me seja permitido adiantar isto, é que ao nível do real, que aí é o terceiro termo, contrariamente ao que se pode crer, é como formando imagens, é dizer como inteiramente imaginário que o corpo subsiste. (LACAN, 1975|1994, p. 130)²⁷⁵

Nas mulheres, a castração se inscreve como a privação de algo que lhe falta no imaginário do corpo, sendo esse o ponto de partida de Freud ao caminhar em direção aos efeitos do complexo de castração na menina, que precedem sua entrada no Édipo. Com os textos *A dissolução do complexo de Édipo*, datado de 1924, e *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, de 1925, Freud percebe que a constatação da falta do atributo fálco nas meninas, sentida como um prejuízo, é o ponto de bifurcação da sexualidade feminina.

Desprovidas do atributo fálco, a angústia das mulheres não está ligada à incidência da ameaça de castração, mas sim à ameaça da perda de amor, pelo que sua reivindicação ao falo se dirige ao pai através da equação simbólica pênis-bebê: “ambos os desejos, o de ter um

²⁷⁴ A significação do falo. In: *Escritos*, 1998.

²⁷⁵ Resposta de Jacques Lacan a uma pergunta de Marcel Ritter. In: *Estúdios de psicossomática*, 1994.

pênis e o de receber um filho, permanecem no inconsciente, donde se conservam com forte investimento [...]” (FREUD, 1924|2007, p. 186)²⁷⁶. Tal deslocamento, por onde constatamos uma tentativa de compensação à falta fálica, que parte do campo materno - primeiro objeto de amor e de desejo para ambos os sexos - em direção à necessária substituição de objeto, fundamenta as particularidades do enredo edípico nas meninas.

O que leva a menina a abandonar sua intensa relação com a mãe, seu primeiro objeto de amor? Essa é a questão que orienta Freud em seu texto *Sobre a sexualidade feminina*, datado de 1931. A castração, uma vez encarada pela menina como um fato consumado e referido à mãe, a quem culpa por não ter lhe dado o atributo fálico, torna-se a precondição de seu afrouxamento com o primeiro objeto amoroso - a mãe fálica -, e seu derivado deslizamento para o pai; formação secundária do Édipo feminino que não só inibe e limita a masculinidade como incentiva à feminilidade.

Assim sendo, o afastamento da mãe evidencia que não há operação da castração incidindo nessa relação primeira, tal como verificamos no Édipo masculino; mas, antes, uma hostilidade à mãe, “por não havê-la dotado do genital correto, vale dizer, por havê-la parido mulher” (FREUD, 1931|2007, p. 235)²⁷⁷. Aqui, o que vale notarmos é a relação primordial com a mãe representando, justamente, aquilo que escapa ao Édipo feminino. Sob o signo da frustração, a recriminação à mãe coloca em xeque o amor da mãe, responsável pelo efeito de transformação dessa relação, em que o amor converte-se em ódio.

Só assim o deslocamento da fase masculina em direção à feminilidade é possível, e verificamos, com Freud, que a inveja do pênis - *Penisneid* - transforma-se em desejo de pênis - *Peniswunsch* -, marcando a entrada da menina no complexo de Édipo. A partir de então, o desejo de falo se torna o alvo do mais forte desejo feminino, mas não sem consequências. Para Freud, a menina resta presa à lógica do ter, por onde nos indica as três direções possíveis à sexualidade das mulheres: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e os primeiros passos à feminilidade.

A inibição sexual é uma das consequências da cicatriz narcísica nas mulheres, uma vez que o *Penisneid* interrompe o gozo de sua sexualidade fálica. Feridas em seu amor

²⁷⁶ *A dissolução do complexo de Édipo*, vol. 19, 2007, AE.

²⁷⁷ *Sobre a sexualidade feminina*, vol. 21, 2007, AE.

próprio, algumas mulheres recalcam seus impulsos sexuais e, no deslocamento para o pai, algo não avança, resultando no abandono da sexualidade - seja com o parceiro ou na atividade masturbatória -; modo de evitarem se deparar com a falta marcada em seu corpo.

No complexo de masculinidade, o ideal viril torna-se o recurso possível para compensar a cicatriz narcísica. Embora haja o deslocamento para o pai como objeto em sua situação edípica, a convicção inconsciente de possuir um pênis também as conduz à identificação imaginária ao pai, por onde aferram-se à ilusão de possuírem as insígnias da virilidade. No entanto, vale ressaltar não haver qualquer relação entre a posição masculina aqui descrita e a escolha de objeto; ou seja, não há analogia entre a identificação com o pai e a homossexualidade. Embora identificadas com o pai, as mulheres também podem conservar o pai como objeto de amor, mantendo aberto o caminho para uma escolha de objeto homo ou heterossexual. Segundo Freud, “[...] o essencial no processo é que nesse ponto do desenvolvimento se evita a onda de passividade que inaugura o giro [*Wendung*] para a feminilidade” (FREUD, 1933|2006, p. 120)²⁷⁸.

Por fim, no caminho à feminilidade, Freud destaca a identificação com a mãe fálica como o terceiro recurso possível para que as mulheres se defendam da falta. O filho, como objeto narcísico, promete a restituição de seu próprio narcisismo, uma vez que vem representar uma parte de seu corpo, e Freud constata que, no ideal materno, a relação com o filho do sexo masculino é capaz de produzir uma satisfação ilimitada às mulheres:

A identificação materna da mulher permite discernir dois estratos: a pré-edípica, que consiste na ligação terna com a mãe e a toma por modelo, e a posterior, derivada do complexo de Édipo, que busca eliminar a mãe e substituí-la junto ao pai. Muito de ambos os estratos permanece na vida futura, é lícito dizer que nenhum é adequadamente superada no curso do desenvolvimento. (FREUD, 1933|2006, p. 124)²⁷⁹

Sem dúvida, a função materna nos indica o máximo do campo fálico que uma mulher pode alcançar. Como mãe, uma vez que desse lugar ela não é tomada como mulher, as mulheres conseguem impetrar alguma suplência ao não-todo. “Para esse gozo [...], que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito [...]” (LACAN, 1973|1985, p.49)²⁸⁰, ela encontrará uma rolha; seu filho no lugar de **a**.

²⁷⁸ A feminilidade. In: *Novas conferências de introdução à psicanálise*, vol. 22, 2006, AE.

²⁷⁹ A feminilidade. In: *Novas conferências de introdução à psicanálise*, vol. 22, 2006, AE.

²⁸⁰ A função do escrito. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

$$\frac{M\ddot{A}E}{\S} \quad \overline{DESEJO DE} \quad \frac{CRIAN\c{C}A}{a}$$

Diante da nostalgia da falta-a-ter, revelada por Freud a partir dos três enredos possíveis às mulheres, verificamos que o *semblant* masculino se faz presente como recurso para encobrir a cicatriz narcísica, marca da falta fálica. Do mesmo modo, constatamos, mais uma vez, que o *semblant* masculino não tem qualquer relação com a escolha de objeto das mulheres.

No entanto, sendo a diferença dos sexos uma diferença significativa referida à lógica do ter fálico, somos conduzidos a uma nova questão: partindo da primazia do falo à posição feminina, como é possível parecer ser mulher?

[...] destacarei aqui que o desenvolvimento da feminilidade está exposto a ser perturbado pelos fenômenos residuais da pré-história masculina. As regressões e as fixações daquela fase pré-edípica é muito frequente; em muitos ciclos da vida se chega a uma repetida alternância da época em que predomina a masculinidade ou a feminilidade. Uma parte do que, nós homens, chamamos de <<enigma do feminino>> talvez derive da expressão da bissexualidade na vida da mulher. (FREUD, 1933|2006, p. 121)²⁸¹

Sem dúvida, é daí que resulta o maior problema para as mulheres. Pela falta de referente do ideal feminino, não há qualquer possibilidade de identificação à mulher, restando como única identificação possível - tanto para os homens quanto para as mulheres -, a identificação fálica; seja através do pai ou da mãe que, por sua função, é fálica. Por isso Lacan afirma, de saída, que *À* mulher não existe, uma vez que não há representação de seu sexo no inconsciente, de onde deriva a barra que incide sobre o que seria A: “Não há referência possível à mulher, porque não há a mulher universalmente” (LACAN, 1975|1994, p. 132)²⁸², representando, então, a alteridade absoluta para ambos os sexos.

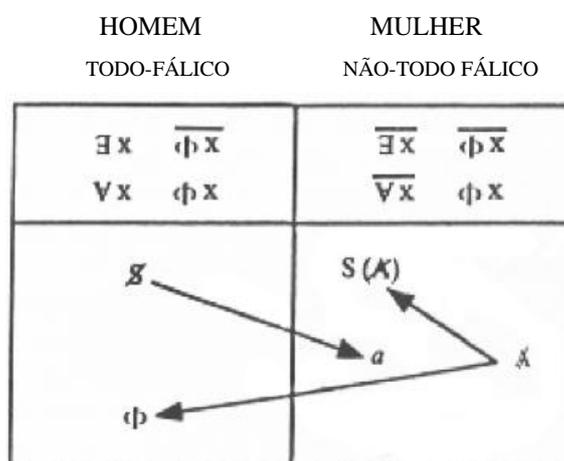
Esse foi o deslize cometido por Freud ao pensar o enigma do feminino, o *dark continent* conforme chamava. Sua questão pairava sobre o que quer A mulher, embora só

²⁸¹ A feminilidade. In: *Novas conferências de introdução à psicanálise*, vol. 22, 2006, AE.

²⁸² Resposta de Jacques Lacan a uma pergunta de Marcel Ritter. In: *Estúdios de psicossomática*, 1994.

puddesse abarcar como tese o que quer uma mulher, uma a uma. Talvez por isso, Freud tenha escolhido deixar o enigma do feminino aos poetas. Às mulheres, justamente por lhes faltar a representação de seu sexo, resta, a cada uma, a construção de sua feminilidade.

Se retornarmos com Lacan às fórmulas da sexuação, a fim de pensar a lógica feminina, logo verificaremos que não há, do lado mulher, uma proposição universal, uma vez que a dupla negação que poderia sustentar a proposição particular do não-todo é uma proposição impossível; loucura como diria Lacan²⁸³.



Vejamos que no lado direito das fórmulas não há uma proposição particular que se sustenta no engano, não há ao menos Um engano necessário para apontar à exceção.

$\exists x \overline{\phi x}$ - Sendo \exists um quantificador existencial, a proposição nega a existência de um x que não está na função fálica, faltando a exceção - necessária para confirmar a regra - do lado das mulheres.

$\overline{\forall x} \phi x$ - Sendo \forall um quantificador universal, lemos a proposição como não-todo x estando na função fálica, o que confirma a função fálica.

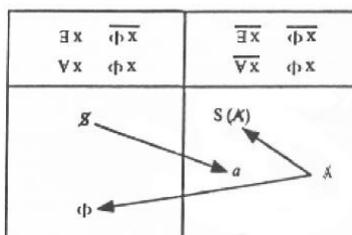
²⁸³ “Assim o universal do que elas desejam é loucura: todas as mulheres são loucas, como se diz. É justamente por isso que elas não são todas, isto é, não loucas-de-todo [...]” (LACAN, 1974|1993, p. 70). Ver Saber, fazer, esperar. In: *Televisão*, 1993.

Por efeito lógico, \bar{A} mulher está não-toda referida ao falo, embora esteja lá de todo, já que não há uma só mulher que não esteja referida ao falo pela própria estrutura da lógica que indica a dupla negação do universal como uma proposição impossível:

Será preciso pôr os pingos nos is pra vocês? *Totem e tabu* foi o que se pôde fazer para dar ideia dessa condição lógica, da abordagem indireta que a mulher pode fazer do homem. Por si só, já é extraordinário que o enunciado desse mito não pareça ridículo, ou seja, a história do homem original que usufruiria precisamente daquilo que não existe, isto é, de todas as mulheres [...] não existe um *todo* das mulheres. (LACAN, 1972|2012, p. 44)²⁸⁴

Tudo gira ao redor do gozo fálico, pois “[...] a mulher se define por uma posição que aponte com o *não-todo* no que se refere ao gozo fálico” (LACAN, 1972|1985, p. 15)²⁸⁵; ou seja, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso, daí a nostalgia da falta-a-ter algo que nunca teve.

Se do lado do homem o objeto a se põe no lugar do parceiro que falta, por onde surge a fantasia, “[...] do lado de \bar{A} mulher, é de outra coisa que não do objeto a que se trata no que vem em suplência a essa relação sexual que não há” (LACAN, 1973|1985, p.86)²⁸⁶.



Vejamos que a seta do lado feminino parte de \bar{A} em direção ao falo - $\bar{A} \rightarrow \Phi$ -, meio pelo qual as mulheres podem encontrar o significante de seu próprio desejo. É aí que podemos perceber, com Freud, que o que \bar{A} mulher procura no parceiro é a marca da castração, a qual o falo simbólico, ao dar suporte do lado masculino, vem representar. Por outro lado, a seta que parte de \bar{A} em direção ao Outro sexo - $\bar{A} \rightarrow S(\bar{A})$ -, indizível, revela que algo do gozo

²⁸⁴ Da anedota à lógica. In: *O Seminário, Livro 19: ...ou pior*, 2012.

²⁸⁵ Do Gozo. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

²⁸⁶ Aristóteles e Freud: a outra satisfação. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

primitivo extraído da relação com a mãe, e que escapa à castração, permanece ligado às mulheres, mesmo que obscuro, uma vez que nada pode representá-lo.

Assim, \mathbb{A} mulher se duplica, pois além de sua relação com o falo - $\mathbb{A} \rightarrow \Phi$ -, ela também mantém relação com o Outro - $\mathbb{A} \rightarrow S(\mathbb{A})$. “O Outro, esse lugar onde vem se inscrever tudo que se pode articular de significante, é, em seu fundamento, radicalmente Outro” (LACAN, 1973|1985, p. 109)²⁸⁷. É mesmo por isso que o significante vem marcar o Outro com uma barra: $S(\mathbb{A})$.

Portanto, isso que escapa ao Édipo e aponta na direção de um gozo Outro possível às mulheres, nos permite afirmar, com Freud e com Lacan, que a essência da mulher não está na castração:

Em suma, a partir do real [...], elas não são castráveis. Porque o falo [...], elas não o possuem. É a partir do momento em que é pelo impossível como causa que a mulher não está essencialmente ligada à castração, é a partir daí que o acesso à mulher é possível, em sua indeterminação. (LACAN, 1972|2012, p.45)²⁸⁸

Dáí o gozo ser correlato à função fálica, uma vez que não se relaciona com o Outro como tal. Não há outro gozo sexual que não o gozo fálico, limitado para aquele que fala, “[...] salvo aquele sobre o qual a mulher não solta nem uma palavra, talvez porque não o conhece, aquele que a faz não-toda” (LACAN, 1973|1985, p.82)²⁸⁹. O fato é que, embora esses lugares - o lado homem e o lado mulher - sejam distintos, funcionem por efeito de uma lógica abalizada, exigindo senha para entrar, não é difícil perceber que, como seres de linguagem, é mais com o falo - Φ - do que com o parceiro que nos relacionamos:

O que proponho é o seguinte: é afirmar que a linguagem - nós a pomos ali no alto, não é? - tem seu campo reservado na hiância da relação sexual, tal como o falo a deixa aberta. O que ele introduz não são dois termos que se definem pelo masculino e pelo feminino, mas a escolha que há entre termos de natureza e função muito diferentes, que se chamam ser e ter. (LACAN, 1971|2009, p. 63)²⁹⁰

²⁸⁷ Letra de uma Carta de Almor. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

²⁸⁸ Da anedota à lógica. In: *O Seminário, Livro 19: ...ou pior*, 2012.

²⁸⁹ Aristóteles e Freud: a outra satisfação. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

²⁹⁰ O escrito e a verdade. In: *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, 2009.

Às mulheres, embora tenham um gozo suplementar, adicional, justamente por serem não-todas, o falo não lhes é indiferente. Inclusive, conforme verificamos com Freud, elas têm diversos modos de abordá-lo, mantendo sua relação com o gozo da função fálica. É desse ponto que Lacan dá um novo passo e apresenta sua elaboração do ser em contraponto ao ter - ser o falo. Embora não haja essência de ser para o ser de linguagem, é pela via de ser o falo simbólico, o falo como falta, que as mulheres despertam o desejo.

Por não terem o falo, só as mulheres podem sê-lo, podem transformar-se naquilo que não têm, sendo o objeto de desejo do Outro. Por isso, Lacan afirma que as mulheres são conciliadoras, cada uma com seu cada um, as mulheres são capazes de fazer ilimitadas concessões, se prestando à perversão²⁹¹ do parceiro:

O que a conduz à mascarada que se conhece e que não é mentira que os ingratos, ao colocarem n'O homem, lhe imputam. Antes para-o-que-der-e-vier de preparar-se para que a fantasia d'O homem encontre nela sua hora da verdade. Isso não é exagero, pois a verdade já é mulher por não ser toda, não-toda a dizer-se, em todo caso. (LACAN, 1974|1993, p. 71)²⁹²

Tomemos como exemplo o texto de Joan Rivière, intitulado *A feminilidade como máscara*²⁹³, no qual a autora nos apresenta um caso clínico de uma mulher que, mesmo identificada com o pai como aquele que tem, parecia atender a todos os critérios de um desenvolvimento feminino que se poderia denominar completo.

Trata-se de uma mulher intelectual, muito bem-sucedida, tanto profissionalmente quanto em sua vida pessoal, como mãe, dona de casa e esposa. No entanto, essa mulher sofria de uma grande angústia logo após suas apresentações em público, o que apontava para uma certa instabilidade em sua relação com os homens.

Seu êxito intelectual, sua habilidade prática e seu sucesso profissional não eram capazes de refrear sua angústia, que apresentava-se como demanda de reconhecimento, levando-a a buscar atenção e elogios dos homens após cada apresentação: “[...] logo tornou-se

²⁹¹ Perversão polimorfa do macho.

²⁹² Saber, fazer, esperar. In: *Televisão*, 1993.

²⁹³ A feminilidade como máscara. In: *Psychê*, nº 16, 2005.

evidente que os homens escolhidos para isso eram sempre, inegavelmente, figuras paternas [...]” (RIVIÈRE,1929|2005, p. 15)²⁹⁴.

Rivière destaca a incongruência presente nessa demanda de reconhecimento que, por um lado, esperava elogios diretos sobre sua atuação, mas, por outro, aguardava certo reconhecimento indireto, sob a forma de atenção sexual e flertes velados.

Conforme sua análise revelava, não havia dúvidas de que seu trabalho intelectual era a base de sua identificação com o pai, embora em sua adolescência, essa relação tenha se caracterizado como rivalidade contra ele que, inclusive, mantinha-se sob a forma de “afirmação de superioridade com relação a muitas das “figuras paternas”, cujos favores buscava após se apresentar em público” (RIVIÈRE,1929|2005, p. 15)²⁹⁵; momento em que assumia sua condição de mulher.

Rivière conclui que seu jogo de flerte era, antes, uma tentativa de desviar a represália de tais figuras parentais, saída para a ideia fixa de retaliação que ela antecipava devido ao êxito de sua capacidade intelectual, por onde exibia-se com o pênis roubado de seu pai. Assim, “terminada a exibição, ela era tomada por um temor terrível da restituição que o pai então lhe cobraria. Obviamente isto [o jogo de sedução] era um passo para apaziguar o vingador, com a tentativa de se oferecer sexualmente a ele” (RIVIÈRE,1929|2005, p. 16)²⁹⁶.

É daí que Rivière conclui não haver diferença entre a feminilidade genuína e a feminilidade como máscara, uma vez que a posição feminina vem apresentar-se como um recurso possível diante do Outro. Recorrer à máscara feminina é ser o falo que o Outro deseja:

Isto era feito pelo mascaramento sob o disfarce feminino com o qual ela mostrava ao pai, desse modo, seu “amor” e inocência em relação a ele. É significativo que a máscara dessa mulher, embora transparente para outras mulheres, tivesse êxito com os homens e servisse muito bem a seus propósitos. (RIVIÈRE,1929|2005, p. 20)²⁹⁷

Desse modo, o recurso da máscara feminina visava aplacar a culpa de ter triunfado sobre o pai, esperando, pela via do reconhecimento, ser absolvida, recebendo autorização para

²⁹⁴ A feminilidade como máscara. In: *Psychê*, nº 16, 2005.

²⁹⁵ A feminilidade como máscara. In: *Psychê*, nº 16, 2005.

²⁹⁶ A feminilidade como máscara. In: *Psychê*, nº 16, 2005.

²⁹⁷ A feminilidade como máscara. In: *Psychê*, nº 16, 2005.

ter o pênis. Só assim ela então pode tê-lo, “[...] e fica tudo bem. “Reconhecimento” é sempre em parte segurança, sanção, amor; além do mais, torna-a novamente superior” (RIVIÈRE, 1929|2005, p. 22)²⁹⁸.

A partir desse exemplo de caso, podemos perceber que o *semblant* feminino, ao aderir ao impossível de ser, revela a castração a partir da identificação das mulheres com a falta-a-ter. Logo, poderemos afirmar que só o recurso de ser o falo, denúncia da castração sem recobrimento da falta, próprio à posição sexuada das mulheres, é capaz de revelar o *semblant* feminino por excelência. No entanto, em relação ao gozo, é importante sublinhar que, mesmo no lugar de causa para seu parceiro(a), no lugar de objeto α , sustentando o *semblant* de ser o falo - *semblant* feminino -, resta a elas o gozo fálico, marcado pela impossibilidade de fazer Um:

Quando ousamos, como se faz todo dia, rotular nossos parceiros por seu sexo, é impressionante que tanto o homem quanto a mulher simulam [*font semblant*], cada qual nesse papel. Mas o importante, pelo menos quando se trata da função da fala, é que os polos sejam definidos, o do *semblant* e o do gozo. (LACAN, 1972|2012, p. 68)²⁹⁹

Logo, ao se posicionarem como tendo ou sendo o falo, homens e mulheres tentam suprir a inexistência da relação sexual, mantendo-se na via do gozo fálico, por onde a incompatibilidade entre o ser e o ter reside e reafirma nossa hipótese: a escolha de posição sexuada é uma escolha forçada, efeito da lógica fálica orientada pelo irremediável da diferença dos sexos.

Ancorado no enodamento dos registros real, simbólico e imaginário, que conduz o sujeito à subjetivação de seu sexo, ao humano, ser de linguagem, resta o *semblant* como recurso possível para mascarar o encontro com a falta, que se mantém independente de qualquer escolha de objeto. Daí os homens e as mulheres poderem circular dos dois lados das fórmulas quânticas cunhadas por Lacan, embora não do mesmo modo. Os homens, conquanto possam fazer-se de objeto α para o(a) parceiro(a), sustentando o *semblant* feminino, jamais terão acesso à identificação com a castração, própria ao não-todo fálico, inerente às mulheres. Do mesmo modo, as mulheres, embora acessem o *semblant* masculino, bancando o homem,

²⁹⁸ A feminilidade como máscara. In: *Psychê*, nº 16, 2005.

²⁹⁹ Topologia da fala. In: *O Seminário, Livro 19: ...ou pior*, 2012.

seja através do ideal paterno ou materno, jamais saberão o que é estar de toda referida à lógica do ter fálico.

Por fim, visando concluir, se ainda resta algum gozo que esteja para além da lógica fálica ancorada no ter e no ser, dele nada se pode dizer. Esse gozo Outro, enigmático, ao qual as mulheres têm acesso, Lacan o indica nas místicas, aquelas que experimentam a ideia de que deve haver um gozo que esteja mais além do falo. É porque as místicas creem em Deus que elas nos testemunham o gozo da mulher, já que desde que o cristianismo surgiu, “[...] é ele [Deus] que goza!” (LACAN, 1973|1985 p.102)³⁰⁰.

Santa Teresa é uma testemunha desse gozo místico; basta que vejamos sua face na soberba escultura de Bernini, conhecida como *O êxtase de Santa Teresa*, na Igreja Santa Maria della Vittoria, em Roma, tal como Lacan nos recomenda: “Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimente - isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas” (LACAN, 1973|1985, p.100)³⁰¹. No entanto, embora ele exista, uma vez que temos testemunho, diante desse gozo Outro, desse gozo do corpo que elas podem experimentar, “nunca se pôde tirar nada” (LACAN, 1973|1985, p.101)³⁰².

4.4 Em suplência... pois entre os sexos a coisa não vai!

Conforme pudemos observar ao longo desse capítulo, no que tange à relação entre os sexos, tudo gira em torno de uma falha. Embora também tenhamos verificado que em torno disso há o modo masculino e o modo feminino de girar: “o que, com efeito, constitui o fundo da vida, é que, para tudo que diz respeito à relação entre os homens e as mulheres [...] a coisa não vai” (LACAN, 1973|1985, p. 46)³⁰³. Se tudo gira em torno do falo simbólico, é ele mesmo que, ao unir linguagem e desejo, marca o encontro sexual como um encontro com a falta, resultado da relação do sujeito com a palavra.

³⁰⁰ Deus e o gozo d’ \bar{A} Mulher. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

³⁰¹ Deus e o gozo d’ \bar{A} Mulher. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

³⁰² Deus e o gozo d’ \bar{A} Mulher. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

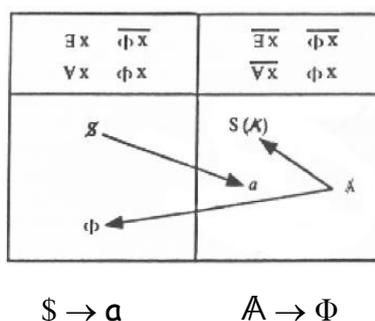
³⁰³ Da anedota à lógica. In: *O Seminário, Livro 19: ...ou pior*, 2012.

No entanto, é justamente dessa impossibilidade que fazemos surgir a suplência, aquilo que vem no lugar do que rateia, no lugar da relação sexual que não há: o amor-paixão³⁰⁴. O amor como paixão é o que nos revela que, embora saibamos que a coisa não vai, isso não diminui em nada o interesse que temos no Outro.

É por habitar a linguagem que o ser falante não tem acesso ao Outro, lugar de um gozo opaco e para sempre perdido. Daí as diversas ficções que surgem para tentar dar conta da suposta relação entre os sexos. O fato é que a linguagem não dá conta de articular os dois sexos, uma vez que essa relação não funciona sem o terceiro termo: o falo.

A chamada função do falo [...] torna insustentável, doravante, a bipolaridade sexual, e insustentável de uma forma que literalmente volatiliza o que acontece com o que se pode escrever dessa relação. (LACAN, 1971|2009, p. 62)³⁰⁵

Em relação ao falo, o Homem é um Totem e \mathbb{A} mulher não existe; ou, dito de outro modo, “o homem é uma função fálica na qualidade de *todo homem*” (LACAN, 1971|2009, p. 132)³⁰⁶ e A mulher “só pode sê-lo na qualidade de *uma mulher*” (LACAN, 1971|2009, p. 133)³⁰⁷. Não é difícil verificarmos esse fracasso da relação sexual se, novamente, recorrermos às fórmulas quânticas, por onde Lacan nos ilustra que a lógica porta a marca do impasse sexual.



Enquanto o sujeito é causado pelo objeto \mathcal{A} , \mathbb{A} mulher dirige seu desejo ao falo. Assim, vale destacar que o objeto \mathcal{A} surge como resto do \mathbb{A} , pois lá onde o Outro é barrado, lá onde \mathbb{A} mulher não existe, ou “a existência dela é um sonho de mulher” (LACAN,

³⁰⁴ O amor como paixão imaginária é o amor que visa ser amado. Ver LACAN, J. *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. Ver, também, FERREIRA, N.P. *A teoria do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

³⁰⁵ O escrito e a verdade. In: *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, 2009.

³⁰⁶ O homem e a mulher e a lógica. In: *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, 2009.

³⁰⁷ O homem e a mulher e a lógica. In: *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, 2009.

1971|2009, p. 69)³⁰⁸, ou o sujeito a coloca como causa de seu desejo. Assim é possível perceber que é do fracasso que surge o desejo, por onde se dá o êxito da *ralação sexual*, seja ela um ato incitado por uma relação de modo fetichista com o falo ou de modo erotomaníaco:

[...] o instrumento falo, eu já lhes disse que não deve ser confundido de modo algum com o pênis. O pênis, ele sim, pauta-se pela lei, isto é, pelo desejo, isto é, pelo mais-de-gozar, isto é, pela causa do desejo, isto é, pela fantasia. E aí, o suposto saber da mulher que saberia esbarra num obstáculo, num osso, justamente aquele que falta ao órgão [...]. Há aí uma falta, é um osso faltante. Que não é o falo, é o desejo e seu funcionamento. (LACAN, 1971|2009, p. 65)³⁰⁹

Lacan observa que se a posição do sexo difere quanto ao objeto é porque há uma distância entre a forma de amor dos homens e das mulheres; diferença advinda por efeito do complexo de castração: se para os homens incide a angústia de castração, para as mulheres a angústia se dá pela via do abandono, pelo medo da perda do amor.

Para o homem, o(a) parceiro(a) porta uma marca fálica na medida que, sendo o objeto escolhido, apresenta-se no lugar do significante fálico - Φ (α) -, por onde o desejo masculino³¹⁰ aposta no tamponamento da falta no Outro. Assim, na forma fetichista, prevalece o desejo, já que o ato de amor dos homens é a perversão polimorfa do macho, por onde “vê-se que as mulheres-falo [...] situadas para-além do ‘Você é minha mulher’ pelo qual ele constitui a parceira - confirma que o que surge no inconsciente do sujeito é o desejo do Outro [...]” (LACAN, 1960|1998, p.742)³¹¹. Portanto, a satisfação em *ter* um objeto não só apazigua sua angústia de castração como ratifica sua posição do lado masculino da partilha dos sexos. Ao designar o(a) parceiro(a) com *você é meu objeto de desejo* recebe, como retorno dessa mensagem, a aplacante ratificação de que ele próprio é, então, *o homem desse objeto-parceiro*.

Por outro lado, para a mulher, o que está em jogo é o desejo de falo, que na forma erotomaníaca aposta no(a) parceiro(a) como aquele(a) em quem ela vai encontrar o significante de seu desejo, único capaz de responder à sua falta: \mathcal{A} . É daí que surge sua exigência de ser amada, que não se reduz à demanda do *diga-me que me ama*, mas, antes, se estende para as diversas provas de amor que solicita ao parceiro(a). *Será que ele(a) me ama?*

³⁰⁸ O escrito e a verdade. In: *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, 2009.

³⁰⁹ O escrito e a verdade. In: *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, 2009.

³¹⁰ Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*, 1998.

³¹¹ Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*, 1998.

Essa é sua eterna questão, um véu que encobre seu mote fundamental: o enigma do feminino, o Outro que ela é para si mesma.

Na forma erotomaniaca, prevalece a demanda de amor visada pelas mulheres, uma vez que elas usam o(a) parceiro(a) como conector para o gozo fálico. No entanto, para além dele(a), “é um amante castrado ou um homem morto (ou os dois em um) que, para a mulher, oculta-se por trás do véu para ali invocar sua adoração” (LACAN, 1960|1998, p.742)³¹². Logo, se para os homens há uma supervalorização do objeto, para as mulheres há a valorização da castração. Enquanto eles creem abordar seu parceiro sexual - mesmo que, de fato, só alcancem a causa de seu desejo, o objeto a -, elas buscam as marcas da castração, pois só quando o(a) parceiro(a) porta essa marca é que ele(a) se torna verdadeiramente viril.

Embora sem o recurso da lógica, Freud também não havia deixado de perceber, desde cedo, que o fracasso da relação sexual determinava a diferença entre o modo masculino e o feminino de amar. Entre 1910 e 1918, escreve três textos de contribuição à psicologia do amor: *Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens*, *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* e *O tabu da virgindade*.

Freud inicia sua contribuição à série descrevendo as condições necessárias à escolha amorosa dos homens, sempre ancoradas na supervalorização do objeto. A primeira condição apontada por ele designa, como escolha, a presença de um terceiro prejudicado, o que significa dizer que alguns homens jamais escolhem como objeto amoroso uma mulher que não esteja comprometida. A ênfase desse tipo de escolha recai sobre a necessidade de que outro homem possa reivindicar o direito de posse da mulher escolhida, meio pelo qual ela se torna um objeto supervalorizado:

Em muitos casos, essa condição demonstra ser tão implacável que uma mesma mulher pode ser primeiro ignorada ou mesmo rejeitada quando não pertence a ninguém, convertendo-se de pronto em um objeto de enamoramento ao entrar em uma das mencionadas relações com outro homem. (FREUD, 1910|2007, p. 160)³¹³

³¹² Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*, 1998.

³¹³ *Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens* (Contribuições para a psicologia do amor I), vol. 11, 2007, AE.

A segunda condição é designada por Freud como ‘amor à prostituta’, em que a mulher só exerce atração quando sua má reputação é capaz de deixar dúvidas quanto a sua fidelidade ao homem. Aqui, a valorização da mulher está relacionada com a experiência do ciúme, que se apresenta necessária aos amantes desse tipo. Em contraponto à primeira condição, na qual a gratificação é retirada dos impulsos de rivalidade dirigidos ao homem que tem a mulher escolhida em sua posse, na segunda condição “[...] o ciúme jamais se dirige ao possuidor legítimo da amada, mas sim a estranhos recém chegados em relação com quem se pode levantar suspeitas dela” (FREUD, 1910|2007, p. 160)³¹⁴.

A terceira condição apontada por Freud revela-se por sua natureza compulsiva, pois o alto valor dado ao objeto amoroso incita a paixão com enorme dispêndio de energia, já que exclui quaisquer outros interesses do sujeito. Nesse tipo de escolha, a valorização da mulher é aferida por sua integridade sexual, já que “[...] são as únicas a quem podem amar, e em todos os casos exaltam a auto exigência de fidelidade, por mais que frequentemente a realidade a infrinja” (FREUD, 1910|2007, p. 161)³¹⁵. Por fim, a quarta condição revela-se como ânsia de salvar a mulher amada, por onde se desenvolve o desejo de manter a mulher escolhida no caminho da virtude.

Desse modo, o que Freud vem nos salientar é que o tipo de amor dos homens, quer esteja pautado em uma ou mais de uma das condições aqui descritas, tem os traços de fixação nas fantasias infantis, pois o romance familiar entrelaça as várias ramificações da atividade imaginativa da criança em relação aos seus pais. O fato é que, a mãe, idolatrada com ternura como santa, também vem revelar-se ao menino como puta, ao entregar-se ao desejo do pai. É esse o pano de fundo presente para a supervalorização do objeto nas derivadas condições de escolha por parte dos homens.

Foi a partir dessa constatação que Freud pôde pensar *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa*, em que a impotência psíquica se faz presente na vida sexual de alguns homens dotados de natureza intensamente libidinosa. O primeiro passo para a compreensão dessa singular perturbação foi obtido, por Freud, a partir do relato de seus próprios pacientes.

³¹⁴ *Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens* (Contribuições para a psicologia do amor I), vol. 11, 2007, AE.

³¹⁵ *Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens* (Contribuições para a psicologia do amor I), vol. 11, 2007, AE.

Em geral, eles puderam perceber que tal insucesso só se faz presente com determinadas pessoas escolhidas que portam algum traço que acaba por provocar a inibição da potência masculina devido à emergência de um sentimento de obstáculo que se opõe a toda intenção consciente de possuir o objeto sexual:

O fundamento da afecção é também aqui - como, provavelmente, em todas as perturbações neuróticas - uma inibição na história do desenvolvimento da libido para sua concretização definitiva e merecedora de chamarmos normal. Neste caso, não confluem uma e outra das correntes cuja reunião é a única que assegura uma conduta amorosa plenamente normal; correntes que podemos distinguir como a terna e a sensual. (FREUD, 1912|2007, p. 174)³¹⁶.

A corrente afetiva corresponde à escolha de objeto primária da criança, em que a afeição aos pais não exclui a natureza erótica dessa relação. Com a contribuição das pulsões sexuais, a criança é tomada como objeto erótico de seus cuidadores. No entanto, com a elisão desse romance primordial, a partir do obstáculo instaurado pela barreira contra o incesto, as fixações afetivas permanecem e ajudam a conduzir o erotismo ao desvio de seus objetos sexuais originais, agora inadequados. Sem dúvida, os novos objetos da vida adulta serão escolhidos com base nos traços dos objetos infantis e, “os graus máximos de enamoramento sensual conservarão a máxima estima psíquica (a superestimação [*Überschätzung*] normal do objeto sexual por parte do homem)” (FREUD, 1912|2007, p. 175)³¹⁷.

O que Freud pôde constatar, ao tratar dos casos de impotência total, foi a ligação de toda a corrente erótica ao objeto incestuoso agora inconsciente; ou seja, a fixação da libido em fantasias incestuosas inconscientes é causa da debilidade do órgão que realiza o ato sexual. Já nos casos de impotência psíquica, a restrição se coloca na escolha de objeto, e a corrente erótica que permanece ativa procura objetos que não rememorem as imagens incestuosas proibidas. Desse modo, a fim de evitar o incesto, toda a esfera do amor permanece cindida. “Quando amam não desejam, e quando desejam não podem amar. Buscam objetos que não precisem amar, a fim de manter afastada sua sensualidade dos objetos amados [...]” (FREUD, 1912|2007, p. 176)³¹⁸.

³¹⁶ *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa*, vol. 11, 2007, AE.

³¹⁷ *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa*, vol. 11, 2007, AE.

³¹⁸ *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa*, vol. 11, 2007, AE.

Somente com a depreciação do objeto escolhido, o desejo erótico pode se expressar livremente, ratificando a ideia exposta na primeira contribuição à psicologia do amor, quando Freud entende que a degradação da mãe ao nível da puta se faz necessária para transpor, em fantasia, a distância entre as duas correntes amorosas: a terna e a erótica. Contudo, embora a impotência psíquica seja explicada como uma inibição no desenvolvimento devido à falha na combinatória das correntes terna e erótica no amor, Freud emerge com uma nova questão: qual o mecanismo utilizado por aqueles que não sofrem os efeitos da impotência psíquica, uma vez que podemos perceber os fatores relevantes aqui destacados em todos os seres humanos?

Segundo Freud, o modo de amar dos homens traz, de modo geral, o selo da impotência psíquica. Todavia, aqueles que desenvolvem potência completa só a conseguem quando depreciam o objeto de amor, transformando-o em objeto de desejo:

A isto se deve sua necessidade de um objeto sexual degradado, de uma mulher inferior eticamente, a quem não se veja precisando atribuir reparos estéticos, que não lhe conheça em suas outras relações de vida e nem possa julgá-lo. A uma mulher assim consagra, de preferência, sua potência sexual, mesmo que sua ternura pertença por inteiro a uma de superior condição. (FREUD, 1912|2007, p. 179)³¹⁹

No caso das mulheres, Freud não verifica a necessidade de depreciação do objeto sexual, levando-o a concluir que isso se deve ao fato das mulheres não supervalorizarem o objeto no encontro com o parceiro. Apesar disso, as mulheres são, muitas vezes, incapazes de desfazer a conexão entre o erotismo e a proibição, o que pode torná-las psiquicamente impotentes quando o sexo finalmente lhes é permitido. Para Freud, talvez resulte daí os casos das mulheres que, infiéis aos seus maridos, só conseguem encontrar a finalidade sexual em relação a seus amantes.

Desta forma, podemos verificar que a vida sexual dos humanos requer um obstáculo, meio capaz de intensificar a libido, nos levando a concluir, com Freud, que “essa condição do proibido é equiparável, na vida amorosa feminina, à necessidade de degradação do objeto sexual no homem” (FREUD, 1912|2007, p. 180)³²⁰ - ponto de falha necessário que nos conduz à valorização do amor. Dito de outro modo, a consequência da natureza da pulsão

³¹⁹ *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa*, vol. 11, 2007, AE.

³²⁰ *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa*, vol. 11, 2007, AE.

sexual, desfavorável a qualquer realização de satisfação completa, devido à irrupção bifásica da escolha de objeto, faz do objeto sexual apenas um substituto do objeto original, perdido desde sempre para o ser de linguagem, restando a aposta no amor-paixão para enlaçar algo dessa relação que não há entre o sujeito e o objeto escolhido na contingência.

Concluindo a série de contribuições à psicologia do amor, *O tabu da virgindade* é abordado por Freud para salientar a lógica masculina pautada no ter, ressaltando a valorização da virgindade como consequência do direito à posse do objeto escolhido, que permeia a fantasia dos homens. Por conseguinte, a sujeição ao parceiro, destinada à mulher escolhida, ratifica seu lugar de objeto e acentua sua dependência ao amor desse homem. Diante de sua demanda de amor, ser amada é o modo pelo qual ela acredita ser restituída de seu narcisismo perdido; marca da privação do falo ao nível do ser.

Com a promessa de sujeição, uma vez que a falta-a-ter o falo desvela a falta-a-ser nas mulheres, “a virgindade é considerada um bem ao qual o homem não deve renunciar” (FREUD, 1918[1917]|2007, p.201)³²¹, garantindo-lhe a fantasia de recuperação da perda, tal como Lacan nos indicou com o objeto *a*, mais-de-gozar. Decerto que Freud já nos havia apresentado a base dessa ideia no texto sobre a *Introdução ao narcisismo*, datado de 1914, quando abarca o narcisismo em relação à vida amorosa dos seres humanos:

Todo ser humano tem aberto frente a si ambos os caminhos para a eleição de objeto, podendo preferir um ou outro. Dizemos que têm dois objetos sexuais originais: ele mesmo e a mulher que o cria, e pressupomos então em todo ser humano o narcisismo primário que, eventualmente, pode expressar-se de maneira dominante em sua eleição de objeto. (FREUD, 1914|2008, p. 85)³²²

Destacando “[...] a variada diferenciação no homem e na mulher” (FREUD, 1914|2008, p. 84)³²³, Freud aborda as modalidades de amor masculino e feminino realçando a incidência da atividade do lado dos homens e da passividade do lado das mulheres: amar e ser amado. Segundo Freud, o modo de amor por apoio ou sustentação³²⁴ é, comumente, o modelo do amor masculino, por onde há uma maior quantidade de libido investida no objeto em detrimento do eu, que já se sustenta através do narcisismo do órgão:

³²¹ *O tabu da virgindade* (Contribuições para a psicologia do amor III), vol. 11, 2007, AE.

³²² *Introdução ao narcisismo*, vol. 14, 2008, AE.

³²³ *Introdução ao narcisismo*, vol. 14, 2008, AE.

³²⁴ Em espanhol trata-se de *apuntalamiento*, que nos designa uma sustentação, uma ligação, uma veiculação, um apoio em algo ou, ainda, um escoramento a algo que, no caso aqui descrito por Freud, é a mãe.

O pleno amor de objeto segundo o tipo de apoio é, em verdade, característico do homem. Exibe essa evidente supervalorização sexual que, sem dúvida, provém do narcisismo original da criança e, assim, corresponde à transferência desse narcisismo para o objeto sexual. (FREUD, 1914|2008, p. 85)³²⁵

Por outro lado, o modelo narcísico de amor parece a saída destinada às mulheres que, com uma maior quantidade de libido investida no eu, demandam ser amadas; uma tentativa de garantir, através do parceiro, o narcisismo perdido a partir da constatação da castração:

Diversa é a forma em que se apresenta o desenvolvimento de um tipo mais frequente, e com probabilidade mais pura e mais genuína, da mulher. Com o desenvolvimento da puberdade [...], parece sobrevir um acréscimo ao narcisismo original. [...] Em rigor, tais mulheres só amam a si mesmas, com intensidade comparável à do homem que as ama. Sua necessidade não se sacia amando, mas sim sendo amada, e se prendem ao homem que lhes preenche essa necessidade. (FREUD, 1914|2008, p. 85-86)³²⁶

Assim, retomando os efeitos do complexo de Édipo e de castração nos meninos e nas meninas, Freud pôde concluir que, enquanto o amor objetual dos homens resulta da transferência de seu narcisismo primário para o objeto sexual, nas mulheres o investimento no eu revela-se no amor a si mesma, resultado da consolidação de seu narcisismo originário na puberdade. Dito de outro modo, no homem, que anula o eu em detrimento da libido, o amor, na vertente ativa - amar -, vem caracterizar a modalidade de satisfação em sua escolha de objeto. Já na mulher, ao exercer atração sobre o parceiro através de seu próprio narcisismo, o amor caracteriza-se pela vertente passiva: ser amada por aquele que se satisfaz ao amar³²⁷:

De fato, com particular nitidez se evidencia que o narcisismo de uma pessoa exerce grande atração sobre aquelas que renunciaram a dimensão plena de seu narcisismo próprio e encontram-se à procura do amor do objeto. (FREUD, 1914|2008, p. 86)³²⁸

Desde então, Freud reafirma, ao longo de sua obra, as modalidades ativa e passiva de satisfação. Assegura que, embora não se possa excluir a presença da satisfação passiva

³²⁵ *Introdução ao narcisismo*, vol. 14, 2008, AE.

³²⁶ *Introdução ao narcisismo*, vol. 14, 2008, AE.

³²⁷ Voltamos a ressaltar que o emprego dado por Freud ao masculino e ao feminino referem-se à visada econômica da libido: masculino como maior investimento libidinal no objeto e feminino como maior investimento libidinal no eu.

³²⁸ *Introdução ao narcisismo*, vol. 14, 2008, AE.

presente na vida de muitos homens ou da satisfação ativa no campo das mulheres, de modo geral, no que diz respeito ao amor, os homens encontram uma maior satisfação no movimento de amar, ao passo que as mulheres encontram satisfação ao serem amadas. Assim, a série sujeito-ativo-masculino e a série objeto-passivo-feminino constituem, para Freud, as duas posições subjetivas presentes na vida amorosa dos seres de linguagem.

Dito isso, a fim de verificarmos que Lacan está em total consonância com a elaboração freudiana, propomos retornar à teoria do amor. Por que apostamos no amor-paixão em suplência à rata da relação sexual? Sem dúvida, porque o amor ignora que, no fundo, ele é apenas desejo de fazer Um com o parceiro; ou, dito de outro modo, porque ignora que a essência do objeto é a rata.

Diante do amor, supomos um ser, presumimos uma riqueza no interior do outro. É aí que está o paradoxo, pois o que falta em nós é justamente o que o amado também não tem: o objeto de desejo que seria capaz de nos conduzir à felicidade plena, à salvação, promovendo a união por onde amado e amante se fundem e se confundem. Daí o amor, ignorância do desejo, ser homossexual. O amor-paixão é narcísico, é amor pelo mesmo, pois parte da ideia de que nós dois somos Um só... Um só que surge “da natureza dessa miragem do Um que a gente acredita ser” (LACAN, 1973|1985, p. 65)³²⁹. Não à toa, quando há a perda do amado, esta tende a resvalar no sujeito como uma perda de um pedaço de si mesmo.

É justamente porque a ideia do Um é introduzida no mundo pelo significante que a miragem do amor-paixão é possível, por onde Lacan nos indica que o amor faz signo³³⁰. Ou seja, se no plano do amor a visada é o ser, aquilo que na linguagem mais escapa, por outro lado, é a única aposta possível, o que pode ser suposto do sujeito como aquele que desliza numa cadeia significante, por onde o amor demanda o amor... e sempre mais:

No amor, o que se visa, é o sujeito, o sujeito como tal, enquanto suposto a uma frase articulada, a algo que se ordena ou pode se ordenar por uma vida inteira. Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo. Mas, por outro lado, seu signo é suscetível de provocar o desejo. Aí está a mola do amor. (LACAN, 1973|1985, p. 69)³³¹.

³²⁹ O amor e o significante. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

³³⁰ “O signo não é, portanto, signo de alguma coisa, mas de um efeito que é aquilo que se supõe, enquanto tal, de um funcionamento do significante. [...] O sujeito não é outra coisa [...] senão o que desliza numa cadeia de significantes” (LACAN, 1973|1985, p. 68). Ver O amor e o significante. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

³³¹ O amor e o significante. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

A ideia do Um é o que nos leva a apostar na dissolução com o outro. Dissolver-se com o outro é a miragem que o amor-paixão oferece e que, desde Aristófanos, mantém viva a crença no encontro com nossa cara-metade, tal como verificamos no subcapítulo 2.1 desta tese. No entanto, se só há Um sozinho, como pode haver amor por um outro? É por isso que o amor é louco! Ao negar a castração, ele se revela como suplência à falta. O sujeito, ao apostar no amor-paixão, no amor ao outro, tem como único intuito ser amado: eu e o outro sendo um só, busca pelo igual.

No entanto, embora o amor-paixão enlace dois, ele jamais será capaz de fazer Um, uma vez que o outro, ao ser tomado pelo sujeito, é sempre tomado como objeto, caracterizando a heterossexualidade - ou heteridade - do desejo na busca pelo diferente, por aquilo que eu não tenho mas acredito que o outro tenha: o objeto α .

Assim, não havendo qualquer relação possível de sujeito a sujeito, cada sujeito, ao ocupar-se de seus objetos, esquece que o outro, tomado como parceiro, também é um sujeito e, sem a menor consideração com esse outro, o recorta em função de seus interesses. No desejo, seja o sujeito homem ou mulher, o que está em jogo é o diferente, o parceiro como objeto do desejo - $\$ \rightarrow \alpha$ -, daí a heterossexualidade implicada em todo ato sexual, independente do sexo do parceiro escolhido.

Já no amor-paixão, trata-se, antes, de lançar mão de uma ficção que protege o sujeito da inexistência da relação sexual, pura criação que visa o anteparo dos enigmas indecifráveis, proteção diante do impossível, do intransponível, do real. Por ser uma aposta na plenitude, apreendida a partir da ideia do Um, o amor-paixão, a todo momento, é posto à prova.

Portanto, à guisa de conclusão, uma vez que a pulsão desconhece a anatomia - conforme já verificamos nos tópicos anteriores dessa tese -, e a relação entre os sexos se revela como um desencontro, - constatado ao longo desse capítulo -, como podem, homens e mulheres, encontrarem seus pares?

O deslocamento da negação, do *para de não se escrever* ao *não para de se escrever*, da contingência à necessidade, é aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo o amor. Todo amor, por só subsistir pelo *para de não se escrever*, tende a fazer

passar a negação ao *não para de se escrever*, não para, não parará. (LACAN, 1973|1985, p. 199)³³²

Sem dúvida, o encontro é contingencial, ao acaso. No entanto, é por não haver qualquer inscrição possível para o *fall in love* almejado, que o amor-paixão surge como uma ilusão, uma miragem que o ser falante constrói na tentativa de transformar o contingencial em necessário³³³ e o acaso em princípio recíproco: substituição que, por existir inconsciente, “constitui o destino e também o drama do amor” (LACAN, 1973|1985, p. 199)³³⁴, mantendo vivo o nosso interesse no Outro.

³³² O rato no labirinto. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

³³³ Ver JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: as bases conceituais*, 2005.

³³⁴ O rato no labirinto. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

5 O discurso psicanalítico e sua ética

A ética do desejo, inerente à prática clínica psicanalítica, é abordado nesse capítulo a partir da noção de bissexualidade psíquica, tal como desenvolvida por Freud. Essa noção, que primeiramente surge como resultado da interlocução entre Freud e Fliess³³⁵, sofreu uma série de revisões por parte de Freud que, quanto mais assegurava sua importância clínica, menos aceitava as ideias de bioperiodicidade cunhadas por Fliess. Embora as pesquisas de Freud estivessem ancoradas no caráter enigmático da sexualidade, Fliess permanecia ocupado com a hipótese de simetria sexual, mantendo-se preso na anatomia. Fliess agarrava-se à ideia delirante de tentar escrever a relação sexual, enquanto Freud marcava sua impossibilidade, fazendo da noção de bissexualidade um postulado estrutural de sua clínica.

A escolha do sexo, e sua independência em relação a escolha do parceiro, é retomada a fim de sustentar a noção de bissexualidade psíquica e ratificar a tese freudiana de que as correntes homo e heterossexual estão presentes na vida de todos os sujeitos. A partir de três dos principais casos de Freud, ilustramos as particularidades implicadas na clínica através da homossexualidade sintomática de Dora, da homossexualidade manifesta da Jovem Homossexual e da homossexualidade latente do Homem dos Ratos, o que nos permite falar em homossexualidades, no plural, ressaltando a diversidade de escolhas possíveis no âmbito inventivo e subversivo da sexualidade humana.

A singularidade do desejo, assim como o caráter enigmático e desarmônico da sexualidade, conduz nossa pesquisa para as questões implicadas na transexualidade. O estranhamento do corpo, e as demandas por cirurgias reparativas e de mudança de sexo, são examinadas à luz de documentários, filmes e casos clínicos que retratam o processo de criação inerente à conformação da imagem corporal do sujeito com a certeza sobre seu sexo, saída frente ao mal-estar.

Por fim, sustentando a impossibilidade de escrever a relação sexual, nossa tese retorna às questões colocadas no princípio. Com o discurso do analista, ratifica a emergência do desejo como destino da análise que, a partir do atravessamento da fantasia, promove a abertura do desejo do sujeito para além do Outro.

³³⁵ Ver JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: as bases conceituais*, 2005.

5.1 Bissexualidade: um postulado estrutural da ética freudiana

Falar em ética psicanalítica é falar de uma ética centrada no desejo, ética esta sustentada por Freud ao longo de sua clínica a partir da noção de bissexualidade psíquica, postulado estrutural³³⁶ que o leva a operar - em detrimento da moral e do engodo imaginário da complementariedade dos sexos ficcionado pela cultura -, responsabilizando o sujeito por suas escolhas: seu desejo, sua causa e suas errâncias.

O tema da bissexualidade surgiu pela primeira vez na obra freudiana como resultado da interlocução entre Freud e Fliess. Essa ideia, que inicialmente aproximou os dois pesquisadores da sexualidade, também foi responsável pela ruptura desse intercâmbio intelectual que durou, aproximadamente, 17 anos³³⁷.

Na famosa Carta 52, datada de 6 de dezembro desse mesmo ano, Freud escreve a Fliess sobre sua hipótese de desdobramento da memória que, a partir de rearranjos e retranscrições, resulta, de tempos em tempos, na mudança desses traços mnêmicos que derivam de uma espécie de falha de tradução. Será o estado de desprazer gerado por essa falha que o levará a atestar que a produção de uma defesa, o recalçamento especificamente, advém da natureza sexual do evento que, embora tenha ocorrido num momento remoto da infância, emerge para o sujeito como ocorrência atual, ampliando o estado de excitação original.

Assim, com o intuito de delinear os derivados das diferentes épocas do evento, no que tange à escolha da neurose, Freud recorre à teoria da periodicidade de Fliess, seu primeiro recurso à ideia de bissexualidade:

Para elucidar a decisão entre perversão e neurose valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos. Em um ser puramente masculino, haveria, sem dúvida, um excesso de liberação masculina pelas duas barreiras sexuais, e, portanto, geraria prazer e, em consequência, perversão; em um ser puramente feminino haveria, um excedente de substância de desprazer por essa época. (FREUD, 1896|2007, p. 279)³³⁸

³³⁶ Ver POLLO, V. Desdobramentos freudianos da noção de bissexualidade. In: *As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*, 2013.

³³⁷ Ver JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: as bases conceituais*, 2005. Marco Antonio Coutinho Jorge introduziu a hipótese de que o conceito fundamental de pulsão sexual, apresentado pela primeira vez em 1905, nos *Três Ensaios da teoria sexual*, foi tributário do longo diálogo estabelecido por Freud com Fliess em torno da temática da bissexualidade entre 1887 e 1904, quando se deu a separação entre os dois grandes amigos.

³³⁸ Carta 52 (Dezembro de 1896), vol. 1, 2007, AE.

Assim surge, em contraponto à perversão do sedutor, a ideia da neurose histérica como consequência de um evento sexual sofrido de forma passiva, efeito da sedução por parte de um adulto; ideia esta que será refutada pelo próprio Freud um ano depois, em 1897³³⁹, ao lançar mão da fantasia em substituição ao pressuposto do trauma.

No entanto, nesse momento, tomado por suas pesquisas clínicas sobre a escolha da neurose, Freud ainda endereça ao amigo mais uma de suas conclusões, também pautada no juízo de periodicidade: “Por fim, não posso sufocar a conjectura de que a separação entre neurastenia e neurose de angústia, detectada por mim na clínica, se correlacione com a existência das duas substâncias de 23 e de 28 dias” (FREUD, 1896|2007, p. 279)³⁴⁰.

Passados 3 anos de pesquisas clínicas, Freud já não tinha dúvidas da importância da tese da bissexualidade para pensar a vida sexual dos neuróticos e escreve a Fliess, em agosto de 1899: “Bissexualidade! Estou seguro que sobre isso você tem razão. Estou habituando-me a conceber cada ato sexual como um acontecimento em que intervém quatro indivíduos (FREUD, 1899|2007, p. 35)³⁴¹.

Desde então, Freud passa a conjecturar a noção de bissexualidade como base para sua teoria da sexualidade e, em 1900, ao abordar a psicologia dos processos oníricos, no texto sobre *A interpretação dos sonhos*, declara que o peso dessa noção deve ter tanta importância para a psicanálise quanto tem a ideia de uma defesa neurótica a partir do recalçamento, sendo a sexualidade o único referente capaz de ajudá-lo a preencher as brechas que a teoria do recalque ainda comportava:

A teoria das psiconeuroses assevera com certeza excludente que não podem ser senão moções de desejo sexuais procedentes do infantil as que experimentaram o recalçamento (a mudança do afeto) nos períodos de desenvolvimento da infância, e que em períodos posteriores do desenvolvimento são capazes de uma renovação, quer como consequência da constituição sexual que se configura desde a bissexualidade originária, quer como consequência de influências desfavoráveis sobre a vida sexual; e assim elas proporcionam as formas pulsionais de toda formação de sintoma psiconeurótico. (FREUD, 1900|2007, p. 595)³⁴²

³³⁹ Foi a partir de sua descoberta da fantasia, construída a partir do princípio de que no inconsciente não há indicação da realidade factual, por onde se torna inviável distinguir verdade e ficção, Freud percebe que a fantasia, sexual, tem, invariavelmente, os pais como tema, alicerce de sua conhecida afirmação: “já não credito mais em minha <<neurótica>>” (FREUD, 1897|2007, p. 301). *Carta 69* (Setembro de 1897), vol. 1, 2007, AE.

³⁴⁰ *Carta 52* (Dezembro de 1896), vol. 1, 2007, AE.

³⁴¹ *Carta 113* (Agosto de 1899). Carta citada, em nota de rodapé, no texto *O eu e o isso*, vol. 19, 2007, AE.

³⁴² *A interpretação dos sonhos*, vol. 5, 2007, AE.

Um ano depois, em 1901, no livro sobre a *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud não só reconhece a originalidade do pensamento de Fliess como volta a lhe dar razão quanto a importância da bissexualidade:

No verão de 1901 declarei um dia a um amigo, com quem mantinha um vivo intercâmbio de ideias sobre questões científicas: <<Estes problemas neuróticos só poderão ser solucionados se nos situarmos por inteiro dentro da hipótese de uma bissexualidade originária do indivíduo>>. Recebi esta resposta: <<Eis o que te disse há dois anos e meio em Br. [Breslau], quando dávamos aquele passeio ao entardecer. Naquele momento não quiseste saber nada disso>>. É doloroso ser assim convidado a renunciar à originalidade. (FREUD, 1901|2007, p. 143)³⁴³

Enquanto Freud preocupava-se com a etiologia sexual da neurose, pensando seus mecanismos e sintomas, Fliess mantinha sua pesquisa ancorada na biperiodicidade, ideia advinda de seu pressuposto simétrico da divisão sexual:

[...] nada é tão maravilhoso quanto o fato de termos dois olhos, dois ouvidos, duas narinas, dois pulmões, dois rins, dois braços e duas pernas. Sim, nosso corpo compõe-se, na verdade, de duas metades simétricas, e não é apenas nosso corpo, mas o de todos os seres vivos, sem exceção, que são construídos com uma simetria bilateral. (FLIESS *apud* PORGE, 1998, p. 86)³⁴⁴

Sem dúvida, esse foi o ponto de divergência principal que culminou na ruptura, tanto da amizade quanto da interlocução, entre os dois pesquisadores. Embora Freud não tenha sido explícito, ao esquecer que a originalidade da ideia de bissexualidade havia partido de Fliess, não deixa de manifestar seu descontentamento. O esquecimento foi o que lhe permitiu atribuir a si mesmo a originalidade desse constructo, em que a divergência teórica entre os amigos então se desvelava.

Fliess mantinha-se preso à anatomia, justificando sua tese na lei da Natureza, nela amparando sua concepção periódica da bissexualidade e a distribuição das substâncias sexuais do corpo em direita e esquerda, acreditando que “[...] no homem e na mulher, o lado direito corresponde à substância do mesmo sexo, e o esquerdo à do sexo oposto” (FLIESS *apud* PORGE, 1998, p. 88)³⁴⁵; uma tentativa de escrever, de modo delirante, a relação sexual, negando sua falha, sua impossibilidade.

³⁴³ *Psicopatologia da vida cotidiana*, vol. 6, 2007, AE.

³⁴⁴ *Freud/Fliess: mito e quimera da autoanálise*, 1998.

³⁴⁵ *Freud/Fliess: mito e quimera da autoanálise*, 1998.

Foi em 1905, ao trabalhar nos seus *Três ensaios da teoria sexual*, que Freud se posicionou claramente na contracorrente das ideias de Fliess e dos demais sexólogos de sua época, ao refutar qualquer transposição para o campo da anatomia daquilo que é, na origem, uma questão de ordem subjetiva:

A doutrina da bissexualidade foi formulada em sua variante mais crua por um porta-voz dos invertidos masculinos: <<um cérebro feminino num corpo masculino>>. Só que não conhecemos os caracteres do que seria <<cérebro feminino>>. Substituir o problema psicológico pelo anatômico é tão ocioso como injustificado. (FREUD, 1905|2008, p. 130)³⁴⁶

Essa preocupação inicial é ratificada ao longo da obra freudiana ao insistir, incessantemente, que a escolha de objeto, seja ela homo ou heterossexual, é completamente independente da prevalente identificação do sujeito. Ou, como dito por Lacan, seria o mesmo que afirmar que a escolha do parceiro e a posição subjetiva sexuada são independentes uma da outra, conforme pôde ser verificado nos capítulos anteriores desenvolvidos nessa tese:

[...] a libido é regularmente, e normativamente, de natureza masculina, quer se apresente no homem ou na mulher, e prescindindo de que seu objeto seja um homem ou uma mulher. (FREUD, 1905|2008, p. 200)³⁴⁷

E Freud acrescenta:

Desde que me familiarizei com o ponto de vista da bissexualidade, considero que ela é um fator decisivo neste aspecto, e que sem tê-la em conta dificilmente se chegará a compreender as manifestações sexuais do homem e da mulher como nos oferece a observação dos fatos. (FREUD, 1905|2008, p. 201)³⁴⁸

Com base nesse princípio, Freud confirma seu pressuposto de que todo ato sexual é um acontecimento entre quatro indivíduos, por onde Lacan conclui não haver, no ato sexual do ser de fala, como ser sexuado, qualquer recurso possível para que o sujeito e seu parceiro possam se afirmar como homem ou mulher.

Alguns anos depois, em 1908, no texto sobre *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade*, Freud ilumina seu postulado ao afirmar que durante os ataques histéricos -

³⁴⁶ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

³⁴⁷ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

³⁴⁸ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

manifestações que simulam um ataque epilético, mas dos quais, após o episódio, as histéricas não se lembravam -, não havia como negar a fantasia bissexual presentificada em ato.

Em seus ataques, as histéricas costumavam levantar o vestido com uma das mãos, tentando arrancá-lo, numa atitude que se pode identificar como masculina, e com a outra, cobriam suas pernas, pressionando o vestido contra o corpo, tal como as mulheres habitualmente faziam. Daí Freud concluir que, tanto a origem de um ataque quanto a produção de um sintoma histérico, expressam “uma fantasia sexual inconsciente masculina, por um lado, e feminina, por outro” (FREUD, 1908|2007, p. 146)³⁴⁹. A fim de ilustração, podemos recorrer à tela *Os dias gigantescos*³⁵⁰, de René Magritte, retrato da manifestação desse duplo movimento do desejo.



Embora, nesse momento, Freud reserve a noção de bissexualidade à histeria, não deixa de notar que esse fato, observável através dos sintomas e ataques produzidos, era mais um fator a confirmar sua hipótese de uma disposição inata bissexual em todos os humanos, por onde fantasia e sexualidade se conectam. Diante de tal evidência, não demorou muito para que Freud incluísse a noção de bissexualidade como um postulado clínico da psicanálise. Em 1913, ao nos falar sobre *O interesse pela psicanálise*³⁵¹, não só ratifica o nível econômico no qual a psicanálise inclui os termos atividade e passividade, objetivos da pulsão ao nível da satisfação, como confirma a associação regular desses objetivos na vida de todos os sujeitos; efeitos estes que refletem sua tese da bissexualidade psíquica.

³⁴⁹ *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade*, vol. 9, 2007, AE.

³⁵⁰ Tela datada de 1928.

³⁵¹ Ver a Parte II, seção (C), O interesse biológico. In: *O interesse pela psicanálise*, vol. 13, 2007, AE.

Desde então, as críticas de Freud à teoria de Fliess e dos demais pesquisadores ancorados na biologia só aumentaram. Em 1918, ao publicar o caso do Homem dos Lobos, sob o título *História de uma neurose infantil*, Freud nos alerta que, se em alguns momentos a psicanálise havia associado o recalque e a escolha da neurose ao efeito de um conflito entre as tendências masculinas e femininas, esse já não era mais o caso:

Cabe objetar a teoria do <<protesto masculino>>, tal como Adler [1910] a tem formulado, que o recalque de modo algum toma sempre o partido da masculinidade e afeta a feminilidade; há íntegras e numerosas classes de casos nas quais é a masculinidade que tem que sofrer o recalque. (FREUD, 1918[1914]|2007, p. 100)³⁵²

Essa visão inicial e incompleta, que considerava a bissexualidade como força motivadora do recalque, tal como Fliess e Adler haviam estabelecido, foi substituída pelo conflito entre o eu e as aspirações sexuais - a libido -; meio pelo qual Freud confirma que ambas as tendências sexuais prosseguem juntas sem choque - e isto é a bissexualidade.

A fim de firmar as bases de seu novo constructo no meio psicanalítico, as críticas de Freud não pararam por aí; aliás, tornaram-se cada vez mais austeras. Em 1919, ao escrever suas contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais, com o ensaio *Bate-se numa criança*, Freud foi categórico: a noção de bissexualidade não está ancorada na anatomia.

Tal como as fantasias de espancamento permitem esclarecer - uma vez que tanto para as meninas quanto para os meninos a origem da fantasia está ligada à relação incestuosa com o pai, tomado como objeto de amor -, não temos como saber qual é o sexo mais intenso ou mais frágil de cada sujeito, e qual vencerá na luta contra o recalque, a não ser que o consideremos determinado “pela conformação de seus genitais” (FREUD, 1919|2007, p. 197)³⁵³, tal como Fliess propusera com sua teoria, tão atraente quanto simplista. Freud resume a teoria de Fliess da seguinte maneira:

Aposta-se na constituição bissexual dos indivíduos humanos e assevera-se que, em cada qual, o motivo do recalque seria a luta entre os caracteres sexuais. O sexo de mais intensa dominância, predominante na pessoa, recalcou no inconsciente a

³⁵² *A história de uma neurose infantil*, vol. 17, 2007, AE.

³⁵³ *Bate-se numa criança: contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*, vol. 17, 2007, AE.

subrogação anímica do sexo derrotado. O núcleo do inconsciente, o recalado, será, então, em todo ser humano, o sexo contrário presente nele. (FREUD, 1919|2007, p. 196-197)³⁵⁴

A teoria psicanalítica, que se fundamenta na clínica, nos revela o oposto, constatação que permite Freud afirmar que a teoria de Fliess não só estava incorreta como era ilusória. Essa ilusão, decerto, estava ancorada em suas ideias delirantes, as quais Freud desconhecia, embora reconhecesse a rigidez da fórmula fliessiana, que pode ser sintetizada nos seguintes termos: “no homem, o recalado inconsciente se reduz às moções pulsionais femininas; e o inverso nas mulheres” (FREUD, 1919|2007, p. 197)³⁵⁵.

Cada vez mais a firmeza de Freud ampliava-se quanto a seu postulado, nos garantindo ser ilícito sexualizar as forças motivadoras do recalque e, foi em 1920, no texto *Mais além do princípio de prazer*, que Freud nos forneceu uma de suas fórmulas mais precisas sobre a noção de bissexualidade ao afirmar que as tendências homossexuais e heterossexuais não só coexistem num mesmo sujeito como, inclusive, podem prosseguir juntas sem se chocarem.

A partir daí, não demorou muito para que Freud se deparasse com o complexo de Édipo completo. Em 1923, no texto sobre *O eu e o isso*, ao abordar a bissexualidade como um elemento complicador para o entendimento da escolha de objeto e da identificação, Freud nos fornece esse primeiro apontamento: “Eu opino que se fará bem em supor, em geral, e muito particularmente no caso dos neuróticos, a existência do complexo de Édipo completo” (FREUD, 1923|2007, p. 35)³⁵⁶, e, em 1924, ao trabalhar *A dissolução do complexo de Édipo*, o conceitua:

O complexo de Édipo oferece à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e uma passiva. Pode situar-se de maneira masculina no lugar do pai e, como ele, manter relação com a mãe, raiz da qual o pai será sentido prontamente como um obstáculo; ou querido substituir a mãe e fazer-se amar pelo pai, caso em que a mãe torna-se supérflua. (FREUD, 1924|2007, p. 184)³⁵⁷

Nos anos seguintes, já munido da ideia de Édipo completo - positivo e negativo -, Freud volta a remeter a noção de bissexualidade tanto à escolha heterossexual quanto à escolha homossexual de objeto, reafirmando seu constructo inicial de 1905, descrito nos seus

³⁵⁴ *Bate-se numa criança*: contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais, vol. 17, 2007, AE.

³⁵⁵ *Bate-se numa criança*: contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais, vol. 17, 2007, AE.

³⁵⁶ *O eu e o isso*, vol. 19, 2007, AE.

³⁵⁷ *A dissolução do complexo de Édipo*, vol. 19, 2007, AE.

Três ensaios da teoria sexual: “Se nos redirecionarmos à bissexualidade constitucional e ao efeito posterior [*Nachwirkung*] do primado fálico, mediante a psicanálise se pode pesquisar em **todos**³⁵⁸ um fragmento da eleição homossexual de objeto” (FREUD, 1925[1924]|2008, p. 36)³⁵⁹ - tese que ratifica a independência dos alicerces teóricos da psicanálise de qualquer julgamento de valor moral.

No entanto, conforme verificamos no capítulo anterior dessa tese, foi quando Freud dirigiu-se às questões *Sobre a sexualidade feminina*, em 1931, e deparou-se com a mãe como o primeiro objeto de amor para ambos os sexos, que pôde notar, na história edípica das mulheres, um primeiro momento de total investimento na mãe, como objeto sexual que, em seguida, seria abandonado. Foi a partir dessa constatação que qualquer equívoco que ainda pairasse sobre a noção de bissexualidade seria desfeito. Para Freud, não haviam mais dúvidas sobre seu postulado, uma vez que o Édipo feminino vinha corroborar a tese de que todos já tiveram a mãe como objeto de desejo, meio pelo qual “[...] é inegável que a bissexualidade, que segundo nossa tese é parte da disposição [constitucional] dos seres humanos, é ressaltada com muito maior nitidez na mulher do que no homem” (FREUD, 1931|2007, p. 229-230)³⁶⁰.

Daí Freud ratificar, em 1933, no artigo sobre *A feminilidade*, que a noção de bissexualidade, estruturada com o complexo de Édipo completo, ser justamente o que instaura a falta de simetria entre os sexos e o descompasso inerente às escolhas, tanto de identificação quanto de escolha de objeto. Desse modo, conclui que, “[...] aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é um caráter desconhecido que a anatomia não pode apreender” (FREUD, 1933[1932]|2006, p. 106)³⁶¹, pois, independente do sexo do sujeito, todos tomam a mãe como primeiro objeto de desejo assim como são tomados como objeto de desejo do pai.

Diante disso, o jogo de combinatórias está aberto e à disposição do sujeito, desde a infância:

Se um menino se identifica com seu pai, ele quer *ser igual* a seu pai, se fizer dele o objeto de sua escolha, o menino quer *tê-lo*, possuí-lo. No primeiro caso, seu eu

³⁵⁸ *Grifo nosso.*

³⁵⁹ *Apresentação autobiográfica*, vol. 20, 2008, AE.

³⁶⁰ *Sobre a sexualidade feminina*, vol. 21, 2007, AE.

³⁶¹ *A feminilidade*. In: *Novas conferências introdutórias da psicanálise*, vol. 22, 2006, AE.

modifica-se conforme o modelo de seu pai; no segundo caso, isso não é necessário. Identificação e escolha objetal são, em grande parte, independentes uma da outra; no entanto, é possível identificar-se com alguém que, por exemplo, foi tomado como objeto sexual, e modificar o eu segundo esse modelo. (FREUD, 1933[1932]|2006, p. 58-59)³⁶²

Assim, constatamos, desde Freud, que a relação sexual é impossível, por onde a bissexualidade reflete a divisão subjetiva inerente aos seres de linguagem. Logo, não há sujeito que não esteja referido tanto ao lado masculino quanto ao lado feminino, tal como a noção de bissexualidade assevera e Lacan formalizou com as fórmulas quânticas da sexuação: o todo-fálico do lado do homem e o não-todo fálico do lado da mulher.

Com Lacan, o real se especifica como uma impossibilidade, e podemos colocar a ênfase sobre a bissexualidade, tal como fez Freud, e dizer que, a partir da entrada do sujeito na linguagem, “a identificação do sujeito com um sexo é algo que se dá secundariamente [...], e que resulta de algo mais radical, que poderia ser exatamente correlativo de que este ser, entre todos os seres, é falante” (LACAN, 1975|1994, p. 131)³⁶³.

Do mesmo modo, com Freud, a noção de bissexualidade, que abarca todas as variantes de seus casos clínicos, desvela que o sujeito, independente de sua escolha de identificação com um sexo, ao fazer uma escolha manifesta de objeto, seja ela homo ou heterossexual, mantém, em estado latente, a tendência inversa: “Todos os homens são capazes de eleger um objeto de seu mesmo sexo, e os têm mesmo consumado em seu inconsciente”³⁶⁴ (FREUD, 1905|2008, p. 132)³⁶⁵, por onde se deduz a presença da corrente homossexual em todos os sujeitos, seja ela manifesta, latente ou sintomática; tema que será abordado em nosso próximo subcapítulo.

³⁶² A decomposição da personalidade psíquica. In: *Novas conferências introdutórias da psicanálise*, vol. 22, 2006, AE.

³⁶³ Resposta a uma pergunta de Marcel Ritter. In: *Estúdios de psicossomática*, 1994.

³⁶⁴ Nota de rodapé acrescentada em 1915.

³⁶⁵ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

5.2 As homossexualidades na clínica de Freud

Ao admitir o mal-estar inerente ao ser de linguagem em sua relação com o desejo - sempre errático e frequentemente desviante da norma moral estabelecida -, Freud sustenta a clínica psicanalítica na escuta de cada sujeito em sua singularidade. Visando retomar os alicerces da ética psicanalítica a partir do trato dado, por Freud, às homossexualidades, tomaremos como base para esse percurso três de seus principais casos clínicos: o caso Dora³⁶⁶, a Jovem Homossexual³⁶⁷ e o caso do Homem dos Ratos³⁶⁸.

Importante ressaltar que nosso intuito final não é trabalhar o passo a passo da condução teórico-clínica de cada caso, mas sim o manejo ético de Freud ao se deparar com os aspectos da homossexualidade presentes em cada história subjetiva - manejo este sempre ancorado na noção de bissexualidade psíquica.

Iniciemos nosso percurso com o Caso Dora, descrito em 1901, publicado em 1905 e intitulado *Fragmento de análise de um caso de histeria*³⁶⁹. Esse caso, situado entre a *Interpretação dos sonhos* (1900) e os *Três ensaios da teoria sexual* (1905), revela o que Freud desenvolvia, até então, sobre a sexualidade infantil e a bissexualidade psíquica. Dora, uma jovem de 18 anos, chega a Freud após seus pais encontrarem em sua escrivania uma carta de despedida, meio que a filha encontrou para dizer-lhes que não mais suportava viver. O pai da jovem, embora acreditasse não haver sérias intenções suicidas por parte da filha, fica bastante abalado com o conteúdo da carta e decide levá-la para tratamento com Freud.

Segundo o pai de Dora, o drama da filha começou quando a jovem resolve voltar subitamente de um dos lagos alpinos onde costumavam passar o verão com o Sr. e a Sra. K, casal que há anos mantinha estreitos laços de amizade com a família. Dora, que costumava ficar com o casal até o final do verão, decide voltar com seu pai à Viena antes da data prevista. Ao chegar em casa, Dora esclarece à mãe o motivo de seu retorno: o Sr. K teve a audácia de lhe fazer uma proposta amorosa enquanto passeavam no lago. A intenção da jovem era que a mãe contasse ao pai o ocorrido e lhe ajudasse em sua meta de afastamento do casal. No entanto, embora o pai de Dora tenha solicitado explicações ao Sr. K, o mesmo negou o

³⁶⁶ *Fragmento de análise de um caso de histeria*, vol.7, 2008, AE.

³⁶⁷ *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, vol.18, 2007, AE.

³⁶⁸ *A propósito de um caso de neurose obsessiva*, vol.10, 2008, AE.

³⁶⁹ *Fragmento de análise de um caso de histeria*, vol.7, 2008, AE.

fato e retornou com acusações à moça, afirmando que sua própria mulher, a Sra. K, já havia lhe dito que o único interesse da jovem era por assuntos sexuais, o que justificaria estar fantasiando a tal cena de sedução no lago.

A relação entre as famílias delineava-se do seguinte modo: a mãe de Dora ocupava-se da casa e mantinha-se entretida com a limpeza do lar. A Sra. K, por sua vez, dirigia seus cuidados ao pai de Dora, devido às suas recorrentes enfermidades. Dora, que dizia gostar de crianças, não só cuidava dos filhos do casal K como garantia que a Sra. K cuidasse de seu pai. Ao Sr. K, por fim, restava os cuidados com Dora, enchendo-a de presentes e papéricos.

Essa situação, que vinha se mantendo por anos, justificava a recusa do pai de Dora em se afastar do casal, uma vez que sua eterna gratidão à Sra. K lhe impedia de romper com ela:

Ela me pede que rompa relações com o Sr. K, e em particular com a Sra. K, a quem antes diretamente venerava. Mas não posso fazer isso, pois, em primeiro lugar, considero que o relato de Dora sobre o imoral atrevimento do homem é uma fantasia que se impôs a ela e, em segundo lugar, porque estou ligado à Sra. K por laços de sincera amizade e não quero causar-lhe esse pesar. A pobre senhora já é muito infeliz com seu marido, de quem, por sinal, não tenho muito boa opinião; ela mesma já sofreu muito dos nervos e tem em mim seu único apoio. Dado meu estado de saúde, não preciso assegurar-lhe que por trás dessa relação não se esconde nada de ilícito. Somos apenas dois pobres seres que nos consolamos um ao outro como podemos em uma amistosa simpatia. Bem sabe que não encontro isso em minha própria mulher. (FREUD, 1905[1901]2008, p. 24-25)³⁷⁰

Freud, por sua vez, ao investigar a infância de Dora, logo descobre que, quando a jovem tinha 14 anos, o Sr. K já havia roubado-lhe um beijo. No entanto, nessa época, Dora nada contou aos pais, desvendando a inconsistência dos insultos que a moça dirigia ao Sr. K. O beijo que o Sr. K lhe roubou, embora tenha lhe gerado uma sensação de repugnância, não foi suficiente para afastá-la do casal. Em sua cumplicidade com o pai, a quem se identifica desde criança, Dora se manteve próxima do Sr. K, aceitando seus presentes e lhe fazendo companhia.

Dora, em seu comportamento histérico, mantinha o jogo de sedução: a jovem *sensualizava* e saía de cena, expondo a rivalidade histórica com o órgão viril, com aquilo que ela não tem. Não à toa Freud percebe que a atenção de Dora dirigia-se, muito mais, à relação do pai com a Sra. K do que propriamente ao Sr. K. Do mesmo modo, Freud constata que,

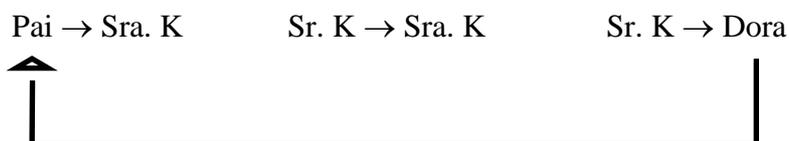
³⁷⁰ *Fragmento de análise de um caso de histeria*, vol.7, 2008, AE.

embora a jovem apresentasse várias lacunas em sua memória, no que dizia respeito à vida amorosa do pai era muitíssimo detalhista. Conforme Lacan salienta, em sua releitura do caso³⁷¹, Dora não deixa de marcar para Freud, desde o início, sua reivindicação ao pai, à afeição do pai em detrimento de sua ligação com a dama:

Ela reivindica o que estava muito disposta até então a considerar que recebia, mesmo que por intermédio de uma outra, e que é o amor de seu pai. A partir daquele momento, já que este lhe é recusado totalmente, ela o reivindica com exclusividade. (LACAN, 1957|1995, p.147)³⁷²

Até o momento da cena do lago, Dora acreditava que seu pai mantinha um acordo com o Sr. K, sendo ela o prêmio oferecido ao Sr. K por tolerar o romance entre sua mulher e o pai de Dora.

Dora confiava ser um objeto de troca valorado entre os homens, um objeto precioso que o Sr. K recebeu de presente de seu pai. Essa crença não só mantinha Dora participando da vida amorosa do pai como a equiparava à Sra. K, objeto de desejo de ambos, ratificando seu valor de bem precioso para o pai.



Equiparada à Sra. K, Dora aproxima-se da questão: o que é ser uma mulher para um homem? E Freud percebe a bissexualidade psíquica presente no caso, revelando-se no interesse de Dora pelos homens e pelas mulheres. No entanto, vale ressaltar que o interesse de Dora não se dirigia para quaisquer mulheres, mas tão somente para aquelas que se interessavam por seu pai e, assim, Dora mantinha uma ligação mais do que especial com a Sra. K. Além das confidências que mantinha com a Sra. K, a jovem era completamente fascinada por sua pele branca, sendo esse o brilho fálico da dama, símbolo do que viria responder ao seu enigma.

³⁷¹ Dora e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

³⁷² Dora e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

A Sra. K era a própria questão de Dora e “[...] é na medida em que a Sra. K encarna a função feminina como tal que ela é, para Dora, a representação daquilo em que esta se projeta como sendo a questão” (LACAN, 1957|1995, p.144)³⁷³. Na tentativa de construir-se como mulher, Dora buscava na Sra. K a resposta para o enigma da feminilidade, ponto que Freud destaca ao dar relevo à homossexualidade da jovem:

A medida que vou me afastando do momento da conclusão desta análise, tão mais provável me parece que meu erro técnico consistira na seguinte omissão: não atinei em tempo oportuno de comunicar à doente que a moção de amor homossexual (ginecofílica) pela Sra. K era a mais forte das correntes inconscientes de sua vida anímica. Havia devido conjecturar que nenhuma outra pessoa que não a Sra. K podia ser a fonte principal do conhecimento que Dora tinha das coisas sexuais [...]. Deveria ter resolvido esse enigma e buscado o motivo desse estranho recalque. (FREUD, 1905[1901]|2008, p. 104-105)³⁷⁴

Embora a cena do lago tenha feito desmoronar o quarteto amoroso que Dora até então mantinha, não foi o beijo do Sr. K o responsável por isso, mas suas palavras: *minha mulher não é nada para mim*. Nesse momento, Dora dá uma bofetada no Sr. K e sai correndo. Se a Sra. K não é nada para o Sr. K, o que será Dora para ele? Nada? A moça só aceitava ser cortejada pelo Sr. K porque acreditava que a Sra. K tinha valor para ele. Com suas palavras, não só a Sra. K perde seu valor como ela própria perde o valor que acreditava ter para o pai.

Na lógica de Dora, se o Sr. K só desejava a ela e não a Sra. K, por consequência, seu pai só se interessava pela Sra. K e não por ela. A partir de então, a jovem acredita ter sido mero objeto de troca, sem qualquer valor fálico, o que tornou insuportável manter o quarteto até então sustentado:

Dora pode inclusive admitir que seu pai ame nela, e por ela, aquilo que está para além, a Sra. K, mas para que o Sr. K seja tolerável em sua posição, é preciso que ocupe a função exatamente inversa e equilibradora. A saber, que Dora seja amada por ele para além de sua mulher, mas na medida em que sua mulher represente alguma coisa para ele. (LACAN, 1957|1995, p.146)³⁷⁵

Para que o pai de Dora tomasse a ela e a Sra. K como objetos de valor era necessário que o Sr. K também tomasse ambas como objeto valorado. Como histérica, a

³⁷³ Dora e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

³⁷⁴ *Fragmento de análise de um caso de histeria*, vol.7, 2008, AE.

³⁷⁵ Dora e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

homossexualidade de Dora revela-se em seu interesse pelo objeto de desejo do Outro: a Sra. K. Só assim ela aceitava ser cortejada pelo Sr. K para além da Sra. K, seu real objeto de adoração e interesse.

Daí Lacan afirmar, a partir de sua releitura do caso Dora, que a histérica ama por procuração, uma vez que “[...] a histérica é alguém cujo objeto é homossexual: a histérica aborda esse objeto homossexual por identificação com alguém do outro sexo” (LACAN, 1957|1995, p.141)³⁷⁶. Portanto, Dora, uma jovem histérica, revela a bissexualidade psíquica de todo sujeito através de seu apego pela Sra. K. Na medida em que não sabe o que é, através da questão ‘o que é ser uma mulher para um homem’, ama o objeto amado por seu pai na tentativa de também ser amada por ele; fato que levou Freud a revelar-nos: “Antes de reconhecer a importância da corrente homossexual nos psiconeuróticos, fiquei muitas vezes atolado, ou caí em total confusão, no tratamento de certos casos” (FREUD, 1905[1901]|2008, p. 105)³⁷⁷.

O amor ao pai, escamoteado no inconsciente pelo desejo edípico de receber um filho dele, também se desvenda no caso da Jovem Homossexual, datado de 1920 e intitulado *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*.

O drama dessa jovem tem os mesmos personagens principais do caso Dora: um pai, uma filha e uma dama. No entanto, diferente de Dora - que admitia ser amada por seu pai para além da Sra. K, justamente por não saber onde se situar, exprimindo em seus sintomas a interrogação sobre o que é ser mulher -, a jovem homossexual logo reconhece que seu pai escolheu sua mãe por esta lhe conferir mais vantagens; reconhecimento que traz consequências reativas: a jovem reage ao fato demonstrando ao pai como se pode amar alguém pelo que não tem, sendo esse o modo de manter seu desejo pelo falo paterno, através de uma relação imaginária com a dama.

Relembrando o caso, verificamos que a bela e inteligente jovem vienense, de 18 anos, chega a Freud levada por seus pais, após uma tentativa de suicídio. Em virtude de sua adoração por uma mulher aproximadamente 10 anos mais velha, os pais, aflitos com a situação, acreditavam que Freud fosse o único capaz de fazer com que a jovem retornasse ao

³⁷⁶ Dora e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

³⁷⁷ *Fragmento de análise de um caso de histeria*, vol.7, 2008, AE.

estado ‘normal’. A jovem, que não apresentava qualquer interesse pelos rapazes e por seus cortejos, já havia se encantado com outras figuras femininas, o que gerava amargura no pai. No entanto, a paciente, por sua vez, não se queixava de sua condição: “Não tentou enganar-me asseverando que lhe era de urgente necessidade ser emancipada de sua homossexualidade. Ao contrário, não podia imaginar outra forma de enamoramento [...]” (FREUD, 1920|2007, p.147)³⁷⁸.

A dificuldade do caso não repousava na homossexualidade da jovem, mas no fato da demanda pela análise ter vindo dos pais com o único objetivo de ‘curá-la’ de sua escolha homossexual. Conforme Freud destaca, “[...] a garota não era uma doente - não padecia por razões internas nem se queixava do seu estado [...]” (FREUD, 1920|2007, p. 144)³⁷⁹, não havendo qualquer demanda para a resolução de um conflito neurótico, que é a visada de uma análise, mas sim para a conversão da escolha objetal:

É preciso dizer que também a sexualidade normal baseia-se numa restrição da eleição de objeto e, em geral, transformar um homossexual declarado em heterossexual não é mais promissor do que o inverso, só que esta última jamais é tentada, por boas razões práticas. (FREUD, 1920|2007, p. 144-145)³⁸⁰

Embora tenha aceitado receber a jovem, Freud não deu aos pais da moça qualquer esperança. O pai, um homem sério, conceituado e rígido para com os filhos, desde que descobriu a homossexualidade da menina ficou enfurecido e determinado a combatê-la por todos os meios em seu poder. Por encarar a filha como doente, lhe faz todos os tipos de ameaça até que, por fim, a encaminhou à análise, aguardando para tomar sua mais forte medida: um casamento.

A mãe da moça, por sua vez, não tomava a homossexualidade da filha de forma tão trágica quanto o pai; ao contrário, chegou a desfrutar de sua confiança, sendo sua confidente por certo tempo. Sua oposição à relação amorosa de sua filha ancorava-se, essencialmente, na prejudicial franqueza com que a jovem expunha esse relacionamento nas ruas, desatenta à sua própria reputação.

³⁷⁸ *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, vol.18, 2007, AE.

³⁷⁹ *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, vol.18, 2007, AE.

³⁸⁰ *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, vol.18, 2007, AE.

Quanto à jovem e seu romance familiar, ao investigar a história libidinal do caso, Freud nos assevera que, na infância, a menina passou pelo complexo de Édipo feminino sem a ocorrência de eventos notáveis, chegando, inclusive, a substituir o pai pelo irmão mais velho. Aos 5 ou 6 anos de idade nasceu seu segundo irmão, fato que não acarretou influências em seu desenvolvimento. Foi entre 13 e 14 anos que a jovem veio a demonstrar uma afeição demasiado intensa por um menino de 3 anos de idade que via regularmente em um parque infantil; predileção que permitiu a Freud deduzir um forte desejo da moça em ser mãe. No entanto, pouco tempo depois, aos 16 anos, a jovem tornou-se indiferente à criança e passou a demonstrar interesse por mulheres maduras. Nessa mesma época, nascera seu terceiro irmão e sua libido, antes orientada para a maternidade, passou a dirigir-se às mulheres, permanecendo assim desde então.

Conforme relatado a Freud, a jovem já havia percebido na dama - com sua figura esbelta, de beleza austera e de natureza rude - traços de seu próprio irmão; o que lhe permitia reunir tanto a satisfação da tendência homossexual do desejo quanto a da heterossexual:

Como é sabido, a análise de homossexuais masculinos mostra, em numerosos casos, a mesma coincidência, **um aviso para não concebermos de forma demasiado simples a natureza e a gênese da homossexualidade e não perdermos de vista a universal bissexualidade do ser humano**³⁸¹. (FREUD, 1920|2007, p. 150)³⁸²

Desse modo, Freud conclui que a vingança em relação ao pai - que deu um bebê à mãe e não a ela -, foi reforçada pela figura da dama que, embora mulher, não deixava de satisfazer a corrente heterossexual de sua libido e de exprimir seu ressentimento com relação ao pai:

Em suma, tudo o que se relaciona com a prevalência, ou predominância, do falo numa etapa da evolução da criança assume suas incidências só-depois. O falo só pode ser posto em jogo na medida em que seja necessário, num dado momento, simbolizar algum acontecimento, seja este a vinda tardia de uma criança para alguém que esteja em relação imediata com a criança, ou ainda, para o próprio sujeito, a questão levantada sobre sua maternidade e a posse de uma criança. (LACAN, 1957|1995, p. 99)³⁸³

Assim, a rivalidade com o pai não camufla sua demanda de amor também dirigida a ele, o que permite a Lacan afirmar, em sua releitura do caso, que a questão da “[...] homossexualidade feminina é encontrada a cada vez que a discussão incide sobre as etapas

³⁸¹ *Grifo nosso.*

³⁸² *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, vol.18, 2007, AE.

³⁸³ O primado do falo e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

que a mulher tem de transpor para efetuar sua realização simbólica” (LACAN, 1957|1995, p. 96)³⁸⁴.

Não foi diferente em sua tentativa de suicídio, quando a rivalidade e o amor ao pai transformaram-se em ato. Certo dia, ao passear com a dama em local e hora em que seria possível encontrar seu pai saindo do escritório, eles acabaram, de fato, se cruzando, e o pai lançou à filha e à dama um olhar enfurecido, levando a jovem a lançar-se na linha do trem.

Ao explicar a Freud a causa imediata de sua decisão, a moça contou ter confessado à dama que o senhor de olhar irritado era seu pai, o que também acarretou a fúria de sua amada que, por consequência, pediu à jovem que a deixasse e nunca mais a procurasse; momento em que se joga, preferindo a morte: “Ela cai, *niederkommt*. Quebra alguns ossos, mas se safá” (LACAN, 1957|1995, p. 104)³⁸⁵.

Lacan observa que o fato da jovem se tornar essa criança latente, que com seu ato a faz cair, como num parto - *niederkommt* -, aponta para a questão instituída no plano simbólico. “O que é mais importante no que acontece agora? [...] O mais importante é o seguinte: o que é desejado está para além da mulher amada” (LACAN, 1957|1995, p. 110)³⁸⁶.

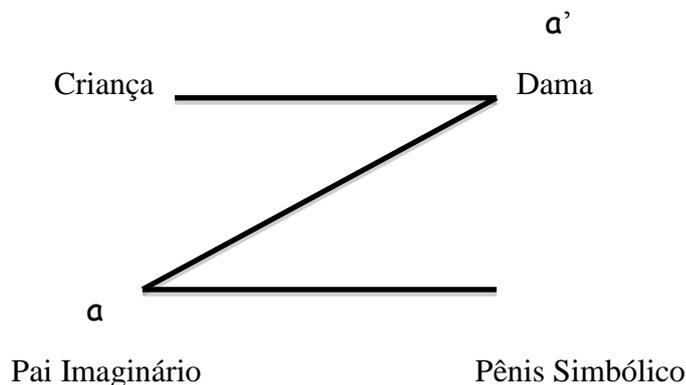
Inicialmente, quando a jovem está na puberdade, a equivalência pênis imaginário-criança a instaura como mãe imaginária com referência ao pai como função simbólica - aquele que pode dar o falo -, o pai potente, registrado de forma inconsciente, depois do declínio do Édipo. É nesse tempo que Lacan afirma produzir-se o momento que denominou fatal, quando o pai intervém e dá uma criança à mãe, fazendo com que a jovem, que se mantinha numa relação imaginária com a criança, se depare com uma criança real.

Frustrada, transforma a equação: sua relação com o pai - já situada na ordem simbólica - passa para uma relação imaginária, que se configura na relação da jovem com a dama:

³⁸⁴ O primado do falo e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

³⁸⁵ O primado do falo e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

³⁸⁶ O primado do falo e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.



A moça se identifica com o pai e assume o papel deste. Torna-se ela mesma o pai imaginário. Ela também conserva seu pênis, e agarra-se a um objeto que não tem, ao qual é preciso, necessariamente, que ela dê este algo que ele não tem. Essa necessidade de situar o eixo do amor, não no objeto, mas naquilo que o objeto não tem, nos põe, justamente, no coração da relação amorosa e do dom. É este algo que o objeto não tem e que torna necessária a constelação terceira da história deste sujeito. (LACAN, 1957|1995, p. 131)³⁸⁷

Com o recurso do amor ideal e devoto, mantendo seu amor pela dama no nível do amor cortês, a jovem não só se coloca em uma posição masculina como busca na dama aquilo que lhe falta - o falo:

O desejo visa ao falo na medida em que este deve ser recebido como um dom. Para este fim, é necessário que o falo, ausente ou presente noutra parte, seja elevado ao nível do dom. [...] O que é amado num ser está para além daquilo que ele é, a saber, afinal de contas, o que lhe falta. (LACAN, 1957|1995, p. 144)³⁸⁸

Rejeitada por ambos, há, então, uma perda definitiva do objeto que se revela numa espécie de parto simbólico, dirigindo a manifestação de sua questão edípica ao nível do ato, por onde “[...] este nada em que ela se institui para demonstrar ao pai como se pode amar nem tem mesmo mais razão de ser. [...] Esse falo que lhe é decididamente recusado tomba, *niederkommt*” (LACAN, 1957|1995, p. 150)³⁸⁹.

³⁸⁷ Bate-se numa criança e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

³⁸⁸ Dora e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

³⁸⁹ Dora e a jovem homossexual. In: *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*, 1995.

Desse modo, podemos perceber que a ambivalência demonstrada pela jovem na relação com os pais é também, neste caso, inteiramente atribuída à bissexualidade psíquica, nos permitindo constatar que, mesmo identificada ao pai, sua demanda de amor não deixava de estar dirigida a ele. Aí está a particularidade do caso: por mais que sua escolha de objeto manifesta seja homossexual seu Édipo não apresentava-se invertido.

Vejamos, por fim, as peculiaridades do caso do Homem dos Ratos, cujo tratamento teve início em 1907, sendo publicado por Freud em 1909 com o título *A propósito de um caso de neurose obsessiva*. Trata-se de um jovem tenente do exército que procura Freud, aos 29 anos, após uma experiência que ocorrera durante uma manobra militar. Naquele dia ele perdeu seus óculos e precisou encomendar um par novo a seu oculista de Viena. Durante uma parada para descanso, o jovem se sentou ao lado de dois oficiais e um deles, o oficial tcheco, que gostava de crueldades e punições, contou sobre um castigo que era aplicado no Oriente: o condenado era amarrado e colocado nu sobre tonéis que continham ratos famintos. Os tonéis eram aquecidos e os ratos, desesperados, tinham como única saída o ânus do suplicado. Desde então, o paciente fora acometido pelo medo de que o suplício dos ratos ocorresse com seu pai ou com a dama que tanto amava.

No dia seguinte, esse mesmo capitão cruel lhe entregou seu par de óculos, que acabara de chegar dos correios, e disse: *you must reimburse the payment of the glasses to Lieutenant A, for it was he who paid!* No momento que ele escuta esse imperativo do capitão lhe ocorre o seguinte pensamento: *Do not return the money, otherwise the punishment would be applied to my father and to the woman I loved.* Em luta contra essa sanção, irrompe nele a seguinte ideia em forma de juramento: *I must pay Lieutenant A! Order and disorder that should be fulfilled.*

As manobras acabaram dois dias depois e ele pôde se empenhar em devolver a quantia ao Tenente A. Primeiro tentou efetuar o pagamento através de um outro oficial, mas este não encontrou com o Tenente, o que alegrou o jovem, já que não seria ele a entregar o dinheiro, conforme previa o juramento. Em seguida, consegue encontrar com o Tenente A, mas este recusa o dinheiro, alegando tratar-se de um engano, pois havia sido o Tenente B o responsável pelo pagamento e pela retirada da encomenda.

Nesse momento, o jovem oficial fica atordoado. Como poderia cumprir o juramento e pagar o Tenente A? Desse impasse surge a ideia de ir ao correio acompanhado dos dois Tenentes, o A e o B, e então convencê-los de executar seu plano. O Tenente A deveria pagar à mulher do correio e esta, por sua vez, deveria pagar o Tenente B. Só assim o Tenente B receberia seu dinheiro e ele poderia reembolsar o Tenente A, fazendo valer sua promessa.

O interessante dessa trama é o que Freud consegue descobrir em seguida. O jovem, antes mesmo do capitão cruel se equivocar e lhe dizer que o Tenente A deveria ser ressarcido, já sabia que quem havia pago pela encomenda tinha sido a mulher do correio. Logo, não deveria pagar ao Tenente A e tampouco ao Tenente B, mas ainda sim, diante do equívoco do capitão tcheco, fez o juramento.

Freud decide então investigar a pré-história desse sujeito, seu mito familiar, que viria a se repetir como mito individual neurótico. A mãe do paciente havia sido criada no seio de uma família rica, donos de uma grande indústria. Após o casamento, o pai do jovem começa a trabalhar na indústria da família e cresce financeiramente. Certo dia, o paciente, que já sabia dessa história, acompanha uma brincadeira de sua mãe com seu pai, onde ela diz a ele: *you think that I don't know that you only married me because I was rich? You liked me even when I was that young, beautiful and poor.*

Após a morte do pai, o jovem escuta a mãe em conversa com seus familiares. O tio do rapaz autoriza o casamento do jovem com sua filha, uma dama rica, mas apenas após a conclusão de seus estudos. Naquela época, o jovem estudava direito e, desde que ouviu essa conversa, lhe surgiu a dúvida: deveria manter-se fiel à dama pobre, a quem amava, ou casar-se com a prima rica, tal como seu pai fez ao casar-se com sua mãe?

Antes do casamento, o pai do jovem era oficial do exército, assim como ele. Naquela época, por sua compulsão a jogos de cartas - um 'rato de jogo' como se costumava dizer -, contraiu uma dívida e foi salvo por um amigo, que lhe emprestou a quantia. No entanto, o pai do Homem dos Ratos morreu com esse débito, pois ao tentar pagar o amigo não mais o achou.

Freud estava certo de que o jovem era completamente identificado ao pai, tanto ao pai oficial do exército, quanto ao pai devedor - meio que encontra para colocar o Tenente A no mesmo lugar do amigo de seu pai -, e ainda ao pai da dúvida - que precisava escolher entre

casar-se com a dama pobre ou com a dama rica. No entanto, para além da identificação ao pai, havia no suplício dos ratos um claro erotismo anal que viria despertar todas as recordações infantis do paciente, por onde os ratos adquiriram uma série de equivalentes simbólicos e desencadearam as moções sexuais, egoístas e cruéis do paciente.

Já na primeira entrevista o paciente situa sua vida sexual em primeiro plano, dirigindo a Freud as recordações e excessos de sua infância. Aos 4 anos de idade, lembra-se de entrar embaixo da saia de sua governanta, uma mulher jovem e bonita, e tocar seus genitais com os dedos. Desde então, ele foi tomado por uma curiosidade atormentadora de ver o corpo feminino. Recordava, também, que esperava ansioso pelo momento do banho, quando podia ver sua irmã e sua governanta peladas.

A partir dos 6 anos de idade tinha lembranças ainda mais claras. Gostava de espiar sua governanta no quarto e queixava-se à sua mãe de suas ereções. Nesse momento de suas associações, o jovem pôde confessar a Freud que, desde que surgiu o desejo de ver mulheres nuas, aos 4 anos de idade, já era acometido por ideias penosas que perduravam até os dias atuais, restando a ele criar meios para impedi-las. A ideia se apresentava da seguinte forma: se ele visse uma mulher nua seu pai morreria.

O fato é que o pai do jovem tenente havia falecido 9 anos antes do início do tratamento com Freud, o que não justificava seu juramento diante do imperativo do capitão cruel. Contudo, embora sua relação com o pai na vida adulta fosse de admiração e amizade, sua relação com o pai na infância viria esclarecer o caso: amor intenso e hostilidade intensa davam um gás ao conflito obsessivo.

Aos 3 ou 4 anos de idade o menino havia mordido uma babá, o que gerou a ira do pai que, como castigo, lhe deu uma surra. Naquela época, como ainda não tinha vocabulário para agredi-lo, xingou-o com as palavras que conhecia: “Seu lâmpada, lenço, prato!, etc.” (FREUD, 1909|2008, p. 161)³⁹⁰. O pai, apavorado ao ver a fúria do menino, parou de golpeá-lo e afirmou: “Esse menino será ou um grande homem ou um grande criminoso!” (FREUD, 1909|2008, p. 161)³⁹¹. Freud acredita que essa cena, traumática, tenha gerado consequências para ambos, pois o pai nunca mais bateu no menino e ele próprio nunca mais enfrentou

³⁹⁰ *A propósito de um caso de neurose obsessiva*, vol.10, 2008, AE.

³⁹¹ *A propósito de um caso de neurose obsessiva*, vol.10, 2008, AE.

ninguém. Reprendido pelo pai, em decorrência de sua má conduta, esse castigo deu fim à masturbação do menino, levando-o a fixar o pai na posição de perturbador de seu gozo sexual.

A partir dessa cena, o pai revelava-se um opositor da sexualidade do paciente, um obstrutor de seu erotismo cedo despertado e, desde então, o menino tornou-se um covarde. O menino sabia que, caso não se acovardasse, mataria o pai: melhor ser um covarde do que ser um criminoso. Assim, o rato ganha novos significados, equivalentes simbólicos desencadeados a partir de sua história erótica e infantil. O Rato - *Ratten* - desliza para dívida, prestação, dinheiro - *Raten* -, para rato de jogo - *Spielratte* - e para uma série de outros equivalentes ancorados em uma referência central: o falo.

O rato, um animal sujo que rói, morde, se alimenta de excrementos e vive em esgotos, despertou o grande papel que o erotismo anal tivera na sua infância. O menino sofrera durante anos com a presença de vermes intestinais que saíam por seu ânus, assim como os ratos do ânus dos suplicados:

Contudo, o rato era concebido, também, como portador de perigosas infecções, e por isso pode ser empregado como símbolos da angústia ante a *infecção sífilítica*, tão justificada no meio militar; através da qual se escondiam toda classe de dúvidas sobre a conduta de seu pai durante o serviço militar. Em outro sentido: portador da infecção sífilítica era o *pênis* mesmo, e assim o rato se tornava o membro sexual, cuja acepção podia invocar algum outro título. O pênis, em particular o da criança pequena, pode ser comparado a um *verme*, e no conto do capitão os ratos cavavam o ânus tal como em sua infância o faziam os grandes vermes. (FREUD, 1909|2008, p.167-168)³⁹²

Sem dúvida, na história contada pelo capitão cruel, o pênis foi substituído pelo rato e o coito *per anum* pelo martírio aplicado ao suplicado. Logo, o falo, rebaixado ao pênis sífilítico, organizou todo o deslocamento metonímico do caso: rato-verme, rato-pênis, rato-fezes, rato-criança, etc.

Nesse ponto chamamos atenção para a bissexualidade psíquica presente no caso. A homossexualidade do jovem, que não se encontrava manifesta na vida adulta, mas em estado latente, aponta para sua fantasia erótico-anal infantil vivida com o pai; tal como Freud fez questão de observar, já nas primeiras entrevistas com o paciente:

³⁹² A propósito de um caso de neurose obsessiva, vol.10, 2008, AE.

As palavras introdutórias do paciente destacam a influência que os homens haviam exercido sobre ele, o papel da escolha homossexual de objeto em sua vida, e deixando imediatamente depois ressoar um segundo motivo que mais tarde ressaltará: o conflito e a oposição de interesses entre homem e mulher. (FREUD, 1909|2008, p. 128)³⁹³

Conforme o paciente pôde constatar, horrorizado, ele próprio estava identificado ao rato. Na infância, ele fora um ser assim asqueroso, sujo e, quando enraivecido, também mordida, sendo, por consequência, castigado pelo pai: “Daí, nas fantasias, a abundância de seduções e ataques quando, verdadeiramente, a realidade se limita à atividade autoerótica e à incitação mediante ternuras e castigos” (FREUD, 1909|2008, p. 162)³⁹⁴.

Por fim, o que vale salientar, diante da particularidade de cada um dos casos aqui apresentados, é que a noção de bissexualidade psíquica, conforme desenvolvida por Freud, vem operar como um postulado estrutural de sua clínica. É a clínica que nos permite afirmar a existência de homossexualidades, no plural, não importando se a homossexualidade do paciente se expressa através do sintoma - como vimos no caso Dora -, de modo manifesto - como no caso da jovem homossexual -, ou em estado latente - como no caso do Homem dos Ratos. A clínica psicanalítica deve sustentar a singularidade da sexualidade de cada sujeito através da ética inerente a seu discurso: a ética do desejo.

5.3 A pequena diferença: sobre a transexualidade e o estranhamento do corpo

O destino dos seres falantes é se distribuírem entre homens e mulheres; o que implica, muito precisamente, a dimensão do *semblant*. Desse modo, conforme verificamos no capítulo anterior desta tese, no ser homem e no ser mulher o que está em jogo é um parecer-homem e um parecer-mulher; mas é justo aí que reside o problema para os transexuais.

Candy Mel: “Minha cabeça é uma cabeça de mulher. Eu menstruo, psicologicamente, mas menstruo”³⁹⁵.

³⁹³ *A propósito de um caso de neurose obsessiva*, vol.10, 2008, AE.

³⁹⁴ *A propósito de um caso de neurose obsessiva*, vol.10, 2008, AE.

³⁹⁵ Candy Mel, cantora. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNI dh OhLqI>

Tais Souza: “A cirurgia, pra mim, não é algo da cabeça, é algo anatômico, como se eu tivesse 6 dedos. Cortou um dedo, pra mim tá resolvido”³⁹⁶.

Bianca Soares: “Eu nunca vou ser uma mulher, mas lógico, óbvio, que nunca vou ser um homem. Isso é óbvio! [...] Eu sou uma mulher *made in China*”³⁹⁷.

Léo Moreira Sá: “No meu primeiro dia de escola a minha mãe me vestiu com uniforme feminino. Ainda falei: eu não vou colocar essa roupa, é roupa de menina. Ela olhou pra mim, nos meus olhos, e falou: mas você é uma menina”³⁹⁸.

João W. Nery: “Eu não fiz essa cirurgia, eu não tenho pênis. Eu não acho que é um pênis que faz um homem”³⁹⁹.

A transexualidade, que configura a categoria F64.0⁴⁰⁰ do Manual de Classificação de Transtornos Mentais e do Comportamento da CID-10, é classificada como um transtorno de identidade sexual (F64), pertencente a categoria de Transtorno de Personalidade e de Comportamento em Adultos (F60-F69), e definida como

Um desejo de viver e ser aceito como um membro do sexo oposto, usualmente acompanhado por uma sensação de desconforto ou impropriedade de seu próprio sexo anatômico e um desejo de se submeter a tratamento hormonal e cirurgia para tornar seu corpo tão congruente quanto possível com o sexo preferido. (CID-10, 1993, p. 210)⁴⁰¹

Embora ainda categorizados pela Classificação Internacional de Doenças, podemos verificar nos relatos acima - extraídos do documentário *De gravata e unha vermelha*⁴⁰², dirigido por Miriam Chnaiderman -, que há uma fronteira que se delimita entre alguns

³⁹⁶ Tais Souza. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNIdhOhLqI>

³⁹⁷ Bianca Soares, professor de inglês. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNIdhOhLqI>

³⁹⁸ Léo Moreira Sá, músico e ator. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNIdhOhLqI>

³⁹⁹ João W. Nery, escritor. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNIdhOhLqI>

⁴⁰⁰ F64.0 - Transexualismo.

⁴⁰¹ *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*, 1993.

⁴⁰² *De gravata e unha vermelha*, lançado em 04 de abril de 2014, ganhou o Prêmio Félix de melhor documentário no Première Brasil do Festival do Rio 2014.

transexuais que desejam manter o órgão genital biológico e outros que vislumbram, como único recurso frente ao estranhamento do corpo, se submeter à cirurgia de mudança de sexo.

Em muitos casos, os reparos estéticos e o uso de hormônios são os recursos usados pelos transexuais que não visam a cirurgia de mudança de sexo. Estes também modificam seu corpo a fim de conformá-lo à aparência do sexo com que se identificam, mas mesmo havendo a oferta da cirurgia, não há demanda, e eles mantêm o órgão sexual.

Entretanto, para outros, o estranhamento do corpo ultrapassa a possibilidade de utilizar-se do recurso ao *semblant* e culmina na demanda cirúrgica como uma convicção. Nesses casos, os transexuais masculinos recusam o órgão peniano e visam sua extirpação, enquanto as transexuais mulheres reivindicam a prótese peniana como um substituto do órgão do desejo.

Visando a redução do sofrimento e do adoecimento decorrentes dessa convicção, em agosto de 2008, através das Portarias nº 1.707⁴⁰³ e nº 457⁴⁰⁴, o Sistema Único de Saúde (SUS) define as Diretrizes Nacionais para o processo transexualizador no Brasil. Objetivando a garantia do uso do nome social, da hormonioterapia e do acesso à cirurgia de adequação do corpo à identidade de gênero e social, em novembro de 2013, através da Portaria nº 2.803⁴⁰⁵, a Secretaria de Atenção à Saúde redefine e amplia essas Diretrizes. Desde então, cabe ao Ministério da Saúde garantir que todos os procedimentos médicos necessários à cirurgia de transgenitalização sejam realizados pelo SUS:

- Acompanhamento mensal do usuário no processo transexualizador pré e pós-operatório;
- Terapia medicamentosa hormonal;
- Redesignação sexual no sexo masculino com orquiectomia⁴⁰⁶ bilateral com amputação do pênis e neocolpoplastia⁴⁰⁷;
- Tireoplastia⁴⁰⁸;
- Tratamento hormonal preparatório para cirurgia de redesignação sexual;

⁴⁰³ Ministério da Saúde, Portaria nº 1.707. Disponível em:
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html

⁴⁰⁴ Ministério da Saúde, Portaria nº 457. Disponível em:
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html

⁴⁰⁵ Ministério da Saúde, Portaria nº 2.803. Disponível em:
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html

⁴⁰⁶ Remoção cirúrgica dos testículos.

⁴⁰⁷ Construção de neovagina.

⁴⁰⁸ Cirurgia de redução do pomo de adão com vistas à feminilização da voz e/ou alongamento das cordas vocais.

- Mastectomia⁴⁰⁹ simples bilateral;
- Histerectomia⁴¹⁰ com anexectomia⁴¹¹ bilateral e colpectomia⁴¹²;
- Plástica mamária reconstrutiva bilateral, incluindo prótese mamária de silicone;
- Atendimento clínico realizado por equipe multiprofissional;
- Cirurgias complementares⁴¹³.

Uma vez que a oferta de cirurgia para a mudança de sexo é garantida ao sujeito, se coloca a questão: a convicção que os leva a reduzir o significante ao órgão seria, então, uma certeza delirante, inerente à estrutura clínica da psicose?

Com Lacan, sabemos que “É como significante que o transexual não o quer mais, e não como órgão. No que ele padece de um erro, que é justamente o erro comum. Sua paixão, a do transexual, é a loucura de querer livrar-se desse erro [...]” (LACAN, 1971|2012, p. 17)⁴¹⁴.

Na psicose, é por dever ser o falo que falta à mãe que a incitação a tornar-se mulher, ou o empuxo-à-mulher, conforme Lacan designa, pode advir. Presa a uma relação dual e imaginária com a mãe, a criança é identificada ao falo que falta a esta, e o pênis é reduzido a um pedaço de carne, desprovido de significação, devido à ausência da metáfora paterna.

No entanto, em contraponto, verificamos no caso Schreber⁴¹⁵ que o empuxo-à-mulher não implica, necessariamente, a mutilação do pênis. Embora o tema da transexualidade seja recorrente em seu delírio, ocupando um lugar central no desencadeamento da psicose, é como mulher de Deus, prometida para criar uma nova raça humana, que Schreber elabora sua metáfora delirante e entra em conciliação com a ideia de ser transformado em mulher. Deus o quer, e é sua imagem de mulher que ele oferece ao Outro, sem com isso sentir-se prisioneiro de seu corpo:

⁴⁰⁹ Ressecção de ambas as mamas com reposicionamento do complexo aréolo mamilar.

⁴¹⁰ Remoção do útero.

⁴¹¹ Remoção das trompas de falópio e dos ovários.

⁴¹² Remoção da vagina.

⁴¹³ Tais como: reconstrução da neovagina, meatotomia (cirurgia para abrir um estreitamento da extremidade da uretra), meatoplastia (aumento do calibre da região final da uretra), cirurgia estética para correções complementares dos grandes lábios, pequenos lábios e clitóris, tratamento de deiscências (reabertura de feridas previamente fechadas) e de fistulectomia (tratamento de fístulas anorretais).

⁴¹⁴ A pequena diferença. In: *O Seminário, Livro 19: ... ou pior*, 2012.

⁴¹⁵ *Pontuações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Demência paranoide) descrito autobiograficamente*, vol. 12, 2007, AE.

[...] o imaginário é o lugar onde toda verdade se enuncia e uma verdade negada tem tanto peso imaginário quanto uma verdade confessa [...]. O que dá a medida da própria verdade, a saber, o que demonstra, afinal, a paranoia do Presidente Schreber é que só há relação com Deus. É a verdade! (LACAN, 1975|inédito, p. 57)⁴¹⁶

Conforme Catherine Millot ressalta em seu livro *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*, a partir da experiência clínica com alguns sujeitos transexuais, devemos atentar para o fato de que “[...] a ausência de fenômeno psicótico não exclui, necessariamente, a existência de uma estrutura psicótica” (MILLOT, 1992, p. 23)⁴¹⁷, do mesmo modo que “por outro lado, a presença de um dado sintoma não fornece, em si, indicação estrutural. [...] o sentimento de ser mulher num corpo de homem (ou o inverso) podem assumir um sentido muito diferente conforme o contexto” (MILLOT, 1992, p. 23)⁴¹⁸.

De fato, conforme verificamos ao longo dessa tese, não há qualquer universalização possível do desejo. Entretanto, será possível afirmar que a oferta de cirurgias para a mudança de sexo promove a demanda de suplência ao Nome-do-Pai nos casos de transexuais psicóticos, conforme Millot sugere ao apontar que o desejo do transexual consiste em querer ser Toda Mulher?

O sintoma transexual funcionaria como suplência do Nome-do-Pai, na medida em que o transexual visa encarnar A Mulher. Não *uma* mulher, do lado do “não toda”, o que resulta que nenhuma mulher é Toda, inteiramente mulher, que nenhuma vale por todas as mulheres - com efeito, a posição do transexual consiste em se querer Toda, inteiramente mulher, mais mulher que todas as mulheres e valendo por todas. (MILLOT, 1992, p. 37)

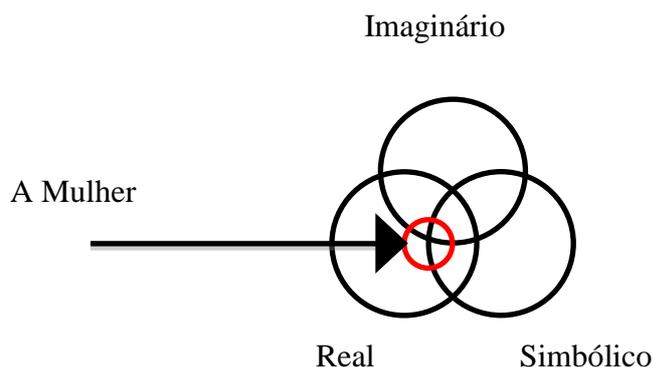
Sob esse prisma, o ideal feminino d'A Mulher faria suplência à função paterna, sendo o significante que viria ocupar o lugar vazio deixado pela forclusão do Nome-do-Pai. Com o recurso à cirurgia - uma demanda de ajuste no real do corpo -, a identificação do transexual masculino com A Mulher permitiria o enodamento do simbólico com o imaginário -, por onde o significante A Mulher viria operar como 4º elemento. O real não encontra-se enodado, sendo justo aí que “[...] a demanda do transexual consiste em reclamar que neste ponto seja feita a correção que ajustaria o Real do sexo ao nó I e S” (MILLOT, 1992, p. 40)⁴¹⁹.

⁴¹⁶ Seminário de 8 de abril de 1975. In: *O Seminário, Livro 22*: RSI, inédito.

⁴¹⁷ *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*, 1992.

⁴¹⁸ *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*, 1992.

⁴¹⁹ *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*, 1992.



Ratificando a tese cunhada por Millot, Estévez afirma, a partir de sua clínica, que “ao rechaçar a submissão ao significante fálico, o sujeito se vê obrigado a inventar um outro modo de abordar o gozo, e o faz mediante um *sinthoma*” (ESTÉVEZ, 2006, p. 165)⁴²⁰.

Candy Mel e Tais Souza, em depoimento para o documentário *De gravata e unha vermelha*, também parecem confirmar essa hipótese.

Candy Mel: “O que eu sou? Se eu não sou homossexual, eu preciso procurar o que eu sou. [...] Pra mim, a cirurgia tem que acontecer! Eu tenho dificuldade para me relacionar com outros homens. Pra mim, se eu não tiver um *corpo completo*⁴²¹, eu não vou conseguir me relacionar com ninguém de corpo e alma”⁴²².

Tais Souza: “Eu fui atrás do sonho de *se tornar mulher*⁴²³. [...] A gente perde toda a libido. Qual é a sensação que eu tenho hoje? A sensação de estar junto com o meu parceiro. [...] Esse tal prazer, ele vai aparecer de uma forma ou de outra porque eu vou inventar. Porque eu tenho prazer em fazer sexo oral, eu tenho prazer em me tocar, sinto prazer nos meus seios. Se eu vou gozar? Eu nem sei o que é gozo. Eu sei o que é prazer. [...] Esse negócio de ejacular, há muito tempo que não sei o que é isso”⁴²⁴.

⁴²⁰ O sujeito transexual. In: *Heteridade: as realidades sexuais e o inconsciente*, 2006.

⁴²¹ *Grifo nosso*.

⁴²² Candy Mel, cantora. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNI dh Oh Lq I>

⁴²³ *Grifo nosso*.

⁴²⁴ Tais Souza. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNI dh Oh Lq I>

Nota-se que os dois depoimentos acima divergem da noção que Bianca Soares tem sobre ser uma mulher. Inclusive, diferente da escolha de Candy Mel e Tais Souza, ela não deseja realizar a cirurgia de mudança de sexo, permanecendo com o órgão peniano.

Bianca Soares: “Minha mãe viu minha tristeza e falou assim: você não se contenta em ser gay? Eu não, eu não sou gay! [...] Eu consigo me colocar no lugar do outro. Como um homem, hetero, que me assumiu como mulher, me apresenta numa festa da empresa no final do ano? Como um homem me apresenta para uma família? Um pai e os irmãos falando: tinha tanta mulher pra você ficar e foi ficar logo com essa, que não é mulher. [...] Eu gosto tanto de homem, eu gosto de homem mesmo, que eu virei *uma mulher, uma trans superfeminina, uma mulher praticamente*^{425,426}.”

Com base nos relatos acima, verificamos que a transexualidade não implica, necessariamente, a demanda cirúrgica de mudança de sexo. No entanto, também podemos perceber que o pênis, quando desprezado e dispensado pelo sujeito, revela a impossibilidade do recurso ao *semblant*. Marca-se, assim, a distância entre o *corpo completo* almejado por Candy Mel e o *sonho de se tornar mulher* de Tais Souza, da aparência sustentada por Bianca Soares ao se definir como *uma mulher, uma trans superfeminina, uma mulher praticamente*.

Parece-nos que a pequena diferença, apenas quando reduzida ao pênis e renunciada pelo transexual, acaba por implicar a necessidade de um ajuste cirúrgico no real do corpo como único meio possível de adequar a certeza do sujeito sobre o seu sexo à sua imagem corporal.

O livro *The Danish Girl*⁴²⁷, que inspirou o recém lançado filme de mesmo título, *A garota dinamarquesa*, dirigido por Tom Hooper, também nos dá suporte para conjecturar essa hipótese. A obra retrata a vida de Einar Wegener, um jovem pintor da década de 20 e o primeiro homem a se submeter à cirurgia de mudança de sexo em 1930, passando a assumir a identidade feminina de Lili Elbe. Convicto de que nasceu mulher, Lili, que não se reconhecia em seu corpo de homem, realizou uma série de cirurgias:

⁴²⁵ *Grifo nosso*.

⁴²⁶ Bianca Soares, professor de inglês. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNIhOhLqI>

⁴²⁷ Livro de David Ebershoff.

Em 1930, Lili viajou do ateliê parisiense que dividia com sua esposa, Gerda, até a Alemanha, para fazer uma série de cirurgias na Clínica Municipal Feminina de Dresden, a fim de completar sua transição. Enquanto esteve lá, ela gostava de sentar nas margens ensolaradas do rio Elbe, refletindo sobre seu passado, quando vivia como um homem (seu gênero à época do nascimento) chamado Einar Wegener, e sobre seu futuro, já como ela própria. (O rio viria a inspirar seu novo sobrenome.) Depois de sair da clínica, Lili tentou manter sua privacidade, mas notícias de suas cirurgias começaram a vazarem na imprensa europeia, de modo que ela deu um passo ousado: contar sua própria história. (EBERSHOFF, 2016, p.224)⁴²⁸

Embora as cirurgias tenham sido realizadas com sucesso, Lili ainda guardava mais um sonho. Uma vez mulher, dividiu com seu médico o desejo de ser mãe, e este, acreditando ser possível, realizou em Lili dois transplantes. O primeiro, ovariano, que foi bem-sucedido, e o segundo, sua última cirurgia, um transplante uterino que prometia torná-la fértil:

Passara quase seis semanas perdendo e recuperando a consciência, babando enquanto dormia e com hemorragia entre as pernas e no abdome. Toda manhã e toda noite, Frau Krebs trocava-lhe os curativos na pelve, que de tão vermelhos e brilhantes pareciam retalhos de veludo escarlate. Lili só tinha consciência de que Frau Krebs mudava as ataduras e a gaze, da picada bem-vinda da agulha com morfina e, em muitos dias, da pressão da máscara de borracha com éter. E sabia que havia alguém ali pondo-lhe um pano úmido na testa e trocando-o sempre que esquentava. (EBERSHOFF, 2016, p. 218)⁴²⁹

Apesar de todo sofrimento, Lili sentia-se realizada e, sempre que fechava os olhos, “[...] achava que sentia o cheiro de talco de um neném de fraldas. Tinha a impressão de sentir o volume pesado de uma criança em seus braços” (EBERSHOFF, 2016, p. 218)⁴³⁰. Lili veio a falecer dois meses após sua última cirurgia, em setembro de 1931, mas antes de morrer escreveu à sua irmã dizendo saber que a morte estava perto, pois na noite anterior havia sonhado com sua mãe, que a abraçou e a chamou de Lili. Embora tenha vivido apenas por 14 meses como mulher, considerava que esse tempo, mesmo curto, foi o necessário para ter uma vida completa e feliz. Lili jamais teve dúvida, nasceu para ser mulher.

Pensemos, agora, nas particularidades implicadas nos casos de mulheres transexuais e o que aspiram através da cirurgia de mudança de sexo. Trata-se de uma recuperação narcísica por onde a prótese peniana permite que elas façam parte do todo fálico? A vida de Brandon Teena, que inspirou o documentário *The Brandon Teena History*⁴³¹, lançado em 1998, e o

⁴²⁸ *A garota dinamarquesa*, 2016.

⁴²⁹ *A garota dinamarquesa*, 2016.

⁴³⁰ *A garota dinamarquesa*, 2016.

⁴³¹ Documentário dirigido por Gréta Olafsdóttir e Susa Muska.

filme *Boys don't cry*⁴³², lançado em 1999, retratam a trajetória de um jovem transexual que acabou em tragédia. Seu sonho era fazer a cirurgia de mudança de sexo, mas Brandon morre assassinado antes que isso aconteça, aos 20 anos de idade.

O crescimento dos seios, assim como a menstruação, foram experienciados de forma dramática. Se vestia como homem, enfaixava o seio para evitar que o volume aparecesse na camisa e fazia uso de uma prótese de borracha para dar volume na calça. A atração por mulheres levava as pessoas a categorizarem Brandon como lésbica, mas sua identificação como homem não o permitia reconhecer-se como homossexual. Aqui, vale notar que, em todos os casos estudados, há um ponto em comum: o fato do sujeito se reconhecer como transexual implica, a partir da convicção diante do seu sexo - tenha ele realizado a cirurgia de mudança de sexo ou não -, que ele não se reconheça como homossexual.

Atualmente, as transexuais mulheres podem facilmente lançar mão de diversos recursos: hormônios masculinos, cirurgias para a retirada dos seios, do útero, dos ovários e, ainda, se desejarem, técnicas cirúrgicas que fabricam artificialmente o pênis e os testículos. Para algumas delas, a prótese peniana é indispensável, representando a virilidade que não deveria lhes faltar, mas para outras, é como homem que desejam ser amadas, sendo o pênis indiferente.

Em depoimento ao documentário *De gravata e unha vermelha*, João W. Nery, que afirma se sentir um menino desde que nasceu e, por esse motivo, se submeteu a diversas cirurgias, não deseja implantar a prótese peniana. Em contrapartida, a retirada do seio, do útero e dos ovários eram essenciais à conformação de seu sexo com a sua imagem.

João W. Nery: “Eu nunca tive relação com homem. Arranjaram um namorado pra mim, mas quando ele me beijou acabou o namoro. Depois eu arrumei um outro namorado, nós chegamos a ficar numa cama, mas quando ele se despiu eu o invejei de cima a baixo. [...] Eu já tinha feito duas plásticas de mama [...], mas ele não pôde tirar tudo. Na primeira eu não tive coragem, aos 16 anos, eu falei só para diminuir o máximo que ele pudesse. Mas aí ele não tirou tudo e eu fiquei revoltado, fiz ginástica 1 semana depois, arbentei os pontos todos, queria mais era que fizesse uma cicatriz horrível mesmo, pelo menos descaracterizava a mama. Eu só fui tirar totalmente na terceira cirurgia. Fiz também uma histerectomia, que é a

⁴³² *Meninos não choram*, dirigido por Kimberly Peirce e lançado no Brasil em 2000.

retirada dos órgãos reprodutores internos. Útero, ovário, joguei tudo no lixo com o maior prazer”⁴³³.

Segundo Millot, com base nas diversas entrevistas realizadas com mulheres transexuais, o domínio do imaginário na relação com o próprio corpo constitui um ponto comum com os homens transexuais: “Esta pregnância do imaginário se explica se considerarmos a falta de um significante da feminilidade no inconsciente” (MILLOT, 1992, p. 100)⁴³⁴, e acrescenta: “[...] é a uma imagem viril que as mulheres transexuais procuram se conformar. [...] Por não saber se situar no lado mulher, coloca-se no lado homem: o que é uma maneira de resolver a questão [...]” (MILLOT, 1992, p. 101)⁴³⁵.

De fato, a prótese peniana não substitui o órgão do desejo, uma vez que não é capaz das propriedades mágicas que o órgão revela através da ereção e da detumescência. Mas, certamente, tem sua função na particularidade de cada caso.

Victor, um transexual de 40 anos, entrevistado por Millot, viveu como mulher até seus 30 anos de idade. Casou-se muito jovem, por recomendações médicas, e teve com seu marido 3 filhos, também com intenções terapêuticas. Victor e seu marido viveram juntos, por 15 anos, um casamento bem-sucedido: “Éramos como dois homens vivendo juntos” (MILLOT, 1992, p. 103)⁴³⁶. Victor referia-se a seu marido como sendo “[...] verdadeiramente um homem” (MILLOT, 1992, p. 104)⁴³⁷, já que nunca lhe impusera relações sexuais. Seu pai, ao contrário, era um bruto, pois tratava as mulheres sem o menor respeito. Ele teve um irmão mais novo, o menino que seus pais desejavam quando Victor nasceu. Embora recusasse qualquer sentimento de inveja em relação a esse irmão, escolheu não ter relações sexuais com mulheres até que fosse provido de um pênis: “[...] enquanto não tivesse um corpo que fosse seu [...] nenhuma mulher deveria tocá-lo” (MILLOT, 1992, p. 105)⁴³⁸. Victor se divorciou do marido quando se submeteu à cirurgia de mudança de sexo. Demonstrando ao pai “[...] o que vem a ser um homem digno de assim ser chamado” (MILLOT, 1992, p. 107)⁴³⁹, fez

⁴³³ João W. Nery, escritor. Depoimento extraído do documentário *De gravata e unha vermelha*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkNidhOhLqI>

⁴³⁴ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴³⁵ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴³⁶ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴³⁷ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴³⁸ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴³⁹ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

prevalecer o desejo da mãe. Certo dia, após sua operação, disse a ela: “Você queria um menino, você o tem” (MILLOT, 1992, p. 106)⁴⁴⁰.

Outro caso entrevistado por Millot é o de Albert, que utiliza hormônios masculinos, mas ainda mantém o genital feminino. Em sua infância foi criado pela avó, enquanto seu irmão mais novo foi criado pelos pais. Sua avó, certo dia, lhe disse: “Se você se sente como homem, você tem que viver como homem” (MILLOT, 1992, p. 109)⁴⁴¹, e assim ele fez. Contudo, nas relações sexuais, recusava-se a tirar a roupa ou se deixar ser tocado nos órgãos genitais. À espera dos progressos das técnicas de implante da prótese peniana, Albert nunca mais teve relações sexuais, “[...] pois a impossibilidade de penetrar suas parceiras causa-lhe, a cada vez, uma dolorosa revolta, assim como um imenso vazio que o paralisa” (MILLOT, 1992, p. 108)⁴⁴². Em suas palavras: “É como se eu caísse em um buraco sem fim. Este medo diante do vazio faz com que eu me sinta perdido” (MILLOT, 1992, p. 109)⁴⁴³.

Talvez, a principal questão que se coloca para pensarmos a transexualidade seja a redução do falo ao pênis. A pequena diferença, dispensada e desprezada ou desejada e reivindicada no real do corpo, ratifica a identificação entre o órgão e o significante nos casos em que a cirurgia genital é requerida para conformar a imagem corporal do sujeito com a certeza sobre seu sexo. Entretanto, essa convicção não se aplica a todos, permitindo conjecturar que o recurso ao *semblant* - embora também implique as cirurgias reparativas e uso de hormônios que visam a adequação da imagem a determinado sexo -, aponta para uma amarração do real, do simbólico e do imaginário que dispensa a intervenção cirúrgica genital como 4º elemento:

Foram necessários à Freud, não três, o mínimo, mas quatro consistências para que isso se sustentasse, a supô-lo iniciado na consistência do Simbólico, do Imaginário e do Real. O que ele chama de realidade psíquica tem perfeitamente um nome, é o que se chama complexo de Édipo. Sem o complexo de Édipo, nada da maneira como ele se atém à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real se sustenta. (LACAN, 1975|inédito, p.18)⁴⁴⁴

Sabemos que o falo, distanciado do pênis, não marca sua presença no menino ou sua promessa na menina, mas sim reafirma, por sua ausência, a castração. Do mesmo modo,

⁴⁴⁰ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴⁴¹ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴⁴² *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴⁴³ *Extrasexo*: ensaio sobre o transexualismo, 1992.

⁴⁴⁴ Seminário de 14 de janeiro de 1975. In: *O Seminário Livro 22*: RSI, inédito.

temos ciência de que nossa vida psíquica é uma vida corporificada, uma vez que o corpo libidinal não se reduz ao corpo anatômico, sendo essa corporificação elaborada na singularidade, própria à estrutura do inconsciente de cada um de nós⁴⁴⁵. Então, o que curar do sexo em uma análise? Diante das diversas questões aqui apontadas, não objetivamos qualquer fechamento ou conclusão, pelo contrário. Ao reservarmos esse momento para refletir sobre a transexualidade, o estranhamento do corpo e a demanda por cirurgias reparativas que visam a mudança de sexo, abrimos o caminho para uma pesquisa futura, mas não sem apontarmos para o caráter enigmático da sexualidade e para o recurso da criação, saída frente ao mal-estar. Assim, deixamos como questão: o sujeito transexual, ao criar seu sexo, não estaria sustentando uma escolha para além da lógica sentenciada que recai sobre a escolha de posição sexuada? Ou ainda, não seria a criação o recurso utilizado por todos os sujeitos, neuróticos ou psicóticos, para construir seu sexo?

Com Freud, sabemos que a sexualidade está na contramão do discurso hegemônico implantado pela cultura e, com Lacan, temos uma direção para pensar as diversidades sexuais: “Ora, signi-φ-que! Só quebrando o significante em sua letra damos conta dele” (LACAN, 1971|2012, p. 17)⁴⁴⁶. Portanto, na contramão da promessa de um bem comum a todos, com normas e princípios que excluem as diferenças, cabe ao psicanalista sustentar um discurso ético, pautado no que há de mais singular e mais íntimo em cada sujeito. A psicanálise - e sua ética -, é o único caminho para o inconsciente, testemunho do desejo, que se sustenta na diferença absoluta, centrada no real, tema a ser tratado ao final de nosso trabalho.

5.4 O discurso do analista: o desejo é o destino⁴⁴⁷

Sobre a ética da psicanálise, “com o tempo, aprendi que podia dizer sobre isto um pouco mais” (LACAN, 1972|1985, p. 9)⁴⁴⁸. Foi assim que Lacan iniciou seu seminário de 1972⁴⁴⁹, definindo o discurso analítico como aquele que só se sustenta “[...] pelo enunciado de que não há, de que é impossível colocar-se a relação sexual” (LACAN, 1972|1985, p.

⁴⁴⁵ Ver *Eros e Verdade*: Lacan, Foucault e a questão da ética, 1993.

⁴⁴⁶ A pequena diferença. In: *O Seminário, Livro 19: ... ou pior*, 2012.

⁴⁴⁷ Ver FERREIRA, N. P. O desejo é o destino. In: *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*, 2013.

⁴⁴⁸ Do gozo. In: *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, 1985.

⁴⁴⁹ *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, (1972-1973), 1985.

17)⁴⁵⁰. Essa é a verdade única e incontestável que condiciona o discurso analítico, uma vez que ele se fundamenta no campo da fala e da linguagem, produtor do desejo, da falta e da divisão do sujeito, situado e constituído em relação ao significante.

O discurso analítico se sustenta na falta-a-ser, diretriz pela qual Lacan formaliza sua função do lugar de **a**, por onde o analista interpela o sujeito - (\$) - a fim de que haja a produção do significante - (S1) - que pode vir resolver a relação deste com a verdade:

LUGARES			DISCURSO DO ANALISTA		
Agente	outro	→	a	→	\$
Verdade	Produção	→	S2	//	S1

a - causa do desejo
\$ - sujeito
S1 - significante-mestre
S2 - saber

[...] toda a verdade, é o que não se pode dizer. É o que só se pode dizer com a condição de não levá-la até o fim, de só se fazer semi-dizê-la. Outra coisa ainda nos ata quanto ao que é da verdade: é que o gozo é um limite. (LACAN, 1973|1985, p. 124)⁴⁵¹

Tudo que a experiência analítica pode produzir é S1 que, por ter relação com a lei, regra o gozo, o mais singular⁴⁵². Mas então, o que se pode saber em uma análise senão que esse saber é proibido e, por isso mesmo, censurado, *inter-dito*? Aí está todo o embaraço que constituem o saber e a verdade: a relação sexual é impossível, não para de não se escrever,

⁴⁵⁰ Do gozo. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

⁴⁵¹ O saber e a verdade. In: *O Seminário, Livro 20*: mais, ainda, 1985.

⁴⁵² Ver LACAN, J. Saber, meio de gozo. In: *Seminário, Livro 17*: O avesso da psicanálise, 1992.

“Aí, tomo do texto de Freud, para dar-lhe um sentido que lá não está apontado, a função do traço unário - quer dizer, da forma mais simples de marca, que é, falando propriamente, a origem do significante. E afirmo isto - que não se vê no texto de Freud, mas de modo algum poderia ser descartado, evitado, rejeitado pelo psicanalista -, que é no traço unário que tem origem tudo o que nos interessa, a nós, analistas, como saber” (LACAN, 1970|1992, p. 44).

revelando ao sujeito que “o objeto total, o próximo, vem aí delinear-se, separado de nós [...]” (LACAN, 1960|1997, p. 247)⁴⁵³.

O desejo está no cerne da psicanálise, que dele presta contas, reconhecendo seus paradoxos no próprio tratamento analítico, lugar do encontro com o Outro como falta: Outro como Outro sexo, que *ex-siste* ao sujeito. Foi desse ponto que Lacan partiu para definir a experiência analítica como uma prática que concerne à dimensão ética e à produção *ex nihilo*. O que há para além da barreira da lei, nada sabemos, já que o gozo encontra-se nesse campo central - no campo da Coisa velada -, com todo aspecto de inacessibilidade, obscuridade e opacidade que ele comporta para o sujeito, mas não sem favorecer a criação. Ao redor da falta engendrada pelo simbólico, resta ao sujeito saber fazer com o real, saber fazer com a não-relação sexual.

Mas como isso se delinea na experiência analítica? Para abordar a função significante e sua relação com *das Ding*, Lacan recorre à metáfora do vaso, cunhada a partir do texto de Heidegger - A Coisa -, e ressalta o princípio da criação. A criação se dá a partir do nada, pois o vazio, o centro do vaso, já está lá e, justamente por anteceder-lo, permite que o oleiro, ao modelar o barro, contorne esse vazio. Depois de feito, cada oleiro sabe o que pode sair de dentro de seu vaso, ou o que tenta colocar lá, pois “se o vaso pode estar pleno é na medida em que, primeiro, em sua essência, ele é vazio” (LACAN, 1960|1997, p. 152)⁴⁵⁴. Ou seja, o oleiro, ao criar o vaso, cria o vazio, introduzindo aí a própria perspectiva de preenchê-lo.

Na experiência analítica não é diferente. O vaso tomado como significante modelado pelas mãos do oleiro - metáfora criada para representar o vazio central que se chama a Coisa, *das Ding* - revela a inacessibilidade ao objeto que viria completar a falta-a-ser do (ser)humano, já que em seu lugar resta o furo, produto da operação da linguagem sobre o ser falante que impossibilita a homogeneização moral ou o modelo ideal normativo. Se é do nada que se cria, o princípio da análise só pode estar alicerçado na diferença que cada criação comporta. Desse modo, a única coisa que o analista pode oferecer ao analisando é o seu desejo, na medida em que é um desejo prevenido sobre o incurável do sexo, o impossível da relação sexual:

⁴⁵³ O gozo da transgressão. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

⁴⁵⁴ Da criação *ex nihilo*. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

Qualquer regularização que trouxermos à situação daqueles que concretamente recorrem a nós em nossa sociedade, é por demais evidente que sua aspiração à felicidade implicará sempre um lugar aberto para um milagre, uma promessa, uma miragem de gênio original ou de excursão para a liberdade, caricaturemos, de possessão de todas as mulheres para um homem, do homem ideal para uma mulher. Constituir-se como garante de que o sujeito possa de qualquer maneira encontrar seu bem, mesmo na análise, é uma espécie de trapaça. (LACAN, 1960|1997, p. 363-364)⁴⁵⁵

De fato, o discurso da primazia genital e complementar entre os sexos é extremamente cativante, na medida em que promete ao sujeito e seu desejo alguma garantia. Aquilo que me falta está no outro e vice-versa, promessa de fazer existir a relação sexual; a conjunção de dois em um só gozo: “Ora, o ato sexual, quanto a esse aspecto, é ato falho. É até típico do ato falho freudiano, no sentido de que só se pode dizer que um ato é ‘falho’ em razão do sexual” (JULIEN, 1996, p. 137).

Conforme já afirmara Freud⁴⁵⁶, o mal-estar é estrutural, uma vez que o desejo reside no ponto mesmo em que não se aplica a uma regra geral: não há universal ou bem final para ‘todos’ os homens e ‘todas’ as mulheres. É dessa premissa que deve surgir o necessário compromisso ético de quem assume o lugar de analista, fazendo da experiência analítica uma experiência de subjetivação da castração, sendo o objeto *a* o resto, o que cai dessa harmonia impossível na união dos sexos: marca da falta no Outro, própria do impasse sexual.

No entanto, nem sempre vemos a ética psicanalítica operar na prática clínica. A própria estrutura de insatisfação inerente ao desejo é responsável pela oferta de terapêuticas morais, e seu interesse de anestesiá-lo, assim como de terapêuticas pedagógicas, que visam domesticá-lo; tentativas de apagamento das diferenças em prol do bem comum. Inclusive, nesses casos, a pessoa que encarna a função do analista acaba por prevalecer sobre a função do analista, e as questões sobre a escolha do parceiro e do sexo, que perpassam qualquer análise, acabam sendo manejadas a partir da concepção que ele próprio faz da sexualidade. Se a relação heterossexual genital é tomada como norma, as consequências serão nefastas e, muitas vezes, irreparáveis: “Sabe Deus que obscuridades permanecem numa pretensão como o advento da objetividade genital e, diga-se também, como sabe Deus que imprudência, a concordância com a realidade” (LACAN, 1960|1997, p. 351)⁴⁵⁷.

⁴⁵⁵ As metas morais da psicanálise. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

⁴⁵⁶ Ver FREUD, S. *O mal-estar na cultura*, vol. 21, 2007, AE.

⁴⁵⁷ A demanda de felicidade e a promessa analítica. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

Daí o resgate ético promovido por Lacan em seu retorno a Freud, ao afirmar que a psicanálise não é uma terapêutica de adaptação e não prescreve valores de conduta, mas subverte as normas morais ao apontar para a emergência do desejo, irreduzível, que se apresenta na especificidade mais íntima da sexualidade desarmônica de cada sujeito. Ao analista, não cabe o lugar de mestre que opera como modelo ideal para o outro, não é sua função educar para tamponar a fenda da linguagem. O que a psicanálise visa é a emergência do desejo e a diferença que o constitui⁴⁵⁸.

Com Freud, sabemos que a experiência analítica, ao mobilizar e dar relevo ao inconsciente, suscita o que há de mais singular e mais íntimo em cada sujeito, revelando-nos que o inconsciente é testemunho do desejo, na medida em que sua essência é ética. Lacan por sua vez, ao denunciar os adeptos do imaginário e da quietude do desejo em suas práticas adaptativas, indicou ao psicanalista - em sua função de causa de desejo e não de gozo -, operar com a falta, descortinando os ideais e reorientando o sujeito para o real. Daí a função do analista não ser outra senão de *a*, esvaziado de gozo, com toda a responsabilidade que isso implica, conforme Nadiá Ferreira precisamente ressalta:

Se uma análise se dirige para o despertar de um sujeito desejante e para a assunção das singularidades do gozo desse sujeito, pondo em jogo uma ética que não elimina o real, é preciso que o psicanalista se interrogue sobre a função do gozo no dispositivo analítico, uma vez que ele, do lado do analista, pode servir de entrave ao que sustenta o tratamento psicanalítico, que é o desejo do analista. (FERREIRA, 2006, p. 141)⁴⁵⁹

A análise “se engaja na falta central em que o sujeito se experimenta como desejo” (LACAN, 1964|1998, p. 251)⁴⁶⁰, sendo justo nesse ponto de falta que o sujeito tem que se reconhecer. Daí o discurso do analista se caracterizar pelo avesso do discurso do mestre, uma vez que é o único dentre os quatro discursos⁴⁶¹ que não só parte do desejo como toma o outro como sujeito⁴⁶². Não à toa Lacan dá esse destaque em *O seminário, Livro 17*, com seu

⁴⁵⁸ Ver MARQUES, L. Sexualidade e ética psicanalítica. In: *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*, 2013.

⁴⁵⁹ FERREIRA, N. P. Os paradoxos do gozo e o fim de análise. In: *Lacan e a formação do psicanalista*, 2006.

⁴⁶⁰ Em ti mais do que tu. In: *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

⁴⁶¹ Em *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise*, Lacan nos apresenta sua teoria dos quatro discursos, a saber: o discurso do mestre, o discurso da histórica, o discurso do analista e o discurso universitário.

⁴⁶² Ver JORGE, M. A. C. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: *Saber, verdade e gozo: leituras de O Seminário, Livro 17 de Jacques Lacan*, 2002.

título⁴⁶³; ratificando que a função do analista é o desejo do analista. Do lugar de α , o analista se faz de causa do desejo do analisante e se oferece como ponto de mira ao sujeito que, seguindo os rastros do desejo de saber - S2, que advém no lugar da verdade e que só se sustenta em um semi-dizer⁴⁶⁴, já que para além da sua metade não há nada a dizer -, se depara com o mito⁴⁶⁵, na medida em que enuncia o impossível.

Portanto, a impossibilidade é um fato de estrutura, e é justamente isso que interessa no nível da experiência analítica. No discurso analítico, lá onde estava o gozo perdido e sua promessa de recuperação - o mais-de-gozar -, o analista deve advir, pois somente o desejo do analista, ao presentificar a falta, é capaz de suscitar que o sujeito atravesse o próprio drama, partindo da impotência que versa sobre o imperativo ‘seja feita a vossa vontade’ em direção à impossibilidade da relação sexual:

Como temos o significante, é preciso que a gente se entenda - e é justamente por isso que não nos entendemos. O significante não é feito para as relações sexuais. Desde que o ser humano é falante, está ferrado, acabou-se essa coisa perfeita, harmoniosa, da copulação, aliás impossível de situar em qualquer lugar da natureza. (LACAN, 1969|1992, p. 31)⁴⁶⁶

Não há relação sexual, não há um objeto referente à sexualidade do humano. Se a sexualidade, como Freud destaca, está no centro de tudo o que se passa no inconsciente é, precisamente, por ser uma falta, por escapar à ordem da linguagem. No lugar do complemento, da miragem do gozo absoluto, há apenas uma fratura, ponto de onde opera o discurso do analista - α . Logo, a impossibilidade de inscrever a diferença sexual no inconsciente é uma impossibilidade situada pelo real; daí Lacan apontar para o real como aquilo que do simbólico se enuncia como impossível: “A análise não cumpriu, no campo da sexualidade, o que se teria podido, a se enganar, esperar dela de promessa, ela não cumpriu isto porque não tem que cumprir (LACAN, 1964|1998, p. 252)⁴⁶⁷.

⁴⁶³ *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise.*

⁴⁶⁴ Ver LACAN, J. Édipo e Moisés e o pai da horda. In: *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*, 1992. “Em suma, o semi-dizer é a lei interna de toda espécie de enunciação da verdade, e o que melhor a encarna é o mito” (LACAN, 1970|1992, p. 103).

⁴⁶⁵ “O mito, é isso, a tentativa de dar forma épica ao que se opera da estrutura” (LACAN, 1974|1993, p.55).

⁴⁶⁶ O mestre e a histórica. In: *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise*, 1992.

⁴⁶⁷ Em ti mais do que tu. In: *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998.

Fazendo do desejo o objeto norteador da análise, a partir do dispositivo da fala, o analista promove a abertura própria à regra fundamental e marca a diferença que se fundamenta na atualização da realidade do inconsciente do analisante, um a um, na sessão de análise: que o discurso se efetue sem interrupção, sem contenção, não apenas à preocupação com a coerência, mas também quanto a sua aceitabilidade no mundo. Se há uma ética psicanalítica, é na medida que ao analista, em sua função causal de objeto, cabe esvaziar o lugar de seu próprio desejo como sujeito, visando àquilo que em cada falante é único: desejo da diferença absoluta⁴⁶⁸.

Livre de preconceitos e padrões ideais, o analista deve operar do lugar de α - causa do sujeito em análise -, lugar ético e avesso a qualquer concepção de harmonia ou adequação de gozo. Portanto, a fim de concluir, nos resta ratificar que, na condução de uma análise, não há outra direção a ser dada pelo analista senão guiar o paciente até o umbral da ética, com todo o valor de juízo final que ela comporta. “*Agiste conforme o desejo que te habita?*” (LACAN, 1960|1997, p. 376)⁴⁶⁹, essa foi a premissa cunhada por Lacan para lembrar aos analistas da ética implicada em sua função: se o mal-estar é o destino da moral, o desejo é o destino de uma análise.

⁴⁶⁸ Ver (LACAN, 1964|1998, p. 260), Em ti mais do que tu. In: *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1998. Cf também MARQUES, L. Sexualidade e ética psicanalítica. In: *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*, 2013.

⁴⁶⁹ Os paradoxos da ética. In: *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*, 1997.

Considerações Finais

Nosso interesse pelo tema da homossexualidade surgiu desde os estudos iniciais da psicanálise, durante o curso de graduação em Psicologia, quando a afirmativa freudiana “[...] todas as pessoas, por mais normais que sejam, são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual, e mesmo já a terão feito em alguma época de suas vidas e ainda a conservam no inconsciente, ou então defendem-se dela por meio de enérgicas contra atitudes” (FREUD, 1905|2008, p. 137)⁴⁷⁰, nos motivou a pensar sobre as enérgicas contra atitudes, que Freud fez questão de destacar. No âmbito social, não é incomum ainda nos depararmos com preconceitos e atitudes homofóbicas pautadas no narcisismo das pequenas diferenças, e na clínica, verificamos, com assustadora frequência, o mal-estar do sujeito que, na luta moral contra o seu desejo, procura análise visando a adequação aos padrões normativos imputados pela cultura.

O que há de mais assustador nessas constatações é que, mesmo após todo o movimento que ao longo dos anos assistimos contra a patologização da homossexualidade e contra a homofobia, ainda hoje nos deparamos com argumentos psicanalíticos calcados no ideal da heterossexualidade como norma, que colaboram com a difusão do imaginário social da complementaridade dos sexos e contribuem para o julgamento e estigmatização dos sujeitos homossexuais. Psicanalistas contemporâneos, contaminados pela moral sexual conservadora e pelo discurso médico curativo - com uma visão muito mais próxima à dos pré-freudianos do que do retorno a Freud promovido por Lacan - (re)interpretam a homossexualidade a partir de uma ‘maturação’ pulsional, que equivale à noção de instinto, baseada no saber biológico e na diferença sexual anatômica.

Freud, ao criar a psicanálise, em oposição aos padrões normativos, oferece um lugar para o sujeito e seu desejo desvinculado de qualquer determinismo biológico ou regra de conduta moral. Transformando o olhar para a sexualidade, Freud rompe com o discurso repressivo presente na longa história de perseguições e classificações dos homossexuais e, desde então, com o conceito de pulsão e com a noção de bissexualidade psíquica, revela ao mundo a pluralidade inerente aos componentes sexuais, sem nenhuma restrição quanto à escolha do parceiro ou ao *semblant* frente à escolha do sexo.

⁴⁷⁰ *Três ensaios da teoria sexual*, vol. 7, 2008, AE.

Com a publicação de seus *Três ensaios da teoria sexual*, Freud subverte o saber de sua época, rompendo com o discurso biologizante sustentado pelos cientistas a partir da metade do século XIX. Naquele momento, enquanto o discurso da ciência, atrelado à religião e à política, criava seu vocabulário a fim de elaborar uma definição ‘científica’ para certas práticas sexuais consideradas patológicas, Freud era incansável em sua recusa a considerar os homossexuais possuidores de características especiais, revelando a hiância inerente ao ser falante, que se apresenta com o desejo errático e desviante de qualquer determinismo biológico pautado na simetria entre os sexos.

Não há primazia da pulsão genital. Não há patologização possível no âmbito da sexualidade. Não há, portanto, repressão sexual capaz de adaptar ou corrigir a desnaturalização do sexo promovida pela linguagem. Conforme Lacan, em seu retorno à ética freudiana, fez questão de destacar: a relação sexual - como pré-determinada entre a pulsão e o objeto apropriado ao desejo - não existe! Está aí a realidade sexual do inconsciente, nos diz Lacan, a realidade sexual da pulsão, que por essência não tem objeto referente e, assim sendo, não é subjugada pela diferença sexual anatômica; restando ao sujeito, causado por um objeto que falta, escolher seus objetos substitutos por contingência.

Ao nos depararmos com a aplicação da psicanálise como forma de ‘correção’ e ‘normatização’ da sexualidade, verificamos o encarnar do analista no lugar de Outro onisciente que, ao resistir ao desejo, converte a cura a uma espécie de doutrinação que tem como consequência a forclusão do sujeito. Decerto que a exclusão da alteridade e a negligência do inconsciente não datam de hoje, mas frente ao equívoco da prática analítica ainda presente e dos desvios que visam à adaptação do Eu à realidade e o aprisionamento da pulsão, torna-se necessário problematizar o resgate da função imaginária em detrimento da função simbólica do tratamento. O imaginário, que ancora as ficções do que é ser homem ou mulher é o mesmo que os faz tropeçar incessantemente na busca de um ideal de harmonia pulsional. Eis o que a experiência analítica desconstrói ao revelar que a ideia de um Todo-homem é um totem e que A mulher não existe.

Dizer *é ele* ou *é ela* para designar o homem e a mulher só é possível devido a linguagem, distinção significante com valor sexual aceito em todas as línguas: *é ele* para o significante-homem e *é ela* para o significante-mulher. No entanto, é justamente porque essa distinção é insuficiente para abarcar o que concerne de impasse sexual para os seres falantes

que Lacan vai além, apontando para a escolha de posição sexuada - ter ou ser o falo - que orienta homens e mulheres em suas diversas tentativas de suprir a inexistência da relação sexual. O complexo de castração, reinserido em uma estrutura lógica, introduz no sujeito a crença na exceção, ancora a estrutura da fantasia e faz funcionar a regra para todos, conforme Freud nos descreveu em 1913, no texto sobre *Totem e Tabu*.

O Totem, que ao representar esse Um-Deus-Pai que escapa à Lei, torna-se a exceção necessária para confirmar o conjunto de todos os humanos submetidos à castração. É assim que a lógica masculina opera ao apostar, a partir da fantasia do ao menos Um, encontrar aquilo que lhe falta para ser O Homem. No entanto, na aspiração do que é ser homem, o máximo que o menino consegue atingir é um parecer tê-lo, puro *semblant*, por onde tenta se proteger da falta. Decerto que o pênis, suporte imaginário do falo, tem função operativa nesse processo, funcionando para o ser de linguagem como o objeto do desejo no nível do ter, já que é o único órgão do corpo capaz de orientá-lo: desejo confesso com a ereção e ausente com a detumescência.

Desse modo, a lógica do ter sustenta a sentença destinada aos homens, uma escolha forçosamente orientada àqueles que estão de todo submetidos à lógica fálica. Em termos freudianos, significa dizer que o homem é todo edípico, tudo passa pela castração, nada escapa à Lei do pai, embora não haja qualquer impedimento para que ele se utilize do *semblant* feminino, fazendo-se de objeto α para o outro. No entanto, a lógica de uma escolha forçada incide justamente nisso, no fato de que o *semblant* é o único destino possível aos seres falantes. Como homem, de todo inscrito na lógica do ter, seu gozo mantém-se submetido ao gozo fálico, ao gozo castrado, fantasístico, mesmo que escolha feminilizar-se, ocupando o lugar de α para alguém.

Ao homem, apoiado em seu atributo fálico - que nada lhe garante, embora sentencie a lógica do ter -, resta sustentar-se como pura aparência. Não importa se nessa fachada o *semblant* é ora masculino ora feminino, ou se a escolha de objeto é heterossexual ou homossexual. O fato é que, como homem, seu gozo é limitado ao gozo fálico, uma vez que O Homem, o Todo-Homem, esse não existe; ou melhor, só existe como proposição universal, como significação produzida por efeito de discurso: um Totem.

Com as mulheres não é diferente, também há uma impossibilidade. Embora, inicialmente, elas participem da norma fálica, tal como os meninos, será a partir da percepção da falta no campo materno que a diferença será marcada. Constatação de uma perda que não está referida unicamente ao pênis como suporte imaginário do corpo que lhe falta, mas antes, e principalmente, por estar submetida aos efeitos do significante. Daí o imaginário de seu corpo se constituir como um eu em falta, que se revela como privação do falo, por onde emerge para a menina o *Penisneid*; descrito por Freud como a inveja do pênis. Às mulheres não há ancoragem possível em seu corpo que aponte o desejo, tal como o pênis em ereção representa para os meninos.

Diante da constatação da perda, por onde a antítese sexual vivenciada na organização genital infantil apresenta-se pela polaridade fálcos X castrados, resta à menina encarar o sexo masculino como única representação possível. Desprovidas do atributo fálico, a angústia das mulheres não está ligada à incidência da ameaça de castração, mas sim à ameaça da perda de amor. A castração é encarada pela menina como um fato consumado e referido à mãe, a quem culpa por não ter lhe dado o atributo fálico, condição de seu afrouxamento com o primeiro objeto amoroso - a mãe fálica -, e seu derivado deslizamento para o pai; formação secundária do Édipo feminino. Essa relação primordial com a mãe representa, justamente, aquilo que escapa ao Édipo feminino. Sob o signo da frustração, a recriminação à mãe coloca em xeque o amor da mãe, responsável pelo efeito de transformação dessa relação, em que o amor é convertido em ódio.

Só assim o deslocamento da fase masculina em direção à feminilidade é possível, quando a inveja do pênis - *Penisneid* - transforma-se em desejo de pênis - *Peniswunsch* -, alvo do mais forte desejo feminino. Daí a função materna nos indicar o máximo do campo fálico que uma mulher pode alcançar. Como mãe, uma vez que desse lugar ela não é tomada como mulher, as mulheres conseguem impetrar alguma suplência ao não-todo: o filho, no lugar de α , opera como rolha.

Mas como, então, é possível parecer ser mulher? Pela falta de referente do ideal feminino, não há qualquer possibilidade de identificação à mulher, restando como única identificação possível - tanto para os homens quanto para as mulheres -, a identificação fálica; seja através do pai ou da mãe que, por sua função, é fálica. Por isso Lacan afirma, de saída, que *À* mulher não existe, uma vez que não há representação de seu sexo no inconsciente, de

onde deriva a barra que incide sobre o que seria A: \bar{A} . Às mulheres, justamente por lhes faltar a representação de seu sexo, resta, a cada uma, a construção de sua feminilidade.

É Assim que \bar{A} mulher se duplica, pois além de sua relação com o falo - $\bar{A} \rightarrow \Phi$ -, ela também mantém relação com o Outro - $\bar{A} \rightarrow S(\bar{A})$ -, nos permitindo afirmar, com Freud e com Lacan, que a essência da mulher não está na castração. É desse ponto que Lacan dá um novo passo e apresenta sua elaboração do ser em contraponto ao ter: ser o falo. É pela via de ser o falo simbólico, o falo como falta, que as mulheres despertam o desejo. Por não terem o falo, só as mulheres podem sê-lo, podem transformar-se naquilo que não têm, sendo o objeto de desejo do Outro.

O *semblant* feminino, ao aderir ao impossível de ser, revela a castração a partir da identificação das mulheres com a falta-a-ter, denúncia da castração sem recobrimento da falta, posição sexuada capaz de revelar o *semblant* feminino por excelência. No entanto, em relação ao gozo, mesmo que do lugar de causa para seu parceiro(a) - no lugar de objeto a -, resta a elas o gozo fálico, marcado pela impossibilidade de fazer Um.

Diante do irremediável da diferença dos sexos, o *semblant* apresenta-se como único recurso possível para mascarar o encontro com a falta, que se mantém independente de qualquer escolha de objeto. Daí os homens e as mulheres poderem circular dos dois lados das fórmulas quânticas cunhadas por Lacan, embora não do mesmo modo. Os homens, conquanto possam fazer-se de objeto a para o(a) parceiro(a), sustentando o *semblant* feminino, jamais terão acesso à identificação com a castração, própria ao não-todo fálico, inerente às mulheres. Do mesmo modo, as mulheres, embora acessem o *semblant* masculino, bancando o homem, seja através do ideal paterno ou materno, jamais saberão o que é estar de toda referida à lógica do ter fálico. Desde então a criação está no cerne da sexualidade. E é este o sentido que damos à formulação freudiana “A anatomia é o destino”.

Desse modo, ao analista, em oposição às terapêuticas que desviam a direção de tratamento em função dos padrões culturais, cabe levar em conta a radicalidade do inconsciente, pois a psicanálise acolhe a dimensão real, não ideal. Esse foi o ponto de partida de Lacan ao formular uma ética que integrasse as conquistas freudianas sobre o desejo, colocando em seu vértice o desejo do analista e suas implicações éticas na direção do

tratamento. O desejo do analista, motor da análise, não retrata o que o analista deseja do analisando, mas ao contrário; como causa, sustenta a impossibilidade enquanto fato de estrutura, já que é isto o que nos interessa no nível da experiência analítica.

Se há uma ética psicanalítica, é na medida que ao analista, em sua função causal de objeto, cabe esvaziar o lugar de seu próprio desejo como sujeito, visando àquilo que em cada falante é único: desejo da diferença absoluta. Ascendendo ao real, é precisamente na posição de α , resto não simbolizável da operação significante, que o analista sustenta seu compromisso ético. Dando lugar ao desejo de sua função, o analista se dirige a um saber que não estanca, mas convoca a criar, a saber-fazer a partir do impossível da plenitude. Que queres? Essa é a ordem do desejo, princípio ético que se funda na inadequação.

Portanto, consideramos que, se ainda hoje as resistências aos fundamentos éticos da psicanálise permanecem vivas, a necessidade de denunciarmos e desfazermos os desvios teóricos dela advindos devem prevalecer. Em nossa tese de doutorado, pretendemos contribuir para isso.

Referências

ALBERTI, S. & RIBEIRO, M. A. C. (orgs.). *Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

ALBERTI, S. (coord.). *As realidades sexuais e o inconsciente: histórico da questão*. Bahia: EPFCL-Brasil, 2006.

ALBERTI, S. O bem que se extrai do gozo. *Stylus: revista de psicanálise*. Rio de Janeiro, n.14, abr. 2007.

ALBERTI, S. (org.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

ANDREAS-SALOMÉ, L. *Reflexões sobre o problema do amor e o erotismo*. São Paulo: Landy Editora, 2005.

BOURGUIGNON, A. *História natural do homem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, 19 ago. 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, 20 ago. 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde, Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, 21 nov. 2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BOYS don't cry. Produzido por Christine Vachon, Jeffrey Sharp, Eva Kolodner e John Hart. Dirigido por Kimberly Peirce. [S.l.]: Imovision, 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P_o-pRcOCpw>. Acesso em: 29 jan. 2016.

CAZOTTE, J. *O diabo enamorado*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1992.

CONTÉ, C. *O real e o sexual: de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

DE GRAVATA e unha vermelha. Produzido por Reinaldo Pinheiro. Dirigido por Miriam Chnaiderman. [S.l.]: Imovision, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bkNIdhOhLqI>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 2007.

DRESCHER, J. A History of Homosexuality and Organized Psychoanalysis. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*. Bloomfield, v. 36, n. 3, p. 443-460, 2008.

DUBY, G. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

EBERSHOFF, David. *A garota dinamarquesa*. Tradução de Paulo Reis. Rio de Janeiro: Fábrica 231, 2016. Disponível em: <<http://lelivros.online/book/baixar-livro-a-garota-dinamarquesa-david-ebershoff-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

ELLIS, H. *Inversão sexual*. [S.l.]: Index ebooks, (2013[1927]). Ebook.

ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERREIRA, N. P. *A teoria do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERREIRA, N. P. *Amor, ódio e ignorância: literatura e psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos Livraria e Editora, 2005.

FERREIRA, N. P. & MOTTA, M. A. *Histeria: o caso Dora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

FERREIRA, N. P. & LEITE, J. C. T. (orgs). *Clínica e estrutura*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Manuscrito D* (1894). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Manuscrito G* (1895). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1895]). *Proyecto de psicología*. In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Manuscrito K* (1896). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Carta 52* (1896). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Carta 55* (1897). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Carta 69* (1897). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Carta 70* (1897). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Carta 71* (1897). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1950 [1892-99]). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess - Carta 75* (1897). In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1900-1901). *La interpretación de los sueños*. In: Obras completas: La interpretación de los sueños: segunda parte: 1900-1901. - vol. 5 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1901). *Psicopatología de la vida cotidiana: sobre el olvido, los deslices en el habla, el trastocar las cosas confundido, la superstición y el error*. In: Obras completas: Psicopatología de la vida cotidiana: sobre el olvido, los deslices en el habla, el trastocar las cosas confundido, la superstición y el error: 1901. - vol. 6 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1905[1901]). *Fragmento de análisis de un caso de histeria*. In: Obras completas: Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora), Tres ensayos de teoría sexual y otras obras: 1901-1905. - vol. 7 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1905). *Tres ensayos de teoría sexual*. In: Obras completas: Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora), Tres ensayos de teoría sexual y otras obras: 1901-1905. - vol. 7 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1908). *Sobre las teorías sexuales infantiles*. In: Obras completas: El delirio y los sueños en la Gradiva de W. Jensen y otras obras: 1906-1908. - vol. 9 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1908). *Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad*. In: Obras completas: El delirio y los sueños en la Gradiva de W. Jensen y otras obras: 1906-1908. - vol. 9 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1909). *Análisis de la fobia de un niño de cinco años*. In: Obras completas: Análisis de la fobia de un niño de cinco años: el pequeño Hans, A propósito de un caso de neurosis obsesiva: el hombre de las ratas: 1909. - vol. 10 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1909). *A propósito de un caso de neurosis obsesiva*. In: Obras completas: Análisis de la fobia de un niño de cinco años: el pequeño Hans, A propósito de un caso de neurosis obsesiva: el hombre de las ratas: 1909. - vol. 10 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1910). *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*. In: Obras completas: Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras: 1910. - vol. 11 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1910). *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis*. In: Obras completas: Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras: 1910. - vol. 11 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1910). *Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre* (Contribuciones a la psicología del amor I). In: Obras completas: Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras: 1910. - vol. 11 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1911[1910]). *Pontualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente*. In: Obras completas: Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente, Schreber, Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras: 1911-1913. - vol. 12 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1912). *Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa* (Contribuciones a la psicología del amor II). In: Obras completas: Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras: 1910. - vol. 11 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1913[1912-13]). *Tótem y tabú: algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos*. In: Obras completas: Tótem y tabú y otras obras: 1913-1914. - vol. 13 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1913). *El interés por el psicoanálisis*. In: Obras completas: Tótem y tabú y otras obras: 1913-1914. - vol. 13 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1914). *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico*. In: Obras completas: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras: 1914-1916. - vol. 14 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1914). *Introducción del narcisismo*. In: Obras completas: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras: 1914-1916. - vol. 14 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1915). *Pulsiones y destinos de pulsión*. In: Obras completas: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras: 1914-1916. - vol. 14 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1915). *La represión*. In: Obras completas: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras: 1914-1916. - vol. 14 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1915). *Lo inconciente*. In: Obras completas: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras: 1914-1916. - vol. 14 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1918[1914]). *De la historia de una neurosis infantil*. In: Obras completas: De la historia de una neurosis infantil, el hombre de los lobos y otras obras : 1917-1919. - vol. 17 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1918[1917]). *El tabú de la virginidad* (Contribuciones a la psicología del amor III). In: Obras completas: Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras: 1910. - vol. 11 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1919). *Pegan a un niño*: contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In: Obras completas: De la historia de una neurosis infantil, el hombre de los lobos y otras obras : 1917-1919. - vol. 17 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1920). *Más allá del principio de placer*. In: Obras completas: Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras : 1920-1922. - vol. 18 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1920). *Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina*. In: Obras completas: Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras : 1920-1922. - vol. 18 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1923). *El yo y el ello*. In: Obras completas: El yo y el ello y otras obras : 1923-1925. - vol. 19 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1923). *La organización genital infantil*: una interpolación en la teoría de la sexualidad. In: Obras completas: El yo y el ello y otras obras : 1923-1925. - vol. 19 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1924). *El problema económico del masoquismo*. In: Obras completas: El yo y el ello y otras obras : 1923-1925. - vol. 19 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1924). *El sepultamiento del complejo de Edipo*. In: Obras completas: El yo y el ello y otras obras : 1923-1925. - vol. 19 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1925[1924]). *Las resistencias contra el psicoanálisis*. In: Obras completas: El yo y el ello y otras obras : 1923-1925. - vol. 19 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1925[1924]). *Presentación autobiográfica*. In: Obras completas: Presentación autobiográfica, Inhibición, síntoma y angustia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis? y otras obras : 1925-1926. - vol. 20 - Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, S. (1925). *Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos*. In: Obras completas: El yo y el ello y otras obras : 1923-1925. - vol. 19 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1927). *Fetichismo*. In: Obras completas: El porvenir de una ilusión, El malestar en la cultura y otras obras : 1927-1931. - vol. 21 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1930[1929]). *El malestar en la cultura*. In: Obras completas: El porvenir de una ilusión, El malestar en la cultura, y otras obras: 1927-1931. - vol. 21 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1931). *Sobre la sexualidad femenina*. In: Obras completas: El porvenir de una ilusión, El malestar en la cultura, y otras obras: 1927-1931. - vol. 21 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, S. (1933[1932]). *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. In: Obras completas: Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras: 1932-1936. - vol. 22 - Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

GODINO CABAS, A. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HETERIDADE: revista de psicanálise. As realidades sexuais e o inconsciente. Rio de Janeiro: EPFCL, v. 6, 2006.

JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 3: última fase (1919-1939)*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JORGE, M. A. C. (org.). *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

JORGE, M. A. C. A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). In: *Psychê*, São Paulo, ano 11, n. 20, p. 29-46, 2007.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

JULIEN, P. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JURANVILLE, A. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

KATZ, J. N. *A invenção da Heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KRAFFT-EBING, R. v. *Psychopathia Sexualis*. São Paulo: Martins Fontes, 2000[1997].

LACAN, J. (1953). O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1953). Variantes do tratamento-padrão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1953). Discurso de Roma. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. (1953-1954). *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

LACAN, J. (1956-1957). *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. (1957-1958). *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. (1958). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1958). A psicanálise verdadeira, e a falsa. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, J. (1960). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1960). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1961). Maurice Merleau-Ponty. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, Livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1964). Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1964). *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- LACAN, J. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1969). O ato psicanalítico. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1970). *O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. (1971). *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LACAN, J. (1971). Ato de fundação. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1971-1972). *O Seminário, Livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- LACAN, J. (1972). O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. (1974). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LACAN, J. (1974). Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1974-1975). *O Seminário, Livro 22: RSI, inédito*.
- LACAN, J. (1975). Resposta a uma pergunta de Marcel Ritter. *Estúdios de psicossomática*. Buenos Aires: Ed. Atuel, 1994, v. 2.
- LANTERI-LAURA, G. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- LEWIS, K. *The psychoanalytic theory of man homosexuality*. New York: Simon and Schuster, 1988.
- MARMOR, J. (org.). *A inversão sexual: as múltiplas raízes da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1973.
- MARQUES, L. *Homossexualidade: uma análise do tema sob a luz da psicanálise*. Dissertação (Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade) - Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008.
- MAURANO, D. M. *Nau do desejo: o percurso da ética de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- MILLOT, C. *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*. São Paulo: Escuta, 1992.
- MIRANDA, E. R. *O gozo no feminino*. Tese (Doutorado em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

- MOLL, A. *Libido sexualis*. New York: Brandon House, 1966[1897].
- NAPHY, W. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- OMS. *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- PACHECO, A. L. P. *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- PACHECO, A. L. P. *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. São Paulo: Annablume, 2012.
- PLATÃO. *Diálogos I: Mênon - Banquete - Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- PORGE, E. *Freud / Fliess: mito e quimera da auto-análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- QUINET, A. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- QUINET, A. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- QUINET, A.; LIMA, J. S. D.; JUNQUEIRA, S. T. & SAFFI, T. (orgs.). *O amor e o divã: estudos psicanalíticos*. Joinville: Editora Letrad'água, 2012.
- QUINET, A. & COUTINHO JORGE, M. A. (orgs.). *As Homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.
- RABINOVICH, D. S. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- RABINOVICH, D. S. *A significação do falo: uma leitura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- RAJCHMAN, J. *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- RIBEIRO, M. A. C. & MOTTA, M. B. (orgs.). *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.
- RINALDI, D. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- RINALDI, D. & JORGE, M. A. C. (orgs.). *Saber, verdade e gozo: leituras de O Seminário, livro 17 de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.
- RIVIERE, J. A feminilidade como máscara. In: *Psychê*. São Paulo, ano 9, n. 16, p. 13-24, 2005.

- ROUGHTON, R. E. Rethinking homosexuality: what it teaches us about Psychoanalysis. [*Journal of American Psychoanalytic Association*, n. 3, 2002]. Disponível em: <http://www.finnqueer.net/pdf/Rethinking_homosexuality.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2009.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud (en son temps et dans le notre)*. Paris: Seuil, 2014.
- SAFOUAN, M. *Estudos sobre o Édipo: introdução a uma teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- SOLER, C. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.
- SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- VANIER, A. *Lacan*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.